

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Veronice Fernandes

A dimensão orante da Celebração Dominical da Palavra de Deus

**Mestrado em Teologia Dogmática
com Especialização em Liturgia**

**São Paulo
2021**



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Veronice Fernandes

A dimensão orante da Celebração Dominical da Palavra de Deus

**Mestrado em Teologia Dogmática
com Especialização em Liturgia**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Teologia Dogmática com especialização em Liturgia, sob a orientação do Prof. Dr. Pe. Valeriano dos Santos Costa.

**São Paulo
2021**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Pe. Valeriano dos Santos Costa – PUC-SP

Dr. Pe. Tiago Gurgel do Vale – PUC-SP

Dr. Fr. José Ariovaldo da Silva – Professor emérito

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 88887.598109/2021-00.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus da aliança, terno e compassivo, cumpridor das promessas, doador de todos os dons...

Ao Pe. Gregório Lutz (em memória), amante da liturgia, por sua grande dedicação à ciência litúrgica, pelo incentivo e colaboração nos estudos.

Ao Dr. Pe. Valeriano dos Santos pelo trabalho de orientação, e aos professores que se dispuseram a colaborar nas bancas: Dr. Fr. José Ariovaldo da Silva, Dr. Tiago Gurgel do Vale e Dr. Pe. Donizete José Xavier.

Aos meus pais, José (de saudosa memória) e Celestial, de quem aprendi as primeiras orações e, com simplicidade e dedicação, revelaram-me a face de Deus, amigo, próximo e fiel.

Aos meus irmãos e irmãs, pelo apoio e incentivo.

Às irmãs Pias Discípulas do Divino Mestre, companheiras na missão de servir às comunidades do povo de Deus, pelo ministério da oração e da animação litúrgica.

Às irmãs Aparecida Batista, Inez Morigi, Rosângela Micheletto, Gabriela Sperandio, Ana Maria, Júlia Almeida e a Rayana Callou pelo trabalho de correção, diagramação e tradução.

Aos membros das comunidades da paróquia N.S. das Graças, pelo tempo de convivência e partilha que, com tanto carinho, atenção e amizade, se dispuseram a colaborar.

A todo o povo que, impulsionado pela fé, se reúne aos domingos para celebrar o memorial da Páscoa de Cristo, ouvindo a sua Palavra e proclamando o seu louvor.

A todas as pessoas que exercem o ministério de animar a fé e sustentar a espiritualidade na prática da oração e da vida litúrgica.

A todos e todas que de alguma forma contribuíram para este tempo de estudo, pesquisa e aprofundamento.

RESUMO

No Brasil, cerca de 70% das comunidades se reúnem no domingo para celebrar os mistérios da fé em torno da Palavra de Deus. É pertinente refletir sobre a dimensão orante da celebração da Palavra de Deus, justamente por ser uma prática celebrativa de comunidades que estão situadas nas periferias das cidades, ou nos sertões e interiores afora. Essas celebrações podem ser espaço para nutrir a espiritualidade, a mística, o diálogo com Deus, direitos de todos os batizados, sobretudo dos mais pobres, privados de tantas coisas. Utilizamos, em nossa pesquisa, o método que olha, conhece, apreende a realidade, ou seja, a prática litúrgica. Reflete sobre esta prática à luz da Tradição e elabora critérios para esta mesma prática, ou seja, basicamente o método ver-julgar-agir. Primeiramente, apresentamos dados da experiência orante de participantes nas celebrações dominicais da Palavra de Deus, obtidos por meio de um questionário que foi respondido por membros da Paróquia N.S. das Graças, situada em Osasco-SP. Em seguida, desenvolvemos um instrumental teórico, com noções sobre a oração litúrgica, a oração em geral e a celebração dominical da Palavra de Deus. Os dados da realidade, lidos à luz do instrumental teórico, fazem-nos perceber que entre a prática atual e a Tradição há pontos convergentes e pontos divergentes. Pudemos constatar que nas celebrações da Palavra das comunidades de Osasco não falta a dimensão orante, mesmo que os entrevistados nem sempre a sintam e a reconheçam, mas existem também, dificuldades que impedem que estas celebrações sejam sempre orantes. Por último, apresentamos sugestões para a realização de celebrações dominicais da Palavra que sejam, na realidade, tão orantes quanto por sua natureza elas deveriam ser.

Palavras-chave: oração; oração litúrgica; diálogo; celebração dominical da Palavra de Deus; mistério pascal; domingo; assembleia; Palavra de Deus.

ABSTRACT

In Brazil, about 70% of communities gather on Sunday to celebrate the mysteries of faith around the Word of God. It is pertinent to reflect on the prayerful dimension of the Celebration of the Word of God, precisely because it is a celebratory practice of communities that are located on the outskirts of cities or in the hinterlands and inland beyond. These celebrations can be a space to nourish spirituality, mysticism, dialogue with God, rights of all the baptized, especially the poorest, deprived of so many things. In our research, we use the method that looks, knows, apprehends reality, that is, liturgical practice. It reflects on this practice in the light of Tradition and elaborates criteria for this same practice, that is, basically the see - judge - act method. First, we present data from the praying experience of participants in the Sunday Celebrations of the Word of God, obtained through a questionnaire that was answered by members of the Parish N.S. das Graças, located in Osasco-SP. Then, we developed a theoretical tool, with notions about liturgical prayer, prayer in general and the Sunday celebration of the Word of God. The reality data, read in the light of theoretical instruments, makes us realize that between current practice and Tradition there are converging and diverging points. We were able to see that in the celebrations of the Word of the communities of Osasco there is no lack of a prayerful dimension, even if the interviewees do not always feel and recognize it, but there are also difficulties that prevent these celebrations from being always praying. Lastly, we present suggestions for holding Sunday celebrations of the Word that are actually as prayerful as by their nature they should be.

Key words: prayer; liturgical prayer; dialogue; Celebration of the Word of God; paschal mystery; Sunday; assembleia; Word of God.

LISTA DE SIGLAS

AA	Decreto sobre o apostolado dos leigos <i>Apostolicam Actuositatem</i>
CDAP	Celebrações Dominicais na Ausência do Presbítero
CDC	Código de Direito Canônico
CEB	Comunidades Eclesiais de Base
CELAM	Conselho Episcopal Latino-Americano
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CIC	Catecismo da Igreja Católica
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CRB	Conferência dos Religiosos do Brasil
DAP	Documento de Aparecida
DGAE	Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil
DM	<i>A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio</i> (Conclusões de Medellín)
DP	<i>Evangelização no presente e no futuro da América Latina: conclusões da</i> III conferência geral do Episcopado Latino-Americano, Puebla
DPPL	Diretório sobre Piedade Popular e Liturgia
DV	Constituição Dogmática <i>Dei Verbum</i>
ELM	Elenco das Leituras da Missa
EM	Instrução <i>Eucharisticum Mysterium</i>
EN	Exortação Apostólica <i>Evangelii Nuntiandi</i>
IGLH	Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas
IGMR	Instrução Geral sobre o Missal Romano
IO	Instrução <i>Inter Oecumenici</i>
LG	Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i>
MC	Exortação Apostólica <i>Marialis Cultus</i>
MD	Encíclica <i>Mediator Dei</i>
NT	Novo Testamento
REPAM	Rede Eclesial Pan-Amazônica
SC	Constituição <i>Sacrosanctum Concilium</i>
SD	<i>Nova evangelização, promoção humana e cultura cristã: Santo Domingo,</i> conclusões.
SEDOC	Serviço de Documentação
VD	Exortação Apostólica <i>Verbum Domini</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 A EXPERIÊNCIA DE MEMBROS DA PARÓQUIA N.S. DAS GRAÇAS SOBRE A DIMENSÃO ORANTE DA CELEBRAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS.....	17
1.1 Escuta da experiência de participantes das Celebrações Dominicais da Palavra de Deus.....	17
1.2 Os(as) participantes da pesquisa.....	20
1.3 O local da pesquisa – contexto sócio-político e eclesial.....	21
1.3.1 A paróquia N.S. das Graças.....	21
1.3.2 A diocese de Osasco.....	23
1.4 Relatório da pesquisa.....	26
1.4.1 A experiência cotidiana de oração dos participantes da pesquisa.....	26
1.4.1.1 Rezar é dialogar com Deus.....	26
1.4.1.2 Outras formas de rezar e de compreender a oração.....	30
1.4.2 A experiência de oração dos participantes da pesquisa na celebração dominical da Palavra de Deus.....	30
1.4.2.1 A celebração dominical da Palavra de Deus é oração.....	30
1.4.2.2 Ele está no meio de nós.....	31
1.4.2.3 A presença do Espírito.....	31
1.4.2.4 A comunidade reunida para rezar ao redor da Palavra de Deus.....	31
1.4.2.5 Momentos especiais de oração na celebração dominical da Palavra de Deus.....	32
1.4.2.6 Dificuldades para rezar na celebração dominical da Palavra de Deus.....	34
1.4.2.7 O que está faltando para rezar melhor na celebração dominical da Palavra de Deus.....	34
1.5 Algumas conclusões a respeito dos dados da pesquisa.....	36
1.5.1 A experiência orante dos entrevistados.....	36
1.5.2 As dificuldades apresentadas.....	37
2 A ORAÇÃO LITÚRGICA.....	39
2.1 O termo oração.....	39
2.2 O termo oração na Bíblia.....	40
2.2.1 No Antigo Testamento.....	40
2.2.2 No Novo Testamento.....	41
2.2.3 Conclusões sobre o termo “oração” na Bíblia.....	44
2.3 A oração bíblica e pós-apostólica.....	45
2.3.1 As assembleias orantes do Antigo Testamento.....	46
2.3.2 Na plenitude do tempo – Jesus ora, ensina a orar e ouve a oração.....	48
2.3.2.1 Cristo, orante do Pai.....	49
2.3.2.2 Jesus ensina a rezar.....	50
2.3.2.3 Jesus atende a oração.....	50

2.4 A oração nas comunidades apostólicas.....	51
2.5 As assembleias orantes da Igreja pós-apostólica.....	52
2.6 Elementos que caracterizam a oração bíblica e pós-apostólica.....	55
2.6.1 Orar: dialogar com Deus.....	55
2.6.2 Orar: responder à iniciativa de Deus.....	56
2.6.3 Orar: fazer memória das maravilhas de Deus.....	57
2.6.4 Orar: relacionar-se na aliança.....	57
2.6.5 Orar: um ato de amor a partir da aliança.....	59
2.6.6 Orar: comprometer-se com a história	61
2.6.7 Orar: permitir que o Espírito aja em nós.....	61
2.7 Oração litúrgica e oração particular – duas dimensões do mesmo ato de amor.....	62
2.7.1 Início da tensão entre oração litúrgica e oração particular.....	63
2.7.2 Agravamento da tensão.....	65
2.7.3 Iniciativas de reintegração.....	67
2.7.4 Busca de solução.....	70
2.8 Características da oração litúrgica.....	73
2.8.1 Rezar ao Pai, pelo Filho, no Espírito Santo	74
2.8.2 O mistério pascal – objeto e núcleo da oração litúrgica.....	76
2.8.3 Uma oração eclesial.....	77
2.8.4 Uma experiência humana divinizada.....	78
2.9 Ações, formas típicas e momentos específicos da oração litúrgica.....	79
2.9.1 Escutar a Palavra.....	79
2.9.2 Dar graças, louvar, adorar – ações de pessoas livres.....	80
2.9.3 Invocar e suplicar – ações de pessoas necessitadas e confiantes.....	81
2.9.4 Arrepende-se e oferecer-se – ações de pessoas reconhecidas.....	81
2.9.5 Interceder – ação de pessoas solidárias e comprometidas	82
2.9.6 Olhar, escutar, tocar, cheirar, comer e beber, sentar-se, ficar de pé, ajoelhar, caminhar... – ações corporais da pessoa em oração.....	82
2.9.7 Formas da oração litúrgica.....	85
2.9.8 Os diversos momentos da igreja em oração.....	85
2.10 A liturgia ensina a rezar.....	87
2.11 Algumas conclusões sobre a oração bíblica e litúrgica.....	88
 3 A CELEBRAÇÃO DOMINICAL DA PALAVRA DE DEUS: ASPECTOS HISTÓRICOS E CONSIDERAÇÕES OFICIAIS DO MAGISTÉRIO DA IGREJA.....	 90
3.1 Um pouco de história.....	91
3.1.1 Origem e expansão das celebrações dominicais da Palavra de Deus.....	91
3.1.2 As celebrações dominicais da Palavra de Deus no Brasil.....	92
3.2 A celebração da Palavra de Deus nos documentos oficiais do magistério da Igreja.....	97
3.2.1 A <i>Sacrosanctum Concilium</i> (SC).....	97
3.2.2 A Instrução <i>Inter Oecumenici</i> (IO)	98
3.2.3 A Instrução <i>Eucharisticum Mystarium</i> (EM)	99

3.2.4 O Documento de Medellín (DM)	101
3.2.5 O ritual da sagrada comunhão e o culto do mistério eucarístico fora da missa....	101
3.2.6 O discurso do papa Paulo VI aos bispos franceses sobre a celebração dominical da Palavra de Deus.....	102
3.2.7 O Documento de Puebla (DP)	103
3.2.8 O Código de Direito Canônico (CDC)	104
3.2.9 O Diretório para as Celebrações Dominicais da Palavra na Ausência do Presbítero (CPAP)	106
3.2.10 O Documento 43 da CNBB: <i>Animação da vida litúrgica no Brasil</i>	109
3.2.11 O Documento de Santo Domingo (SD)	111
3.2.12 O Documento 52 da CNBB: <i>Orientações para a celebração da Palavra de Deus</i>	112
3.2.13 O Documento de Aparecida (DAp).....	114
3.2.14 A Exortação Apostólica <i>Verbum Domini</i> (VD).....	116
3.2.15 O documento 108 da CNBB: <i>Ministério e celebração da Palavra de Deus</i>	118
3.2.16 O Sínodo para a Amazônia: Documento final e Exortação Apostólica Pós-Sinodal.....	121
3.2.16.1 Documento final “Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral” (DF).....	121
3.2.16.2 Exortação Apostólica “Querida Amazônia” (QA).....	125
3.2.17 Considerações a respeito dos pronunciamentos da Igreja contidos nos documentos citados.....	127
 4 A CELEBRAÇÃO DOMINICAL DA PALAVRA DE DEUS: UM ACONTECIMENTO LITÚRGICO.....	 131
 4.1 Celebrar aos domingos o dia memorial da ressurreição do Senhor.....	 132
4.1.1 O dia da reunião da assembleia.....	135
4.1.2 O dia da Palavra.....	137
4.1.3 O dia da eucaristia.....	136
4.1.4 Celebrar a Eucaristia ou a Palavra no domingo?.....	138
4.2 O dom da Palavra de Deus.....	139
4.2.1 Cristo: centro, mediador e plenitude da revelação.....	141
4.2.2 A sacramentalidade da Palavra de Deus.....	142
4.2.2.1 A presença real de Cristo na Palavra.....	145
4.2.2.2 O Espírito Santo, intérprete da Palavra	147
4.2.3 A Igreja, ouvinte e praticante da Palavra de Deus.....	148
4.2.4 Os ministros e as ministras da Palavra de Deus.....	149
4.2.5 A Palavra celebrada – o diálogo de Deus com seu povo e do povo com Deus....	152
4.2.6. Rezar na celebração dominical da Palavra de Deus.....	153
 5 A DIMENSÃO ORANTE DA CELEBRAÇÃO DOMINICAL DA PALAVRA DE DEUS, UM CONFRONTO ENTRE A REALIDADE E A TRADIÇÃO BÍBLICO-TEOLÓGICO-LITÚRGICA.....	 157
 5.1 Pontos convergentes – uma experiência orante de inspiração bíblica e pós-apostólica.....	 157

5.1.1 Um Deus próximo.....	158
5.1.2 Diálogo entre amantes que fazem aliança.....	158
5.1.2.1 Uma experiência comunitária.....	159
5.1.2.2 Falando, Deus comunica seu mistério de salvação.....	160
5.1.2.3 A comunidade escuta e responde.....	161
5.1.2.4 O Espírito Santo ora em nós a sua oração.....	162
5.2 Pontos divergentes entre a realidade da dimensão orante da celebração dominical da Palavra de Deus e a Tradição.....	163
5.2.1 A oração comunitária e a oração particular.....	163
5.2.2 A objetividade da liturgia e a subjetividade do orante.....	166
5.2.3 As fórmulas prescritas e a espontaneidade/criatividade.....	170
5.2.4 O ativismo e o silêncio.....	174
5.2.5 A preparação e a improvisação.....	176
5.3 Algumas considerações a respeito dos pontos divergentes e pontos convergentes entre a experiência dos participantes da pesquisa e a Tradição.....	178
 6 POR UMA CELEBRAÇÃO DOMINICAL DA PALAVRA DE DEUS QUE SEJA ORANTE.....	 180
6.1 A oração é realizada em comunidade.....	181
6.2 O mistério pascal de Jesus Cristo é o centro da oração.....	182
6.3 É o Espírito Santo que fecunda a oração.....	183
6.4 O diálogo com Deus se dá através dos gestos, símbolos, ações simbólicas.....	184
6.5 É necessário levar em conta a subjetividade do orante.....	185
6.6 Levar em conta a religião popular.....	187
6.7 A necessidade de uma formação litúrgica.....	188
6.7.1 Formar para celebrar.....	189
6.7.2 Celebrar formando.....	189
6.7.3 Metodologia da formação litúrgica.....	190
6.7.3.1 Laboratório litúrgico, uma técnica apropriada.....	191
6.8 Sugestões para celebrações dominicais da Palavra de Deus mais orantes.....	192
6.8.1 Sugestões quanto aos ritos iniciais.....	193
6.8.2 Sugestões quanto à liturgia da Palavra.....	195
6.8.3 Sugestões quanto a coleta fraterna.....	196
6.8.4 Sugestões quanto aos ritos do louvor e da ação de graças.....	197
6.8.5 Sugestões quanto aos ritos da comunhão eucarística.....	199
6.8.6 Sugestões quanto aos ritos finais.....	201
6.9 Proposta de uma celebração dominical da Palavra de Deus com elementos do Ofício Divino das Comunidades para o 3º domingo do tempo comum – ano C.....	202
6.9.1 Ritos iniciais.....	202
6.9.1.1 Chegada.....	202
6.9.1.2 Abertura do Ofício Divino das Comunidades.....	203
6.9.1.3 Recordação da vida.....	204
6.9.1.4 Hino do Glória.....	204
6.9.1.5 Salmo da 3ª semana do saltério.....	205

6.9.1.6 Oração do dia.....	206
6.9.2 Liturgia da Palavra.....	206
6.9.2.1 1ª Leitura.....	206
6.9.2.2 Salmo Responsorial.....	206
6.9.2.3 2ª Leitura.....	207
6.9.2.4 Aclamação e proclamação do Evangelho.....	207
6.9.2.5 Homilia ou partilha da Palavra de Deus.....	208
6.9.2.6 Entrega do livro da Palavra de Deus.....	209
6.9.2.7 Profissão de fé.....	209
6.9.2.8 Oração dos fiéis e Pai-Nosso.....	209
6.9.3 Coleta fraterna.....	209
6.9.4 Ritos do louvor e da ação de graças.....	210
6.9.4.1 Louvação e ação de graças.....	210
6.9.4.2 Oração.....	211
6.9.5 Ritos finais.....	211
6.9.5.1 Avisos.....	211
6.9.5.2 Bênção e despedida.....	211
6.9.6 Rito da partilha de alimentos.....	212
6.10 Algumas considerações sobre a proposta de celebração da Palavra.....	212
 CONCLUSÃO FINAL.....	 214
 REFERÊNCIAS.....	 218
 APÊNDICES.....	 242
APÊNDICE A – Questionário para a obtenção de dados da realidade sobre a dimensão orante da Celebração Dominical da Palavra de Deus.....	242
APÊNDICE B – Respostas obtidas no questionário realizado na Paróquia N.S. das Graças, Osasco-SP.....	244
APÊNDICE C – Dados das pessoas que responderam o questionário.....	261
 ANEXOS.....	 264
ANEXO A – Organização Pastoral da Diocese de Osasco.....	264
ANEXO B – Relatório referente à pesquisa realizada pela CNBB: Celebração da Palavra de Deus na ausência do padre.....	265

INTRODUÇÃO

As celebrações dominicais da Palavra de Deus são o nosso campo de pesquisa, por ser a prática celebrativa da grande maioria das nossas comunidades espalhadas pelo Brasil.

A 27ª Assembleia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), realizada de 5 a 14 de abril de 1989, estudou e aprovou o documento denominado *Animação da vida litúrgica do Brasil*. Este documento é resultado de uma longa caminhada realizada pela Igreja do Brasil com o objetivo de promover e animar a pastoral litúrgica conforme as exigências religiosas e eclesiais do povo brasileiro. Nesse documento, os bispos já apontam para um dado relativamente novo na Igreja do Brasil: “Cerca de 70% das celebrações, no Dia do Senhor, são realizadas por comunidades que vivem e celebram sua fé sem a presidência de um ministro ordenado” (CNBB, Doc. 43, n. 25).

Com o intuito de continuar trabalhando o importante tema das celebrações dominicais da Palavra de Deus, a dimensão litúrgica da CNBB realizou uma pesquisa sobre o assunto, entre 1989 e 1990. Do total de 242 arquidioceses, dioceses e prelazias existentes no Brasil, 159 responderam ao questionário da pesquisa, correspondendo a 65,7% sobre o total. Resultou, então, que a celebração dominical da Palavra é uma das formas celebrativas mais frequentes.

O Documento 52 da CNBB, *Orientações para a Celebração da Palavra de Deus*, que é resultado deste processo de pesquisa e estudo, afirma: “Aproximadamente 70% das comunidades reúnem-se e celebram os mistérios da fé ao redor da Palavra de Deus”. (p. 5). E acrescenta: “É nesta celebração que muitas comunidades encontram, habitualmente, o alimento de sua vida cristã...” (CNBB, Doc. 52, n. 5).

A partir desses dados, chegamos à conclusão que o povo, que se reúne para celebrar ao redor da Palavra de Deus, encontra ou deve encontrar aí sustento para a própria espiritualidade.

É urgente refletir sobre a celebração da Palavra de Deus porque é uma prática celebrativa de comunidades que estão situadas nas periferias das cidades ou nos sertões e interiores. Essas comunidades, muitas vezes, sofrem a carência de subsídios e de pessoas que possam contribuir no processo formativo.

A celebração dominical da Palavra é um vasto campo de investigação. Neste trabalho, vamos dissertar sobre a dimensão orante destas celebrações, pois muita gente que vai à igreja aos domingos busca uma liturgia mais orante e mais alimentadora da fé e nem sempre a

encontra porque essas celebrações, muitas vezes, assumem o estilo de círculo bíblico: mais ensino do que oração.

Escolhemos aprofundar a dimensão orante dessas celebrações, pelo fato de considerarmos o assunto relevante, principalmente agora, devido à acentuada busca de espiritualidade, de mística, e do religioso em geral. Tudo parece indicar que o sistema neoliberal não responde à necessidade mais profunda da pessoa humana.

Olhando a caminhada da Igreja na América Latina, com sua opção pelos pobres, averiguamos que houve um esforço concentrado em devolver a teologia aos pobres. Não só fazer teologia a partir dos pobres, mas com os pobres. Temos convicção de que o mesmo deve acontecer no campo da espiritualidade. É necessário devolver aos pobres o direito de rezar. Estes, mais do que qualquer pessoa, necessitam da oração.

Um povo que vive perigosamente em meio à violência, à fome, à miséria, sujeito a todo e qualquer tipo de doença e aflições, precisa de uma vida interior profunda e consistente.

Infelizmente, em alguns setores da Igreja, comprometida com a libertação, rezar ressoa como alienação, descompromisso.

Assistimos na televisão, nas mídias sociais e em muitas comunidades, onde o movimento carismático e outros estão presentes, uma oração mais devocional, intimista. Isto parece indicar a necessidade de um maior aprofundamento da oração litúrgica.

Nesse trabalho, propomo-nos buscar um estudo mais aprofundado da dimensão orante da celebração dominical da Palavra de Deus que poderá contribuir para outras práticas de oração litúrgica e não litúrgica.

Utilizaremos o método ver-julgar-agir. Ou seja, vamos olhar, conhecer, apreender a realidade, nesse caso, a prática litúrgica; em seguida, refletir sobre esta prática à luz da tradição; e, por fim, elaborar critérios para esta mesma prática (BUYST, 1990, p. 106-108). Este caminho fará com que a ciência litúrgica encontre respostas às questões relevantes que a própria prática faz à esta ciência.

Para alcançar o objetivo proposto, desenvolveremos o nosso trabalho da seguinte forma. No primeiro capítulo, faremos uma coleta de dados da experiência orante de participantes nas celebrações dominicais da Palavra de Deus, por meio de um questionário. Para este trabalho, optamos por uma abordagem qualitativa, utilizando, portanto, narrativas escritas que possibilitaram entender, descrever e interpretar as respostas.

Membros da Paróquia N.S. das Graças, na diocese de Osasco-SP responderam ao questionário. Em primeiro lugar, faremos o relato da experiência de oração que essas pessoas possuem no cotidiano e, em seguida, a experiência de oração vivida na celebração dominical

da Palavra de Deus. Por último, apresentaremos algumas conclusões que serão divididas em dois momentos: os elementos que indicam que as pessoas rezam e os desafios ou as dificuldades apresentadas pelos entrevistados em relação à dimensão orante nas celebrações da Palavra. A realidade levantada na pesquisa será utilizada para um confronto que será realizado entre a prática atual e a fundamentação teórica.

No segundo capítulo, desenvolveremos noções sobre a oração litúrgica e a oração em geral. Iniciaremos com uma breve definição da palavra oração e, em seguida, apresentaremos um vocabulário bíblico da oração. Nos termos utilizados pelo povo da Bíblia para designar a oração já aparecem algumas características da oração bíblica.

O aprofundamento sobre a oração será realizado considerando seu processo histórico. Por isso, iniciaremos com dados sobre a oração bíblica e pós-apostólica e suas características. Em seguida, dissertaremos sobre a relação entre oração litúrgica e oração particular. Finalizando este capítulo, discorreremos sobre a oração litúrgica com suas características, ações, formas típicas e momentos específicos.

No terceiro capítulo, dissertaremos sobre a celebração dominical da Palavra de Deus. Contaremos um pouco de sua história e citaremos a palavra do magistério da Igreja no que diz respeito a esse jeito de celebrar.

No quarto capítulo, apresentaremos elementos que caracterizam a Celebração Dominical da Palavra de Deus como um acontecimento litúrgico orante.

No quinto capítulo, faremos um confronto entre a realidade e os dados da Tradição bíblico-teológico-litúrgica, que é o nosso referencial teórico.

Os dados da realidade, lidos à luz do instrumental teórico, fazem-nos perceber que entre a prática atual e a Tradição há pontos convergentes e pontos divergentes. Faremos este confronto tendo como referência as convergências e as divergências. De fato, veremos que a prática atual pode ser interpretada a partir da Tradição, mas também esta última pode ser reinterpretada pela prática litúrgica.

No sexto capítulo, apresentaremos critérios e pistas para que as celebrações dominicais da Palavra de Deus sejam mais orantes, indicando alguns aspectos que consideramos importantes a serem abordados para alcançar este objetivo. Por fim, apresentaremos a proposta de uma celebração da Palavra com elementos do Ofício Divino das Comunidades.

Por último, apresentaremos a conclusão final e a bibliografia que permitiu-nos entrar em contato com os tesouros da Tradição bíblico-teológico-litúrgica.

Temos consciência dos limites deste trabalho. É o início de um aprofundamento que, sem dúvida, deverá ter continuidade para que as celebrações dominicais da Palavra de Deus sejam mais orantes – um verdadeiro encontro de amor com o Senhor da aliança.

1 A EXPERIÊNCIA DE MEMBROS DA PARÓQUIA N.S. DAS GRAÇAS SOBRE A DIMENSÃO ORANTE DA CELEBRAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS

Desde o início dos nossos estudos de liturgia, mais precisamente, no curso de especialização em liturgia, fomos orientados(as) a produzir ciência litúrgica, trabalhando questões relevantes da atualidade litúrgica. Neste estudo, adquirimos também instrumental e método para a produção de uma ciência litúrgica que leva em conta a realidade litúrgica da América Latina e, mais especificamente no nosso caso, a realidade do Brasil (CENTRO DE LITURGIA, 1995, p. 5-9)¹.

Na elaboração desse trabalho de dissertação, sobre a dimensão orante da celebração dominical da Palavra, fizemos a opção de partir da prática litúrgica de comunidades que celebram, aos domingos, ao redor da Palavra de Deus, por isso iniciamos com a escuta da experiência de pessoas sobre a oração na celebração dominical da Palavra de Deus². Nos capítulos seguintes, após entrarmos em contato com as fontes bíblicas, teológicas e litúrgicas, estabeleceremos um confronto entre a prática atual e a Tradição. Queremos analisar, fundamentar e, se necessário, melhorar esta prática a partir do referencial teórico. Ao mesmo tempo, a prática pode interrogar a Tradição, estabelecendo uma relação entre prática atual e a Tradição (BUYST, 1990a, p. 106).

1.1 Escuta da experiência de participantes das Celebrações Dominicais da Palavra de Deus

Escolhemos, para esta escuta, as comunidades da paróquia N. S. das Graças³, situada em Osasco, cidade da Grande São Paulo. Esta escolha não foi aleatória. Fizemos uma experiência de vários anos (1983-1984; 1988-1994; 1998-2000), participando nessas comunidades, assessorando a caminhada pastoral em geral e, particularmente, a pastoral litúrgica. Portanto, além dos dados obtidos por meio de um questionário respondido por membros de várias comunidades dessa paróquia, a nossa participação também contribuirá para o levantamento da realidade.

¹ Estas páginas citadas trazem a síntese do método. Para uma maior compreensão é necessário ler o livro todo.

² “Em princípio, quando iniciamos um estudo sobre um determinado aspecto atual da liturgia, ou a liturgia de uma determinada comunidade, a pesquisa se estende em dois universos: o da prática e o dos estudos já realizados sobre esta(s) prática(s). Para aprender a prática celebrativa, devemos recorrer a métodos e técnicas de abordagem desta realidade no ‘campo’, isto é, onde estas práticas litúrgicas estão acontecendo” (CENTRO DE LITURGIA, 1995, p. 20). Ver também BUYST, 1990a, p. 85-128.

³ A partir do ano 2010, a paróquia foi dividida e, atualmente, são três paróquias: N.S. das Graças, São Vito e São João Batista.

Com a ajuda do orientador deste trabalho, elaboramos um questionário de onze perguntas⁴, com o objetivo de saber se é possível rezar na celebração dominical da Palavra de Deus. Caso seja possível, como a oração acontece? Caso contrário, o que falta para que a oração aconteça? Antes, porém, achamos importante saber qual é a compreensão e a experiência que os participantes possuem a respeito da oração. Para uma maior credibilidade científica, perguntamos aos entrevistados o nome, a idade, a escolaridade, a profissão, a comunidade, o tempo de participação na comunidade, a pastoral em que participam e que tipo de formação possuem.

A distribuição das perguntas foi realizada com a ajuda dos que participavam, na época⁵, da equipe de liturgia das comunidades pertencentes à paróquia. Ao entregar as perguntas, esclarecemos a sua finalidade e pedimos que, ao distribuir o questionário, fossem criteriosos, de modo que houvesse uma variedade de pessoas, ou seja, homens e mulheres, adultos e jovens, também uma diversidade de ministérios e serviços nas Celebrações Dominicais da Palavra de Deus e, ainda, pessoas da assembleia litúrgica⁶. Assim, desde o final do ano de 1999 até meados do ano 2000, conseguimos que cinquenta pessoas – individualmente – e mais um grupo de seis pessoas respondessem o questionário proposto⁷.

Para o procedimento de análise dos dados, consultamos um trabalho bastante relevante sobre metodologias de pesquisa para programas sociais que muito nos ajudou na organização, na análise, interpretação e, por fim, na apresentação dos dados. As autoras alertam que “a escolha de uma codificação deve ser feita conforme os objetivos da pesquisa” (RIZZINI; RABELLO; SARTOR, 1999, p. 82). E assim definem a codificação:

É aquilo que dará sentido aos dados enquanto resultados de uma pesquisa ou, dizendo de outra maneira, é o que relaciona os dados da pesquisa com seus objetivos. Dizendo de uma maneira mais prática, o processo de codificação é o processo através do qual elegemos categorias ou tipos para servirem de referência aos dados coletados (RIZZINI; RABELLO; SARTOR, 1999, p. 82).

Como a nossa pesquisa é qualitativa, utilizamos a técnica de análise de conteúdo, cuja definição pode ser assim apresentada: “descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto na comunicação ou mensagem, através da contagem da frequência de determinados elementos do texto” (RIZZINI; RABELLO; SARTOR, 1999, p. 91).

⁴ Veja o questionário ao final desta dissertação (Apêndice A).

⁵ Questionário distribuído no final dos anos 90.

⁶ Veremos mais detalhes quando descrevermos o perfil dos participantes da pesquisa.

⁷ Veja as respostas dos participantes da pesquisa (Apêndice B).

Considerando a interferência do pesquisador e a influência do contexto, pode-se afirmar que:

[...] não é possível uma neutralidade na pesquisa, por isso, a análise de conteúdo é compreendida também como uma técnica de investigação que têm por objetivo ir além da compreensão imediata e espontânea, ou seja, ela teria como função básica a observação mais atenta dos significados de um texto, e isso pressupõe uma construção de ligações entre as premissas de análise e os elementos que aparecem no texto. Essa atividade é, assim, essencialmente interpretativa (RIZZINI; RABELLO; SARTOR, 1999, p. 91).

As autoras continuam afirmando que há ainda uma concepção mais atual sobre a análise de conteúdo, que depende da concepção da linguagem em que ela se apoia. Elas citam duas concepções de linguagem: o modelo instrumental e o representacional. O modelo representacional, estabelece como fundamental o conteúdo da mensagem, independente das circunstâncias, de quem fala e para quem é direcionada etc. Ao contrário, o modelo instrumental, afirma que as conclusões dependem das circunstâncias em que ocorre a mensagem, levando em conta o como, onde, o porquê se dá a mensagem.

Podemos então dizer que “o modelo representacional supõe um tipo de análise mais quantitativo e o instrumental desenvolve mais o aspecto qualitativo da análise, sem, contudo, abandonar o quantitativo” (RIZZINI; RABELLO; SARTOR, 1999, p. 91). Em nossa análise, utilizamos o seguinte procedimento:

- a) leitura global das respostas;
- b) agrupamento das respostas;
- c) análise das respostas de cada questão realizada separadamente e levantamento de temas;
- d) verificação de frequências de respostas;
- e) apresentação dos resultados, levando em conta o objetivo do questionário, que é o de saber se é possível rezar na celebração dominical da Palavra de Deus.

A sistematização dos dados obedece a uma lógica de acordo com a ordem das perguntas: em primeiro lugar, a apresentação do conceito e da experiência que tais pessoas possuem sobre a oração e, em seguida, a experiência orante realizada na celebração dominical da Palavra de Deus. É claro que os conceitos se interligam e estão profundamente relacionados.

Os dados pessoais dos participantes da pesquisa contribuíram para descrevermos suas características, como também as do local da pesquisa, que, de alguma maneira, influenciaram no relatório e nas ponderações a respeito do resultado.

Em relação à pesquisa realizada em nosso trabalho, recordamos que existem Resoluções do Ministério da Saúde – a Resolução n. 466/12⁸ e a Resolução n. 510/16⁹ – que determinam que toda pesquisa que envolve seres humanos, com algumas exceções, deve ser submetida à apreciação de um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) para aprovação. Como a nossa pesquisa foi realizada entre final do ano de 1999 e meados do ano de 2000, portanto anterior à legislação, não precisamos realizar tais procedimentos.

1.2 Os(as) participantes da pesquisa

As pessoas que colaboraram conosco nesse trabalho são leigas e leigos participantes de cinco comunidades, das oito existentes na paróquia¹⁰. São homens, mulheres, adultos e alguns jovens. Destacamos que a maioria são mulheres.

Há, entre os participantes da pesquisa, pessoas que exercem ministérios na celebração dominical da Palavra de Deus, e algumas presidem estas celebrações. Há ainda: leitores, salmistas, animadores do canto, tocadores, serviço da limpeza e ornamentação da igreja, ministros(as) extraordinários(as) da comunhão eucarística e pessoas que exercem outros serviços e ministérios, como o de coordenar a equipe de liturgia paroquial, ou a da própria comunidade, ou então participam da equipe para ajudar na animação da vida litúrgica das comunidades. Há também ministros(as) do batismo e testemunhas qualificadas do matrimônio.

Algumas pessoas atuam em outras pastorais, como da catequese, da saúde, da juventude, do dízimo. Há membros do conselho paroquial ou comunitário, do clube de mães, dos grupos de base, da equipe de festas. Outras não exercem nenhuma atividade na comunidade, simplesmente participam das celebrações.

A maioria dessas pessoas são migrantes, de vários estados do Brasil, que vieram em busca de melhores condições de vida. Vindos do interior de São Paulo, de Minas Gerais, do

⁸ Conferir Resolução em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>

⁹ Conferir Resolução em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html

¹⁰ Como já mencionamos, na época da pesquisa a Paróquia N.S. das Graças era formada por oito comunidades. Na verdade, nem todas as comunidades participaram do nosso trabalho. Responderam nosso questionário membros das comunidades: Cristo Redentor, Divino Mestre, N.S. das Graças, Santa Luzia e São João Batista. Deixaram de responder membros das comunidades: São Pedro e São Paulo, São Vito e N.S. Aparecida.

Paraná, da Bahia, do Pernambuco, de Alagoas, do Ceará, do Piauí. Os mais novos, porém, são nascidos em São Paulo ou em Osasco.

São diversas as profissões exercidas: doméstica, vendedora, costureira, professora, cozinheira, mestre de obra, instalador telefônico, balconista, suporte técnico, marceneiro, agente escolar, ajudante de cerâmica, auxiliar de escritório, ajudante geral, construção civil, analista de suporte, ajudante de copa, representante de atendimento e servente escolar. Há também aposentados e algumas pessoas que exercem os serviços domésticos em suas próprias casas.

Quanto ao nível escolar, grande parte tem o ensino fundamental, nem sempre completo, um total de vinte e oito pessoas; uma outra parte, até significativa, tem o ensino médio completo ou em curso, são vinte e três pessoas. Somente duas pessoas completaram o ensino superior e três ainda estavam cursando.

Em relação ao tempo de participação na comunidade, há uma grande variedade. Podemos dizer que a média é de vinte e nove anos. A maioria já fez algum tipo de formação na paróquia, na diocese ou em outros lugares. Alguns paroquianos fizeram o curso de Teologia para leigos, promovido pela diocese de Osasco. No geral, participaram de cursos de liturgia, de Bíblia, treinamento para ministros, da Escola Teológica da Fé, que acontece na paróquia, onde existe uma expressiva participação dos agentes de pastoral.

1.3 O local da pesquisa – contexto sociopolítico e eclesial

Vamos apresentar aqui algumas características da paróquia N.S das Graças e da Diocese de Osasco-SP. De modo geral, embora haja zona rural e urbana, sempre houve uma tentativa de integração e de um trabalho participativo, de forma que, de ponta a ponta da diocese, as paróquias caminhem em comunhão de vida e de ação. Desta forma, muitas características da paróquia se assemelham com as da diocese. No entanto, passaremos a descrever o contexto sociopolítico-eclesial das duas separadamente, mesmo sabendo que se inter-relacionam.

1.3.1 A paróquia N.S. das Graças

A paróquia N.S. das Graças faz parte da diocese de Osasco. Na época da pesquisa (final dos anos 90) possuía oito comunidades, sete delas situadas no município de Osasco, e uma delas no município de São Paulo. São vários os bairros que compõem geograficamente a

área da paróquia: Novo Osasco, Jardim Tereza, Jardim São Vito, Jardim Helena, Jardim Conceição, Jardim dos Trabalhadores, Vila da Conquista, Vila da Justiça, Jardim Tominato, Vila Júlia, 1º de Maio, e por último, o Jardim Boa Vista, situado no município de São Paulo. São bairros cuja maioria dos moradores são de classe média baixa. Aos poucos as famílias vão construindo suas próprias casas e melhorando a qualidade de vida.

Em 2010 foi criada a Paróquia S. Vitor e, em 2012, a Paróquia São João Batista, de forma que atualmente são três paróquias.

Um grande problema social na área de abrangência da paróquia é o índice de violência. Há ainda muitas melhorias a serem feitas, como mais escolas, creches, postos de saúde, posto policial, rede de esgoto, transporte mais eficiente. Quase todas as ruas já são asfaltadas, porém as áreas mais periféricas ficam esquecidas¹¹.

Eclesialmente falando, também aqui, seguindo as linhas orientadoras da diocese, houve um processo evolutivo de organização e crescimento das lideranças e pastorais. No ano de 1983, quando começamos a participar, as comunidades ainda caminhavam muito isoladas. Não havia, na época, nenhuma organização paroquial, não existiam as oito comunidades e os bairros não eram tão populosos.

Aos poucos, com a mudança de padres, a partir das exigências pastorais e do crescimento da consciência do papel e atuação dos leigos e leigas, surgiu a necessidade de organização, formando-se assim equipes a nível paroquial: catequese, liturgia, jovens, administração e conselho paroquial. Foi crescendo cada vez mais a participação dos leigos e leigas e nasceram os vários ministérios: da palavra, do batismo, da comunhão, dos enfermos, testemunhas qualificadas do matrimônio, sempre ligados à caminhada da diocese. Os grupos de base foram ganhando consistência e espalhando-se pelas ruas dos bairros. Surgiram outras comunidades e outras pastorais.

Não podemos esquecer que os membros das comunidades sempre tiveram uma atuação na vida social e política dos bairros: na associação dos moradores, nos conselhos tutelares, centro social etc. Verifica-se acentuada participação nas lutas para conseguir melhorias, como postos de saúde, escolas, esgoto, água, asfalto, transporte. Há também uma atuação política significativa, inclusive com candidatos que surgiram de algumas comunidades, filiados a partidos políticos com projetos alternativos de mais vida para o povo.

¹¹ Embora tenham passado vários anos da redação deste texto, ainda hoje os bairros carecem de ações para melhoria da qualidade de vida dos moradores.

Como já fizemos referência, foi criada a Escola Teológica da Fé como um espaço de formação para leigos e leigas. E por falar em formação, essa foi uma área bastante privilegiada. Sempre aconteceram encontros formativos.

A paróquia sempre primou pelo cuidado com a vida espiritual dos agentes de pastoral com retiros comunitários e paroquiais.

Em outubro do ano 2000, os agentes de pastoral das comunidades fizeram a experiência de missões populares, que se repetiu por vários anos consecutivos, impulsionando a vida da paróquia. Foi impressionante ver o empenho e a participação de leigos e leigas. A organização das missões populares foi feita, tendo em conta a realidade urbana que a paróquia vive. Tivemos a oportunidade de participar: é realmente um tempo de graça e de bênção.

Só temos a agradecer pela oportunidade de termos participado da vida e da missão destas comunidades.

Nos últimos anos, com a mudança de pároco e a divisão da paróquia, houve uma “certa descontinuidade” na atuação pastoral e, ao nosso ver, um retrocesso no que diz respeito à atuação do leigo e da leiga na vida eclesial.

1.3.2 A diocese de Osasco

A diocese de Osasco foi criada em 15 de março de 1989 e instalada no dia 1º de maio do mesmo ano, quando foi desmembrada da Arquidiocese de São Paulo, à qual pertencia até então, como uma das regiões pastorais.

Em agosto de 1989, deu-se início à elaboração do 1º Plano de Pastoral, com o levantamento da realidade eclesial e social urbana e rural, nos nove municípios existentes na época (DIOCESE DE OSASCO, s/d [b], p. 10). Num processo participativo e levando em conta a realidade, foram escolhidas três prioridades: formação, fé e política e comunidades eclesiais de base (CEB). Neste processo, caminharam conjuntamente a valorização e o reconhecimento dos ministérios leigos, de modo que na promulgação do 1º Plano de Pastoral, na festa de Cristo Rei, em 25 de novembro de 1990, membros dos conselhos de pastoral e ministros receberam solenemente o mandato ministerial por três anos. Prosseguindo a caminhada, e obedecendo o processo participativo, o 2º Plano de Pastoral foi elaborado (1994-1997), priorizando a saúde, a moradia e a família. A elaboração do 3º Plano de Pastoral coincidiu com a celebração do Jubileu do ano 2000, de forma que a assembleia diocesana, realizada aos 22 de junho de 1996, optou por não votar em prioridades, mas por ter o jubileu como prioridade única. Na vigência deste plano, a diocese foi cada vez mais se organizando.

Foi realizada uma revisão dos conselhos regionais de pastoral e formado o conselho diocesano de pastoral, incluindo todos os organismos da diocese, buscando ter uma pastoral de conjunto¹². Na formação deste conselho, levou-se em conta a realidade geográfica, ou seja, as seis regiões pastorais existentes na época: São Roque, Cotia, Barueri, Bonfim, Carapicuíba, Santo Antônio¹³; bem como os organismos pastorais: Setor Pastorais Sociais, Setor Bíblico-catequético, Setor Família, Setor Associações e Movimento de Evangelização, Setor Ação Missionária, Setor Comunicação Social.

O 4º Plano de Pastoral foi elaborado à luz do projeto da CNBB: “Ser Igreja no Novo Milênio” – 2001-2004 (DIOCESE DE OSASCO, s/d [b], p. 81-119). Neste plano também foram apontadas as urgências pastorais relacionadas igualmente às exigências da evangelização. Na época foram criados os três setores de pastoral: Setor Pastorais Sociais, Setor Pastorais e Ação Missionária e Setor Movimentos e Associações. Assim, acontece também uma reestruturação do Conselho Diocesano de Pastoral.

Ainda na vigência do 4º Plano de Pastoral, tomou posse Dom Ercílio Turco, segundo bispo diocesano de Osasco, em 30 de junho de 2002, festa litúrgica dos apóstolos São Pedro e São Paulo.

Em 2003 deu-se início ao processo de planejamento para o 5º Plano de Pastoral (2004 a 2007). Suas pistas de ação seguiram as exigências da evangelização (serviço, diálogo, anúncio e testemunho de comunhão). Nos três âmbitos da evangelização (pessoa, comunidade e sociedade), buscou-se promover a dignidade da pessoa, renovar a comunidade e construir uma sociedade solidária. Neste plano foi assumido o projeto das Santas Missões Populares.

O 6º Plano de Pastoral (2008 a 2010) foi fruto de escuta dos vários ambientes da Diocese, tendo também como fonte o Documento de Aparecida (2007) e as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil (2008-2010).

O 7º Plano (2011 a 2015) elegeu urgências da ação evangelizadora conforme as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2011-2015, com projetos pastorais intitulados: Igreja diocesana em estado permanente de missão; Igreja diocesana, casa de iniciação à vida cristã; Igreja diocesana atenta à família; Igreja diocesana que evangeliza a

¹² “O 3º Plano Diocesano de Pastoral, estabelece a criação de vários organismos que devem ser assumidos pela coordenação diocesana como recursos necessários para estabelecer na diocese um espírito de pastoral de conjunto e organizar o Conselho Diocesano de Pastoral, para assumir a animação e acompanhamento da ação evangelizadora em todas as pastorais e organismos da Diocese...” (cf. DIOCESE DE OSASCO, s/d (a), p. 1).

¹³ A diocese já nos anos oitenta era dividida em seis setores, tornando-se mais tarde regiões pastorais.

juventude. Ainda na vigência deste Plano, foram reformuladas, "*ad experimentum*", as Diretrizes da Ação Evangelizadora da Diocese de Osasco.

Em 2014, Dom João Bosco Barbosa de Sousa, ofm, assumiu o pastoreio da diocese de Osasco, sendo assim o terceiro e atual bispo diocesano.

O 8º Plano de Pastoral também foi elaborado em conformidade com as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (DGAE – 2015-2019). A diocese adotou três âmbitos da ação evangelizadora: missão e comunidade; missão e catequese/Bíblia, e missão e vida.

Atualmente, a diocese de Osasco compreende doze municípios da Grande São Paulo e alguns bairros do município de São Paulo. Possui uma área de 2.416 km². A Diocese é dividida em nove Regiões Pastorais: Santo Antônio, Bonfim, São José Operário, Carapicuíba, Barueri, Itapevi, Cotia, Ibiúna e São Roque. Possui 87 paróquias, com 161 padres, entre seculares e religiosos, e dois diáconos permanentes¹⁴.

A evangelização é pautada no 9º Plano Diocesano da Ação Evangelizadora (2019 a 2023). O 9º Plano reflete a imagem da casa, já contemplado pelas Diretrizes Gerais da CNBB para os anos de 2019-2023. A comunidade eclesial missionária é a verdadeira casa acolhedora, construção de Deus, onde os irmãos não ficam isolados, anônimos ou perdidos. Por isso, todos devem estar envolvidos em pequenos grupos, chamados de Comunidades Eclesiais Missionárias. Nesta casa realizam-se a leitura e o estudo da Palavra de Deus, as orações em comum, organizam-se obras de caridade e a ação missionária. Esta casa-comunidade é sustentada por quatro pilares: Palavra (Iniciação à vida cristã e animação bíblica), Pão (liturgia e espiritualidade), Caridade (serviço à vida plena) e Ação Missionária (comunidade eclesial)¹⁵.

A diocese sempre teve um rosto marcadamente laical. Uma Igreja povo de Deus, numa busca de comunhão, apesar de nem sempre ser fácil esta comunhão entre o povo de batizados (sacerdócio comum) e os ministros ordenados.

Não obstante as dificuldades, sempre houve um dinamismo na diocese. Ultimamente, percebe-se um crescente número de movimentos que teve repercussão na atuação pastoral da diocese de Osasco. Mesmo assim, a diocese procurou constantemente buscar respostas aos apelos atuais do povo nas comunidades e da realidade em geral.

¹⁴ Dados extraídos do site da diocese: <http://diocesedeosasco.com.br/paroquias/>. Acesso em 28 setembro 2020.

¹⁵ Os dados a respeito dos Planos de Pastoral da Diocese de Osasco foram extraídos de anotações pessoais de participantes das Assembleias e de alguns subsídios postados no site da Diocese.

1.4 Relatório da pesquisa

Passaremos agora ao relato dos dados da pesquisa. Procuraremos analisar, ordenar, classificar e interpretar esses dados. Não é um trabalho fácil, sobretudo quando se trabalha por meio de questionário, uma vez que as perguntas – ainda que tenham sido elaboradas de forma bastante objetiva – são abertas, possibilitando respostas mais livres.

Queremos esclarecer que aqui, mais que interpretar, vamos apresentar os dados da pesquisa, pois “no método ‘ver-julgar-agir’, o momento de interpretar corresponde ao ‘julgar’ [...]” (CENTRO DE LITURGIA, 1995, p. 28), mesmo que na sistematização e divisão dos temas já aconteça um trabalho de interpretação.

Mais adiante, depois de oferecermos o instrumental teórico, iremos estabelecer um “círculo hermenêutico entre a realidade revelada na pesquisa e a tradição litúrgica” (CENTRO DE LITURGIA, 1995, p. 28).

1.4.1 A experiência cotidiana de oração dos participantes da pesquisa

Primeiramente, vamos apresentar os dados da experiência de oração¹⁶ que acontece no cotidiano das pessoas entrevistadas. No entanto, notamos que ao descreverem a experiência pessoal de oração, citam também aquela que acontece em âmbito comunitário, pois a oração particular e comunitária são dois momentos importantes para estas pessoas e uma depende da outra.

1.4.1.1 Rezar é dialogar com Deus

A oração, para a maioria dos entrevistados, é compreendida e vivida numa dimensão relacional: como um diálogo, uma conversa, um falar com Deus. Vale a pena averiguar as expressões utilizadas: “Oração é um diálogo com Deus, que nos aproxima cada vez mais dele e do seu projeto”. “É um diálogo entre eu e Deus”. “É falar com Deus”. “É um meio eficaz de nos relacionarmos com Deus”. “É conversa com Deus”. “É um contato, uma conversa direta entre a pessoa e Deus”. “É um momento íntimo onde converso com Deus...” “É a maneira de contar meus sentimentos a Deus”. “É uma maneira de me aproximar de Deus”. “É estar

¹⁶ Neste capítulo, ao relatarmos a experiência de oração dos entrevistados, iremos usar o termo oração como ele é utilizado pelo povo, particularmente os que participaram da nossa pesquisa. No capítulo seguinte, vamos precisá-lo.

sempre falando com Deus”. “É a principal ponte entre eu e Deus”. “Oração é o momento de falar com Deus e principalmente de escutá-lo”.

Para alguns, esta facilidade de conversar com Deus provém de uma relação filial, também de amizade e confiança, que indica proximidade: “É a comunicação com o grande Pai”. “Um momento que temos com Deus”. “Converso com ele como se ele estivesse ao meu lado”. “Converso com Deus como se estivesse conversando com uma pessoa próxima”. “Tenho um diálogo direto com o Pai, conversando com o amigo mais compreensivo de todos, o conhecedor de todo o meu ser e que me ampara em todo o sempre”.

A oração como conversa com Deus aparece também quando descrevem como costumam rezar: “Conversando com Deus, pedindo e agradecendo”. “Além das orações que conhecemos, converso bastante com Deus”. “Costumo rezar falando diretamente com Deus. Valorizo muito conversar com Deus”.

A dimensão da oração como diálogo fica mais evidente quando perguntamos: Na oração, você deixa Deus falar? Você conversa com Ele? Como? Dos cinquenta e seis entrevistados, quarenta e cinco disseram que conversam com Deus. Nessas falas aparecem alguns elementos interessantes e necessários para que o diálogo aconteça: a escuta, o silêncio, o esvaziamento: “Deixo ele falar”. “Eu gosto de conversar com Deus. Conto tudo o que acontece, faço pergunta, fico em silêncio e aos poucos as respostas vão surgindo”. “Rezo sozinho em silêncio”. “É preciso esvaziar o espírito das coisas do mundo para encontrar um espaço de entrar em sintonia com Deus”.

Outro elemento importante citado é que a conversa brota da Palavra e atinge o coração do orante: “Procuro ao máximo ouvir o que Deus toca em meu coração”. E ainda: “Deixando com que a palavra entre em meu coração”. Confirma o que dizia o Catecismo da Igreja Católica e J. Corbon: “que a oração nasce do coração e é o coração que reza” (CIC, 2562)¹⁷.

A seguir, vamos procurar especificar mais concretamente como e onde este diálogo acontece e as dificuldades apresentadas.

a) Escutar Deus falar

Alguns entrevistados citam a escuta da Palavra de Deus como um espaço privilegiado para que o diálogo aconteça: “Oração para mim é quando estamos com os nossos irmãos rezando e falando sobre a Palavra de Deus, cantando e deixando o Espírito do Senhor entrar em nossos corações”. “Procuro meditar o Evangelho do dia e o salmo e depois rezá-lo”.

¹⁷ Ver ainda: CORBON, J. *Liturgia de fonte*, p. 157-164.

Outras respostas significativas: “Rezo através da Palavra, no grupo e na comunidade”. “Eu estou tentando aprender a leitura orante da Bíblia”. “Eu deixo Deus falar comigo, escuto e reflito a sua Palavra com muita atenção”. “Rezo na escuta da Palavra de Deus”. “Deus fala comigo na leitura diária da Bíblia”. “Rezo deixando que a Palavra entre em meu coração, e assim a coloco na minha vida e no meu dia a dia”. “Se leio a Palavra, sinto Deus falar comigo”. No relato destas pessoas, vemos concretizado o dizer da *Dei Verbum* (DV) que é preciso recordar “que a oração deve acompanhar a leitura da Sagrada Escritura, para que o diálogo entre Deus e o orante aconteça” (DV, 25).

Constata-se que o diálogo e, sobretudo, a escuta nem sempre é tão fácil. Alguns colocam dificuldades nesta relação: “Ainda ouço pouco Deus falar, pois nem sempre eu deixo, pois muitas vezes converso com ele e nunca paro para escutá-lo”. “Geralmente falo com Deus e não consigo ouvi-lo, mas sinto falta dessa prática”. “Ainda tenho dificuldade de ouvir Deus falar...”. “Bom, eu tento, mas digamos que nem sempre consigo escutá-lo”.

b) Falar a Deus, usando as próprias palavras

Os participantes, no diálogo com Deus, valorizam muito a oração particular e, sobretudo, as palavras espontâneas: “Rezo espontaneamente”. “Rezo, dirigindo minhas palavras a Deus”. Tanto é verdade que quando perguntamos se rezam com as próprias palavras, quase todos os participantes responderam positivamente. Ficará mais claro o valor dado às orações espontâneas ao descrevermos alguns dizeres: “Rezo com minhas palavras porque Deus sabe tudo de mim, mas acho que é preciso falar. Só assim, o coração fica mais aliviado, expressando o que às vezes acredito que outras pessoas não entenderiam”. “Com certeza, pois me sinto mais a vontade”. “Falar com Deus do meu jeito simples de ser eu acho melhor”.

Rezar com as próprias palavras parece ser uma forma de rezar a vida, como algumas pessoas revelam: “Sim, pois agradeço situações do dia a dia”. “Essa é a minha melhor maneira de rezar. São as minhas palavras que me levam ao encontro com Deus na oração, nas minhas palavras expresso meus sentimentos”.

Um ponto interessante a destacar é que ao serem questionados se rezam com as próprias palavras, a resposta de alguns parece indicar um certo conflito entre a objetividade da liturgia e a subjetividade do orante, como veremos: “Rezo com minhas palavras. As orações são muito ricas em conteúdo, mas há coisas que só minhas palavras podem dizer”. “Geralmente rezo muito com minhas palavras e acabo atropelando as orações (rituais) que

rezo normalmente”. “Rezo principalmente com minhas palavras, às vezes deixo a fórmula de lado e procuro conversar com o Pai espontaneamente”. “Minhas palavras são orações menos mecânicas e mais inspiradas”. Neste ponto, chama a atenção o fato de alguns ministros da Palavra apontarem para esta dificuldade. Fica então a pergunta: O que estão indicando ou reivindicando?

c) Rezar pedindo e agradecendo

Na experiência orante dos nossos entrevistados, estão muito presentes duas formas antigas de rezar: a petição e o agradecimento. Sabemos que não são opostas, mas complementares, pois como afirma Schaller,

A petição, como expressão da nossa fé somente é teologicamente possível e psicologicamente significativa se estiver intimamente unida à gratidão. Antes de qualquer autorização que possamos obter para formular pedidos e lamentações, somos conscientes de que devemos a nossa existência a um outro e que fomos criados e salvos por Ele (1990, p. 18).

Podemos constatar esta necessidade de pedir e agradecer nos dizeres de muitas pessoas. Alguns, indagados sobre o que é oração respondem entre outras coisas: “Em minhas orações espontâneas louvo, agradeço, peço”. “Peço e agradeço por coisas feitas por ele”. “É suplicar, louvar, recitar”. “Oração é uma forma de agradecer e pedir ajuda”. “São momentos de agradecimentos, súplicas e meditação”. “Conversar com Deus, pedindo por todos e agradecendo sempre”.

Outros ao responderem como rezam, dizem: “Sempre pedindo, mas nunca esquecendo de agradecer”. “Falando com Deus, pedindo e agradecendo”. “Conversando com Deus, agradecendo e pedindo aquilo que necessito”. “Agradecer, pedir perdão e fazer pedidos”. “Rezo pedindo a Deus por meus familiares, amigos, comunidade, cidade e por nosso país, pedindo paz, saúde e justiça para todos”.

d) Os lugares da oração

São muitos os lugares ou espaços de oração. Alguns entrevistados dizem que rezam em todos os lugares: “Qualquer lugar”. “Não existe um lugar certo, quando sinto vontade rezo, na igreja, no ônibus, em casa, no serviço, enfim, em vários lugares. É interessante notar

que a igreja é a mais indicada como o lugar da oração: “Rezo comunitariamente, no grupo de rua”. A maioria, quando indica a igreja, parece fazer referência à própria comunidade. Há também indicação de oração em uma outra igreja, no intervalo para o almoço, durante o trabalho: “Costumo frequentar a igreja nos horários de almoço ao menos duas vezes por semana”. Um outro dado a partir do contexto urbano em que as pessoas vivem é o de “aproveitar” o longo tempo que se passa no trânsito para rezar: “Sempre rezo em transportes públicos, pois observar o povo pobre e cansado me estimula a tal ação”. “Rezo quando estou na condução”. Muitas pessoas responderam que rezam no quarto.

Há ainda muitos outros lugares onde as pessoas rezam: nos encontros de catequese, em casa, na visita a um doente, no cemitério, no velório, na escola, no trabalho, antes e depois das refeições e até acompanhando as orações em programa de rádio.

1.4.1.2 Outras formas de rezar e de compreender a oração

Alguns dizem que oração é ação: “Pedir, receber, agradecer, conversar com Deus, é ação”. E ainda: “Rezar é fazer ação”.

Aparecem outros elementos na definição de oração, tais como: entendida como alimento da fé; elevação dos pensamentos; como um buscar forças.

Alguns oram rezando o terço e outras orações: “Pela manhã rezo o terço e algumas orações, como por exemplo, oração à Nossa Senhora Aparecida e outros santos mais conhecidos. “Rezo o terço e costumo acender uma vela”. “Rezo muito o terço em meu quarto”.

1.4.2 A experiência de oração dos participantes da pesquisa na celebração dominical da Palavra de Deus

Em seguida, vamos descrever mais especificamente qual é a experiência de oração que as pessoas possuem na celebração dominical da Palavra de Deus.

1.4.2.1 A celebração dominical da Palavra de Deus é oração

Primeiramente, é bom lembrar que quase todos dizem que consideram a celebração da Palavra de Deus uma oração. Alguns, acrescentam: “É um grande momento de oração”. “É uma oração completa”. “Considero uma oração muito rica”.

Ao responder à questão se rezam na celebração dominical da Palavra de Deus, a maioria diz que sim. Outros acrescentam alguns elementos: “Sim, e o melhor é que na celebração é possível rezar em comunhão com muitos amigos e pessoas desconhecidas”. “Sim, rezo com entusiasmo”. “Sim, não sinto diferença alguma, Celebração da Palavra ou Missa me satisfaz”. “Às vezes eu posso criticar, quando a celebração é demorada e cansativa, mas gosto do mesmo jeito, rezo do mesmo jeito”.

1.4.2.2 Ele está no meio de nós

A comunidade reunida para rezar garante a presença de Deus de uma forma mais forte: “A celebração da Palavra é uma oração muito especial, pois Deus se faz presente para mim com maior convicção. Porque a união de muitas pessoas pelo mesmo objetivo, louvar a Deus, torna sua presença – Deus, mais forte em nossas vidas”.

Na experiência celebrativa, há uma certeza da presença de Deus que fala através de sua Palavra: “Se tem Palavra de Deus, tem oração”. “Rezo na certeza de que Deus está presente”. “Rezo, porque para mim Deus está presente tanto quanto nas missas”. “Nas celebrações dominicais, é o próprio Deus que fala por meio da Palavra, dizendo o que deseja de mim (nós). É a Boa Nova”.

1.4.2.3 A presença do Espírito

Alguns mencionam a presença do Espírito no momento da oração: “Deixando o Espírito do Senhor entrar em nossos corações”. “Oração é estar em sintonia com o Espírito Santo”. “Invoco o Espírito”. “Rezo, invocando o Espírito Santo”. Não foram muitas as pessoas que mencionaram a presença do Espírito. É significativo que algumas destacaram a presença do Espírito como aquele que ensina a rezar.

1.4.2.4 A comunidade reunida para rezar ao redor da Palavra de Deus

Destacam ainda a importância da reunião da assembleia ou o estar juntos para rezar: “A celebração da Palavra para mim é uma oração muito forte porque nós todos juntos podemos pedir e alcançar bênçãos”. “É uma oração fortíssima, pois rezamos unidos na comunidade e tem mais força”. “É possível que o povo reze, junto, comunitariamente, porque é um espaço de contato com Deus”. “Claro que é o melhor momento de rezar, pois estamos

unidos com os irmãos”. “Rezo junto com a assembleia”. “A conversa com Deus acontece com mais de uma pessoa”. “Rezo, participando ativamente junto a minha comunidade”. “Rezo, participando com todos, às vezes, quando estão rezando alguma oração, eu coloco minhas intenções particulares e para toda a comunidade”. “Procuro o envolvimento com todos na assembleia para que a oração seja de um e de todos ao mesmo tempo”.

1.4.2.5 Momentos especiais de oração na celebração dominical da Palavra de Deus

De acordo com o que respondem, demonstram que a celebração da Palavra de Deus é oração. É significativo que várias pessoas dizem que rezam em todos os momentos: “Rezo participando de todos os momentos da celebração”. “Acompanhando tudo”. “Procuro estar o tempo todo em oração, sem definir momentos”. “Conforme as partes da celebração”. “O louvor, a súplica, a meditação, a Palavra e a Eucaristia são para mim oração, pois o conjunto da celebração fortalece a fé, e com isso a oração (diálogo com Deus), flui com uma facilidade bem maior”. “Começo pelo ato penitencial, depois ouço com atenção as leituras, principalmente o evangelho, escuto a homilia, tento perceber o que o texto quer me dizer, isto é, o que Deus quer de mim, comparo-o com minha vida, faço a oração pessoal, tento me comprometer com a mensagem da leitura e levar comigo a mensagem ou a frase que mais me chamou a atenção para lembrá-la e tentar praticar no dia a dia”.

Alguns, respondendo em que momentos especialmente rezam na celebração dominical da Palavra, destacam momentos mais fortes, nos quais rezam mais intensamente como veremos em seguida.

a) A escuta da Palavra provoca a oração

A Palavra de Deus é bastante citada como espaço e provocadora de oração, como constatamos em muitas declarações: “Rezo ouvindo a Palavra”. “Me entregando de coração à Palavra, principalmente no evangelho”. “Ouvindo o que Deus fala”. “A Palavra de Deus é muito linda e encontro paz”. “Tento entender o que aquela Palavra (evangelho) tenta nos passar, e faço minhas orações para tentar ser firme em minha fé e seguir retamente aquilo que ele nos pede”. “Rezo meditando, refletindo a Palavra”. “Rezo no salmo responsorial e após o Evangelho durante a homilia”. “Em especial no evangelho”. “Desde o primeiro momento ao invocar o Espírito Santo. No pedir perdão, no louvar a Deus. Rezo a partir da Palavra na tentativa de levar a comunidade a entender que Deus quer o nosso compromisso”. “Rezo em

especial na entrada da Palavra (Livro) porque é na Palavra que está tudo o que é bom, ela nos ensina a oração, a amar o próximo. Se todo o ser humano ouvisse e praticasse a Palavra de Deus, o mundo teria paz”.

b) Rezar pedindo perdão

O momento do ato penitencial demonstra ser um tempo forte de experiência orante para muitos: “Já me preparo no ato penitencial, agradecendo e pedindo perdão”. “Rezo primeiro pedindo perdão”. “Pedindo ao Pai misericórdia”. “No ato penitencial é o momento que eu peço perdão a Deus e me entrego”. “No rito penitencial”. “Eu rezo no ato penitencial pedindo para o Senhor me perdoar, ensinar a amar, perdoar, rezar e esquecer”. “No ato penitencial porque é o momento de perdão”.

c) Rezar cantando, pedindo, agradecendo, louvando, comungando

Muitos afirmam que o canto, o louvor, o agradecimento e a comunhão são momentos fortes de oração: “No momento dos cânticos”. Os que destacam o louvor não especificam o momento ritual: “Eu tenho o momento para agradecer, para fazer pedidos e ao participar da comunhão eu peço que este pão seja para mim fortaleza para todos os momentos fáceis e difíceis de minha vida”. “Rezo louvando, agradecendo por todas as coisas”.

Também a oração dos fiéis é citada como momento de oração mais intensa.

Embora as perguntas tenham sido feitas especificamente a respeito da celebração dominical da Palavra de Deus, muitos mencionam os ritos eucarísticos como momento especial de oração: “Rezo na liturgia eucarística”. “Momento da eucaristia”. “Na eucaristia”. Alguns citam os ritos da comunhão: “Rezo na apresentação da comunhão”. “Ao receber a comunhão”. “Interiorizo mais na partilha do pão”. “Na comunhão agradeço a Deus por fazer do meu coração sua morada”. “Principalmente no momento da eucaristia, pois é o momento em que você aceita o compromisso e faz aliança com Deus”. “No momento do Pai Nosso”. As Celebrações Dominicais da Palavra, geralmente realizadas com distribuição da comunhão, pode ser a explicação para as muitas referências à comunhão como momento especial de oração.

1.4.2.6 Dificuldades para rezar na celebração dominical da Palavra de Deus

Muitas pessoas afirmam que não sentem nenhuma dificuldade de rezar na celebração dominical da Palavra de Deus.

Outras citam algumas dificuldades. A falta de silêncio é citada como uma grande dificuldade para rezar melhor: “Em algumas celebrações há uma certa dificuldade de rezar por faltar um pouco de silêncio, isto se dá principalmente em épocas festivas porque o número dos fiéis aumenta”. “Acho difícil rezar após o abraço da paz por causa da ausência de silêncio”. “Falta de silêncio e educação das mães com seus filhos que ficam correndo e gritando o tempo todo”. “Quando as pessoas estão conversando ao meu lado”. “Pensar em outra coisa, conversas paralelas”.

Outras dificuldades são apontadas, tais como, se a pessoa estiver exercendo um serviço ou ministério, acaba ficando preocupada e não consegue rezar direito. Um ministro da Palavra diz ter a dificuldade “de ajudar a oferecer aquilo que as pessoas precisam ao buscar o espaço da celebração para suas necessidades de amor e integração”. Outro ministro diz “ter dificuldade de se expressar diante do público (assembleia)”. Uma senhora diz que teria dificuldade se tivesse que passar mensagem sobre a Palavra, mas ela acha que os ministros da Palavra fazem isto muito bem.

É mencionada também a dificuldade da falta de espontaneidade e o uso de folhetos: “Acho que é melhor fazer orações espontâneas, na celebração não somos tão espontâneos por causa dos folhetos”.

1.4.2.7 O que está faltando para rezar melhor na celebração dominical da Palavra de Deus

Muitos dizem que não está faltando nada para rezar na celebração dominical da Palavra de Deus: “Eu creio que não está faltando nada”. “No momento não está faltando nada, está ótimo”. “A comunidade reza muito bem, não está faltando nada”. “Acho que na minha comunidade não falta nada, todos se doam e se esforçam para o melhor”. “Não falta nada, existe uma ótima preparação”. “Na minha opinião, a celebração da minha comunidade está bem”. “Na celebração da comunidade não falta nada, os ministros celebram muito bem”

Outras pessoas, em relação ao que está faltando para rezar melhor na celebração dominical da Palavra de Deus, mencionam muitos pontos. A atenção, o silêncio: “Está faltando silêncio”. “Falta atenção, silêncio, colocar-se à escuta da Palavra de Deus e deixar suas palavras soarem no coração para assim rezarmos melhor”.

Falta mais preparação das celebrações: “A celebração dominical seria melhor se houvesse mais preparação”. “É preciso participar ativamente das preparações litúrgicas”. “Estão faltando, celebrações mais preparadas, tanto pela liturgia, quanto pelos ministros, exemplo: homilias mais simplificadas, breves e claras, ajudam mais a comunidade a rezar”. Indicam, também, a falta de pessoal nas equipes que preparam as celebrações: “Penso que preciso participar ativamente das preparações litúrgicas e, com a comunidade, criar momentos mais reais de acordo com a vivência do povo. Pode-se assim, transmitir mais coragem e dinamismo na prática cotidiana da vida em oração, a começar pela própria família, obviamente”. “Para mim falta mais participação para ajudar a comunidade. As pessoas precisam participar da preparação e no debate, cada um dando uma opinião, para melhorar a celebração. Seria para mim melhoria”.

Alguém pede mais conhecimento e treinamento. Outra pessoa, mais organização dos cantos: “A escolha dos cantos é fundamental para que tudo favoreça uma boa celebração”.

Para alguns, a participação é necessária e está fraca também por problemas na assembleia ou dificuldades na presidência: “Que a própria comunidade participe mais, com mais vontade”. “Falta entusiasmo dos que celebram”. “Falta às vezes um ministro mais qualificado”. Um outro elemento é o entrosamento: “Está faltando mais entrosamento entre o celebrante e as pessoas que participam da celebração para ficarem mais cheios do Espírito Santo presente entre nós”.

Outros dizem que falta também a criatividade. Há sugestões: “É preciso fazer uma celebração contemplativa e ao mesmo tempo dinâmica e animada, por exemplo: ato penitencial, salmo, canto depois da comunhão que sejam bem contemplativos, bem cantados e ensaiados pela liturgia. Já no canto do glória, na apresentação das oferendas e final sugere-se colocar cantos mais animados. Dinamizar a liturgia eucarística, pois acredito que é o momento em que a assembleia presta menos atenção porque é cansativo ouvir todas aquelas orações. Eu sei que para a celebração existem regras, mas, de repente, o leitor não deveria ficar sempre atrás da mesa da Palavra, ele(a) poderia ler alto caminhando pelo meio da igreja, garanto que chama muito mais atenção. O comentarista deveria estar bem preparado para acolher o povo. Lembrar um pouco da história dos santos e santas quando for o dia deles, esses são bons exemplos e ajudam muito na caminhada do povo”.

A espontaneidade também é reivindicada: “Tirando um pouco os rituais para que a gente se solte mais”. “Os momentos reservados para o diálogo com Deus são muito restritos. É como se tivéssemos tempo para falar com Deus e não o escutar. Precisariamos de momentos que deixassem o cristão a vontade, que sentissem a presença do Pai”. “Uma busca

maior de amor e proximidade com Deus, além de não ficar preso a moldes celebrativos pré-estabelecidos”. “Falta um momento específico dentro da celebração que ajude a assembleia a rezar”.

Alguém ainda diz que falta mais espiritualidade: “Muitas vezes a comunidade foge do Espírito de Deus. Para muitos não há concentração”. “É preciso também ministro mais preparado”.

É necessário viver bem cada momento ritual: “Na celebração existem momentos para tudo: cantar, rezar, bater palmas etc. É importante saber vivenciar cada momento, principalmente o silêncio”.

1.5 Algumas conclusões a respeito dos dados da pesquisa

Após termos lido, ordenado e classificado os dados da pesquisa, vamos fazer algumas observações a respeito dos pontos que merecem destaque.

Dividiremos em dois momentos as nossas observações. Primeiro, descreveremos os elementos positivos que já fazem parte da experiência dos participantes da pesquisa e que os ajudam a rezar. Num segundo momento, mencionaremos os elementos que ainda são desafios para a dimensão orante da celebração da Palavra.

Consideraremos dados, pertinentes e relevantes, que se referem ao tema que rege este nosso trabalho, que é a dimensão orante da celebração dominical da Palavra de Deus.

1.5.1 A experiência orante dos entrevistados

Todas as pessoas que participaram da nossa pesquisa têm a oração como um aspecto indispensável. Não só rezam como sentem necessidade de rezar. Mesmo às vezes com dificuldades, rezam em todos os lugares, tanto a nível pessoal, como comunitário. Procuram ouvir Deus, conversam com Ele. E que Deus é este com o qual este orante dialoga? Não é qualquer um. É um Deus pessoal, um Deus próximo. É o Deus da aliança, o Deus que desce, que é misericordioso. Como não associar estes dizeres dos nossos entrevistados com a experiência orante do povo de Israel, lá no Antigo Testamento, ou com a experiência de Jesus, dos seus discípulos e de todo o povo do Novo Testamento? E com a experiência de tantos místicos, homens e mulheres, que nos precederam ou até mesmo contemporâneos a nós? Deus é uma pessoa, próxima, amiga. Ninguém mencionou, nas respostas dadas, uma visão de um

Deus distante, inatingível. Ele é poderoso, pois é Deus, é criador e ao mesmo tempo é o pai, o amigo, o conhecedor de todo o ser que ampara sempre e até vem para perto da gente.

Chama-nos a atenção o destaque dado à Palavra de Deus. Muitos rezam, também particularmente, escutando a Palavra de Deus. É significativo, pois é rezar de acordo com a dinâmica da aliança que antes supõe recordar o plano salvífico de Deus, seus feitos, sua fidelidade. A partir da recordação, a comunidade responde com orações. Percebemos que a iniciativa é de Deus e que, na oração, Deus e a pessoa humana atuam. Constata-se então que a oração litúrgica, uma vez que já possui em si esta dinâmica, é referência para a oração particular e, ao mesmo tempo, esta última a fecunda.

Constatamos algumas dificuldades na relação entre oração particular e litúrgica, como mostraremos mais adiante, no entanto, percebe-se que mesmo rezando em muitos lugares, seja no quarto, no ônibus, no trabalho, a oração parece carregada de caráter eclesial, pois o sentido de pertença à comunidade é explícito nos depoimentos.

Mesmo sendo mencionada por poucas pessoas, é bom lembrar a integração que alguns fizeram da oração com a ação.

De grande importância para o nosso tema são as respostas relativas à oração na celebração dominical da Palavra de Deus. Quase todos conseguem rezar. Citam elementos indispensáveis para este momento de oração litúrgica: a presença de Deus na assembleia reunida e na Palavra; a força que tem a comunidade reunida; a presença do Espírito Santo; as várias atitudes, formas e momentos rituais; e ainda, citam alguns elementos necessários para que a oração aconteça.

Concluindo, podemos dizer que, de maneira geral, as pessoas que participaram da nossa pesquisa rezam na celebração dominical da Palavra de Deus. É claro que nem sempre com tanta facilidade. As pessoas colocaram dificuldades e limites, que às vezes transparecem explicitamente, outras vezes parecem velados. Veremos a seguir.

1.5.2 As dificuldades apresentadas

O fio condutor de nossa escuta da experiência de membros das comunidades da Paróquia N.S. das Graças é a dimensão orante da celebração dominical da Palavra de Deus. De acordo com as respostas dos participantes, percebe-se que é possível rezar. Porém, nem sempre é fácil. Nem tudo é tranquilo, há dificuldades.

Nas dificuldades e problemas apresentados aparecem conflitos entre: o silêncio e o barulho/agitação; a espontaneidade/criatividade e as fórmulas prescritas; a oração particular e

a comunitária; a objetividade e a subjetividade; o envolvimento da assembleia e o não-envolvimento dela. Há também dificuldades de participar exercendo ministérios, principalmente o ministério da presidência. Outra dificuldade é a de constituir uma equipe de liturgia e encontrar tempo para preparar as celebrações dominicais da Palavra de Deus.

Descrevendo estes problemas, as pessoas indicam as tensões existentes. Há indicações de elementos que atingem o ponto certo em relação às dificuldades de fazer com que a celebração dominical da Palavra de Deus seja oração.

Concluindo estas observações, tanto no que diz respeito aos elementos positivos, como no que diz respeito às dificuldades, podemos declarar que temos matéria suficiente para mais adiante estabelecermos o confronto entre a realidade aqui levantada e a fundamentação teórica. São várias as questões que a Bíblia e a Tradição teológica-litúrgica têm a fazer para a realidade atual e vice-versa. E, certamente, são muitos os elementos que a Tradição bíblica, teológica-litúrgica tem a oferecer à prática atual. Este confronto só faremos depois de apresentarmos o instrumental teórico que vai nos dar elementos para esta tarefa. É o que iremos fazer logo em seguida.

2 A ORAÇÃO LITÚRGICA

Vamos desenvolver, neste capítulo, elementos sobre a oração litúrgica. Antes, porém, mencionaremos algumas noções sobre a oração em geral. Iniciaremos com uma breve definição do termo oração, a fim de compreendermos seu significado. Em seguida, passaremos a descrever o vocabulário bíblico da oração. Desenvolveremos o assunto levando em conta o processo histórico da oração. Por isso, veremos primeiramente a oração bíblica e a da Igreja pós-apostólica, com suas características. Nestas, oração litúrgica e oração particular, embora sendo duas maneiras distintas de rezar, são profundamente integradas. Nessa dissertação, interessa-nos a oração realizada em comunidade. Por isso, ao aprofundarmos a oração na Bíblia e na Igreja pós-apostólica, vamos considerar a oração realizada em assembleia.

Em seguida, veremos que, com o passar do tempo, aconteceu uma desintegração entre a oração litúrgica e a oração particular. Mais tarde, o movimento litúrgico, o papa Pio XII e, sobretudo, o Concílio Vaticano II, procuraram voltar às fontes, buscando a reintegração na tentativa de recuperar a liturgia como lugar privilegiado e referência para a oração.

Por último, discorreremos sobre a oração litúrgica propriamente dita, que embora não esgotando todas as possibilidades de oração da Igreja, “é a ela que se aplica, no sentido mais genuíno, a noção de oração cristã. Por ela devem modelar-se, para serem autênticas, todas as outras formas e fórmulas do diálogo com Deus, por Cristo, no Espírito” (CASTELLANO, 1992, p. 815).

Conforme afirma Otaño (1986, p. 186), “pode haver oração sem liturgia, mas não liturgia sem oração. Nessa perspectiva, veremos que a oração litúrgica deve oferecer sua rica contribuição para a oração particular.

2.1 O termo oração

A palavra oração é um substantivo feminino, derivada do latim *oratio-onis*. Em seu sentido próprio significa a faculdade de falar, linguagem, palavra, discurso. Contém também um sentido especial: linguagem preparada com arte (em oposição a *sermo*, conversação), eloquência. A oração é o que sai da boca. Pode significar ainda súplica, petição, solene promessa e voto (CUNHA, 1982, p. 563).

2.2 O termo oração na Bíblia

Percorrendo a Bíblia, percebemos que a história de Israel é entremeada da oração¹⁸, que emerge de todos os ângulos da sua narrativa. Isto vale também para o Novo Testamento. Seguir a temática da oração significa trilhar inteiramente o caminho da Bíblia. Encontramos, então, um vocabulário bíblico da oração muito amplo e eloquente.

2.2.1 No Antigo Testamento

No Antigo Testamento, os únicos termos hebraicos que podem exatamente ser traduzidos por oração são o raro *atar* = pedir, rezar, e o mais comum *palal* = pedir, orar, que mais frequentemente significa “interceder”. O termo exato para a oração é o substantivo *tefilhah*.

Temos ainda outros termos que são utilizados para designar a oração:

- a) *Sha'al*, que significa desejar, pedir, pretender (Dt 10,12; Jz 5,25; 1Sm 12,13; Jó 31,30 etc).
- b) *Hanan* = pedir por favor ou misericórdia, designa a oração de petição, incluindo petição do perdão.
- c) *Kara'* = chamar ou invocar, indica que a oração é dita em voz alta.
- d) *'Anah* = suspirar, que indica sentimento profundo.

Encontramos, ainda, um grupo de termos que designam a oração de louvor:

- a) *Halal* = louvar, celebrar, magnificar, engrandecer.
- b) *Hodah* = louvar, especialmente em ação de graças.
- c) *Higdil* = magnificar.
- d) *Harim* = exaltar.
- e) *Berek* = abençoar (o nome do Senhor).
- f) *Gíl* = regozijar-se, e outros termos semelhantes, indicam a alegria e a exaltação da oração, particularmente do culto litúrgico.

¹⁸ Este item é resultado de pesquisa em vários dicionários: MACKENZIE, 1984, p. 668-669; SCHÖNWEISS, 1986, p. 1388-1405; MAGGIONI, 1988, p. 1216-1271.

O termo *hagah* = meditar, e alguns outros, indicam piedosas considerações. *Hishttahawah* = adorar (gesto de aproximar a mão na boca para mandar o beijo):

[...] faz parte da linguagem religiosa universal e expressa tanto o culto que se deve a Deus, quanto os atos, fórmulas ou gestos mediante os quais se realiza (*proskynesis*, prostração, traduzida igualmente por *adoratio*). A adoração é dirigida ao Deus verdadeiro (Gn 22,5; Ex 4,31; Dt 26,10) e aos anjos que o representam (Gn 18,2; 19,1 etc.). Aquele que adora faz um gesto de inclinação até o chão (Gn 18,2; 33,3 etc.). Às vezes, a adoração também é prestada aos ídolos (Cf. Ex 20,5), e até às pessoas (Gn 3, 7.12), aos reis (1Sm 24,9), aos profetas (2Rs 2,15; 4,37). A adoração é acompanhada de sacrifícios (Dt 26,10; 1Sm 1,3), de cantos (2Cr 29,28; Eccl 50,16-18) e exortações (Sl 92,6ss). O sentido profundo da adoração é o reconhecimento da grandeza de Deus (Sl 99, 2.5.9) (MARTIN, 1998, p. 4).

Os termos utilizados indicam que os fins tradicionais da oração: adoração (louvor), ação de graças e petição são característicos da oração israelita (MACKENZIE, 1984, p. 668).

Concluindo, podemos dizer que o orante veterotestamentário reza certo de que sua oração é dirigida a um Deus que é, contemporaneamente, Deus de Israel e Senhor das nações, e que como tal revelou-se ao seu povo (1Rs 8,22ss; 2Rs 19,15). Dirige sua oração a um Deus pessoa e não a uma divindade muda (Gn 18,22-23; 1Sm 1,10s; Sl 77,1-11), por isso, sua oração é pessoal, concreta e familiar. O israelita reza não como indivíduo, mas como membro do povo (Sl 35,18; 111,1). Reza com a certeza de que Deus atende sua oração, se esta for feita em harmonia com a vontade dele (Sl 3,5; 18,7; Jr 29,12). Reza, portanto, animado por sólido sentimento de confiança (Sl 17,6s) (SCHÖNWEISS, 1986, p. 1396).

2.2.2 No Novo Testamento

Os termos utilizados para designar a oração no Novo Testamento (NT) denotam que a oração é assumida com todos os aspectos do Antigo Testamento, mas tem como ponto de orientação Jesus e a sua prática de oração. Ele é o exemplo direto de um modo de rezar (Lc 11,1).

Segundo Schönweiss (1986), o termo *proséuchomai* = rezar, implorar é o mais geral para indicar o ato de rezar no NT; indica qualquer tipo de entrada em contato com Deus (cf. Mc 11,24; Cl 1,9). Também *éuchomai* = pedir, suplicar, solicitar, perguntar, requerer; rezar, prometer solenemente, fazer um voto (*éuché* = oração, voto).

Temos ainda *déomai* = pedir, rogar, solicitar, perguntar, requerer, rezar e o substantivo *deésis* = pedido, solicitação, prece; junto com *aitéo* = perguntar, pedir, exigir, pretender.

Todos estes termos indicam expressamente a oração de pedido ou de súplica. São geralmente acompanhados da indicação do conteúdo e da pessoa à qual é dirigido o pedido, ou seja, são orações que pedem alguma coisa concreta. Há também o aspecto da imploração (cf. Lc 8,28; 9,38) (SCHÖNWEISS, 1986, p. 1393-1394).

H. Schönweiss (1986, p. 1393-1395, tradução nossa), afirma ainda:

Em algumas passagens *déomai* tem todo o peso de um pedido intenso com acentos persuasivos e cativantes (2Cor 5,20; At 2,40; 10,2; Gl 4,12). [...] Quando a oração é feita não para si, mas para o bem dos outros, o significado de *déomai* é o de interceder (cf. At 8,24; Rm 10,1; 2Cor 1,11). Neste caso, o termo aparece mais de uma vez sem a indicação do conteúdo da intercessão e define a atitude delicadamente fraterna do cristão que intercede (intervém) junto a Deus em favor do próximo (cf. Fl 1,4; Ef 6,18). Assim, muitas vezes, a intercessão é meio direto e sinal de vínculo íntimo de comunhão que une os cristãos (cf. 2Cor 9,14; 2Tm 1,13). Quando o pedido ou a imploração é dirigida a Deus o significado de *déomai* aproxima-se ao de rezar em geral. Isso vale para aquele pedido que não é acompanhado de alguma indicação de conteúdo (por exemplo At 10,2; Hb 5,7).

Os termos *aitéo* e *áitema* são utilizados quando se quer possuir alguma coisa e tendem a sublinhar o caráter dinâmico e, às vezes, direto do pedido. Pode significar também exigir, desejar para si.

Erotáo (cf. *aitéo*), quando significa pedir, possui um tom mais coloquial. Expressa uma relação mais íntima entre a pessoa que pede e o destinatário do pedido. *Erotáo* tem, originariamente, o significado de pedir (no âmbito de um diálogo) e por isso possui um caráter mais íntimo. Nas orações de Jesus, sempre encontramos *erotáo* ou *déomai* (cf. Jo 14,16; 16,26; Lc 22,32) (SCHÖNWEISS, 1986, p. 1388-1391).

Apaitéo = reclamar, pedir de volta, de acordo com H. Schönweiss (1986, p. 1392, tradução nossa):

É usado para indicar o pedido de restituição daquilo que foi tirado (Lc 6,30 radicaliza o mandamento ‘dá ao que te pede’ acrescentando ‘e a quem toma do que é teu, não lho peças de volta’) ou então, quando se fala da restituição ao dono de um bem confiado ou emprestado temporariamente em Lc 12,20: a restituição da vida a Deus.

Explicitando o termo *exaitéomai*, o autor afirma que aparece somente em Lc 22,31 com o significado de pedir para si, pedir a entrega; nesse caso, Satanás pede que lhe seja entregue Pedro, que pertence a Deus, para pô-lo à prova, a fim de verificar a autenticidade e a solidez da sua fé, mas com a intenção de o fazer cair (SCHÖNWEISS, 1986, p. 1392).

Uma outra expressão *paraitéomai*, usada em Mc 15,6, refere-se ao pedido dos judeus que lhes solte um prisioneiro. Em Lc 14,18s o sentido é o de pedir desculpa por não poder aceitar o convite, que contém também a obrigação. Se essa obrigação é notada como uma defesa insustentável, o verbo pode ter o sentido de rejeitar, recusar, como em At 25,11 e Hb 12, 19.25 (Deus e sua palavra), em 1Tm 4,7, (as fábulas profanas), ou não acolher (na lista das viúvas: 1Tm 5,11; cf. ainda 2Tm 2,23; Tt 3,10) (SCHÖNWEISS, 1986, p. 1392).

Também os termos *boáo*, *boê*, e *krazo*, que significam gritar, podem às vezes exprimir a oração a Deus (cf. Rm 8,26). Geralmente são utilizados quando a oração a Deus ou a Cristo se eleva por causa de uma situação de profunda indignação e tribulação e assume, por isso, o caráter de um grito por ajuda (por exemplo os endemoninhados ou doentes do Evangelho). (SCHÖNWEISS, 1986, p. 1392).

Gonypetéo = venerar de joelhos, adorar (Ef 3,13s; Rm 11,4; Fl 2,10) exprime uma oração ou um pedido intenso e a atitude humilde da pessoa humana em oração diante de Deus. Ajoelhar-se pode ser, simplesmente, o gesto que acompanha a oração e sublinha a sua seriedade e urgência (como por exemplo, Lc 22,41; At 7,60; 9,40 etc.); *gonypetéo*, muitas vezes, é utilizado para reforçar a urgência de uma oração ou de um pedido (Mt 17,14; Mc 1,40) (SCHÖNWEISS, 1986, p. 1392).

A respeito do termo *Proskynéo*, H. Schönweiss afirma que indica mais a invocação de homenagem e adoração. Possui um significado fundamental que é beijar. O autor acrescenta:

No mundo grego é um termo técnico para indicar a veneração dos deuses, o sentido é o de prosternar-se, venerar de joelhos. Alcançou este significado porque era necessário inclinar-se até o chão para beijar a terra (a divindade terra) ou a imagem do deus. Em seguida, *proskynéo* passou a ser usado também para indicar o culto aos soberanos divinizados e ao imperador romano. No Novo Testamento, o termo é usado exclusivamente com referência a Deus ou a Cristo (Mt 18,26). Em At 10,25s; Ap 19,10; 22s é estabelecido expressamente que a adoração cabe somente a Deus e a ninguém mais.

Usado absolutamente, *proskynéo* significa elevar orações (por exemplo, Jo 12,20; At 8,27; 24,11). Daqui *proskynéo* desenvolveu no Apocalipse um significado próprio específico, indicador de um tipo especial de oração, justamente a adoração. Nos diversos hinos de adoração do Apocalipse (cf. 4,8-11; 5,8-10.12.14; 7,10-12; 11,15-18; 12,10s; 15,3s; 16,5-7; 16,5-7; 19,1-7) emerge muito claramente a adoração dirigida a Deus pessoalmente (ou a Jesus Cristo), ao seu Ser (e não aos seus dons como na oração de agradecimento) e ao seu agir no mundo. Os hinos celebram Deus com riqueza inexaurível de expressões, conceitos e títulos de honra e reconhecem-lhe os mais altos valores e atributos (eternidade, onipotência, glória, sabedoria, santidade, força etc.) tentando assim exprimir e confessar que verdadeiramente é Deus. Frequentemente recorre-se à aclamação régia: *Tu és digno!* (Ap 4,11; 5, 9.12), *Salve!* (7,10). O todo é intercalado por aclamações como aleluia, amém (Ap 7,12; 19,1.3.4). Esses hinos são

inteiramente permeados por grandiosa inspiração universalista (SCHÖNWEISS, 1986, p. 1401-1402, tradução nossa).

Ainéio e *eucharistéio* significam a oração de louvor ou de agradecimento. “Na Bíblia, o louvor e a ação de graças, muitas vezes, se encontram num mesmo movimento da alma e, no plano literário, nos mesmos textos” (RIDOURD, 1977, p. 534). Por todos os benefícios que Deus concede à pessoa humana, Deus se revela digno de louvor. “Esse louvor se torna naturalmente reconhecimento e bênção” (RIDOURD, 1977, p. 535). O louvor e a ação de graças despertam as mesmas manifestações exteriores de alegria, sobretudo no culto: um e outra dão glória a Deus, confessando as suas grandezas (cf. Lc 17,15-18; At 11,18; Fl 1,11; Ef 1, 6.12.14) (RIDOURD, 1977, p. 535).

Segundo Ridourd (1977, p. 535), “O louvor pensa mais na pessoa de Deus do que em seus dons; é mais teocêntrico, mais perdido em Deus, mais próximo da adoração. Os hinos de louvor estão geralmente desligados dum contexto preciso e cantam a Deus porque ele é Deus”. Louvar a Deus é exaltá-lo, engrandecê-lo (Lc 1,46; At 10,46), é reconhecer a sua superioridade única por ser aquele que habita no mais alto dos céus (Lc 2,14), por ser ele o Santo. O louvor brota da consciência exultante desta santidade de Deus e essa exaltação estabelece profunda união com Deus. “No seu movimento essencial, o louvor permanece o mesmo desde o Antigo até o Novo Testamento. Agora, porém, ele é suscitado pelo dom de Cristo, por ocasião do poder redentor manifestado em Cristo” (RIDOURD, 1977, p. 537).

Já a atitude do orante de dar graças (*eucharistéio*), é inseparável da confissão (*homologeo*: Mt 11,25; Lc 2,38; At 13,15), como também do louvor (*aineo*: Lc 2,13; Rm 15,11) e da glorificação (*doxazo*: Mt 6,16; 9,8) e de modo privilegiado, da bênção (*eulogeo*: Lc 1, 64.68; 2,28; 1Cor 14,16; Tg 3,9) (RIDOUARD e GUILLET, 1977, p. 8).

2.2.3 Conclusões sobre o termo “oração” na Bíblia

Após verificarmos os termos que o povo do Antigo e Novo Testamentos utilizou para dialogar com Deus, constatamos muitas características da oração, as quais detalharemos melhor no próximo item. Por ora, destacaremos apenas alguns elementos que aparecem no vocabulário bíblico que acabamos de apresentar.

O orante bíblico usa termos do cotidiano, que dizem respeito à vida das pessoas, para dialogar com seu Deus. Vimos uma lista de verbos e de expressões que pertencem, em primeiro lugar, às relações entre as pessoas e a vida diária: falar, gritar, pedir, suplicar, pedir

ajuda, louvar, agradecer, procurar, adorar... (MAGGIONI, 1988, p. 1276). Os termos utilizados revelam a riqueza de sentimentos com que o povo fala com Deus. Há muitas razões que explicam este jeito de rezar. Primeiramente, podemos dizer que para o orante Deus é uma pessoa que escuta, que vê, que fala. Com este Deus o crente conversa, discute e, a este mesmo Deus, dirige agradecimentos, preces, louvores. O orante bíblico, mesmo rezando na intimidade, está sempre em relação com a história do seu povo. A oração brota da vida, reza-se a vida, e no diálogo é possível conhecer a vontade de Deus e a partir daí, viver conforme esta vontade (LUTZ, 1999, p. 29).

Certamente este jeito de rezar traz ensinamentos ao povo das comunidades que reza ao redor da Palavra de Deus, uma vez que lendo, proclamando e meditando a Palavra, este povo aprende do orante da Bíblia a se relacionar com Deus.

Nos próximos itens, ao dissertamos sobre a oração bíblica e pós-apostólica, como já mencionamos, vamos levar em conta o processo histórico, por isso seguiremos a sequência a seguir.

2.3 A oração bíblica e pós-apostólica

Para o povo do Antigo Testamento, do qual somos herdeiros, a oração tem um papel fundamental, pois conserva estreita relação com Deus, mas com uma característica significativa: entrando em relação com Deus, o orante conhece e adere ao plano salvífico do Senhor sobre todo o povo, no qual o acontecimento culminante é a aliança (cf. Lv 26,12). Nessa relação, o Senhor se apresenta como Deus pessoal e vivente, providente, uno e único, paciente, compassivo e fiel, e ao mesmo tempo, poderoso, majestoso e santo, imanente e transcendente. Ao lado desta imagem de Deus caminha paralela uma forma de oração que com o tempo se vai delineando e aperfeiçoando: expressa reconhecimento e admiração, gratidão e aceitação do plano de salvação que lhe é oferecido, petição de perdão e confiante súplica no momento das necessidades, lamento e louvor. O ponto de referência na oração será sempre a aliança (cf. Jr 14,20-21).

A oração se ajusta à tipologia da aliança. Isto vale também para o Novo Testamento, que tem como fonte de inspiração a tradição orante do povo de Israel. A oração cristã não rompe com a tradição orante de Israel, mas apresenta uma originalidade que é a centralidade do próprio Jesus Cristo. Os cristãos rezam em nome e a exemplo de Jesus Cristo, o mediador da nova aliança (AZEVEDO, 1987, p. 119-120). Portanto, a cada página dos dois testamentos, constatamos que a revelação feita por Deus ao seu povo eleito está presente no

diálogo orante, que acontece a nível pessoal e comunitário. Esta experiência está presente em acontecimentos centrais da vida de Israel: na assembleia do Êxodo (cf. Ex 19, 3-24; 20,1-17; 24,1-11), na assembleia de Siquém (cf. Js 24, 1-28) e na assembleia de Esdras e Neemias (cf. Ne 8, 1-12) e se prolonga, de forma sempre atualizada, na vida das comunidades apostólicas e pós-apostólicas.

2.3.1 As assembleias orantes do Antigo Testamento

Afirmamos acima que a oração de Israel tem como ponto de referência a aliança. Podemos dizer mais ainda: a aliança não somente é ponto de referência para a oração, mas a oração é uma relação de aliança.

A oração tem se adaptado à estrutura da aliança e a estrutura da aliança se converteu em estrutura de oração. A dinâmica da aliança invadiu o campo da oração e a configurou à sua imagem. A relação que a aliança inaugura entre Deus e o seu povo é uma relação dinâmica em que ambas as partes se obrigam mutuamente (OÑATIBIA, 1990, p. 451, tradução nossa).

Podemos compreender melhor esta relação a partir da história do povo de Israel. Este povo realizou muitos pactos ou alianças ao longo de sua história: pactos entre indivíduos, pactos entre tribos, pactos entre nações, de forma que não é estranho, a partir da experiência que Israel tem de alianças, entender a sua relação com Deus como aliança.

Os referenciais para a oração ou relação com Deus não são simplesmente as alianças realizadas em nível humano, e sim a aliança que Deus fez com Israel aos pés do Monte Sinai (cf. Ex 19). Esta é chamada a aliança fundamental e fundante. A partir deste pacto, o Senhor torna-se Deus de Israel e Israel torna-se nação do Senhor: “Vós sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa” (Ex 19, 6) (LATORRE, 1993, p. 13-14).

Outros momentos da reunião do povo em assembleia orante são ocasiões para renovar a primeira aliança realizada no Sinai, como por exemplo, em Siquém (cf. Js 24, 1-28) e no tempo da restauração da identidade política e religiosa do povo, que é marcada pela assembleia de Esdras e Neemias (cf. Ne 8, 1-12).

Constatamos, então, que assembleias litúrgicas marcaram momentos decisivos da vida do povo de Israel. Segundo Souza (1992), uma razão para isto é que, certamente, Israel encontrou sua identidade comunitária na aliança com o Senhor e, de acordo com a tradição dos antigos, esta aliança começou, como já mencionamos, com a solene assembleia litúrgica, realizada no monte Sinai (cf. Ex 19).

Vamos ver de perto a dinâmica destas celebrações nas assembleias do Êxodo (cf. Ex 19, 3-24; 20,1-17; 24,1-11), de Siquém (cf. Js 24, 1-28) e de Esdras e Neemias (cf. Ne 8, 1-12). Em todas estas assembleias encontramos, de uma forma bem explícita, quatro elementos que revelam a dinâmica dialogal (cf. Quadro 1) entre Deus e o povo (e vice-versa): a convocação por parte do Senhor, a reunião na qual Deus se torna presente, a Palavra do Senhor dirigida ao povo e a conclusão feita com o sacrifício da aliança (DEISS, 1998, p. 43-50). Estas assembleias são profundamente marcadas por um encontro verdadeiro entre Deus e o seu povo.

Quadro 1 – Dinâmica dialogal entre Deus e o povo.

O Senhor convoca	O povo se reúne	O Senhor fala	O povo responde e acontece a comunhão entre Deus e o povo
- Convocação do povo por meio de Moisés: “Vai ao povo... estejam prontos depois de amanhã...” (Ex 19,10-13) - Josué convoca o povo em nome do Senhor (cf. Js 24,1) - Convocação da assembleia em nome de Deus (Ne 8)	- “Moisés fez o povo sair do acampamento ao encontro de Deus, e puseram-se ao pé da montanha” (Ex 19,17) - “Reuniu todas as tribos de Israel...” (Js 24,1) - “Todo o povo se reuniu como um só homem...” (Ne 8,1)	- “Deus pronunciou todas estas palavras” (o decálogo (Ex 20,2-17) - “Assim diz Senhor, o Deus de Israel...” (Js 24,2-13) - Leitura do livro da Lei (Ne 8,2-6)	- “Tudo o que Senhor disse, nós faremos”. (Ex 19,8; 24, 3.7) - Sacrifícios de comunhão e aspersão com sangue (cf. Ex 24, 5-6) - “Nós serviremos a Senhor...” (Js 24, 16-17. 21 - “Josué fez uma aliança...” (Js 24,25-28) - “Então Esdras bendisse a Senhor” (Ne 8,6). - “Todo o povo se retirou para comer e beber...” (Ne 8,12)

Fonte: Da autora, 2021.

Nestas assembleias há uma relação viva, pessoal e comunitária com o Deus verdadeiro e fiel que tem carinho e amor pelo seu povo. Esta relação de Deus com o povo e do povo com Deus é compreendida não em termos jurídicos, de pacto, e sim como uma relação de amor, como a de dois amantes: um amor gratuito da parte de Deus, que pede uma correspondência igualmente de amor da parte do povo. Acontece um intercâmbio, uma comunhão, um diálogo. Deus fala ao seu povo e povo responde a Deus (cf. SC 33).

Para compreendermos melhor como se dá a relação com Deus nas assembleias do Êxodo, de Siquém e de Esdras e Neemias, vejamos a dinâmica da aliança que possui um caráter dialogal. Esta dinâmica acontece num movimento duplo: descendente e ascendente.

Certamente este duplo movimento se percebe também nas ações litúrgicas e não pode faltar na oração litúrgica como expressão, que é, da aliança.

Primeiramente há um movimento descendente. Este acontece quando é realizado o memorial das ações maravilhosas de Deus na história dos homens e das mulheres, como por exemplo, em Josué: “Eu fiz os vossos pais saírem do Egito e chegastes ao mar...” (24, 6).

O movimento ascendente corresponde à resposta da comunidade em oração que se expressa em súplica, louvor, agradecimento, pedido de perdão, gestos: “Esdras bendisse ao Senhor, o grande Deus...” (Ne 8,6) (OÑATIBIA, 1990 p. 451-452). A recordação da fidelidade divina leva a comunidade a dar uma resposta.

Fazer primeiramente a memória dos feitos divinos na oração é reconhecer que a iniciativa é de Deus. A ação de graças, o louvor, o pedido, vem depois. Brotam da memória. (OÑATIBIA, 1990, p. 451-452). A *anámnesis* é memorial real e eficaz. Por ela, a oração introduz a comunidade orante na salvação histórica de Deus. Então o momento atual da oração se converte em momento da história da salvação. Não é à toa que todo judeu ao celebrar a Páscoa “se sente como se ele tivesse saído do Egito” (OÑATIBIA, 1990, p. 455).

O termo “recordar” se diz em hebraico *zakar*. É um dos verbos mais repetidos, em suas diversas formas, no Antigo Testamento. A tradução alexandrina da Bíblia para o grego no século II a.C., traduz este verbo pela raiz *mne* e seus derivados, entre eles *anámnesis*. São vários os significados destes termos: a) recordar (cf. Gn 40, 14.23; b); proclamar, celebrar, festejar – um acontecimento salvífico do passado, ao ser recordado, é motivo de celebração litúrgica (cf. Dt 5,15); c) crer, obedecer, converter-se (cf. Tb 2,2; Sl 22 (21), 28); d) louvar, confessar, bendizer (cf. Sl 30 (29), 5). A memória bíblica afeta toda a pessoa: uma referência ao passado, que além o presente mediante o compromisso da celebração, da conversão, da fé, do louvor. A memória bíblica abraça todo o conjunto de acontecimentos do passado em que se acham comprometidos Deus e a pessoa, que se fazem presentes renovando esta relação e projetando o futuro. Os sujeitos da recordação são: Deus e a pessoa (LATORRE, 1993, p. 55).

“O ponto culminante e o ponto de gravitação de todo o dinamismo estrutural é a oração. Deus nos convoca para a oração” (MALDONADO e FERNANDEZ, 1990, p. 187).

2.3.2 Na plenitude do tempo – Jesus ora, ensina a orar e ouve a oração

A revelação da oração na plenitude do tempo tem como protagonista Jesus, o Filho de Deus. Afirma Canals Casas (1994, p. 760):

Ele é a pedra angular sobre a qual se ergue o edifício da oração cristã, quer no referente ao seu significado, quer na sua eficácia. A encarnação do Filho de Deus, significa a fusão do diálogo eterno com o Pai – em união com o Espírito Santo – com suas aspirações mais relevantes do homem. Desde que o Verbo ergueu sua tenda entre nós, introduziu na terra o louvor celestial que é tributado a Deus. A partir de então ressoa no coração de Cristo o louvor divino com palavras humanas (cf. Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas [IGLH]; *Sacrosanctum Concilium* [SC] 83).

Santo Agostinho resume admiravelmente as três dimensões da oração de Jesus: “sendo o nosso Sacerdote, ora por nós; sendo a nossa Cabeça, ora em nós; e sendo o nosso Deus, a Ele oramos. Reconheçamos, pois, n'Ele a nossa voz e a voz d'Ele em nós” (S. AGOSTINHO in ANTOLOGIA LITÚRGICA, 2003, p. 765).

2.3.2.1 Cristo, orante do Pai

Conforme o autor da carta aos Hebreus, “foi ele quem, durante sua vida terrena, ofereceu orações e súplicas com grande clamor e lágrimas àquele que podia salvá-lo da morte, e foi atendido por causa de sua submissão” (Hb 5,7).

“O Filho de Deus, feito Filho da Virgem, aprendeu a orar segundo o seu coração de homem. Aprendeu as fórmulas de oração com a sua Mãe, que conservava e meditava no seu coração todas as ‘maravilhas’ feitas pelo Onipotente”, escreve o Catecismo da Igreja Católica (n. 2599).

Jesus rezava frequente e intensamente. A Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas (IGLH) sintetiza o que diz respeito aos momentos de oração de Jesus:

[...] quando o Pai revela sua missão (Lc 3,21-22); antes de chamar os Apóstolos (Lc 9,12); ao bendizer a Deus na multiplicação dos pães (Mt 14, 19; 15, 36; Mc 6, 41; 8, 7; Lc 9, 16; Jo 6, 11); ao se transfigurar no monte (Lc 9, 28-29); quando cura o surdo-mudo (Mc 7, 34); e ressuscita a Lázaro (Jo 11, 41 ss); antes de solicitar a confissão de Pedro (Lc 9,18); antes de ensinar aos discípulos como se deve orar (Lc 11,1); quando os discípulos voltam da missão (Mt 11 25 ss.; Lc 10, 21 ss); ao abençoar as crianças (Mt 19,13); e quando roga por Pedro (Lc 22,32).

Sua atividade quotidiana está muito ligada à oração. Mais ainda, como que brotava dela, retirando-se ao deserto e ao monte para orar (Mc 1, 35; 6, 46; Lc 5, 16; cf. Mt 4, 1 par.; Mt 14, 23); levantando-se muito cedo (Mc 1,35) ou permanecendo até a quarta vigília e passando a noite em oração a Deus (Lc 6,12) (n. 4).

Conforme a tradição de seu povo, Jesus participou da oração na sinagoga (Lc 4,16) e, supostamente, também no templo, a casa de oração (Mt 21,13). Ou seja, participou ativamente

da vida orante de Israel, pronunciando as orações de ações de graças sobre os alimentos (Mt 14,19; Mt 15,36), na última ceia (Mt 26,26) e na ceia de Emaús (Lc 24,30).

Jesus ora, conforme no diz a IGLH (n. 4), “já próximo da Paixão (Jo 12,27); em sua agonia (Mt 26,36-44) e na cruz (Lc 23,34-46; Mt 27,46); Mc 15,34), o divino Mestre nos ensina que a oração foi sempre a alma de seu ministério messiânico e do termo pascal da sua vida.”

2.3.2.2 Jesus ensina a rezar

Jesus não só rezou, mas ensinou a rezar (cf. Mt 7,7), com perseverança, persistência e humildade (cf. Lc 11,5-13; 18,9-14); em segredo e no escondimento (cf. Mt 6,5-6). Perante o pedido dos seus discípulos, ensinou-os a oração do pai-nosso (cf. Lc 11,2ss; Mt 6,9-13). Certamente os seus discípulos aprenderam, primeiramente, vendo o seu exemplo e, ainda, obedecendo ao mandato de Jesus de “rezar sempre, sem nunca desistir” (Lc 18,1).

Relata o Catecismo da Igreja Católica (CIC):

Quando ora, Jesus já nos ensina a orar. O caminho teologal da nossa oração é a sua oração ao Pai. Mas o Evangelho fornece-nos um ensinamento explícito de Jesus sobre a oração. Como bom pedagogo, toma conta de nós no ponto em que nos encontramos e, progressivamente, conduz-nos até ao Pai. Dirigindo-Se às multidões que O seguem, Jesus parte daquilo que elas já conhecem acerca da oração segundo a Antiga Aliança e abre-as à novidade do Reino que chega. Depois, revela-lhes em parábolas essa novidade. E, por fim, aos seus discípulos que hão de ser pedagogos da oração na sua Igreja, fala abertamente do Pai e do Espírito Santo (n. 2607).

E o Catecismo continua:

Quando Jesus confia abertamente aos discípulos o mistério da oração ao Pai, desvenda-lhes o que deve ser a oração deles e a nossa quando Ele tiver voltado para junto do Pai, na sua humanidade glorificada. O que há de novo agora é o “pedir em seu nome” (CIC, n. 2614).

2.3.2.3 Jesus atende a oração

Afirma o Catecismo da Igreja Católica:

A oração *a Jesus* já foi sendo atendida por Ele durante o seu ministério, mediante os sinais que antecipam o poder da sua morte e ressurreição: Jesus atende a oração da fé expressa em palavras do leproso (Mc 1, 40-41), de Jairo (Mc 5,36), da cananeia (Mc 7,29), do bom ladrão (Lc 23,39-42) ou feita em silêncio (dos que trouxeram o paralítico (Mc 2,5), da hemorroíssa que Lhe tocou na veste (Mc 5,28), as lágrimas e o perfume da pecadora (Lc 7,37-38). A súplica premente dos cegos: “Filho de David, tem piedade de

nós!” (Mt 9, 27), ou “Jesus, filho de David, tem piedade de mim!” (Mc 10, 47), foi retomada na tradição da *Oração a Jesus*: “Jesus Cristo, Filho de Deus, Senhor, tem piedade de mim, pecador!”. Seja a cura das doenças ou o perdão dos pecados, Jesus responde sempre à oração de quem Lhe implora com fé: “Vai em paz, a tua fé te salvou” (CIC, n. 2616).

2.4 A oração nas comunidades apostólicas

O livro dos Atos dos Apóstolos começa narrando, entre outras coisas, que os discípulos eram “assíduos e perseverantes na oração” (1,14). Seguindo o exemplo de Jesus e o seu mandamento, a Igreja ora. Os primeiros cristãos, logo depois da ressurreição do Senhor, como bons judeus, continuam seguindo os costumes da oração judaica como, por exemplo, o de frequentar o Templo de Jerusalém para orar (cf. At 2,46; 3,1; 5,12). A adesão a Jesus Cristo vai dando um sentido novo ao relacionamento da comunidade com Deus.

A mudança evolutiva da forma de orar das comunidades do Novo Testamento deve-se ao conhecimento progressivo do mistério de Cristo, conhecimento impulsionado pela ação do Espírito (cf. Cl 1,26-27; 2,2). Jesus é agora o novo Templo (Jo 2,19); é o sumo sacerdote (Hb 2,17; 7,23-28), é o liturgo por excelência (Hb 8, 1ss); é o único mediador da aliança (Hb 8,65).

A oração, ao lado da escuta da Palavra, da comunhão fraterna e da fração do pão (At 2,42-48), fundamenta a vida da comunidade de fé. Como na vida de Jesus, também os momentos decisivos da história da comunidade são marcados pela oração, mostrando com isto que o verdadeiro protagonista do caminho da Igreja é Deus. A comunidade reza para a substituição de Judas (At 1,24-26), na escolha dos sete (At 6,6), na libertação de Pedro e João (At 4,24-30). Pedro e João rezam para os convertidos batizados por Felipe na Samaria (At 8,15). Em diversas circunstâncias vemos Pedro rezar (At 9,40; 10,9) e Paulo (At 9,11; 13,3; 14,23; 20,36; 21,5). Os doze se reservam como dever primeiro o anúncio da “palavra” e a oração (6,4) (MAGGIONI, 1988, p. 1227) e a celebração da Eucaristia foi se tornando importante para a vida das comunidades cristãs (GAMARRA, 1998, p. 627).

Quanto às orações, as comunidades cristãs aceitaram, desde o começo, o estilo usado nas orações de Israel, cujo conteúdo é anamnético, bendicional, memorial (atualização das maravilhas de Deus) etc. Porém, agora, estas orações possuem a riqueza do mistério pascal de Cristo e da revelação feita pela sua palavra (cf. Ef 5,14; Fl 2,5-11; 1Pd 2,21-25). No Novo Testamento encontramos muitas orações, tais como: de ação de graças (cf. 1Cor 1.3-10), anamnéticas (cf. Ef 1,3-14), orações consagradas no cristianismo (cf. Mt 26,26; Lc 15,18; 1Cor 6,11), fragmentos bíblicos classificáveis entre os hinos e cânticos (cf. Lc 10,21-22; 1Pd

1,21-25; Ap 5,12-13), aclamações (cf. Lc 7,16; Ap 11,15-17), doxologias (cf. Gl 1,3-5; Ef 3,13-21), bênçãos (cf. Lc 19,38; Rm 19,5), saudações (cf. Lc 1,28; Cl 4,18; Gl 6,18), confissões de fé (cf. Jo 11,27; 1 Cor 12,3) etc. (GUERRA, 1994, p. 762). A oração neotestamentária, em geral, possui uma dimensão trinitária. É dirigida a Deus, o Pai (Abbá), no Espírito Santo e por meio de Jesus Cristo Senhor que se encarnou na história humana (cf. Ef 1,3-14).

Já mencionamos que interessa-nos aprofundar a oração realizada em comunidade. Por isso, vamos verificar a oração narrada em Atos 4,23-31, na ocasião da libertação de Pedro e de João da prisão:

Os apóstolos, os quais a comunidade acredita estarem ainda no cárcere, são colocados em liberdade e logo após a libertação, eles se reúnem com seus companheiros (cf. At 4,23). Na chegada deles, explode uma oração de alegre agradecimento. Mas não só agradecimento nem só pedido e sim uma busca – à luz das Escrituras – procuram entender o significado da perseguição que está marcando os horizontes da Igreja nascente (cf. At 4,24-28).

Na oração acontece o encontro entre a palavra e as situações que estão vivendo. A palavra se torna uma chave de leitura e de interpretação. O Sl 2 é lido sob a luz dos acontecimentos de Jesus: as nações são identificadas com os romanos, os povos com o povo hebreu, os reis com Herodes, os príncipes com Pilatos (cf. At 4,27). Na oração, as Escrituras são atualizadas e se tornam significativas aqui e agora. Se compreende que a perseguição, que vai se delineando, entra no plano de Deus como a paixão de Cristo. Consequentemente a comunidade não pede o castigo dos perseguidores, nem que se afastem as perseguições, mas pede coragem de anunciar abertamente Cristo, também na perseguição (MAGGIONI, 1988, p. 1227)¹⁹.

Encontramos nesta oração da comunidade reunida alguns elementos que denotam uma dinâmica dialogal. A comunidade reunida, iluminada pelo Espírito Santo, recorda as ações de Deus e recita o Salmo 2, lido em chave cristológica. Em seguida, a comunidade faz sua súplica a Deus e, ao terminar, “o lugar onde estavam reunidos tremeu, eles se encheram do Espírito Santo e anunciavam a mensagem de Deus com ousadia (At 4,31).

2.5 As assembleias orantes da Igreja pós-apostólica

Na época pós-apostólica, marcada pelo crescimento e amadurecimento da espiritualidade cristã, o estilo de oração é muito parecido com o das primeiras comunidades, portanto, uma oração de inspiração bíblica.

¹⁹ Para aprofundar mais: FABRIS, 1992, p. 145-147 e VVAA, 1983, p. 52-3. Ainda: HAMMAN, 1992, p. 82-83.

Temos entre as fontes antigas da oração da Igreja a “Didaqué” que prescreve a tríplice recitação cotidiana do ‘pai nosso’, acrescentando o embolismo: “porque teu é o poder e a glória nos séculos” (DIDAQUÉ, cap. VIII). Encontramos ainda na “Didaqué” uma oração de ação de graças com elementos da eucologia judaica (cf. DIDAQUÉ, cap. IX e X).

Também de inspiração judaico-cristã, temos as “Odes de Salomão”. Trata-se de uma coletânea de quarenta e dois poemas que contempla as maravilhas de Deus. Vejamos um exemplo:

O meu amor é o Senhor, e eu quero cantá-lo. Pois confio em seus louvores, e minha força repousa nele. Abrirei minha boca e através de mim seu Espírito proclamará a glória do Senhor e sua beleza. Nada subsiste fora do Senhor, pois ele existia antes que qualquer coisa existisse. Os mundos existiram pela sua palavra e pelo desígnio do seu coração. Glória e honra ao seu nome. Aleluia! (ODES DE SALOMÃO, *apud* HAMMAN, 1992, p. 88-90).

Para a oração, as comunidades contaram também com a grande contribuição de Clemente de Roma (+ 97) e Inácio de Antioquia (+ 107) que escreveram cartas repletas de alusões à oração litúrgica. Temos também as orações de alguns mártires transmitidas nas atas de seu respectivo martírio, por exemplo, são Policarpo de Esmirna (+ 156). A oração de seu martírio é inspirada na oração eucarística (CANALS CASAS, 1994, p. 762).

Segundo Gamarra²⁰ (1998), um grupo de cristãos do século III escreve sistematicamente sobre a oração, quer no sentido teórico, quer no prático. Eis alguns nomes: são Cipriano (+ 258), Tertuliano (+ 212), Clemente de Alexandria (+ antes de 215), Orígenes (+ 253).

A “Tradição Apostólica” de Hipólito (+ 215) apresenta bem estruturada a oração litúrgica da Igreja do Ocidente. A obra de Hipólito oferece elementos da oração eucarística. Certamente a celebração eucarística era a oração mais importante, a exemplo das comunidades apostólicas. Hipólito oferece, ainda, orações para a ordenação do bispo, do presbítero e do diácono e a oração da comunidade e do cristão nas diversas horas do dia, com mais insistência na oração da tarde ou lucernário (TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO, 1971, p. 38-39; 42-44).

A peregrina Egéria (século IV) conta que na Igreja da Ressurreição, em Jerusalém, antes do cantar do galo, monges e monjas cantavam hinos e antífonas até o nascer do sol. Os leigos também se uniam a essa oração (HAMMAN, 1992, p. 108). Nos relatos de Egéria

²⁰ Para aprofundar mais veja também HAMMAN, A., 1992, p. 98-117.

(1971, n. 10,7), em sua peregrinação à Terra Santa, constatamos a sequência leitura, canto e oração:

Nós, portanto, em chegando à planície, dirigimo-nos a esse sítio e aí dissemos uma oração; lemos ainda um passo do Deuteronômio e o cântico de Moisés e as bênçãos que proferiu sobre os filhos de Israel. Rezamos novamente após a leitura e, dando graças a Deus, dali nos afastamos. Era sempre o nosso costume que, onde quer que conseguíssemos aproximar-nos dos lugares procurados, aí rezássemos, em primeiro lugar, uma oração, lêssemos, em seguida, as palavras da Bíblia, disséssemos um salmo de acordo com a circunstância e outra oração.

E ainda um outro exemplo de oração, citado por Egéria, ao chegar ao poço de Jacó: “Chegando nós ao poço, disse o bispo uma oração e leu ainda o passo correspondente do Gênesis (Gn 29,10); após um salmo adequado ao lugar e nova oração, abençoou-nos”. (1971, n. 21,1).

Jungmann (1937) afirma que essa sequência – leitura, canto e oração – é o esquema fundamental que está presente nas ações litúrgicas desde o século III. Ele assim escreve:

Na antiguidade cristã, esta era a estrutura de todas as celebrações da palavra, de todas as liturgias de oração, também de todas as vigílias. No caso de uma vigília plena, que dura a noite toda ou pelo menos uma grande parte dela (na noite da Páscoa, mas igualmente antes dos domingos das quatro temporadas), este esquema se repetia várias vezes. Segundo a ordem dos primeiros séculos da idade média seguiam-se nestas ocasiões doze vezes leitura, canto e oração (JUNGMAN, 1939, p. 55-57, tradução Pe. Gregório Lutz).

E o autor continua:

Olhemos mais de perto. A oração constitui o ponto alto deste esquema. Tudo que precede tende para isso: a comunidade está reunida para rezar, mas a oração não pode começar de improviso. Num certo sentido, Deus deve primeiro nos chamar para a oração: antes de podermos rezar como cristãos e antes de nos dirigirmos a Deus, Ele deve ter se dirigido a nós pela sua Palavra. Por isso, no início do esquema litúrgico está a leitura. Em geral, a Palavra de Deus que ouvimos. Ora, acolhemos a Palavra de Deus com fé e gratidão. Deixamos que ela ressoe, por assim dizer, em nosso coração. Nele, ela provoca um eco, uma resposta, e essa resposta se exprime em canto. Por isso, à leitura segue um canto. E então, quando assim se criou a atmosfera certa, pode seguir a oração, podemos nos dirigir a Deus, rezar. A Igreja quer rezar: a assembleia cristã com o presbítero na frente, não o presbítero sozinho. O movimento da oração parte, portanto, da totalidade do povo reunido e depois, o presbítero resume a oração e a encaminha a Deus ‘por Cristo nosso Senhor’.

Este é o esquema fundamental que encontramos com toda clareza como base estrutural sobretudo nas fontes litúrgicas mais antigas. Pode acontecer que às vezes um ou outro elemento falte: omite-se a leitura, por exemplo, quando um determinado esquema de oração está em primeiro plano. Pode ser

omitido o canto, ou – quando se repete várias vezes o mesmo esquema – a oração como momento especial. Pode-se acrescentar, também, um elemento a mais: com a leitura pode-se juntar a homilia, ou o canto pode ser articulado ulteriormente. Mas também assim se mantém o esquema fundamental (JUNGSMANN, 1939, p. 55-57, tradução Pe. Gregório Lutz).

O povo do Antigo e Novo Testamentos, como também o da Igreja pós-apostólica, viveram intensamente a relação com Deus, muitas vezes comparada a uma relação amorosa. Esta relação supõe fidelidade e compromisso mútuo entre Deus e a pessoa ou a comunidade.

Na verdade, é uma relação em que há atuação ativa e atenta das duas partes:

No louvor, a Esposa, quer dizer, a Igreja, fala a seu Bem-Amado e se compraz em cantar-lhe as belezas; na leitura o Bem-Amado lhe dirige a palavra, por sua vez, e alegra-a com o som de sua voz; enfim, na oração, a Esposa que encontrou o Esposo, [...], que reconheceu sua presença e ouviu sua voz, fala-lhe, por sua vez e lhe confia seus desejos, suas dores e suas alegrias, suas necessidades e sua ação de graças (GRÉA, *apud* MARTIMORT, 1988, p. 126).

Na descrição da dinâmica relacional entre Deus e a comunidade, observamos a primazia da Palavra de Deus. A Palavra, proclamada e ouvida, recorda os feitos de Deus e depois desta recordação brota a resposta que se exprime de várias formas: súplica, agradecimento, louvor etc. Há um duplo movimento, de acordo com a dinâmica da aliança. Esta dinâmica está presente nos diversos exemplos que expomos acima, mesmo havendo variedade de elementos.

2.6 Elementos que caracterizam a oração bíblica e pós-apostólica

Nos itens anteriores deste capítulo nos ocupamos a apresentar a estrutura e dinâmica da oração e os elementos que a caracterizam. Achamos por bem detalhá-los melhor, por ser de grande importância aprofundarmos as raízes de nossa oração hoje. Por isso, descreveremos elementos que caracterizam a oração bíblica. Estas características estão presentes também no diálogo orante das comunidades pós-apostólicas. Os elementos que seguem, estão presentes nas orações realizadas tanto a nível comunitário como pessoal.

2.6.1 Orar: dialogar com Deus

Conta a história que um camponês passava longas horas de silêncio na Igreja: “Eu olho para ele e ele olha para mim. E ficamos felizes”.

Na Bíblia encontramos vários exemplos que descrevem a relação de amizade da pessoa com Deus. Vejamos alguns: “O Senhor falava com Moisés face a face, como um homem fala com o amigo” (Ex 33,11). Também em Jeremias: “Agora você me invoca, dizendo: ‘Meu Pai, tu és o amigo da minha mocidade’” (Jr 3,4). E ainda: “Abraão acreditou em Deus, e isso lhe foi creditado como justiça. E Abraão foi chamado amigo de Deus” (Tg 2,23) (HAMMAN, 1992, p. 159).

Na oração, Deus fala e a pessoa ou a comunidade escuta e responde (cf. Ex 19; Js 24, Ne 8; At 4,23-31). É na medida em que escuta que a pessoa (comunidade) se torna capaz de se interrogar, de ver e de compreender. É, portanto, um ir e vir, escuta e resposta.

Esse diálogo é pessoal no sentido que é realizado com uma pessoa e a abrange inteiramente. Deus é experimentado como aquele que está aqui (cf. Gn 15,1ss; 18,16-33; Mt 27,46). O encontro com Deus é face a face, de pessoa para pessoa. Ele é uma pessoa viva, na cólera e no amor, no perdão e na exigência (cf. Ex 34,5-7; Sl 86,5.15). A oração bíblica, portanto, nunca é um monólogo, uma descida até a profundidade do próprio eu, mas é sempre um sair de si, um colóquio com o Outro. Este colóquio é verdadeiro, tão real que muitas vezes assume a forma de discussão e de disputa. O colóquio com Deus se move simultaneamente entre dois polos: transcendência e imanência, vizinhança e distância, confiança e temor (MAGGIONI, 1988, p. 1229, tradução nossa).

2.6.2 Orar: responder à iniciativa de Deus

Desenvolver uma relação de intimidade com Deus não depende apenas de uma capacidade natural da pessoa. A oração é um dom de Deus. Se quisermos orar, a primeira atitude deve ser a de pedir esse presente gratuito do Senhor (cf. CIC 2559-2565)²¹.

Uma das características da oração judaico-cristã é a de ser uma resposta à iniciativa de Deus, do Deus que fala, que é pessoal. Não é a pessoa humana que toma a iniciativa na oração, pois Deus a chama por primeiro (cf. Ex 19,3ss; Js 24,1); e a este chamado a pessoa humana responde com a oração.

Segundo Souza e Guimarães²² (1995, p. 14), assim como o judaísmo, o cristianismo é na realidade uma religião de um Deus que procura a pessoa e que toma a iniciativa de amá-la, salvá-la e com ela formar uma unidade na caridade (cf. Is 49,1ss; 66,18-20; Jr 1,5; Ez 34,11-16; Mt 18,12-13). Conforme Souza (1992, p. 19-20), é o Senhor que se manifesta ao seu povo. Ele nos chama e nos convoca a um diálogo de amor, a uma experiência de relação conjugal de aliança profunda e verdadeira (cf. Ct 4,1ss; Os 2,16-25). “Razão disso é o seu

²¹ Ver também: SOUZA; GUIMARÃES, 1995, p. 14-15.

²² Ver ainda: BEAUCHAMP, 1977, p. 684.

amor por nós, pois nos amou antes que nós existíssemos e nos chama antes que tenhamos dado o mínimo passo em direção a ele (cf. Ex 3,7ss; Jr 31,3; 1Jo 4,7-16)” (HARING, 1989, p. 843).

2.6.3 Orar: fazer memória das maravilhas de Deus

O Deus a quem o povo se dirige é alguém que penetrou em sua história. Verdadeiramente, o Deus dos patriarcas (cf. Gn 15,1-2ss; 48,15), do êxodo (cf. Ex 3,1-15; 15,1-21; 19), dos juízes (cf. Jz 1,2; 4,23; 5 ss), dos profetas (cf. Is 1,10ss; 10,24; 43,1; 49,15-16; Jr 1,5; Jr 12,1; Ez 36,33-36; Na 1,1-7; Hab 3,2), dos sábios (cf. Ecl 5,3; 7,13; 12,1; Ct 1,2-4; 2,8-17; Sb 9ss), de Jesus (cf. Mt 6,9ss; Jo 17,1), dos apóstolos (cf. At 1,4; 4,24; Ef 1,31; Pd 1,3; 1Jo 3,1), o nosso Deus é aquele que se revelou e se tornou presente no meio do seu povo, atuando ativamente na história. Ele realizou e realiza maravilhas que permanecem para sempre como ‘memorial’; estabeleceu uma aliança, à qual continua sempre fiel; projeta o seu povo em direção às promessas futuras. Ao recordar estas maravilhas de Deus, ações e promessas (cf. Js 24,2-13; At 4,24), brota do seio da comunidade orante, ou do indivíduo que reza, o louvor (cf. Sl 22,23; Ap 5,13; 19,5) e ação de graças pelos feitos (cf. Sl 69,31; Jr 30,19; Ap 7,11) e também a súplica (cf. Sl 21,3; Mc 5,23), o lamento (cf. 1Sm 7,2; Mq 1,8; Ap 1,7), a confissão da própria fraqueza (cf. Sl 32,5; Dn 9,4ss; Tg 5,16), a intercessão por causa das promessas não realizadas (cf. Ex 32,7-14; Ez 22,30; Sl 106,23; Eclo 45,23; Hb 4,1,1 – 5,10; 4-7,25) (CASTELLANO, 1992, p. 815-816).

2.6.4 Orar: relacionar-se na aliança

Descrevendo sobre a oração nas assembleias do Antigo e Novo Testamentos, já mencionamos a oração como relação de aliança. Por considerarmos esta característica de grande importância para o nosso tema, vamos acrescentar ou reforçar alguns elementos.

A oração é uma relação viva e pessoal com o Deus verdadeiro (cf. CIC, n. 2558). É mais que palavras, mais que fórmulas, mais que gestos. É a relação mesma que se estabelece entre Deus e seu povo, é uma relação de aliança. Como afirmam Sesboué e Guillet (1977, p. 158):

O israelita que vive fiel à aliança encontra Deus dum modo mais íntimo ainda, nas duas formas fundamentais da oração: no impulso espontâneo de admiração e alegria diante das maravilhas divinas, que suscita bênção, o

louvor e a ação de graças; - e na súplica apaixonada na busca da presença de Deus (Sl 42,2-5; 63,2-6), dum encontro que mesmo a morte não possa desfazer (Sl 16,9; 49,16; 73,24).

A palavra aliança “antes de designar as relações da pessoa humana com Deus é de esfera da experiência social e jurídica entres as pessoas (cf. Gn 14,13-21; 1Rs 5,26; 15,19, Am 1,9; 1Sm 23,18)” (GIBLET e GRELOT, 1977, p. 26). A aliança dos hebreus foi feita entre as tribos, em nome de Deus (no Senhor). Deus era uma espécie de fiador, mas a aliança era com o povo. Depois, pouco a pouco, descobriram que Ele mesmo entra como parceiro desse casamento. Viram que através de Noé Deus firmou uma aliança com toda a humanidade e até com a natureza. Garantiu não mais destruir a terra (cf. Gn 9). Por meio de Abraão, Deus estabeleceu uma aliança com um povo (Israel), prometendo-lhe terra e descendência (cf. Gn 15 e 18) para que Israel fosse sinal e instrumento da aliança de Deus com toda a humanidade. Com Moisés, depois de ter tirado o povo da escravidão, Deus consagrou seu povo por meio de uma aliança (cf. Ex 19; 24). Em Siquém, o povo teria renovado entre si essa aliança para permanecer nos caminhos do Senhor (cf. Js 24).

Em vários momentos da história, os profetas recordaram que a vida do povo estava comprometida pela aliança e chegaram a dizer que ela seria renovada, não mais através de um documento escrito em tábuas de pedra, mas nos corações das pessoas (cf. Ez 36). Jesus retomou esse projeto mais profundo de Deus com Israel e o estendeu a todas as raças e culturas, firmando conosco uma nova aliança (cf. Lc 22,20; Hb 8) (SOUZA e GUIMARÃES, 1995, p. 64).

A oração, como já dissemos, é compreendida como uma relação de aliança, um compromisso de amor-casamento entre o amado e a amada que o Senhor fez com seu povo e no qual cada crente se situa.

Cada parte deve se apresentar na sua verdade e, ao mesmo tempo, abrir espaço para que o outro se manifeste na sua verdade. Há um misto de passividade e de atividade em cada parte. É preciso silenciar e escutar [...], mas é preciso também se esforçar para comunicar-se (SOUZA e GUIMARÃES, 1995, p. 61).

Aí se vive a comunhão com Ele, há uma cumplicidade, um pacto, uma parceria (cf. Ez 36,18) (SOUZA e GUIMARÃES, 1995).

2.6.5 Orar: um ato de amor a partir da aliança

Quando cultivamos uma amizade, um amor, vai surgindo uma espécie de cumplicidade entre a gente e a pessoa amiga, e mais ainda com a pessoa amada (cf. Ct 2,16). Suas opções, desejos e projetos tornam-se os nossos (cf. Ex 19,8; At 3,1-10; Gl 2,20). E os nossos projetos, opções e desejos tornam-se os dela. A oração é assim, uma relação de intimidade amorosa com Deus, é diálogo entre Deus e as pessoas, é sempre um face-a-face, um tu-a-tu. A oração é um estar junto com o Senhor, um permanecer com Ele, é um ato de comunhão de amor. Estamos no terreno da reciprocidade, do compromisso mútuo. É o que bem escreve Mcdermott (1982, p. 26-28):

Não existe experiência afetiva mais fundamental na oração cristã do que este *affectus*²³, do que ser atingido pelo amor acolhedor de Deus que desconhece condições e restrições. [...] É uma experiência preciosa que nos capacita para aceitar o verdadeiro Deus de modo novo como também aceitar-nos a nós mesmos e a nossos irmãos e irmãs de modo estimulante. [...] O amor que aceita gera o amor que aceita. É a experiência da pessoa amada ser chamada à existência, fruto de um ato de amor, aqui e agora.

A oração tem sua nascente no coração. “É o coração que reza (cf. Dt 4,29-31; Cl 3,16). Se ele está longe de Deus (cf. Is 29,13; Mt 15,8), a expressão da oração é vã”. (CIC, 2562). O Catecismo da Igreja Católica, falando do coração como lugar onde brota a oração diz:

“O coração é a casa em que estou, onde moro (segundo a expressão semítica ou bíblica: onde eu ‘desço’). Ele é o nosso centro escondido, inatingível pela razão e por outra pessoa; só o Espírito de Deus pode sondá-lo e conhecê-lo. (...) É o lugar da verdade, onde nós escolhemos a vida ou a morte. É o lugar do encontro...”. (CIC, 2563).

J. Corbon, falando da oração particular que se aplica também à comunitária, afirma:

Se, nos determinarmos a rezar, humildemente e disponíveis ao Espírito Santo, então todo o nosso ser descerá para o coração e será recolhido em sua fonte. Para nós, existencialmente, todo o movimento da liturgia vivida e celebrada parte daí. [...] Somente no coração é que somos e nos tornamos nós mesmos. O coração é o lugar do autêntico encontro consigo mesmo, com os outros, mas especialmente com o Deus vivo. [...] O coração é o lugar da decisão, o momento pessoal do ‘sim’ ou do ‘não’ (1981, p. 157).

²³ MCDERMOTT, B. descreve a afeição como “atividade intencional. (...) As afeições são respostas ao mundo, às pessoas e ao Senhor que se oferece através do mundo. (...) Às afeições são relacionais, envolvem compreensão, escolha e afinamento fundamental, embora concreto com o mundo. São disposições do coração...”. O sacramento como evento-oração. *Concilium*, n. 179, p. 25.

Em síntese, podemos afirmar que o coração é o lugar da aliança. Rezar, celebrar num clima orante é estar presente de todo coração. Vale lembrar que estamos entendendo coração assim como o entende o povo da Bíblia. Nas palavras de Fraine (1977, p. 175-176):

[...] além dos sentimentos (2 Sm 15,13; Sl 21,3; Is 65,14), o coração contém também as recordações e as ideias, os projetos e as decisões. Deus deu às pessoas “um coração para pensar” (Sl 17,6); o salmista evoca “os pensamentos do coração” do próprio Deus, isto é, o seu plano de salvação que persiste de idade em idade (Sl 33,11). “Grandeza de coração” (1Rs 5,9) evoca a extensão do saber, “dá-me o teu coração” pode significar “presta-me atenção” (Pv 23,26), e “coração endurecido” comporta o sentido de espírito obtuso. [...] É preciso muitas vezes remontar para além das distinções psicológicas, até ao centro do ser, lá onde a pessoa dialoga consigo mesma (Gn 17,17; Dt 7,17), assume suas responsabilidades, se abre ou se fecha a Deus. Na antropologia concreta e global da Bíblia, o coração da pessoa é a própria fonte de sua personalidade consciente, inteligente e livre, o lugar onde faz suas opções decisivas, o da Lei não escrita (Rm 2,15) e da ação misteriosa de Deus. No AT como no NT, o coração é o lugar onde a pessoa encontra Deus, encontro que se torna plenamente efetivo no coração humano do Filho de Deus. [...] “A pessoa olha a aparência, mas o Senhor olha o coração” (1Sm 16,7). “Deus perscruta o coração e sonda os rins” (Jr 17,10; Si 42,18) e desmascara a mentira constatando: “Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim” (Is 29,13). Diante de Deus a pessoa se sente assim posta em questão bem no âmago do seu próprio ser (Hb 4,12s). Entrar em relação com Deus é “arriscar o coração” (Jr 30,21-24). [...] Para encontrar a Deus é preciso “buscá-lo de todo coração” (Dt 4,29).

Este entendimento passa pelo lugar da compreensão afetiva e da escolha humana, lugar de toda a vida psicológica, intelectual, moral e religiosa. Lugar da decisão vital, comprometendo a pessoa como um todo. É fonte de personalidade consciente, inteligente, livre, e lugar da misteriosa ação de Deus. É a pessoa como um todo, vista em sua realidade interior, e não apenas em seus atos externos (BUYST, 1994, p. 11).

2.6.6 Orar: comprometer-se com a história

Na Bíblia, a oração está relacionada diretamente aos acontecimentos:

Ora-se a partir do que aconteceu, do que acontece e para que aconteça alguma coisa, para que a salvação aconteça. O conteúdo da oração situa-se na história. Constatamos permanentemente que grandes momentos dessa história estão marcados pela oração dos mediadores e do povo todo que se baseiam no conhecimento da Palavra de Deus para obter sua intervenção na hora presente (BEAUCHAMP, 1977, p. 677).

Encontramos a oração patriarcal essencialmente ligada à promessa da terra e da descendência (cf. Gn 15,1-22; 17,1ss; 18,23-32), a oração do êxodo e do caminho do deserto (cf. Ex 15; 32,11-14; 30-34), a oração de Israel sedentário na terra da Palestina (cf. Js 24,1ss; Jz 5,1-31; Sl 68; Sl 82; Sl 136), a oração do exílio, carregada de interrogações (cf. Sl 74; Sl 79; Sl 80; Sl 137; Jr 20,7-18, Hab 1,1-17;), a oração por Cristo no Espírito do NT (cf. Ef 1,3-14; Cl 1,13-20; Ap 11,15-18; 12,10-12; 19,6-8). Deus fala à pessoa na história e a pessoa responde a Deus dentro da história, assumindo a linguagem, a cultura e os problemas. O indivíduo nunca está separado da história do seu povo e reza sempre como membro do seu povo (MAGGIONI, 1989, p. 1229).

Rezar então se torna um meio de assumir responsabilidades no mundo. Dar graças a Deus pela história da salvação é reconhecer as exigências que essa história faz e se comprometer com elas (SOARES-PRABHU, 1990, p. 59). A pessoa que reza, começa a agir: não em vez de orar, mas porque ora (SCHALLER, 1993, p. 596).

2.6.7 Orar: permitir que o Espírito aja em nós

Na raiz da oração cristã está o Espírito. Viver e orar como cristão é viver e orar no Espírito. O Espírito conhece as profundezas de Deus e o mais profundo do interior da pessoa humana (cf. 1Cor 1,10-11). É o Espírito que ora em nós (cf. Rm 8,15). As melhores orações do Novo Testamento são pronunciadas por pessoas que estão plenas do Espírito Santo: o próprio Jesus (cf. Lc 10,21), Isabel (cf. Lc 1,41-45), Maria (cf. Lc 1, 46-55), Zacarias (cf. Lc 1,67-79) e Simeão (cf. Lc 2,29-32).

Paulo dá peso particular ao fato de que a reta oração é obra do Espírito Santo (cf. Gl 14,6). Para ele, é o Espírito que nos faz gritar: Abba, Pai! (cf. Rm 8,15; Gl 4,6). A oração é uma relação filial. E mais ainda, a relação com Deus como Abba (papaizinho). O mundo da oração conhece esta palavra, típica de Jesus, precisamente em sua dimensão oracional (GUERRA, 1994, p. 752)²⁴.

A oração não é, simplesmente, fruto da capacidade humana:

Como a fé da qual jorra, com a qual, aliás, quase se identifica, ela é dom que vem do alto (cf. Ef 6,18: orar no Espírito). Para Paulo, orar é, definitivamente, um falar do Espírito que impulsiona o crente (cf. 2Cor 3,17; Jo 4,23s). Por isso, a eficácia da oração não depende da eloquência humana ou de predisposição particular interior. O apóstolo sublinha que, ao contrário, a oração, suscitada pelo Espírito, sustenta e reforça ao mesmo

²⁴ Também em LUTZ, 1999, p. 27-28.

tempo a certeza da salvação (cf. Rm 8,16). [...] Também para João, a novidade da oração cristã está no fato de ser produzida pelo Espírito como demonstra Jo 4,23s (“os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade”). (SCHÖNWEISS, 1986, p. 1400, tradução nossa).

É na comunhão do Espírito que a oração cristã é oração na Igreja (cf. CIC 2670-2672). “A presença do Espírito dá à oração cristã cunho e tonalidade próprios do mundo do Espírito. Ser espiritual é ser orante e ser orante é ser espiritual” (GUERRA, 1994, p. 753). Não pode haver oração cristã sem a ação do Espírito Santo, o qual, realizando a unidade da Igreja, nos leva ao Pai por meio do Filho.

Desde que descrevemos os termos utilizados para a oração, nos dois testamentos, o significado do termo oração se tornava mais claro. Decidimos prosseguir este caminho de busca a fim delimitar ainda mais o que é realmente oração.

O Pe. Gregório, em seu artigo, *“Da liturgia podemos aprender a orar”*, já citado nesse trabalho, dizia que mesmo a liturgia deve aprender a rezar da Bíblia (LUTZ, 1999, p. 30), por isso, fomos buscar nessa fonte, como se reza, sobretudo a oração realizada em assembleia. E como aprofundamos a oração, considerando seu processo histórico, tratamos também da oração na Igreja pós-apostólica.

O Deus a quem o orante se dirige é um Deus pessoal, vivo e ativo. Ele, o Deus verdadeiro, criador de tudo e de todos. Esse Deus, ao se revelar, dá-se a conhecer. O orante coloca-se num processo de escuta e, ao escutar, recorda, lembra, atualiza os feitos salvíficos do Senhor da aliança. A relação entre Deus e o orante aprofunda-se até ser comparada a uma relação de aliança sponsal de dois amantes. Tanto o orante individual, quanto o coletivo, rezam desta maneira. As comunidades dos primeiros séculos aprenderam este jeito de rezar. Infelizmente nem sempre foi assim. Houve um tempo de desintegração: oração particular e litúrgica se distanciaram das fontes e cada vez mais foi se tornando conflitiva a relação entre as duas. É o que vamos verificar antes de dissertarmos sobre a oração litúrgica com suas características.

2.7 Oração litúrgica e oração particular – duas dimensões do mesmo ato de amor

Na Bíblia é difícil distinguir oração litúrgica e oração particular. O orante reza sempre como membro de um povo. A oração litúrgica é profundamente pessoal e a oração particular é impregnada pelo espírito da oração comunitária e litúrgica. Esta integração harmônica entre as expressões de piedade litúrgica e particular se estende até fins do século VI (LUTZ, 1999, p.

30)²⁵. Até essa época, a liturgia é realmente o momento culminante onde se manifesta a piedade da comunidade e do indivíduo.

[...] a partir dos documentos é bastante evidente que, desde a era apostólica e durante os primeiros séculos da vida cristã, a prática da oração era exercitada de forma preferencialmente comunitária e no âmbito da celebração litúrgica. A oração particular certamente tinha seu espaço; mas o ‘exercitium’ da piedade cristã se identificava mais facilmente com as diversas formas de ação litúrgica [...] (RUFFINI, 1989, p. 373).

Isto é assim porque as celebrações respondem perfeitamente às necessidades e exigências do cristão e da cristã. Vejamos o que afirma Ruffini:

[...] enquanto as comunidades cristãs eram pequenas e disseminadas, as celebrações litúrgicas, sem perder sua natureza íntima e comum de ‘memorial’ dos mistérios salvíficos de Cristo, se diferenciavam notavelmente a nível ritual. Este fato, permitindo imensa criatividade e, portanto, boa resposta às exigências de cada contexto cultural concreto, permitia às celebrações litúrgicas serem igualmente expressão da piedade comunitária e da individual (1989, p. 373).

A comunidade e o indivíduo satisfazem sua piedade na celebração sem necessidade de outros meios. Não faltam expressões de piedade particular, porém de inspiração litúrgica (LUTZ, 1999, p. 30)²⁶.

Nos inícios, como afirma o Diretório sobre Piedade Popular e Liturgia (DPPL), “[...] Liturgia e piedade popular não se contrapõem nem conceitual, nem pastoralmente: concorrem harmoniosamente para a celebração do único mistério único de Cristo, considerado unitariamente [...]” (n. 23).

2.7.1 Início da tensão entre oração litúrgica e oração particular

Com o passar dos anos houve uma desintegração entre a oração litúrgica e particular²⁷. A partir da idade média, começando nos países de línguas germânicas, quando o povo não entendia as orações litúrgicas feitas em latim e a liturgia se tornou propriedade do clero, o povo foi fazendo seu próprio caminho e, desta forma, distanciando-se da oração litúrgica e de inspiração bíblica. Sendo a liturgia reservada ao clero, a Igreja tornou-se sinônimo de

²⁵ Veja ainda GONZÁLEZ, 1987, p. 360.

²⁶ Ver ainda GONZÁLEZ, 1987, p. 360-1.

²⁷ Vamos tentar fazer um balanço histórico, das relações entre essas duas dimensões da oração e suas formas de expressão, embora saibamos que não será fácil e nem exato, uma vez que o fenômeno é bastante complexo.

hierarquia, aumentado assim o abismo entre oração particular e oração litúrgica (LUTZ, 1999, p. 30).

Infelizmente nota-se que “a diferença entre liturgia e piedade popular é progressivamente determinada e acentuada, a ponto de criar um dualismo celebrativo: paralelo à liturgia, celebrada em língua latina, desenvolve-se uma piedade popular comunitária, que se expressa no vernáculo”. (DPPL 29, tradução nossa).

Outros fatores contribuíram para esta tensão, tais como: a fixação da liturgia no seu aspecto ritual, o florescimento dos mosteiros e famílias religiosas e o nascimento de novas classes sociais. Sobre a homogeneidade da liturgia Ruffini (1989, p. 373) afirma que:

[...] à medida que as comunidades foram crescendo e se espalhando e adquirindo uma forma mais orgânica, a liturgia se tornou mais homogênea e praticamente idêntica, inclusive a nível ritual, em vastas zonas territoriais. Este processo de homogeneização, enquanto de um lado, daria a povos étnica e culturalmente diferentes a vantagem de expressar, também de maneira visível, através de ritos idênticos, a unidade de sua fé, por outro, conferiria às celebrações litúrgicas aquele tom de um caráter oficial que, inevitavelmente, limita as possibilidades de expressão das tradições locais e da piedade pessoal, que a partir deste momento, sentiram a necessidade de reservar para si outros espaços de oração.

Sobre o florescimento dos mosteiros, o autor acrescenta que:

[...] Nas diversas escolas monásticas da alta idade média, nas quais se continuava concedendo amplo espaço à piedade litúrgica e à oração comunitária, os exercícios de piedade foram temas de diversos tratados doutrinários, transformaram-se em expressão de um método de oração [...] (RUFFINI, 1989, p. 373).

O clero, pouco formado, celebra a liturgia de modo formalista e frio; os fiéis participam cada vez menos; as famílias religiosas criam suas devoções características; os feudos e o povo têm suas práticas devocionais próprias (patronos, festas, novenas e outras práticas). Surgem os primeiros devocionários para satisfazer as exigências individuais, fora e durante a celebração litúrgica (GONZÁLEZ, 1987, p. 361).

2.7.2 Agravamento da tensão

Do século X até o XVII²⁸ a tensão entre liturgia e exercícios de piedade²⁹ vai se agravando, tornando-se um verdadeiro dualismo cultural, os exercícios de piedade convertem-se em componente essencial da espiritualidade. Em oposição à liturgia clericalizada e incompreensível surge outra, em que o povo é protagonista com o apoio dos religiosos.

Nestas práticas são desviados os acentos celebrativos. O Cristo Kyrios, centro do ano litúrgico, cede ao Cristo homem e paciente; nascem as devoções realçando a humanidade de Cristo; a eucaristia como celebração da páscoa do Senhor cede lugar à presença real; a Virgem Maria mãe de Cristo associada a seu mistério dá lugar à ‘mediadora’ de graças, surgem então os ‘ofícios’ e as antífonas de Nossa Senhora; os santos, de amigos de Deus e cristãos qualificados, tornam-se protetores, intercessores, defensores e agentes de prodígios; nascem os ‘ofícios menores’, compostos pelos monges que recitam depois do Ofício da Igreja e o povo os recita como ‘exercícios de piedade’; surgem o rosário, a via-sacra, o *angelus*, as novenas, os tríduos (GONZÁLEZ, 1987, p. 362).

Estas novas formas culturais, chamadas de formas de devoções, inspiradas no mistério cristão, nasceram, contudo, fora da liturgia e em parte para substituí-la ou como adaptação dela, tornando-se mais compreensível a nível popular.

Julian López Martín (1997) faz uma distinção entre devoção e devoções, que vale a pena transcrever aqui:

Por devoção costuma-se entender a inclinação interior do homem para Deus e para tudo que representa o mundo religioso. Equivale a piedade para com Deus e para com tudo o que é santo. [...] As devoções, no plural, são o conjunto de tendências ou preferências particulares dentro do culto cristão para algum aspecto concreto do mistério de Deus ou de Cristo, da Santíssima Virgem ou dos santos, ou da espiritualidade cristã, mas também compreendem as práticas externas ou exercícios piedosos como expressão de uma tendência do espírito. Neste sentido as devoções são ato de oração ou práticas religiosas que surgiram na maioria das vezes da iniciativa privada e adquiriram carta de cidadania entre os fiéis, merecendo em muitos casos o reconhecimento e até a recomendação da parte da autoridade eclesiástica. “Devoções” é, portanto, uma denominação coletiva de todos os exercícios de oração práticas religiosas que, embora não tenham sido incorporados à liturgia, alcançaram certa expressão social e organizacional (p. 364-365).

²⁸ Como veremos no próximo item, em meados do século XVII e durante o século XVIII, surgem reações ao devocionalismo.

²⁹ Ao descrevermos sobre a relação entre oração litúrgica e oração particular, às vezes, ao invés de oração particular, usamos a terminologia exercícios de piedade. Na verdade, não são sinônimos, mas possuem elementos comuns, pois a oração particular sempre esteve relacionada com os exercícios de piedade.

“Assim, as 150 ‘ave marias’ do rosário são a reprodução dos 150 salmos do saltério litúrgico dos clérigos e a tríplice oração diária do *Angelus Domini* repete também na forma, substituindo os salmos pelas ‘ave marias’, a oração da manhã, do meio-dia e da noite” (MARSILI, 1992, p. 650).

Deste modo, as ações litúrgicas vão se diluindo em exercícios variados de piedade nem sempre entendidos retamente (GONZÁLEZ, 1987, p. 362). As devoções vão aumentando, a liturgia vai desaparecendo de cena, os exercícios de piedade tornam-se fonte de espiritualidade por terem mais capacidade de unir os fiéis a Deus. Os meses devocionais: maio, outubro, novembro, dedicados à Maria, ao rosário e aos defuntos substituem os ciclos do ano litúrgico. O culto eucarístico cresce com a comunhão fora da missa, as procissões e as adorações. Nascem novas devoções a Maria, surgem novos santuários, aumentam-se as peregrinações e o terço é rezado durante a missa. Há um visível crescimento da devoção aos santos com a introdução dos processos de beatificação e exposição de relíquias (GONZÁLEZ, 1987, p. 362-364).

As congregações religiosas vivem à base de exercícios piedosos. Os monges reúnem-se para rezar os salmos numa linha mais devocional do que litúrgica. Também Francisco de Assis e outros, embora tivessem um profundo amor à eucaristia e à liturgia, tiveram que desenvolver sua espiritualidade através de outros métodos. Nesta linha, temos ainda Inácio de Loyola que, devido ao artificialismo dos ofícios divinos, dispensa os jesuítas da participação deles. Tereza de Jesus e João da Cruz recomendam a oração mais individual e personalizada, porque a Igreja sobrecarregava as pessoas de fórmulas vocais e métodos de meditação quase automáticos (SOUZA, 1992, p. 24). A vida espiritual dos pastores, dos(as) religiosos(as) e dos fiéis se apoia mais nas práticas de piedade. As formas de oração são mais interiorizadas e menos comunitárias (GONZÁLEZ, 1987, p. 364).

Este jeito de rezar mais intimista, certamente é uma influência da devoção moderna³⁰ que propunha “que para ter uma nova vida espiritual era preciso voltar-se para uma profunda

³⁰ O Diretório sobre piedade popular a liturgia afirma: “... Na segunda metade do século XV, a *devotio moderna*, que teve insígnies mestres de espiritualidade e atingiu notável expansão entre clérigos e leigos cultos, favorece o surgimento de práticas de piedade de fundo meditativo e afetivo, que têm como principal ponto de referência a humanidade de Cristo – os mistérios de sua infância, da vida oculta, da Paixão e da Morte. Todavia, a primazia concedida à contemplação e à valorização da subjetividade, unidas a um certo pragmatismo ascético, que exalta o empenho humano, fazem com que a Liturgia não apareça como fonte primeira da vida cristã aos olhos dos homens e mulheres de grande ascendência espiritual” (n. 34).

E o Diretório continua: “É considerada como expressão característica da *devotio moderna*, a célebre obra *De imitatione Christi* [A imitação de Cristo], que exerceu uma extraordinária e salutar influência extraordinária em muitos discípulos do Senhor, desejosos de alcançar a perfeição cristã. A *Imitação de Cristo* orienta os fiéis para uma piedade mais individual, na qual se acentua o desapego do mundo e o convite a ouvir a voz do Mestre interior; menores parecem os espaços dados aos aspectos comunitários e eclesiais da oração e às instâncias da

vida interior, orientada para a imitação de Cristo e que se deve alcançar através da meditação e da oração particular” (MARSILI, 1987, p. 80). Estas práticas não são tanto a causa e sinal de uma decadência espiritual-litúrgica. Diante de uma liturgia decadente, as práticas de piedade impuseram a tarefa de refazer uma liturgia que fosse viva em nível de povo (MARSILI, 1987, p. 187). Nesse contexto, vimos, até mesmo, algumas festas que transformaram as ‘devoções’ em ‘liturgia’, por exemplo: a festa de Corpus Christi, de Nossa Senhora do Rosário, do Sagrado Coração de Jesus etc.

O Diretório sobre a piedade popular e liturgia afirma:

[...] Entretanto, prevalece o fenômeno de um certo dualismo entre liturgia e piedade popular. Já no final da Idade Média, ambas atravessaram um período de crise: na Liturgia, por causa da ruptura da unidade cultural, elementos secundários adquirem uma importância excessiva em prejuízo dos elementos centrais; na piedade popular, por causa da falta de uma catequese profunda, desvios e exageros ameaçam a correta expressão do culto cristão (n. 33).

2.7.3 Iniciativas de reintegração

As iniciativas de reintegração surgem desde os primeiros sinais de um renascer litúrgico, já nos séculos XVII e XVIII. Estas tentativas eram cheias de um forte matiz de espiritualidade e de grande interesse pela oração eclesial. A publicação dos livros neogalicanos³¹ por exemplo, se propôs a dar aos fiéis uma ampla leitura da Escritura e, pouco mais tarde, o Sínodo de Pistóia (1786) insistia em outra vertente do diálogo com Deus: o significado espiritual da oração litúrgica. Os livros neogalicanos propunham uma maior escuta de Deus na Sagrada Escritura e o Sínodo tinha a preocupação de que, na oração, o crente falasse mais eclesialmente com Deus. Devido aos erros doutrinários que acompanharam este início de renovação, ela foi adiada para o fim do século XIX.

O movimento litúrgico nasce carregado de espiritualidade e com o propósito de levar os fiéis à participação nas celebrações litúrgicas como fonte de espiritualidade. Prova disso, temos o célebre “*Année liturgique*” de Guéranger³² (Paris, 1841), certamente um livro de leitura espiritual.

espiritualidade litúrgica. Nos ambientes em que se cultivava a *devotio moderna*, encontram-se facilmente práticas de piedade autênticas, as quais são expressão cultural de pessoas sinceramente devotas; mas nem sempre se pode encontrar nelas uma valorização plena da celebração litúrgica” (DPPL 35).

³¹ “Os livros mais difundidos foram: o *Missale* e o *Breviarium Parisiense*, promulgados em 1736”. BASURKO e GOENAGA, 1990, p. 120.

³² O monge Guéranger (1805-1875) fundou a abadia de Solesmes (1833), transformando-a em grande centro de vida litúrgica. Embora tenha criado algumas polêmicas quando buscou restaurar a liturgia romana na França, pois era um forte adversário das “liturgias neogalicanas”, surgidas no século anterior, podemos atribuir a ele o

O monge Guéranger (1805-1875) fundou a abadia de Solesmes (1833), transformando-a em grande centro de vida litúrgica. Embora tenha criado algumas polêmicas quando buscou restaurar a liturgia romana na França, pois era um forte adversário das “liturgias neogalicanas”, surgidas no século anterior, podemos atribuir a ele o grande mérito de ter sido educador de padres e fiéis, no que diz respeito à oração litúrgica (ver obra citada acima).

A irradiação de Solesmes atingiu a Alemanha através da fundação da abadia de Beuron, e posteriormente a Bélgica com as abadias de Maredsous e Mont-César, filhas de Beuron. A influência de Solesmes cresceu ainda quando a abadia francesa tomou a iniciativa de restaurar o canto gregoriano. Atrai então a atenção de muitos, inclusive do patriarca de Veneza, o cardeal Giuseppe Sarto, o futuro Pio X (MARTIMORT, 1988, v. 1 p. 83)³³.

Outra grande contribuição para a espiritualidade foi o comentário dos salmos “*Psallite sapienter*” (Friburgo, 1871-1890), feito pelos monges Wolter. Mais tarde, temos valiosas contribuições³⁴ para a renovação litúrgica, na linha da espiritualidade: a obra de Beauduin (Lovaina 1914), “*La Pieté de l’Eglise*” e as “*Semaines et conférences liturgiques de Mont-César*” (FÁRNES, 1993, p. 407-408).

Os protagonistas do movimento litúrgico propunham fazer com que os fiéis fossem formados a partir dos mistérios celebrados. Defendiam que a liturgia bem celebrada era o fundamento objetivo da vida de piedade do povo e que a oração litúrgica é superior à individual; afirmavam como pontos centrais da piedade litúrgica a celebração da eucaristia com a comunhão, os sacramentos, a liturgia das horas, o ano litúrgico (GONZALEZ, 1987, p. 364-365).

Com isso, o movimento provoca uma verdadeira polêmica. Para alguns, a única oração autêntica era a litúrgica; as demais formas de oração não passavam de simples exercícios decadentes. Para outros, a liturgia era mais uma obrigação a cumprir. Os defensores dos exercícios de piedade acreditavam que a oração se realizava por atos de piedade particular, pela meditação e algumas práticas de devoção. Por vários séculos, a oração era entendida e praticada como oração particular. Sendo assim, a apresentação da liturgia como oração soou

grande mérito de ter sido educador de padres e fiéis, no que diz respeito à oração litúrgica (ver obra citada acima). “A irradiação de Solesmes atingiu a Alemanha através da fundação da abadia de Beuron, e posteriormente a Bélgica com as abadias de Maredsous e Mont-César, filhas de Beuron. A influência de Solesmes cresceu ainda quando a abadia francesa tomou a iniciativa de restaurar o canto gregoriano. Atrai então a atenção de muitos, inclusive do patriarca de Veneza, o cardeal Giuseppe Sarto, o futuro Pio X”. MARTIMORT, 1988, v. 1 p. 83. Confirma ainda: BASURKO e GOENAGA, 1990, p. 122.

³³ Confirma ainda: BASURKO e GOENAGA, 1990, p. 122.

³⁴ Citamos aqui em nosso trabalho, apenas algumas obras.

como um insulto à piedade cristã. O desacordo aconteceu sobretudo entre os jesuítas, com o método inaciano, e os que propunham retiros espirituais com temática litúrgica³⁵.

A polêmica entre oração litúrgica e oração particular foi considerada por Pio XII na Encíclica *Mediator Dei*³⁶ (MD). Essa encíclica é de tão grande importância que afirmações de Pio XII foram incorporadas pelo Vaticano II. As colocações do papa que mais tarde foram assumidas pela *Sacrosanctum Concilium* (SC) podem ser assim resumidas:

- a) A oração litúrgica, por sua própria natureza, como oração do mesmo Cristo e do seu corpo – a Igreja, tem uma dignidade maior que as orações privadas (MD 34; SC 13).
- b) Para uma vida verdadeiramente cristã são também necessários a oração particular e os atos de piedade não litúrgicos (MD 158-170; SC 12-13).
- c) As ações litúrgicas, por serem celebrações da Igreja como corpo de Cristo e comunidade católica, não podem ser modificadas por qualquer pessoa e nem podem ser misturadas com atos privados de devoção (MD 52-58; SC 22-23) (FÁRNES, 1993, p. 410, tradução nossa).

Seguindo as linhas doutrinárias de Pio XII, o Concílio Vaticano II, além de reafirmar a primazia da liturgia (SC 13) e que esta pertence a todo o corpo da Igreja (SC 26) acrescentou outro aspecto de grande incidência na busca de sanar o divórcio entre liturgia e oração particular, quando afirmou que: “[...] na missa, ou na administração dos sacramentos ou em outras partes da liturgia, o uso da língua vernácula pode ser útil ao povo [...]” (SC 36).

Ao dar o devido valor à oração litúrgica, o Concílio de modo algum estava minimizando a oração particular e nem suprimindo-a. Também o fato de devolver a todo o povo o direito de participar da liturgia, cada um exercendo sua função, é fruto de uma preocupação sadia, após ter contemplado por longos anos uma liturgia clericalista e distante do povo (FÁRNES, 1993, p. 411-416).

Alguns documentos posteriores ao Concílio também procuraram explicitar a relação entre liturgia e oração particular: A Instrução *Eucharisticum Mysterium*³⁷ (EM) aplica as diretrizes do Concílio no campo da eucaristia (cf. n. 2). Suas principais orientações foram integradas no *Ritual da Sagrada Comunhão e do Culto Eucarístico fora da Missa*, que acentua a importância da liturgia e afirma que os atos devocionais devem estar de acordo com

³⁵ “A polêmica agravou-se quando Dom Festugière acusou a espiritualidade inaciana de contribuir com a decadência do espírito eclesial dos fiéis. Os jesuítas reagiram. O primeiro a se manifestar foi Navatel, que não foi muito feliz em suas afirmações que defendiam que a liturgia era unicamente a parte sensível do culto. O próprio papa Pio XII desaprovou esta ideia quando afirmou na *Mediator Dei* que: ‘Não tem noção exata da sagrada liturgia os que a consideram como uma parte somente externa e sensível do culto divino ou um cerimonial decorativo’” (MD 22) (FÁRNES, 1993, p. 409, tradução nossa).

³⁶ Foi publicada pelo Papa Pio XII, datada de 20 de novembro de 1947, reafirmou aspectos da liturgia, com destaque para a música sacra.

³⁷ Foi publicada em 25 de maio de 1967.

a sagrada liturgia e que, de certo modo, derivam dela e a ela conduzem o povo (n. 79). Paulo VI, na *Marialis Cultus*³⁸ (MC), procura manter o equilíbrio entre liturgia e práticas de piedade em relação ao culto à Virgem Maria. Este documento põe o culto litúrgico como norma de oração (MC 23); pede uma revisão das práticas de piedade (MC 29) e a renovação de suas formas (MC 24). Orienta para que haja um equilíbrio entre liturgia e práticas de piedade, respeitando a índole própria de cada uma (MC 31).

2.7.4 Busca de solução

Certamente o movimento litúrgico, o papa Pio XII, o Concílio Vaticano II e os pronunciamentos pós-conciliares, em suas afirmações, tinham o intuito de superar o dualismo existente entre liturgia e exercícios piedosos³⁹, e consequentemente entre oração litúrgica e oração particular.

Até então, muitas vezes, usamos os termos liturgia e exercícios de piedade. Citando agora os termos oração litúrgica e oração particular, não significa que deixamos de lado as terminologias anteriores e assumimos outras a partir daqui. Procedemos assim, porque estamos entendendo, como já dissemos, que a oração particular está profundamente relacionada com os exercícios de piedade: “a piedade pessoal sentia-se mais bem servida pelos exercícios de piedade do que pelas celebrações litúrgicas, que às vezes ficaram reduzidas a simples oportunidades para que os particulares pudessem dedicar-se a seus exercícios de piedade pessoal” (RUFFINI, 1989, p. 374).

Esta afirmação e muitas outras que fazem parte da história da relação entre oração litúrgica e particular, pode explicar o porquê da oração particular se identificar mais com exercícios de piedade. Outro motivo para ver a relação estreita entre oração particular e exercícios de piedade é porque seguimos a linha de pensamento de J. L. López, que afirma: “Os atos de piedade e as devoções do povo cristão, entre os quais a oração particular, inscrevem-se perfeitamente dentro dos meios que a Igreja emprega para completar a formação dos fiéis”. Mais adiante ele escreve que ao usar a terminologia “exercícios de piedade” está incluindo “todo tipo de atos e de obras de piedade e de devoção, que não são ações litúrgicas” (MARTÍN, 1997, p. 363).

³⁸ Exortação Apostólica *Marialis Cultus*, do Santo Papa S. Paulo VI, sobre a Bem-aventurada, Virgem Maria, para a reta ordenação e o culto a Maria, de 2 de fevereiro de 1974.

³⁹ O papa Pio XII, na encíclica *Mediator Dei*, considera como principais, os seguintes exercícios de piedade: “[...] a meditação de assuntos espirituais, o exame de consciência, os retiros espirituais, instituídos para a reflexão mais intensa das verdades eternas, a visita ao santíssimo sacramento e as orações particulares em honra da bem-aventurada virgem Maria, entre as quais, o rosário” (n. 159).

Para González (1987, p. 366), “É difícil estabelecer um critério objetivo para clarear a distinção entre o litúrgico e os exercícios de piedade. Este é um problema sem solução no momento, uma vez que o critério jurídico supõe a existência prévia de critérios teológicos”.

Sobre a diferença entre a ação litúrgica e os exercícios de piedade, Martín (1989, p. 579) escreve:

“A diferença essencial entre a ação litúrgica e os exercícios de piedade [...] acontece segundo a *Marialis Cultus* por meio da evocação e atualização dos acontecimentos de salvação realizados por Cristo. Na liturgia isto tem lugar pela presença operante sob o véu dos sinais do mistério de Cristo; nos exercícios de piedade, mediante o afeto da contemplação. Dito de outro modo, a diferença entre liturgia e devoção é de natureza sacramental” (MARTÍN, 1989, p. 579).

Não desmerecendo todo o esforço realizado antes e depois do Concílio, ainda não é tranquila a relação entre oração litúrgica e oração particular porque tanto o movimento litúrgico, como a *Mediator Dei* ou mesmo o Concílio tiveram dificuldades de estabelecer critérios teológicos e acabaram se firmando mais em critérios jurídicos quando procuraram superar as tensões entre oração particular e litúrgica⁴⁰. Sem dúvida, na prática surgem muitas dificuldades para realizar o ideal proposto pelos documentos da reforma litúrgica.

Reconhecemos que não é fácil mudar uma mentalidade antiga e, muito menos, clarear conceitos e práticas estagnadas. Mesmo não respondendo às diversas questões relacionadas a este problema, parece que o Concílio abriu caminhos para uma discussão ampla e aberta ao diálogo e ao respeito, especialmente quando se trata dos exercícios de piedade e oração particular (MARSILI, 1987, p. 167-190)⁴¹.

Para buscar o equilíbrio entre oração particular e litúrgica é preciso solucionar a tensão que existe entre o eclesial e o individual; o objetivo (iniciativa de Deus, gratuidade) e o subjetivo (esforço humano); o cútico (mistérico) e o cultural; o prescrito e o espontâneo etc. O caminho é o de fazer da liturgia celebração cada vez mais viva, participada e inculturada. E, ao mesmo tempo, fazer com que os exercícios de piedade e oração particular sejam inspirados na liturgia, e nunca independentes dela. É preciso distinguir e não opor um ao outro, pois certamente não vamos resolver os problemas do dualismo cultural entre liturgia e oração

⁴⁰ Veja mais em: MARSILI, 1987, p. 167-190. E ainda MARSILI, 1992, p. 648-651.

⁴¹ Conferir ainda: MARSILI, 1992, p. 648-651.

particular colocando-as em oposição (GONZÁLEZ, 1987, p. 373)⁴². O momento comunitário não dispensa a resposta pessoal, antes a estimula e enriquece.

A celebração litúrgica é o lugar privilegiado para fazer a experiência do mistério de Cristo, vivendo um verdadeiro encontro com Deus em Jesus Cristo. Jesús Castellano (2008, p. 352), tratando da liturgia como escola e norma da oração pessoal, explicita:

Na celebração, a oração tira suas fórmulas de fé da revelação e da tradição da Igreja, e encontra seus modelos de conteúdo e de forma. Da liturgia a oração pessoal tem que aprender: o teocentrismo, enquanto oração centrada gratuitamente em Deus, aberta à comunhão com Cristo e à docilidade a seu Espírito; o sentido eclesial como abertura à comunhão com a Igreja, as suas intenções, nas pessoas e nos acontecimentos concretos da comunidade local, universal, da humanidade; sentido teologal enquanto oração pessoal, encontrará na liturgia a educação para se expressar naquelas atitudes mais puras e nobres da oração cristã: escuta da Palavra, silêncio contemplativo, adoração, louvor, ação de graças, oferenda, invocação.

Mas a liturgia não esgota em si mesma toda a riqueza da oração. O orante que está acostumado ao colóquio com Deus, se torna mais sensível à participação na liturgia:

A oração particular ou individual prepara, prolonga e aplica a cada pessoa o encontro objetivo e sacramental com o Senhor que se realiza na liturgia. Vale lembrar aqui as palavras de João Crisóstomo: “Assim como não se põe o incenso em fogo apagado, não floresce a celebração litúrgica sem uma verdadeira oração individual. O desejo espiritual é como um fogo, a oração individual faz a pessoa se abrasar neste fogo. Então, quando as brasas estão acesas, se põe o incenso da liturgia e se realiza a oração comunitária”. (SOUZA, 1992, p. 25-26).

A oração, tanto a litúrgica como a particular tem caráter eclesial, pois rezamos sempre como membros do corpo de Cristo, que é animado pelo Espírito Santo. No entanto, quando rezamos em comunidade, quando celebramos a liturgia, o caráter eclesial é mais manifesto e mais forte, e podemos atribuir a esta oração maior valor e eficácia, desde que seja, evidentemente, autêntica oração (LUTZ, 1999, p. 28).

Ao longo desta descrição da relação entre oração litúrgica e particular, percebemos claramente as convergências e as divergências entre as duas. É uma relação marcada por sérios conflitos que se refletem até hoje na prática de oração das comunidades, notamos isto na escuta da experiência de pessoas sobre a oração na Celebração da Palavra de Deus⁴³.

⁴² A Congregação para a Doutrina da Fé com a carta *Orationis formas* (15.10.1989), dá pistas importantes para captar o sentido litúrgico da Igreja como base teológica e pedagógica da oração cristã. O Catecismo da Igreja Católica oferece uma doutrina prudente e completa sobre a oração cristã, também em relação com a liturgia. (cf. CASTELLANO, 2008, p. 347). Ver ainda: MARTÍN, 1997, p. 371.

⁴³ Confira o 1º capítulo desta dissertação.

Apesar de tudo, há elementos positivos. Uma vez não podendo mais falar com Deus através da oração litúrgica, o povo encontra seu jeito de se relacionar com Ele. O que resta fazer? Na história já notamos o esforço de muitos para superar esta dicotomia. Destacamos as iniciativas para resgatar a liturgia como oração e referência para a oração fora do espaço da liturgia, pois o Concílio afirmou com veemência: “os exercícios piedosos devem ser organizados de tal maneira que condigam com a Sagrada Liturgia, dela de alguma forma derivem, para ela encaminhem o povo, pois que ele, por sua natureza, em muito os supera” (SC 13). Felizmente a própria *Sacrosanctum Concilium* reconhece o valor dos exercícios de piedade quando os recomenda, se praticados conforme as leis e normas da Igreja (cf. SC 13). O Concílio reconheceu também o valor da oração particular: “[...] o cristão, chamado para a oração comunitária, deve não obstante, entrar em seu quarto e orar ao Pai em segredo” (SC 12).

Percebemos que várias tentativas foram realizadas na busca de superar a dicotomia, porém, há ainda muito a ser feito.

2.8 Características da oração litúrgica

A liturgia é, em si mesma, por sua própria natureza e essência, oração. Isto porque o próprio constitutivo dela é o diálogo e a comunicação com Deus, em comunidade, sob a forma de um “divino intercâmbio” de louvor a Deus e santificação das pessoas (BORÓBIO, 1993, p. 362).

A oração litúrgica é a oração do povo de Deus reunido em assembleia, em nome de Jesus, para celebrar o seu mistério no curso de seu ciclo anual em sua totalidade. A celebração da liturgia é, portanto, a manifestação da Igreja em oração, corpo de Cristo, que responde à revelação de Deus com a força do Espírito Santo e se exprime com atitudes de oração e com fórmulas – palavras, gestos, ritos e símbolos – decorrentes da tradição cristã. (CASTELLANO, 1992, p. 814).

Daí sua importância como lugar de formação para a oração e como lugar de sua realização. Como já indicamos, a oração litúrgica não constitui a totalidade da oração cristã, e sim se harmoniza com a oração particular. Podemos dizer que a oração litúrgica é a fonte e o cume da oração cristã. É a fonte porque oferece a estrutura e ritmo interno. É o cume porque toda a oração particular leva ao encontro com Cristo no mistério sacramental (SC 10) (JOUNEL, 1994, p. 11).

A *Sacrosanctum Concilium*, ao descrever a natureza da sagrada liturgia e a sua importância na vida da Igreja, afirma que a obra da salvação humana e da perfeita glorificação de Deus se realizou, principalmente pelo mistério pascal de Cristo (cf. SC 5) e continua dizendo que esta obra da salvação, realizada por Cristo e continuada pela Igreja, se realiza na liturgia (cf. SC 6) e prossegue:

Para realizar obra tão grande, Cristo está sempre presente em sua Igreja, sobretudo na ação litúrgica. Está presente no sacrifício da missa, tanto na pessoa do ministro, oferecendo-se agora através do ministério do que preside o mesmo que então se ofereceu na cruz, quanto sob as espécies eucarísticas. Está presente com sua virtude nos sacramentos, de modo que, quando alguém batiza, é Cristo quem batiza. Está presente em sua Palavra, pois quando se lê na igreja a Sagrada Escritura, é ele quem fala. Está presente, finalmente, quando a Igreja suplica e canta salmos, fazendo exatamente o que prometeu: Onde dois ou três se reúnem em meu nome, eu estou no meio deles (Mt 18,20) (SC 7).

Estas afirmações da *Sacrosanctum Concilium* são de grande valor para as celebrações litúrgicas em geral. Como estamos tratando de oração litúrgica, certamente ela ganha sentido e densidade a partir daí, embora Cristo esteja presente também na oração particular. A presença de Cristo na Igreja em oração faz da liturgia um lugar privilegiado de oração, pois essa se modela na oração de Cristo sob a ação do Espírito Santo. Rezar por Cristo, em Cristo e com Cristo, na totalidade do seu mistério, cristifica nossas ações e gestos, nossos ritos e símbolos, e nos coloca inteiramente na relação com o Pai, no Espírito (BOROBIO, 1993, p. 365)⁴⁴.

A oração litúrgica sempre provém da Palavra, exprime o mistério de Cristo e, é realizada em comunidade, com a vocação de ser corpo e esposa de Cristo, onde Deus age para formar um povo santo, sacerdotal e profético, capaz de oferecer um “culto espiritual”. (MARSILI, 1978, p. 189-190).

As características da oração litúrgica relacionam-se estreitamente com os protagonistas do diálogo: o Deus trino e a comunidade reunida em nome do Senhor.

2.8.1 Rezar ao Pai, pelo Filho, no Espírito Santo

Na oração litúrgica, o diálogo é feito com Deus que se revela e intervém na história; é realizado a exemplo e em nome de Jesus; brota da ação do Espírito que em nós clama: “Abbá, Pai” (Rm 8,15; Gl 4,6) (CASTELLANO, 1992, p. 814). O orante, em profunda relação com

⁴⁴ Ver ainda JOUNEL, 1994, p. 19.

Deus, entra nesta dinâmica da salvação, atualizando-a através da resposta à revelação feita por Deus, realizada por meio de palavras e obras e que culminou no dom de Cristo e do Espírito. (CASTELLANO, 1992, p. 818). A vida de oração consiste em estar habitualmente na presença de Deus, três vezes santo, e em comunhão com Ele (CIC, n. 2565).

O Pai é a fonte de todas as graças e o motivo do louvor. Desta forma, a oração se torna a expressão da condição filial da pessoa que reza, e, por este motivo, é impregnada de sentimentos característicos da filiação divina: fé, ternura, confiança, abandono, compromisso com o cumprimento da vontade do Pai. A oração litúrgica educa para o teocentrismo e põe o cristão na dimensão correta da religiosidade filial (CASTELLANO, 1992, p. 819).

Jesus Cristo é o mestre e modelo da oração. É também o único mediador, pois reza por nós. Ele é quem nos liga a Deus e é caminho para uma verdadeira oração de intimidade com o Pai. É o único e eterno sacerdote, o orante perfeito, o adorador do Pai por excelência.

Embora afirmemos que a oração litúrgica é dirigida ao Pai, por Cristo, no Espírito Santo, na tradição cristã, encontramos, tanto na celebração como na devoção pessoal, invocações, aclamações, hinos à Cristo. Nesse contexto é significativo lembrar as palavras de Santo Agostinho (1997, p. 841):

Dom maior não poderia Deus conceder aos homens do que fazer com que seu Verbo, pelo qual criou todas as coisas, se tornasse Cabeça, da humanidade [...] Ao nos dirigirmos, suplicantes, a Deus não apartemos o Filho, e ao rezar o corpo do Filho, não se separa da Cabeça. Seja ele o único Salvador de seu corpo, nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, que suplique por nós, ore em nós, e a quem enderecemos nossas preces. Ora por nós como nosso sacerdote, ora em nós como nossa Cabeça e a ele oramos como o nosso Deus... (comentário sobre o Sl 85).

E o Espírito? A Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas (IGLH, n. 8) resume muito bem a ação do Espírito Santo na oração litúrgica quando afirma:

O Espírito Santo, que está em Cristo, em toda a Igreja e em cada um dos batizados, é quem realiza a unidade da Igreja orante. O mesmo “Espírito vem em socorro da nossa fraqueza” e “intercede em nosso favor com gemidos inefáveis” (Rm 8,26). Com o Espírito do Filho, ele infunde em nós “o espírito de adoção filial, no qual clamamos: Abba, Pai” (Rm 8,15; Gl 4,6; 1Cor 12,3; Ef 5,18).

A oração litúrgica não pode ser realizada sem a presença do Espírito Santo, pois possibilita a ação de Cristo. Na oração, o Espírito tem a missão de possibilitar que a oração de Jesus continue viva em cada batizado. Ele torna possível o diálogo com o Pai através de Jesus. É o vínculo da comunhão entre o orante e Deus.

A oração litúrgica se movimenta numa dinâmica comunitária. O Filho nos transforma em filhos e filhas de Deus e nos faz participantes de seu Espírito. E assim, nele, por ele e com ele bendizemos o Pai, Senhor do céu e da terra (CASTELLANO, 1992, p. 819)⁴⁵. Um belo exemplo encontramos com um brilho especial na oração eucarística, que é o cume da oração litúrgica. Primeiramente é dirigida ao Pai: “Na verdade, é justo e necessário, é nosso dever e salvação dar-vos graças, sempre e em todo o lugar, Senhor, Pai santo...” (Oração eucarística II); e, em seguida, evoca o mistério da salvação, realizado pela paixão e ressurreição de Cristo, cujo memorial é a eucaristia: “Ele, para cumprir a vossa vontade, e reunir um povo santo em vosso louvor, estendeu os braços na hora da sua paixão a fim de vencer a morte e manifestar a ressurreição” (Oração eucarística II, PAULO VI, 1992, p. 477).

A vinda do Espírito é invocada duas vezes: sobre o pão e o vinho para que se convertam no corpo e no sangue de Cristo – “Santificai, pois estas oferendas, derramando sobre elas o vosso Espírito...” (Oração eucarística II, PAULO VI, 1992, p. 478) – e depois sobre a assembleia para que os que comungam na mesa do Senhor cheguem a ser um só corpo nele – “E nós vos suplicamos que, participando do Corpo e sangue de Cristo, sejamos reunidos pelo Espírito Santo num só corpo” (Oração eucarística II, PAULO VI, 1992, p. 480). A doxologia final conclui a oração eucarística, resumindo numa frase o caráter trinitário da oração: “Por Cristo, com Cristo e em Cristo, a vós, Deus Pai todo poderoso, na unidade do Espírito Santo, toda a honra e toda a glória, agora e para sempre”.

2.8.2 O mistério pascal – objeto e núcleo da oração litúrgica

A liturgia é atualização real e objetiva, *anamnésis* do mistério total da salvação. Na celebração litúrgica acontece uma forte experiência da riqueza deste mistério, manifestado à comunidade celebrante ou orante através da variedade de sinais, símbolos, gestos e ações simbólicas (BOROBIO, 1993, p. 365).

A Palavra de Deus contida na Sagrada Escritura, nos lecionários, no ofício divino e nas orações expõe a economia da salvação. A liturgia proclama esta palavra guiada pelo Espírito, com seus conteúdos salvíficos, seguindo a celebração do mistério de Cristo ao longo do ano litúrgico, no aqui e agora da nossa história. A Páscoa do Senhor é o eixo e fundamento deste caminho que se dá em três ritmos diferentes: o ritmo diário, alternando manhã e tarde; o ritmo semanal, que tem o domingo como núcleo e acontece na alternância entre domingo e

⁴⁵ E ainda: CANALS CASAS, 1994, p.762-763.

dias da semana; e, por fim, o ritmo anual com alternância entre tempos fortes (ciclo da páscoa e ciclo do natal) e o tempo comum.

À medida em que a comunidade celebrante e orante deixa-se guiar pelo conteúdo da salvação, como mistagoga, torna-se repleta dele, traduzindo-o na própria vida (LÓPEZ, 1993, p. 377-378).

2.8.3 Uma oração eclesial

A oração litúrgica é eclesial. A *Sacrosanctum Concilium* afirma:

As ações litúrgicas (no nosso caso, as orações litúrgicas) não são ações privadas, mas celebrações da Igreja, que é o ‘sacramento da unidade’, isto é, o povo santo, unido e ordenado sob a direção dos bispos. Por isso, essas celebrações pertencem a todo o Corpo da Igreja e o manifestam e afetam [...] (SC, n. 26).

É a comunidade de fé, incorporada pelo batismo no Corpo de Cristo, que se reúne para rezar. Isto situa a oração, no próprio coração da fé, como sua expressão mais pura. O que vem ao encontro do célebre adágio: *lex orandi, lex credendi*. Na fé oramos, na oração encontramos a fé.

O cristão não reza somente na liturgia, porém o caráter eclesial da oração aparece mais visivelmente na liturgia, por exemplo: quando celebramos a eucaristia, em comunidade, oferecemos Cristo ao Pai e oferecemo-nos com Cristo, e nele somos o seu corpo. O mesmo Espírito que transforma o pão em corpo de Cristo, consagra, santifica, unifica o seu corpo místico, a Igreja (HAMMAN, 1992, p. 200-201). Assim, a oração da Igreja reunida exprime o nós comunitário do povo de Deus e do corpo de Cristo e se fundamenta na participação do único batismo e na confissão da mesma fé; edifica e consolida a comunhão com a igreja de todos os tempos e lugares; abre-se à comunhão universal com a igreja peregrina e com aqueles e aquelas que já lavaram suas vestes no sangue do Cordeiro. A eclesialidade da oração comunitária faz com que o orante saia de seu mundo e leva-o a uma sólida e consistente solidariedade para com todas as pessoas e, de uma maneira particular, com as que mais sofrem.

Quando uma comunidade, por menor que seja, se reúne para celebrar o grande mistério da salvação e para rezar, ali está a Igreja reunida, sacramento e visibilização da oração de Cristo cabeça e de todo o seu corpo. Desde as origens, a comunidade em oração possui um caráter eclesial, onde seus membros exercem a confissão autêntica da fé, a

comunhão com todos os batizados e a universalidade das intenções colocadas em comum (CASTELLANO, 1992, p. 819)⁴⁶.

2.8.4 Uma experiência humana divinizada

No diálogo orante com Deus, a pessoa apresenta toda a riqueza da humanidade.

Os sentimentos humanos de alegria e de dor, de vitória e de fracasso, de temor e de confiança, de esperança e de desespero, de admiração e o sentimento de pecado, tudo pode transformar-se na oração em louvor, em ação de graças, em oferenda, em pedido de perdão, em súplica e em intercessão. Percebemos essa dinâmica nos salmos, através dos quais os mais variados sentimentos humanos transformam-se em oração.

A oração litúrgica é memória dos feitos salvíficos e manifestação do coração humano, que diante da realidade em que vive, quer se trate de alegria ou de dor, sente a necessidade de elevar a Deus sua oração. Deste modo, a humanidade abre-se à salvação, ao encontro com o Deus de amor e de misericórdia.

Todas as formas e expressões que a pessoa humana utiliza para comunicar-se com seus semelhantes estão presentes na oração litúrgica, tornando-a participativa e comunitária: a escuta, a meditação, a proclamação, o canto, o diálogo, os gestos corporais, a procissão, o canto, a dança etc.

Junto à pessoa humana, toda a criação passa a fazer parte da oração: o cosmo, a história, o tempo, o espaço, as coisas, a natureza, as estações etc. A história passada e a experiência presente, o futuro esperançoso ou ameaçador entram na relação com Deus como tempo de graça e salvação (*kairós*) e se tornam ocasião e motivo de oração (CASTELLANO, 1992, p. 819-820)⁴⁷.

Para concluir estas características da oração litúrgica, nada melhor do que ilustrá-las, por isso, achamos por bem exemplificá-las através de uma oração. Vejamos, então, a oração do dia do domingo da Páscoa:

Ó Deus, por vosso Filho Unigênito, vencedor da morte,
abristes hoje para nós as portas da eternidade.
Concedei que, celebrando a ressurreição do Senhor,
renovados pelo vosso Espírito, ressuscitemos na luz da vida nova.
Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho,
na unidade do Espírito Santo. Amém (PAULO VI, 1992, p. 295).

⁴⁶ E ainda: CANALS CASAS, 1994, p. 764-765.

⁴⁷ Também CANALS CASAS, 1994, p.765-766. CIC, n.1153; 1145-1162.

Nessa oração, constatamos o seguinte: É dirigida ao Pai – “Ó Deus” –, pelo Filho – “por nosso Senhor [...]” –, no Espírito – “na unidade do [...]” – e contém o mistério da Páscoa de Cristo – “concedei que celebrando a ressurreição [...]”.

Temos também a dimensão eclesial. O “nós” comunitário aparece: “abristes para nós [...] renovados [...] ressuscitemos”. E, por último, a dimensão humana presente no sentimento de esperança de vida, de desejo que a Páscoa aconteça. São pessoas que celebram e participam inteiramente da Páscoa do Senhor, ressuscitando com Ele para uma vida nova, iluminada pela claridade da luz da Páscoa.

Na oração acima citada, percebemos um diálogo rico que acontece numa dinâmica de glorificação de Deus e santificação das pessoas.

2.9 Ações, formas típicas e momentos específicos da oração litúrgica

Para se comunicar com Deus, a comunidade orante se coloca diante dele com uma diversidade de ações, em momentos diferentes, e utiliza várias formas, como veremos a seguir.

2.9.1 Escutar a Palavra

A Palavra da Escritura é de grande importância na e para a celebração litúrgica. É em torno dela que as diversas palavras explicitam seu sentido e riqueza: palavra querigmático-pregacional (texto da Escritura lido, proclamado e homilia ou pregação), palavra sacramental (bênçãos, fórmulas que acompanham o rito), palavra oracional (diversos tipos de oração, presidencial ou dos fiéis), palavra cantada (cantos), palavra testemunhal (testemunhos). É precisamente através destas palavras que melhor se expressa o encontro e o diálogo oracional litúrgico (MALDONADO, 1990, p. 183-184)⁴⁸.

A oração cristã é, antes de tudo, escutar a Palavra de Deus, que nos dá a fé. A fé como resposta à Palavra divina abre o caminho para a oração. Para orar, liturgicamente, é preciso antes de tudo “escutar” o anúncio proclamado, revelação de Deus ao seu povo. A comunidade é a destinatária da Palavra de Deus transmitida na revelação (MARSILI, 1978, p. 187), que unida responde à manifestação do Senhor, através da escuta meditativa, da adoração, da ação de graças, da confissão de fé, do gesto e do rito.

⁴⁸ E ainda: BOROBIO, 1993, p. 366.

A resposta dada a Deus – suscitada pela Palavra – é a oração, como bem afirma a *Sacrosanctum Concilium*: “na liturgia Deus fala a seu povo, Cristo segue anunciando o Evangelho e o povo responde a Deus com canto e oração” (n. 33). A Igreja responde, inspirada pelo Espírito que habilita a Palavra e a torna eficaz. Assim, entre Deus e o seu povo desenvolve-se um verdadeiro diálogo, que é iniciativa de Deus que se revela e fala.

O liturgista Boselli, escrevendo sobre o missal, como livro da oração da Igreja afirma:

Os textos do missal não são outra coisa que a resposta da assembleia litúrgica à escuta das Escrituras: a ponto que, se desde o início, não tivesse havido por parte da Igreja a escuta da Palavra de Deus contida nas Escrituras, hoje nós não teríamos entre as mãos o missal. Sem a escuta da Palavra de Deus na Igreja, não há texto litúrgico, não há missal. Os textos litúrgicos do missal são o fruto mais maduro da escuta eclesial das Escrituras, são a essência mais pura da ruminação da Palavra de Deus pela Igreja. [...] O missal é a cristalização da *lectio* da Igreja que leu com assiduidade as Escrituras, as meditou e, meditando-as, as transforma em oração (2014, p. 130).

Por isso, a proclamação da Palavra ocupa lugar privilegiado na celebração cristã. Vale lembrar o que diz a *Dei Verbum* (DV): “Recordem que a leitura da Sagrada Escritura deve acompanhar a oração a fim de que se realize o diálogo de Deus com a pessoa, pois falamos a Deus quando oramos e o escutamos quando lemos sua palavra” (n. 25).

2.9.2 Dar graças, louvar, adorar – ações de pessoas livres

Na história vetero e neotestamentária, Deus realizou muitas ações e prodígios em favor de seu povo, porque Ele é bom e o seu amor é eterno (cf. Sl 118; 136).

Os textos bíblico-litúrgicos recordam as obras maravilhosas feitas por Deus na história da salvação. Dessa forma, a oração de ação de graças e de louvor torna-se característica do povo de Israel, da oração de Jesus, dos formulários da comunidade apostólica e continua atual em nossas orações. Isto é assim porque Deus é colocado em primeiro lugar, o seu nome, a sua natureza, os seus feitos.

A recordação ou memória do que Deus é e do que Ele fez e faz suscita, espontaneamente, no orante, um sentimento que prorrompe no louvor, na bênção, na confissão, na atitude eucarística de ação de graças.

O louvor, a ação de graças, a adoração são ações de pessoas livres, que sendo adultas e maduras, conseguem sair de si e olhar o outro e expressar o agradecimento (CASTELLANO, 1992, p. 820)⁴⁹.

2.9.3 Invocar e suplicar – ações de pessoas necessitadas e confiantes

A pessoa humana que se coloca a orar, necessitada da intervenção divina, se dirige a Deus em forma de súplica, de lamentação ou queixa, de petição, de “*epiclese*” do dom do Espírito. Essa forma de orar não é uma oposição ao louvor, e sim complementar, uma vez que o orante necessitado invoca a Deus que é onipotente, amoroso e do qual tudo se espera. O próprio Jesus nos ensinou a pedir com uma atitude de confiança e abandono à vontade divina.

Frequentemente a oração litúrgica assume um movimento de petição a exemplo da forma típica do “pai-nosso”: há uma invocação a Deus, uma confissão e reconhecimento de seus feitos e um pedido, de acordo com a necessidade do orante. Na oração de súplica não pode faltar o pedido do dom escatológico maior: o Espírito Santo, como nos ensinou o próprio Jesus (cf. Lc 11,13) (CASTELLANO, 1992, p. 820).

2.9.4 Arrepende-se e oferecer-se – ações de pessoas reconhecidas

Assim reza o salmista no Salmo 51: “Tem piedade de mim, ó Deus, por teu amor! Por tua grande compaixão, apaga a minha culpa!” (v. 1). O cristão quando se reconhece pecador, ao mesmo tempo que expressa o arrependimento e o pedido de perdão, também confessa a santidade de Deus, reconhece sua bondade e misericórdia eternas.

Ao fazer uma oração de oferta, numa atitude sacrificial, o orante entrega-se nas mãos de Deus, a fim de cumprir a sua vontade, mesmo sabendo que esta supõe o dom de si na dor e até na morte. Rezando assim, a Igreja se une à oblação de Cristo.

A oblação realizada na obediência filial abrange toda a existência humana e torna o louvor verdadeiro, a súplica coerente, o arrependimento autêntico (CASTELLANO, 1992, p. 821)⁵⁰.

⁴⁹ E ainda: CANALS CASAS, 1994, p.767. JOUNEL, 1994, p. 15-18.

⁵⁰ Também CANALS CASAS, 1994, p.768.

2.9.5 Interceder – ação de pessoas solidárias e comprometidas

A oração de intercessão, longe de ser alienante, mera ilusão, fuga do compromisso, ou algo parecido, leva o orante a um compromisso. Rezar por outras pessoas, oferecendo a vida como penhor daquilo que se pede, é um modo de interpelar a Deus. Suplicando por outros, a comunidade em oração torna-se “sacramento da humanidade”, que unida a Jesus Cristo, intercede pela humanidade inteira, oferecendo como garantia a sua própria vida. A Igreja em oração exprime os desejos e anseios de todos os cristãos e cristãs; e mais ainda, suplica a Cristo e, por meio dele, ao Pai, pela salvação do mundo inteiro. Nesse ato, a pessoa crente colabora com a vinda do Reino, atuando concretamente para que as pessoas alcancem a salvação. Quando alguém diz: “rezarei por você”, assume uma determinada responsabilidade.

Na oração de intercessão, a pessoa recorda, diante de Deus, as necessidades das outras pessoas, e solicita sua ajuda para responder. Interceder então é engajamento, é dar um passo em favor de alguém. Leva a pessoa humana a entrar em solidariedade com toda a humanidade. Com a intercessão reconhecemos nossas grandes limitações para fazer o bem às pessoas e nos dispomos a assumir o(a) outro(a) até mesmo além de nossas possibilidades. Rezar pelos(as) outros(as) é o sinal mais evidente de nossa solidariedade.

A oração de intercessão não tem fronteiras, ela é ampla e universal, mas também concreta em relação às pessoas e situações (CASTELLANO, 1992, p. 821)⁵¹.

2.9.6 Olhar, escutar, tocar, cheirar, comer e beber, sentar-se, ficar de pé, ajoelhar, caminhar ... – ações corporais da pessoa em oração

Na liturgia, aproximamo-nos do mistério através dos nossos sentidos, das nossas atitudes e atividades corporais: olhamos, tocamos, sentimos o cheiro, comemos e bebemos, caminhamos, sentamo-nos, cantamos, ajoelhamo-nos, somos ungidos, acendemos vela e incenso, dançamos... São muitas ações corporais e simbólicas (LUTZ, 1996, p. 6). Estas ações transcendem a materialidade, pois o Espírito se expressa no corpo. Assim, através dos gestos corporais, enraizados no Espírito, explicitamos, expressamos, experienciamos a vida nova do Ressuscitado que transforma nossas vidas e nos coloca a serviço do Reino. Nosso corpo, limitado, temporal, se abre à participação plena de comunhão com Deus. Somos transformados por dentro. [...] É o corpo espiritual, o corpo da ressurreição que, no interior,

⁵¹ E ainda: BIANCHI, 1990, p. 70; PUIG I TÀRRECH, 1985, p. 276-277 e PRONZATO, 1974, p. 52-54.

irradia nosso corpo carnal fazendo com que se transforme à imagem de Cristo (BUYST, 1997, p. 6).

De que maneira se dá concretamente a ação do corpo? Através dos olhos. Vemos as pessoas, o local que nos abriga e reúne, as cores, os ícones, as imagens, os vitrais, a cruz, a cadeira do presidente, o altar, o ambão, o sacrário, a pia batismal.... Olhamos os gestos e as ações simbólicas: carregar a cruz, fazer o sinal da cruz, acender o círio, a vela, beijar o altar, queimar o incenso, lavar as mãos, aspergir com água, abraçar, caminhar em procissão, dançar, comer e beber... Vemos os(as) ministros(as), as pessoas que estão na assembleia litúrgica. Vemos tudo isso com os olhos da fé. Tudo é epifania do mistério que se celebra (LUTZ, 1996, p. 24-28).

Saboreamos o pão e o vinho. Experimentamos o gozo do sabor (MARASCHIN, 1996, p. 125). O comer e beber juntos cria e intensifica a comunhão. Na verdade, não existe entre os seres humanos a possibilidade de entrar em comunhão tão íntima de um com o outro como seria se alguém pudesse realmente comer e beber o outro. É precisamente isso que acontece na comunhão eucarística. Não há outro sacramento, ou outro rito, em que se celebra tão concreta e intensamente a comunhão de uma pessoa com Deus (LUTZ, 1996, p. 40-43).

O corpo atua também pela audição. Escutamos a palavra querigmático-pregacional (leituras, homília...), a palavra lírico-meditativa (canto) e a palavra oracional (orações). Ouvimos o toque do atabaque, do violão e de tantos outros instrumentos... Escutamos o silêncio, que nos favorece a escuta e nos abre para Deus, para escutar sua voz na palavra proclamada, para escutar também a voz dos irmãos, da Igreja e da humanidade.

A palavra se torna salvífica para nós. O(a) ministro(a) torna-se instrumento deste encontro. Ele(a) é a presença e atualização da Palavra de Deus, que é Jesus Cristo (MARASCHIN, 1996, p. 126)⁵².

Participamos ainda com o toque. Jesus tocava as pessoas. Tocando, ele curava e quem tocava nele era curado. Na celebração litúrgica tocamos a água, o livro da Palavra, as pessoas no abraço e no beijo da paz, tocamos o altar, os objetos... Tocamos o chão quando caminhamos. O caminho à Igreja, o ir à liturgia é muito mais do que um mero se deslocar para o local da celebração, já é uma entrada no mistério que iremos celebrar. Encontramos a Deus e os(as) irmãos(as) presente na assembleia. Caminhamos nas várias procissões: de entrada, das oferendas, da comunhão (MARASCHIN, 1996, p. 126)⁵³.

⁵² E ainda: LUTZ, 1996, p. 29-34.

⁵³ Conferir também: LUTZ, 1996, p. 7-15.

Por fim, temos o cheiro. Celebrando, sentimos o cheiro do incenso, das ervas cheirosas, do óleo, das flores, da limpeza.

No momento da oração litúrgica temos ainda outras ações corporais que ressaltam o significado dos momentos litúrgicos. Ficamos de pé, numa posição de pessoas livres, sinal de espera e atenção. Na antiguidade, era a posição normal da oração, celebrava-se a eucaristia de pé devido ao seu caráter pascal. De pé, dialogamos com o que preside durante a saudação, ouvimos o evangelho, pronunciamos o creio, a oração dos fiéis e participamos atentamente da prece eucarística, louvando e dando graças (LUTZ, 1996, p. 16-17)⁵⁴.

Oramos, também, sentados⁵⁵, atitude que favorece o recolhimento, a escuta acolhedora da Palavra de Deus e sua meditação. Sentamo-nos durante as leituras, o salmo responsorial, a homilia, enquanto se preparam os dons e após a comunhão (LUTZ, 1996, p. 18-21)⁵⁶.

Rezamos, também, ajoelhados como expressão de humildade e pequenez diante de Deus. É importante lembrar que no *Missal Romano* encontramos só uma vez o convite de ajoelhar-se. É nas grandes intercessões de Sexta-feira santa, antes de cada uma das orações do presidente da celebração. Mesmo assim, é facultativo. É costume também ajoelhar-se em outros momentos, na oração litúrgica, tais como, no início da oração na Sexta-feira santa, também na oração do creio rezado no natal e na festa da anunciação quando se diz: “e se encarnou pelo Espírito Santo...”. Essa atitude corporal é mais utilizada na oração particular. (LUTZ, 1996, p. 21-23)⁵⁷.

Enfim, participamos da liturgia de corpo inteiro. Embora citando alguns exemplos de como acontece a nossa participação nas celebrações litúrgicas, entendemos que tudo isto acontece de uma forma integrada (MARASCHIN, 1996, p. 126-127). Esta integralidade se dá em cada corpo individual e no corpo eclesial, é toda a comunidade que faz memória de Jesus. Somos corpo de Cristo para continuar sua missão messiânica no aqui e agora da nossa história.

As ações simbólicas realizadas permitem à comunidade, corpo eclesial, entrar em comunhão com o Senhor e se engajar no seu projeto de vida⁵⁸.

⁵⁴ Ver também: GELINEAU, 1975, p. 250-251.

⁵⁵ Sentar-se nas celebrações litúrgicas não é uma atitude passiva. No início celebrava-se de pé, nem havia bancos. Foi no início da Idade Média que se introduziu os bancos nas igrejas dos mosteiros para rezar as várias horas da liturgia das horas. A instalação dos bancos se deu a partir da reforma protestante. Na época do iluminismo, os bancos foram vistos, pelas autoridades eclesiásticas, nem sempre, com consciência, como forma de “segurar” os fiéis bem-comportados (cf. LUTZ, 1996).

⁵⁶ Ver também: IGMR 21. Lc 8,38; 10,38-39; At 22,3. E ainda: GELINEAU, 1975, p. 250 e CANALS CASAS, 1994, p. 769.

⁵⁷ Ver ainda: GELINEAU, 1975, p. 251-252 e ainda CANALS CASAS, 1994, p. 768.

⁵⁸ Para aprofundar mais consultar: MARASCHIN, 1996, p. 123-129. E ainda, BUYST, I. 1997, sem página.

2.9.7 Formas da oração litúrgica

Os textos eucológicos são inspirados e influenciados pela Sagrada Escritura e pelos tesouros da tradição eclesial. A eucologia⁵⁹ é sempre palavra feita oração, de modo que a oração cristã autêntica tem como referência a Palavra de Deus⁶⁰.

Os textos oracionais possuem uma grande riqueza de fórmulas que a pessoa e a comunidade que rezam adotam para dialogar com Deus. Costuma-se dividir a eucologia em maior e menor. A prece eucarística, os prefácios consagratórios para as ordenações, a bênção da água, a bênção dos(as) religiosos(as) professores(as), pertencem a eucologia maior. As coletas, as orações sobre as oferendas e depois da comunhão, as orações sálmicas, a oração de bênção no final da missa, a prece dos fiéis..., fazem parte da eucologia menor.

Para ser autêntica, litúrgica e eclesial, a eucologia deve observar alguns critérios fundamentais:

- a) de inspiração verbal e conceitual nos dados da revelação;
- b) uma autêntica confissão da fé católica;
- c) com redação literária dignitosa e viva expressão da fé do povo e das riquezas culturais que podem ser assumidas pela oração cristã.

Vale lembrar ainda, que a criatividade na oração deve inspirar-se na Escritura e estar em contato com a Tradição da Igreja, respeitando os conteúdos e as formas próprias da Escritura e da Tradição⁶¹.

2.9.8 Os diversos momentos da igreja em oração

São vários e riquíssimos os momentos da Igreja em oração. A Tradição nos deixou como herança grandes tesouros, tais como:

- a) a liturgia das horas, onde há espaço para a meditação da Palavra, a oração dos salmos, a ação de graças e a intercessão;

⁵⁹ A palavra “eucologia é um neologismo proveniente do grego: *euchê* = oração, e *logos* = discurso, significa propriamente a ciência que estuda as orações e as leis que governam a sua formulação ou, a doutrina que trata da oração e das suas formas (...) a eucologia é o conjunto das orações contidas em um formulário litúrgico, em um livro ou, em geral, nos livros de uma tradição litúrgica...” (AUGÉ, 1992, p. 415).

⁶⁰ Para este assunto, oração como resposta à Palavra de Deus, consultamos também: CASTELLANO, 1992, p. 820. E ainda: CANALS CASAS, 1994, p. 767.

⁶¹ Para todo este item confira: CASTELLANO, 1992, p. 821-822. Também: AUGÉ, 1992, p. 415-422. Veja mais sobre a liturgia como oração em: BOROBIO, 1993, p. 361-372.

- b) o esquema dialógico da liturgia da Palavra da celebração eucarística leva a comunidade a uma verdadeira atitude de escuta e resposta;
- c) a celebração dos sacramentos que acontece num clima de oração e são atos de culto da confissão de fé.

A comunidade com seu ministro dirige-se a Deus para receber a graça do sacramento e agradecer. Podemos dizer que o cerne de toda celebração litúrgica é, estruturalmente, oração, diálogo da Igreja com Deus. Uma grande expressão da Igreja em oração é a eucaristia, que tem como centro a prece eucarística, que é fonte e norma de toda a oração da Igreja, pois exprime os sentimentos mais nobres da oração cristã, que são suscitados pelo Espírito: o louvor, a ação de graças, a “*epiclese*”, a oblação, a intercessão (CASTELLANO, 1992, p. 822).

A ação de graças e o louvor, na experiência do povo de Israel, nasceu diante do acontecimento libertador do Êxodo e de tantas outras páscoas acontecidas ao longo da história. Da mesma forma, a Igreja, em cada eucaristia, evoca a ação maravilhosa de Deus que se manifesta em Jesus Cristo. Essa evocação, que ao mesmo tempo é profecia, memorial e contemplação, desemboca também numa exultante ação de graças e num eterno louvor (BERNAL, 1979, p. 487).

Temos ainda outras celebrações litúrgicas: celebração dominical da Palavra de Deus, celebrações de bênçãos, exéquias, dedicação de Igreja etc.

Na oração litúrgica, a comunidade orante, convocada por Deus, se reúne para fazer memória das ações salvíficas de Deus, que têm como centro o mistério pascal de Cristo, e realiza ações de forma plena, consciente, ativa (cf. SC 14). Como afirmamos, a iniciativa na oração é divina e cabe à comunidade responder com disposição e reta intenção, sintonizando a alma com as palavras (cf. SC 11).

Como vimos, a oração litúrgica possui uma riqueza de ações, formas e momentos específicos. É certo que estas ações, formas e momentos não constituem o fim da oração litúrgica. Estes são apoio e mediações que precisam ser realizadas com intensidade e unção para que a pessoa e a comunidade orante faça a experiência do mistério.

É a pessoa e a comunidade, animadas pelo Espírito Santo, que dão vida às ações, às formas ou fórmulas que são utilizadas nos diversos momentos da Igreja em oração. Como escreve o Pe. Gregório: “Assim, já aparecerão os contornos do mistério mesmo, que celebramos na liturgia: da obra salvífica de Deus, realizada sobretudo em Jesus Cristo e sendo

levada a efeito na Igreja e no mundo, particularmente na liturgia, até a última vinda do Senhor em sua glória” (LUTZ, 1996, p. 6).

Tudo isto vale para tornarmos a liturgia mais oração.

2.10 A liturgia ensina a rezar

A oração litúrgica tem muito a contribuir para a oração particular e outras formas de oração. Certamente todos os elementos citados anteriormente, ou seja, as características, as ações, formas típicas e momentos da oração litúrgica são contribuições da liturgia para a oração que acontece fora da liturgia.

Aqui, vamos destacar alguns pontos que consideramos importantes com relação à liturgia como pedagoga da oração.

Um primeiro elemento certamente é o conteúdo da liturgia, isto é, a celebração do memorial do Senhor. Vale lembrar que a liturgia introduz a pessoa ou a comunidade orante no mistério de uma maneira progressiva e gradual. Uma grande contribuição que a liturgia oferece é o método. A liturgia, movimentando-se dentro da objetividade do tempo diário, semanal e anual, ensina a oração particular a ter seu ritmo, fugindo do risco de ser meramente fruto de sentimentos momentâneos. O ano litúrgico, com seu suporte principal que é o lecionário, de uma maneira pedagógica, vai proporcionando pouco a pouco a experiência do mistério, auxiliando para que a nossa oração particular não seja simplesmente um ato subjetivo, mas aconteça numa verdadeira relação dialogal com Deus, abrindo-nos à comunhão com as pessoas, com o mundo, enfim, com toda a criação (SOUZA e MORAES, 1999, p. 7)⁶².

Já afirmamos que a liturgia é, em si mesma, oração, pois contém uma estrutura e uma dinâmica dialogal, que tem início em Deus e que provoca a resposta dos fiéis reunidos em assembleia. Para dialogar com Deus, a pessoa e/ou a comunidade orante utiliza-se de formas, ritos, ações simbólicas e estes nos conduzem à uma relação ou aliança com Deus.

Cremos que as palavras de Dionisio Borobio podem clarear ainda mais o sentido da liturgia como escola de oração. Ele escreve, tendo como referência a celebração eucarística, mas também podemos aplicar para toda e qualquer celebração litúrgica:

A liturgia é referência para a oração em geral porque ela concentra e expressa de forma adequada toda a riqueza do mistério; porque desenvolve, na variedade de sinais e ritos, os diversos aspectos que contém; porque equilibra o ritmo da vida no seu tempo; porque assume a variedade de

⁶² E ainda: CARPANEDO, 1999, p. 31-32.

situações vitais em sua riqueza antropológica; porque ordena em suas formas o verdadeiro diálogo e comunicação com Deus, além de um simples subjetivismo da fé ou de um puro objetivismo do rito; porque recolhe, enfim, dentro de suas formas e estruturas, a variedade de aspectos salvíficos e de atitudes e sentimentos relacionais que implica a mesma história de Deus com as pessoas... É na oração litúrgica que melhor se expressa, ao mesmo tempo, o dom de Deus, a aliança e a comunhão (BOROBIO, 1993, p. 364, tradução nossa).

2.11 Algumas conclusões sobre a oração bíblica e litúrgica

Começamos este nosso capítulo afirmando que, em vista do nosso tema, iríamos desenvolver noções sobre a oração em geral e sobre a oração litúrgica.

Ao mencionarmos os termos utilizados para designarem a oração na Bíblia, já fomos compreendendo o dinamismo da oração bíblica. Percebemos que o Deus do orante é pessoal, amigo, amante. Que maravilhoso constatar que a oração brota da vida, e que, por ser diálogo com o Senhor dos senhores é, primeiramente, escuta. É uma relação familiar de modo que a pessoa que reza, fala com facilidade com Ele: pede, agradece, louva, pede perdão e até exige, faz isso a partir do projeto de salvação. E mais, o orante bíblico nunca reza só. Mesmo se relacionando com Deus individualmente, todo o povo está presente em sua oração.

Continuamos o nosso aprofundamento, pisando mais firme no chão da Bíblia e confirmamos que no diálogo orante a iniciativa é de Deus. Ao entrar na relação dialogal, Deus se revela e aí o orante faz memória das inúmeras ações do Senhor da aliança. A cada celebração ou momento de oração, o orante faz aliança com Deus, como vimos nas assembleias do Antigo e Novo Testamentos (cf. Ex 19, 3-24; 20,1-17; 24,1-11; Js 24, 1-28; Ne 8, 1-12; Atos 4,23-31).

A relação de Deus com o povo e do povo com Deus é uma relação de amigos, até de esposos, de amantes, que não fica só em palavras, mas assume a história para transformá-la. É claro, a presença do Espírito é indispensável, Ele reza em nós e nos faz rezar.

Prosseguimos e percebemos que este jeito de rezar do orante bíblico, no qual oração comunitária e particular eram integradas, foi mudando. Aconteceram problemas e desencontros entre a oração litúrgica e oração particular, piedade litúrgica e exercícios piedosos. Mas nem tudo foi perdido. O povo encontrou um modo para rezar e assim garantiu a sua relação com Deus, que já não era mais possível na liturgia. E para integrar mais e melhor a oração particular, exercícios de piedade e oração litúrgica houve empenho para solucionar os problemas existentes e recuperar o valor da liturgia como oração.

Continuamos expondo as características, as ações, as formas e momentos da oração litúrgica. Constatamos realmente que elementos da oração bíblica estão muito presentes na oração litúrgica. De fato, ela é de inspiração bíblica.

Pode-se então concluir, que a liturgia é oração e ensina a rezar. Ela não se distingue de outra forma de rezar por ser oração, e sim por ser litúrgica, por se manifestar por meio de formas, estrutura – reunião da assembleia; proclamação da Palavra; expressão do rito; envio da assembleia (BOROBIO, 1993, p. 361). Na liturgia, oramos através da ação ritual. As ações simbólicas, nos remetem na ‘anámnesis’ das maravilhas de Deus (dimensão descendente), e, por força da ‘epíclese’ ou ação do Espírito, nos conduzem ao encontro e à comunhão com Deus (dimensão ascendente). Os ritos e os símbolos, a representação dos mistérios, nos revelam a presença dialogante de Deus e nos conduzem a esta relação ou aliança de graça, que é o objetivo de toda oração litúrgica (BOROBIO, 1993, p. 363). Por isso, rezar liturgicamente é mais exigente. Tudo deve contribuir para que a oração aconteça.

3 A CELEBRAÇÃO DOMINICAL DA PALAVRA DE DEUS: ASPECTOS HISTÓRICOS E CONSIDERAÇÕES OFICIAIS DO MAGISTÉRIO DA IGREJA

Prosseguindo nosso caminho de aprofundamento sobre a dimensão orante da celebração dominical da Palavra de Deus, vamos conhecer melhor este modo de celebrar que é praticado em inúmeras comunidades brasileiras e em outros países.

Tais celebrações recebem muitos nomes: “celebrações dominicais da Palavra”, “celebrações da Palavra na ausência do presbítero”, “celebrações sem padres”, “culto dominical”, “assembleias sem padre”. A 32ª Assembleia dos bispos do Brasil denominou-a “celebração da Palavra de Deus”. No documento sobre a celebração dominical da Palavra de Deus que a 32ª Assembleia Geral dos bispos do Brasil estudou e aprovou, aparece também a denominação “celebração dominical da Palavra de Deus (cf. CNBB, Doc. 52, p. 5)⁶³.

Pe. Gregório Lutz, em um artigo sobre a celebração dominical da Palavra, faz um comentário pertinente, do ponto de vista teológico, a respeito da terminologia “culto dominical”:

[...] Antes do Concílio Vaticano II, “culto” era um termo frequentemente usado para definir a liturgia. Mas o culto que a pessoa humana presta a Deus, é apenas uma dimensão da liturgia, como ela é vista pelo Concílio e pela Igreja hoje. A liturgia é santificação da pessoa humana e glorificação de Deus (cf. SC 5 e 7). Ela tem, portanto, uma linha descendente e uma linha ascendente. “O culto”, porém, abrange somente a linha ascendente. Por isso não convém usar este termo para a liturgia dominical das comunidades sem padre. Pois também nestas celebrações Deus santifica o seu povo, e somente santificado pelo Espírito de Deus, o povo pode glorificar o Pai (LUTZ, 1982, p. 13).

No Brasil, são milhares de comunidades que, não tendo a presença do presbítero, celebram o mistério de Cristo em suas vidas através da Palavra de Deus (CNBB, Doc. 43, n. 93).

Iniciaremos o nosso estudo sobre a celebração dominical da Palavra de Deus lembrando um pouco de sua história. Depois, mostraremos o que alguns documentos do magistério eclesial falam sobre tal celebração.

⁶³ Esta assembleia foi realizada em Itaici, São Paulo, de 13 a 22 de abril de 1994, onde foi estudado e aprofundado o Documento 52.

3.1 Um pouco de história

Mesmo não possuindo muitas informações sobre a história das celebrações dominicais da Palavra de Deus, descreveremos, a seguir, algumas que consideramos importantes destacar. Reconhecemos que não é o todo da história porque, para isso, seria necessária uma pesquisa mais extensa e apurada.

3.1.1 Origem e expansão das celebrações dominicais da Palavra de Deus

As celebrações dominicais da Palavra de Deus, dirigidas por leigos, já ocorreram em outros contextos históricos particulares e nas missões. Temos dados que este tipo de assembleia foi introduzido primeiramente em Burundi, na África, em 1898⁶⁴. No ano de 1930, Togo seguiu o exemplo de Burundi e, a partir daí, outros países africanos começaram a introduzir esta prática. Em Ruanda, por iniciativa dos sínodos, existem as assembleias dominicais dirigidas por leigos. Estas celebrações ajudaram no desenvolvimento eclesial. Em lugares como Madagascar, onde os padres⁶⁵ visitam as paróquias somente quatro vezes ao ano, o catequista então preside a celebração dominical e exerce vários serviços pastorais. As celebrações são fonte de verdadeira evangelização. Essas celebrações são realizadas também em Uganda, Tanzânia, Zaire, Costa de Marfim, Quênia, República da África Central, Nigéria, Nova Guiné etc. No ano de 1943 tornou-se obrigatória nos lugares não frequentados por missionários (DELLA TORRE, 1985, p. 69)⁶⁶.

Na Europa, as celebrações da Palavra de Deus também acontecem por falta de presbíteros (DELLA TORRE, 1985, p. 69). Na Alemanha, por exemplo, já existiam antes do Vaticano II, especialmente na ex-República Democrática Alemã. Em 30 de abril de 1965, a Congregação para a Doutrina da Fé permitiu a distribuição da comunhão nas celebrações da Palavra, a pedido dos bispos, e então, o povo começa a participar com distribuição da comunhão. Já na Áustria, a distribuição da comunhão, de acordo com os bispos (1983) é uma exceção. Os bispos suíços aprovaram, em 1997, o livro próprio para a “liturgia dominical da Palavra”, normalmente sem distribuição da comunhão (HEINZ, 2006, p. 703-705).

⁶⁴ As celebrações da Palavra foram iniciadas logo após a fundação das missões, pois eram muitos os números dos que se tornavam cristãos e se encontravam dispersos em muitos lugares, onde não havia missionários (cf. CHUPUNGO, 1992, p. 202. Também DELLA TORRE, 1985).

⁶⁵ Aqui em nosso trabalho usaremos no decorrer da dissertação o termo presbítero ou padre.

⁶⁶ Estes dados são de 1985, quando este artigo foi escrito (cf. DELLA TORRE, 1985, p. 69).

As celebrações dominicais da Palavra de Deus acontecem em muitos países (CHUPUNGO, 1992, p. 202; DELLA TORRE, 1985, p. 67-72)⁶⁷. Outros continentes, tais como a Ásia e a América Latina, passaram a adotar este jeito de celebrar o dia do Senhor.

Nos países da América Latina, as celebrações da Palavra estão presentes na maioria das dioceses. Essas se estendem nos lugares distantes das sedes paroquiais; mas nas grandes cidades há muitas paróquias sem padre nas quais estas celebrações desenvolvem uma função importante. Não se registra pouco apreço pela eucaristia; antes os fiéis são muitos assíduos à missa cada vez que pode ser celebrada (DELLA TORRE, 1985, p. 70)⁶⁸.

No Brasil, como já falamos, são celebrações realizadas em milhares de comunidades. O passo seguinte será dissertar sobre essas celebrações aqui em nosso país.

3.1.2 As celebrações dominicais da Palavra de Deus no Brasil

A história do catolicismo brasileiro sempre foi marcada por um número insuficiente de padres e, além disso, há uma concentração deles nos grandes centros urbanos. Sendo assim, milhares de comunidades celebram o mistério de Cristo ao redor da Palavra de Deus.

Repassando a história, constatamos que a atuação do(a) leigo(a) sempre foi uma constante, nas irmandades, nos reisados, nas folias, nas congadas e em outros rituais leigos, transmitidos de geração em geração. Nestes espaços de oração, o destaque é dado ao santo, mesmo assim, de alguma forma, a Sagrada Escritura sempre esteve presente, a Palavra era dramatizada, cantada e rezada. O laço de confiança é o mesmo com o santo e com a Palavra. Para Ormonde (1991, p. 101) está “claro que na religião popular o centro das ‘rezas’ não é a Palavra, mas sim o santo, que compreende as necessidades de seus devotos, acolhe seus pedidos e agradecimentos”. Nessa relação entre a Bíblia e a devoção ao santo encontramos uma comparação interessante num livro sobre o catolicismo popular:

No cristianismo popular, as mediações principais são: a virgem Maria⁶⁹ e, hoje também, a Palavra de Deus sem subordinação a funcionários religiosos. [...] Hoje, comunidades de base católicas e evangélicas, movimentos de apostolado, de catequistas, de espiritualidade optam pela Bíblia como vínculo concreto com Deus. Sem dúvida, são mediações distintas, mas com significados semelhantes: todas as pessoas podem ter acesso a elas, ambas são femininas, culto leigo, familiar e local, sinais tangíveis, resolvem

⁶⁷ Ver ainda em outros países, como por exemplo no Canadá (cf. BAILLARGEON, 2006, p. 709-710); nos Estados Unidos (cf. HUGHES, 2006, p. 711-712); na França (cf. BRULIN, 2006, p. 713-715).

⁶⁸ Estes dados são de 1985, quando este artigo foi escrito.

⁶⁹ Podemos aplicar a comparação também a outros(as) santos(as).

preocupações de cada dia [...]” (GONZÁLEZ; BRANDRÃO; IRARRÁZVAL, 1993, p. 166).

No Brasil, não temos conhecimento mais exato sobre os inícios da prática de celebrações dominicais da Palavra de Deus. Lendo a história das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), tudo parece indicar que, com o crescimento e expansão de tais comunidades, as celebrações da Palavra de Deus foram ganhando força e consistência. Escrevendo sobre a história das CEBs, José Marins afirma o seguinte:

E como são essas ceb's? Poderemos dar algumas especificações: a maioria são rurais e da periferia das grandes cidades [...], estão entre a população mais pobre [...], são coordenadas por leigos [...], permanecem por muito tempo na celebração da Palavra, nas orações em comum e na mútua ajuda. Há ceb's que passaram mais de um ano antes de celebrar normalmente a Eucaristia [...]” (MARINS, 1975/4, p. 26).

Uma experiência, certamente significativa, registrada na história das Comunidades Eclesiais de Base, é a de Barra do Piraí, no Rio de Janeiro. Trata-se da iniciativa realizada por D. Agnelo Rossi, em 1956, que começou um movimento de evangelização⁷⁰, com catequistas populares, para atingir regiões não alcançadas pelo padre. No dia 28 de outubro de 1956, houve um encontro diocesano com a participação de 372 catequistas populares, os quais fizeram um juramento e assumiram a missão de ensinar e fazer novos discípulos. O trabalho deles era o de reunir o povo, pelo menos uma vez por semana, para a leitura da lição catequética. Além disso, o catequista fazia as rezas diárias com o povo e reunia aqueles que moravam longe da igreja⁷¹, aos domingos e dias santos, para o “domingo sem missa”, ou a “missa sem padre”, ou o “culto católico”. Nesse movimento, a valorização do leigo esteve condicionada à disciplina eclesial e só aconteceu por causa da falta de padres. É certo que essa prática popular foi despertando a consciência do povo. Mesmo exercendo um papel de simples executante, o leigo ocupou o papel central nessa experiência (TEIXEIRA, 1988, p. 56-60).

E no que diz respeito às celebrações da Palavra de Deus, é importante destacar o que escreve Faustino Teixeira: “É interessante a experiência da ‘missa sem padre’, semanal e

⁷⁰ Este movimento começou a partir de um depoimento de uma velhinha à D. Agnelo Rossi: “Sr. Bispo, que humilhação para nós católicos. No Natal as três igrejas protestantes estavam iluminadas e concorridas. Ouvimos os seus cânticos... e nossa igreja católica, fechada, em trevas... porque não conseguimos padre” (BOFF, 1977, p. 12) E ainda (cf. TEIXEIRA, 1988, p. 56).

⁷¹ “As primeiras tentativas levaram pessoas como as professoras primárias a assumir com o povo algo da vida de oração da comunidade. Assim uma capela isolada escrevia: [Sr. Bispo, pela primeira vez, em nossa ilha tivemos a Semana Santa. Quem a celebrou conosco foi uma jovem professora]” (MARINS, 1975/4, p. 23).

leiga. Talvez seja o primeiro germe dos cultos leigos semanais realizados em determinadas comunidades eclesiais de base” (TEIXEIRA, 1988, p. 59). E prossegue o autor:

Pode-se destacar também o lugar reservado à Palavra de Deus na experiência de Barra do Piraí. O catequista popular podia ter acesso à Palavra de Deus, sendo responsável por sua leitura diante da comunidade. Este elemento é também extremamente significativo, já que o acesso à Palavra de Deus sempre esteve reservado ao clero. É verdade que o catequista popular não podia comentar o conteúdo de sua leitura – tarefa reservada aos párocos e ao bispo; entretanto, já significava um primeiro passo na valorização do leigo na Igreja (1988, p. 60).

Uma outra experiência importante para a história das celebrações da Palavra em nosso país foi, certamente, a de Nízia Floresta, no Rio Grande do Norte, em 1962⁷². Foi uma iniciativa de D. Eugênio de Araújo Sales, na época, bispo administrador apostólico da arquidiocese de Natal. Na busca de solucionar a falta de padres, ele designou quatro irmãs da congregação das missionárias de Jesus Crucificado para assumir o trabalho de evangelização na paróquia de Nízia Floresta, a 43 quilômetros de Natal. As irmãs tinham a missão de criar um clima de família na paróquia, através de palavras e de gestos concretos.

A vida comunitária tinha início às seis horas da manhã com a liturgia da Palavra na matriz. Constituíam-se de leitura e comentário da Epístola e do Evangelho do dia. A liturgia da Palavra já significava um grande passo, pois como se sabe, no período mencionado, a missa ainda era rezada em latim e com o padre de costas para o povo. Com a inovação litúrgica facilitava-se a compreensão do povo: ‘o povo gosta muito, diz que as irmãs explicam melhor que os padres porque traduzem a Palavra de Deus na linguagem deles’. Alguns diziam: ‘A missa das irmãs é muito ‘mió’ que a missa dos padres’. A liturgia da Palavra era feita todos os dias com exceção dos domingos, quando o pároco Francisco de Assis Pereira celebrava a eucaristia” (TEIXEIRA, 1988, p. 69-70).

Mesmo não sendo experiências de celebração da Palavra realizada aos domingos, entendemos que a prática foi de grande valia para a experiência de celebrações dominicais da Palavra de Deus em nosso país.

No que diz respeito a ritual impresso, sabemos que uma das primeiras tentativas de organizar tais celebrações foi realizada pelo bispo da diocese de Rio do Sul, em Santa Catarina, Dom Tito Buss, através do livro *Culto Dominical*, editado em três volumes pelas Edições Paulinas em São Paulo (LUTZ, 1982, p. 6). Vale a pena reproduzir aqui um trecho da apresentação redigida pela equipe diocesana de pastoral, mesmo sendo um pouco extenso:

⁷² Leia mais em TEIXEIRA, 1988, p. 67-72.

O Culto dominical, para as comunidades onde não há possibilidade de celebrar a Eucaristia aos domingos, nasceu da necessidade de se oferecer algo de concreto às numerosas comunidades, especialmente rurais, que desde longa data vivem nessa situação. Tinham missa uma vez por mês ou menos, e aos domingos algumas pessoas se reuniam na capela para rezar o terço.

Atenta a este problema, a equipe do Secretariado Diocesano de Pastoral de Rio do Sul preparou despretensiosamente estes cultos para os três anos do ciclo litúrgico, A, B, C, e os fez imprimir em cadernos. A aceitação foi geral e, muito cedo, padres de outras dioceses vieram pedir estes cadernos. Redigidos em linguagem extremamente simples, de acordo com o ambiente a que são dirigidos, tiveram logo uma excepcional aceitação por parte do povo. A frequência à Igreja aos domingos teve um incremento extraordinário.

Tendo sido ofertado ao Santo Padre um exemplar dos cadernos, assim se expressou a respeito deles o cardeal Villot, numa carta ao bispo diocesano de Rio do Sul: ‘Examinados, com a melhor atenção, esses escritos, foi o teor dos mesmos levado ao conhecimento do Santo Padre. Confiou-me ele o vir exprimir-lhe, ainda uma vez, o seu apreço por tão acertadas iniciativas e pelo zelo e preocupação que elas refletem, de catequizar os fiéis dessa grei e de vivificar as suas manifestações de religiosidade e do seu sentido de Igreja.

Bem andaram, efetivamente, V. Excia, e os seus colaboradores, na escolha e elaboração dos processos de atuação apostólica, dado o condicionamento. Eles acham-se em perfeita sintonia com as normas orientadas do recente Concílio Ecumênico II do Vaticano [...] A este apreço deseja o sumo pontífice que ajunte uma benevolente palavra, para todos os que se acham comprometidos em tal trabalho, de estímulo e encorajamento: a continuarem, com o mesmo entusiasmo e a mesma atitude de serviço e de contínua busca da maior proficiência, em ensinar a fé, por meio duma catequese adequada, e em celebrá-la com uma liturgia conforme à índole, capacidade, idade e condições de vida do povo [...]’ (SECRETARIADO DIOCESANO DE RIO DO SUL, 1974, p. 5-6).

É louvável o trabalho da Diocese de Rio do Sul, que foi a pioneira neste empreendimento. Outras dioceses e editoras seguiram o exemplo e muitos folhetos e livros foram elaborados, contendo o rito da celebração dominical da Palavra de Deus, mesmo que às vezes sem muita orientação, até porque este é um tema não muito aprofundado.

Outros escritos, do nosso conhecimento, também contribuíram para um embasamento teológico-litúrgico e para a prática dessas celebrações, tais como: o artigo do Pe. Gregório Lutz, “Teologia da liturgia dominical de comunidade sem padre”, publicado na *Revista de Liturgia*, em 1982. Mais tarde, em 1987, Ione Buyst escreveu o livro, *Celebração do domingo ao redor da Palavra de Deus*. Também a *Revista de Liturgia* e seu encarte *Dia do Senhor*, e ainda os cinco volumes do livro *Dia do Senhor*, com certeza, vêm prestando um serviço aos dirigentes dessas celebrações⁷³.

⁷³ Todos estes subsídios estão citados na bibliografia.

A Conferência dos Bispos do Brasil tem dado muita atenção ao tema celebração dominical da Palavra de Deus, principalmente a partir do dado, inicialmente hipotético, que são celebrações realizadas por 70% das comunidades (CNBB, Doc. 43, n. 25). Esta hipótese levou a CNBB a elaborar uma pesquisa relacionada ao tema. O resultado confirmou a hipótese. De fato, a celebração dominical da Palavra é uma das formas celebrativas mais frequentes. De 242 dioceses e prelazias existentes na época da pesquisa (1989-1990), 159 aderiram e responderam ao questionário, correspondendo a 65,7% sobre o total. Diante da pergunta: Está em uso a celebração da Palavra de Deus, na ausência do padre? Das 159 dioceses que participaram, 158 afirmaram que sim, apenas uma disse que não (PALUDO, 1991, p. 73).

Após o resultado da pesquisa⁷⁴ e a confirmação de que 70% das comunidades celebravam o domingo ao redor da Palavra de Deus, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em sua 32ª Assembleia Geral, aprovou o texto sobre a celebração dominical da Palavra de Deus: o documento 52, *Orientações para a Celebração da Palavra de Deus*.

Em 2019, a CNBB publicou o documento 108, *Ministério e a Celebração da Palavra de Deus*, com o objetivo de aprofundar e caracterizar melhor as celebrações da Palavra de Deus. Mais adiante apresentaremos o documento, o processo de sua elaboração e seu conteúdo.

Esta rápida retrospectiva da história das celebrações dominicais da Palavra de Deus nos ajudou a perceber a importância de tais celebrações para a vida das comunidades que não podem celebrar a eucaristia aos domingos. Della Torre (1985, p. 71) diz que:

[...] a assembleia dominical comporta como plenitude a eucaristia, e isto não dispensa de assegurar pelo menos aquilo que a precede e a acompanha: a proclamação da Palavra de Deus e a oração. Se não há ministros ordenados para assegurar o serviço dominical, a Igreja deve mostrar que ela é constituída dos crentes batizados e crismados, habilitados a assumir e encabeçar iniciativas eclesiais segundo as suas competências e segundo as necessidades da comunidade. Se esta requer a convocação dominical dos fiéis residentes, deve-se poder encontrar alguém em grau de desenvolver aqueles ministérios indispensáveis para o desenvolvimento de uma assembleia eclesial: leitura da Bíblia, comentário lido, oração.

Percorrendo a história, percebemos que em muitos países a reunião dominical da comunidade foi assegurada. Na prática, muitas dioceses tiveram (e algumas ainda têm) dificuldades de realizar tais celebrações com um caráter litúrgico. Certamente houve esforço para que cristãos e cristãs das comunidades tivessem um espaço para se relacionar com Deus

⁷⁴ Veja relatório da pesquisa em anexo (Anexo B).

em comunidade: escutando a Palavra e respondendo a ela com cantos, orações e ações simbólicas, numa dinâmica de aliança.

O magistério da Igreja, no que diz respeito às celebrações dominicais da Palavra de Deus, ofereceu algumas orientações e reflexões que consideramos importantes para o nosso trabalho. Agora, vamos tomar contato com a palavra do magistério, citando os documentos na ordem da data de promulgação deles.

3.2 A celebração da Palavra de Deus nos documentos oficiais do magistério da Igreja

As celebrações dominicais da Palavra de Deus não são uma novidade pós-conciliar, como já vimos na abordagem histórica. Nos anos que sucederam o Concílio Vaticano II, este jeito de celebrar obteve mais difusão e conquistou maior consistência.

As diretrizes e orientações expostas nos documentos da Igreja serviram para suscitar iniciativas pastorais adequadas nos lugares que sofriam carências de padre, de modo que as comunidades cristãs tivessem a possibilidade de reunir-se a cada domingo para a celebração da Palavra de Deus.

Nos próximos itens veremos os pronunciamentos do magistério, contidos em alguns documentos da Igreja a respeito da celebração dominical da Palavra de Deus.

Vamos seguir a ordem cronológica, para percebermos melhor o caminho evolutivo realizado pelo magistério, oferecendo importantes contribuições para uma celebração da Palavra de Deus mais litúrgica e orante.

3.2.1 A *Sacrosanctum Concilium* (SC)

Com o seguinte pronunciamento a constituição conciliar *Sacrosanctum Concilium*, promulgada no dia 4 de dezembro de 1963, põe o selo oficial, no que diz respeito à prática das celebrações ao redor da Palavra de Deus:

Promova-se a celebração da Palavra de Deus nas vigílias das festas solenes, em alguns dias feriais do advento e da quaresma e nos domingos e dias de festa, especialmente onde não houver padre; neste caso será um diácono, ou outra pessoa delegada pelo bispo a dirigir a celebração (SC 35, 4).

O documento conciliar, além de assumir tais celebrações, ainda as incentiva. É significativo e de grande importância para as celebrações dominicais da Palavra, a afirmação

que os padres conciliares fizeram na *Sacrosanctum Concilium* (n. 7), quando descrevem os modos da presença de Cristo nas ações litúrgicas:

Para levar a efeito obra tão importante Cristo está presente em sua Igreja, sobretudo nas ações litúrgicas [...] Presente está pela sua Palavra, pois é Ele mesmo que fala quando se leem as Sagradas Escrituras na igreja. Está presente finalmente quando a Igreja ora e salmodia, Ele que prometeu: “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, aí estarei no meio deles” (Mt 18,20).

Essas afirmações reforçam o valor teológico-litúrgico das celebrações ao redor da Palavra de Deus. No capítulo anterior, já dizíamos que a presença de Cristo, na oração da Igreja, faz com que os fiéis façam a experiência da totalidade de seu mistério, rezando por Ele, n’Ele e com Ele. Rezando assim, cristãos e cristãs se relacionam com o Pai, por Cristo, no Espírito.

O Concílio Vaticano II não legislou sobre a realização da celebração da Palavra. Limitou-se a dizer que o dirigente seja um diácono ou um leigo delegado pelo Bispo.

3.2.2 A Instrução *Inter Oecumenici* (IO)

A Instrução *Inter Oecumenici*, de setembro de 1964, dedicada a aplicação correta da constituição *Sacrosanctum Concilium*, nos números 37 a 39, desenvolve o pensamento conciliar sobre as celebrações da Palavra de Deus, apresentado principalmente a sua estrutura e dinâmica⁷⁵:

Nos lugares onde não haja padre e não se possa celebrar a missa, nos domingos e festas de preceito, organize-se, a juízo do ordinário, uma sagrada celebração da Palavra de Deus, presidida por um diácono ou inclusive por um leigo, especialmente delegado. A estrutura desta celebração será semelhante a da liturgia da palavra na missa: geralmente se lerão em língua vernácula a epístola e o evangelho da missa do dia, antepondo e intercalando cantos, tomados preferentemente dos salmos. Se é diácono o que preside, pronunciará a homilia e, se não é, lerá a homilia preparada pelo Bispo ou pelo pároco. A celebração terminará com a oração comum ou dos fiéis e o Pai Nosso. É conveniente que a celebração da Palavra de Deus nas vigílias das festas mais solenes, nalgumas férias do advento e da quaresma e nos domingos e dias festivos, seja feita segundo a liturgia da Palavra na missa, ainda que nada impeça que haja uma só leitura. Ao dispor as várias leituras, até que se perceba claramente a história da salvação, a leitura do Antigo Testamento preceda geralmente a do Novo, de maneira que o Evangelho resulte como coroamento de tudo. As Comissões litúrgicas diocesanas

⁷⁵ Cf. Os documentos *Sacrosanctum Concilium* e *Inter Oecumenici*.

procurem indicar e fornecer os elementos necessários para que digna e religiosamente se façam estas celebrações (IO, 37-39).

A Instrução indica mais claramente as circunstâncias de tais celebrações: “onde não haja padre e não se possa celebrar a missa”, e aponta elementos para uma melhor estruturação ritual: “o programa de tal celebração deverá ser quase o mesmo da liturgia da Palavra da missa...”. E ainda: “cantos, tomados preferencialmente dos Salmos, homilia⁷⁶, oração comum e o Pai Nosso”. A estrutura ritual proposta pela Instrução dá a possibilidade de rezar na celebração dominical da Palavra de Deus. A orientação para proclamar a Palavra de Deus, fazendo com que cada fiel perceba a história da salvação e, com ênfase no evangelho, aponta para a celebração do mistério de Cristo ao longo do ano litúrgico.

A Instrução não menciona a possibilidade da distribuição da comunhão.

A Sagrada⁷⁷ Congregação dos Ritos encarrega as comissões litúrgicas diocesanas de cuidar para que as celebrações dominicais da Palavra de Deus sejam feitas com religiosidade.

3.2.3 A Instrução *Eucharisticum Mysterium* (EM)

A Instrução *Eucharisticum Mysterium*, de 25 de maio de 1967, abriu caminho à administração da comunhão por um ministro leigo que tivesse essa faculdade, sempre na falta do padre e não podendo ser celebrada a missa.

[...] que os fiéis comunhem na mesma celebração eucarística. Mas os padres não recusem administrar a sagrada comunhão, inclusive fora da missa, aos que pedem com justa causa [...] Quando se distribui a comunhão nos horários prescritos fora da missa, segundo a conveniência, pode ser precedida de uma breve celebração da Palavra de Deus, segundo a Instrução *Inter Oecumenici*. Se não se pode celebrar a missa por escassez de sacerdotes, se distribua a comunhão inclusive por um ministro que tenha esta faculdade por indulto da Sede Apostólica e deve guardar-se o rito prescrito pela autoridade competente (EM, n. 33).

A questão da existência de Ministros Extraordinários da Comunhão foi mais esclarecida com a publicação de alguns documentos:

A Instrução *Fidei Custos* diz no n. 1: a. Quando faltar ministro ordenado de que fala o cânon 845 do Código de Direito Canônico; b. Quando o ministro

⁷⁶ A respeito da homilia, notamos que a Instrução, seguindo o Código de Direito Canônico, faz uma distinção: quando preside um diácono ou quando é um leigo que dirige a celebração. O leigo se limita a ler o texto indicado pelo bispo ou pelo pároco (cf. CDC 767 § 1). Olhando para a prática na nossa Igreja no Brasil, é quase que impossível exercer o que aponta a Instrução. É mais viável formar os leigos para que possam fazer homilia.

⁷⁷ Assim denominada na época.

ordenado não puder administrar a Santa Comunhão, por razão de enfermidade, de idade avançada ou de ocupações pastorais; c. Quando o número dos fiéis que se aproximam da comunhão seja tão grande que a celebração da missa tenha que estender-se excessivo, os pastores podem permitir que pessoas idôneas possam administrar a sagrada comunhão a si mesmas e aos demais fiéis. (SEDOC, 1970, n. 8, p. 962-964).

A Instrução Geral *Liturgicae Instaurationis* no n. 6 diz:

Distribuir a comunhão é ofício, em primeiro lugar do padre celebrante, do diácono e em alguns casos do acólito. A Santa Sé pode permitir a outras pessoas de prestígio e virtude que tenham recebido o mandato correspondente. A pessoa que não recebeu o mandato não pode distribuir a santa comunhão ou levar os vasos sagrados com o Santíssimo Sacramento de um lugar para outro (SEDOC, n. 32, p. 826-8350).

A Instrução *Immensae Caritatis* dedica o primeiro capítulo aos Ministros Extraordinários da Comunhão e diz: “Tenha Ministros Extraordinários em caso de grande concorrência na comunhão, para levar a comunhão aos enfermos. Se dê esta ordem a pessoas idôneas quando faltam os ministros, para o bem espiritual dos fiéis (29-I-73)” (CONGREGAÇÃO PARA A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. Instrução *Immensae Caritatis*, p. 6-9).

Desde 1965, o Santo Ofício deu aos bispos da Alemanha Oriental a autorização de orientar leigos para distribuir a comunhão nos lugares em que os fiéis se reuniam para a celebração da Palavra de Deus, faltando o padre (HEINZ, 2006, p. 703).

Em seguida, houve uma concessão maior com a Instrução *Fidei Custos*, de 30 de abril de 1969, até a faculdade de poder escolher ministros extraordinários da comunhão com a Instrução *Immensae Caritatis*, de 1973. Essas pessoas não só distribuem a comunhão, mas têm também a sua guarda, podem levá-la aos doentes em forma de viático.

Notemos que a Instrução *Eucharisticum Mysterium*, em relação à estrutura da celebração da Palavra de Deus, remete à Instrução *Inter Oecumenici*, que já tinha explicitado a estrutura ritual de tais celebrações. Com a *Eucharisticum Mysterium*, acrescentou-se mais um elemento: a distribuição da comunhão. A permissão dada ao leigo de distribuir a comunhão foi prontamente aplicada à liturgia dominical na ausência de presbítero. Assim, a prática evoluiu transformando-se em celebração litúrgica da Palavra de Deus com distribuição da comunhão.

3.2.4 O Documento de Medellín (DM)

Na América Latina, os documentos do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) marcaram o período pós-conciliar da renovação litúrgica: o *Documento de Medellín*, com sua preocupação com o processo pascal da história, o *Documento de Puebla*, com sua opção evangélica pela imensa maioria esmagada e empobrecida do continente, o *Documento de Santo Domingo*, com a ênfase dada à questão cultural, sobretudo assumindo o compromisso com as culturas oprimidas (BUYST, 1989, p. 139) e o *Documento de Aparecida*, que teve como objetivo principal fazer que toda a Igreja forme os seus membros como discípulos e missionários de Cristo.

As reflexões e afirmações feitas nestas conferências contribuíram muito para a caminhada litúrgica de todo o continente latino-americano e, principalmente, do Brasil.

A conferência de Medellín, que aconteceu em 1968, procurou aplicar a doutrina do Vaticano II à realidade da América Latina. Percebemos uma insistência para que a liturgia seja mais de acordo com a índole do nosso povo e comprometida com a promoção humana, social e profética (BECKHÄUSER, 1989, p. 20).

Vejamos o que o documento de Medellín diz sobre a celebração dominical da Palavra de Deus: “Incrementem-se as sagradas celebrações da Palavra, conservando sua relação com os sacramentos nos quais ela alcança sua máxima eficácia e particularmente com a Eucaristia. Promovam-se as celebrações ecumênicas da Palavra [...]” (DM, 1977, p. 96).

Este texto está inserido nas recomendações que o episcopado faz quando trata da liturgia. É interessante a sugestão de promover celebrações ecumênicas da Palavra⁷⁸. Nesse sentido, há um avanço em relação à *Sacrosanctum Concilium*.

3.2.5 O ritual da sagrada comunhão e o culto do mistério eucarístico fora da missa

Em 21 de julho de 1973, foi publicado o *Ritual da Sagrada Comunhão e do Culto Eucarístico fora da Missa*. Esse documento apresenta algumas orientações sobre a comunhão e o culto eucarístico fora da missa. No número 6 fala dos diversos modos da presença de Cristo:

Cristo se faz presente na própria assembleia dos fiéis, reunida em seu nome; está presente também na sua palavra, quando se leem na igreja e se explicam

⁷⁸ Esta sugestão será aproveitada no Documento 52 da CNBB, *Orientações para celebração da Palavra de Deus*, que dedicará um número valorizando as celebrações ecumênicas da Palavra de Deus (cf. n. 19).

as Sagradas Escrituras e, por fim, de modo iminente, sob as espécies eucarísticas. De fato, no sacramento da eucaristia, de modo todo singular, Cristo está presente todo e inteiro, Deus e homem, substancial e permanentemente. Esta presença de Cristo sob as espécies “chama-se real”, não por exclusão, como se as outras não o fossem, mas por excelência (SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 1980, n. 6).

O documento afirma que ao participar da comunhão sacramental, os fiéis alcançam “mais perfeita participação na celebração eucarística” (SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 1980, n. 13) e que “os padres, porém, não recusem administrar, também fora da missa, a sagrada comunhão aos fiéis quando o pedem em causa justa” (SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 1980, n. 14).

E acrescenta:

Os fiéis, mesmo sem a missa, podem receber o corpo do Senhor. Deve, porém, estar sempre claro, que: Ouvindo a Palavra de Deus, os fiéis reconheçam que as maravilhas de Deus, então anunciadas, alcançam seu ponto culminante no mistério pascal, cujo memorial se celebra sacramentalmente na missa e do qual participam pela comunhão. Além disso, acolhendo a Palavra do Senhor e alimentando-se dela, são conduzidos em ação de graças a uma participação frutuosa nos mistérios da salvação (SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 1980, n. 26).

Esse ritual segue a *Eucharisticum Mysterium*, confirmando a comunhão eucarística fora da missa.

3.2.6 O discurso do papa Paulo VI aos bispos franceses sobre a celebração dominical da Palavra de Deus

Um grupo de bispos franceses, em visita *ad limina*, no dia 26 de março de 1977, ouviu do papa Paulo VI as seguintes declarações:

Vós enfrentais também o problema das assembleias dominicais sem padre, nos ambientes rurais onde a vila forma certa unidade natural tanto para a vida quanto para a oração, e seria prejudicial abandonar ou desperdiçar isto. Compreendemos certamente a razão do fato e as vantagens que dele podem decorrer para a responsabilidade dos participantes e a vitalidade da vila ou aldeias locais. O mundo atual prefere estas comunidades de acordo com a medida do homem, é evidente que com a condição que sejam suficientemente nutridas, vivas e não fechadas em si mesmas como em um gueto. Dizemos-vos pois: procedei com discernimento, mas sem multiplicar este tipo de reuniões, como se se tratasse da melhor solução e da última possibilidade! Antes de mais nada, estais convencidos da necessidade de escolher com discernimento e de preparar os animadores, leigos ou religiosos, e, mesmo neste nível, parece ser de importância capital o papel do

padre. Aliás, o objetivo deve continuar sendo a celebração do sacrifício da missa, a única realização verdadeira do sacrifício da Páscoa do Senhor. E sobretudo, reflitamos bem que estas assembleias do domingo não poderão bastar para construir comunidades vivas e irradiantes, em um contexto de população pouco cristã ou que está deixando a prática dominical. Seria preciso criar, ao mesmo tempo outros encontros de amizade e de reflexão, grupos de formação cristã, com a colaboração de padres e leigos mais bem formados, que ajudassem o ambiente a criar laços de caridade e a tomar mais consciência das próprias responsabilidades familiares, educativas, profissionais e espirituais (SARTORE, 1992a, p. 107).

Nesse discurso, o papa Paulo V faz uma avaliação das assembleias dominicais sem padre como conhecedor do assunto. Aponta para o valor delas, como espaço da comunidade de fé, mesmo não tendo o padre e celebração eucarística. Mas convida os bispos a procederem com a máxima prudência, sem multiplicar muito essas assembleias.

O papa diz que pequenas comunidades favorecem a oração. Ele se preocupa, também, com a formação dos que dirigem as celebrações. Esse é um outro elemento que contribui para que sejam celebrações aprimoradas, onde a comunidade possa fazer a experiência do mistério celebrado.

3.2.7 O Documento de Puebla (DP)

No dia 28 de janeiro de 1979, o papa João Paulo II abre a III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, em Puebla, no México:

Amados irmãos no episcopado. Esta hora que tenho a ventura de viver convosco é certamente histórica para a Igreja da América Latina. Disto está consciente a opinião pública mundial, estão conscientes os fiéis de vossas Igrejas locais, estais, sobretudo, conscientes vós que sereis protagonistas e responsáveis desta hora (DP, p. 15).

Os artigos sobre a liturgia estão inseridos na terceira parte do documento que se intitula: *Evangelização na Igreja e na América Latina*. Esta parte contém quatro capítulos e a liturgia é abordada no terceiro: *Meios para a comunhão e participação*. O documento trata no mesmo item a liturgia, a oração particular e a piedade popular.

O documento de Puebla reconhece as celebrações da Palavra de Deus e o culto dominical como autênticos momentos da liturgia da Igreja. Trata da experiência das celebrações da Palavra de Deus em três momentos – no número 900 diz:

A falta de ministros, a dispersão populacional e a situação geográfica do continente fizeram crescer a consciência da utilidade das celebrações da

Palavra e da importância de servir-se dos meios de comunicação social (rádio e televisão) para alcançar a todos (DP).

E acrescenta no número 929: “As celebrações da Palavra, com uma abundante, variada e bem escolhida leitura da Sagrada Escritura, são de muito proveito para a comunidade, principalmente onde não há presbíteros e, sobretudo, para a realização do culto dominical” (DP)⁷⁹.

Enfim, no número 944, Puebla insiste no dever de: “fomentar as celebrações da Palavra dirigidas por diáconos ou leigos (homens ou mulheres)” (DP).

O documento de Puebla, num primeiro momento, fazendo um levantamento da realidade, descreve o porquê da existência de tais celebrações: falta de padres, dispersão populacional e situação geográfica. Em seguida, indica elementos para a estrutura ritual: a proclamação de leituras bíblicas. Infelizmente, trata a celebração da Palavra de Deus como culto dominical. Entender a liturgia somente como culto prejudica a dimensão de diálogo com Deus, pois na celebração litúrgica o povo presta culto a Deus e é santificado por Deus, Ele vem a nós e a partir daí se estabelece a relação amorosa.

Por último, os bispos em Puebla valorizam e incentivam a celebração da Palavra de Deus⁸⁰.

3.2.8 O Código de Direito Canônico (CDC)

O *Código de Direito Canônico* de 1983, quando trata do cumprimento do preceito dominical, recomenda a liturgia da Palavra:

Por falta de ministro ou por outra causa, se a participação na celebração eucarística se tornar impossível, recomenda-se vivamente que os fiéis participem da liturgia da Palavra, se houver, na igreja paroquial ou em outro lugar sagrado, celebrada de acordo com as prescrições do Bispo diocesano [...] (CDC, cânon 1248, § 2).

Esse cânone do *Código de Direito Canônico* só admite a celebração da Palavra de Deus nos seguintes casos:

- a) na falta do ministro sagrado ou outra causa;
- b) se for impossível a participação na celebração eucarística (lembra que as celebrações devem estar de acordo com as prescrições do Bispo diocesano).

⁷⁹ Este número, por sua vez, faz referência ao número 35,1 da *Sacrosanctum Concilium*.

⁸⁰ O documento é escrito utilizando-se de o método ver-julgar e agir.

Talvez aqui haja uma certa resistência em aceitar as celebrações da Palavra de Deus, como diz Jesús Hortal ao comentar o cânon 1247: “A Comissão da Reforma rejeitou os pedidos de que o preceito dominical fosse trocado pela obrigação de participar da missa ‘uma vez por semana’, e de que nos lugares onde não houvesse missa, ela fosse substituída por um Culto da Palavra [...]” (CDC, comentário do cânon 1247).

O Código não fala de celebração dominical da Palavra de Deus e sim de liturgia da Palavra. Vamos explicitar melhor. A celebração dominical da Palavra de Deus pode ser realizada apenas utilizando os ritos da liturgia da Palavra como já vimos em alguns documentos citados anteriormente⁸¹. No entanto, algumas reflexões e escritos têm insistido sobre necessidade da ação de graças na celebração dominical da Palavra de Deus. O Pe. Gregório, em seu artigo sobre a teologia da liturgia dominical da comunidade sem padre, escreve sobre uma parte intermediária entre a liturgia da Palavra e a comunhão. Ele cita vários modelos (LUTZ, 1982, p. 6-13). Razão para isto, é que no domingo não pode faltar o louvor e a ação de graças (CNBB, Doc. 52, n. 31)⁸².

Neste caso, a ação de graças não é a oração eucarística da missa. Assim se expressa o Pe. Gregório Lutz (1982, p. 12): “[...] uma tal oração é ao mesmo tempo uma memória da obra redentora e de todos os grandes e pequenos feitos de Deus em favor dos homens; nela entra a vida da comunidade e nem falta um gesto eloquente e popular”.

Outro motivo para a existência da ação de graças é a lógica que contém uma ação litúrgica: reunião em nome do Senhor; proclamação da Palavra; louvor e ação de graças, pedidos; envio e missão. (CNBB, Doc. 52, n. 52;54). É a lógica da revelação. Ione Buyst também desenvolve esse elemento em vários artigos⁸³. Há ainda o *Dia do Senhor*, publicado em cinco volumes, que contém várias propostas para o momento da ação de graças. Oficialmente, em relação a ação de graças, temos indicações em dois documentos sobre a celebração dominical da Palavra de Deus: o Diretório da Sagrada Congregação para o Culto Divino, *Celebrações dominicais na ausência do presbítero*, e o documento da CNBB,

⁸¹ Vemos por exemplo nas orientações da Instrução *Inter Oecumenici* indicando que tais celebrações terão a estrutura da liturgia da Palavra de missa do dia (cf. n. 37). O *Ritual da Sagrada Comunhão e o Culto Eucarístico fora da Missa* não sugere o chamado momento de louvor e ação de graças na celebração da Palavra: “Terminada a oração dos fiéis, o ministro dirige-se ao lugar onde se conserva a Eucaristia, toma o recipiente ou cibório com o Corpo do Senhor, coloca-o sobre o altar e faz genuflexão. Em seguida, convida à oração do Senhor...” (n. 30).

⁸² O documento está fazendo referência à 1 Cor 11,20; At 20,7; Didaqué 14,1-2; S. Justino, 1ª Apologia 67,3-5.

⁸³ Cf. BUYST, I. *A ação de graças na celebração dominical da Palavra*, 10 p. Também da mesma autora: Presidir a ação de graças e a partilha. *Revista de Liturgia*, n. 150, p. 28-33. Ione já havia trabalhado este momento ritual em seu livro *Celebração do domingo ao redor da Palavra de Deus*, veja p. 78-82, onde apresenta sete esquemas para a celebração dominical da Palavra de Deus, todos eles contendo o momento do louvor e ação de graças (cf. p. 101-111).

*Orientações para a celebração da Palavra de Deus*⁸⁴. O subsídio *Celebrando o Dia do Senhor*⁸⁵, em 3 volumes: Ciclo do Natal ABC (advento e natal); Ciclo Pascal ABC (quaresma e páscoa) e Tempo Comum também oferecem a possibilidade da celebração da Palavra com a ação de graças. Em 2019, o documento 108 da CNBB, já mencionado neste trabalho, propõe o momento de louvor e ação de graças em seus quatro roteiros.

3.2.9 O Diretório para as Celebrações Dominicais da Palavra na Ausência do Presbítero (CDAP)

A respeito da celebração dominical da Palavra de Deus encontramos nos documentos – desde a *Sacrosanctum Concilium* até o *Código de Direito Canônico* – muitos dados que contribuíram para um amadurecimento da teologia e prática dessas celebrações. Sabemos que a experiência começou a criar corpo em várias partes do mundo, especialmente na Alemanha, na França e em países da América Latina, e com muita ênfase no Brasil. Surge aos poucos a necessidade de uma palavra mais completa e ordenada da Congregação para o Culto Divino sobre as celebrações dominicais presididas por leigos(as). Então, em 2 de junho de 1988, a Congregação para o Culto Divino publicou o Diretório para as celebrações dominicais na ausência do presbítero como resposta a várias conferências episcopais que a ela se dirigiram, pedindo orientações em relação à celebração da Palavra.

No Congresso dos presidentes e secretários das Comissões Nacionais de Liturgia, celebrado no Vaticano de 23 a 28 de outubro de 1984, pediu-se expressamente um Diretório e na assembleia extraordinária do Sínodo dos Bispos de 1985 se ouviu a voz de alguns bispos pedindo como assegurar a Eucaristia aos fiéis privados de sacerdote. Na Congregação para o Culto se tinha constituído um *coetus* de trabalho: *De celebrationibus diebus dominicis et festis absente sacerdote*, sobre o qual aparecem algumas informações na revista *Notitiae*, que permitem seguir o curso de elaboração do documento até sua publicação. Em reunião entre os dias 19 e 23 de maio de 1987 da Plenária da Congregação para o Culto Divino, o relator Mons. François Favreau expôs aos participantes o conteúdo do documento em preparação e em seguida os senhores cardeais, arcebispos e bispos fizeram algumas ponderações, que resumimos a seguir: a) Importância da escolha dos responsáveis por estas celebrações; b) O documento será de grande valor para as Igrejas Particulares; c) As ADAP não podem constituir o ideal. O domingo é o dia privilegiado para a Eucaristia; d) Evitar o perigo de fechamento das comunidades; e) Fazer entender o perigo de instrumentalização das ADAP para fins político-sociais. Estava, assim, tudo

⁸⁴ Confira CDAP n. 41 e 45 e Doc. 52 *Orientações para a celebração da Palavra de Deus*, n. 83-86.

⁸⁵ Esses subsídios são de nossa autoria, juntamente com três padres da arquidiocese de Pouso Alegre: Pe. Jésus Andrade Guimarães, Pe. José Aparecido C. Franco e Pe. Sebastião Camilo de Almeida. A princípio foram elaborados para a Arquidiocese de Pouso Alegre, no sul de Minas Gerais e, posteriormente, devido o interesse das equipes e para maior divulgação, foi publicado pela Editora Paulus, em 2011 e 2012.

pronto para a publicação do Diretório para as celebrações dominicais em ausência do presbítero (STEINMETZ, 1998, p. 24-25).

O Diretório, além da introdução geral, desdobra-se em três partes. A primeira fala do domingo e sua santificação, tomando como ponto de partida o número 106 da *Sacrosanctum Concilium* sobre a liturgia. A segunda parte apresenta as condições para as celebrações dominicais na ausência do presbítero. E a terceira parte descreve brevemente como deve ser o rito das celebrações da Palavra de Deus. Em resumo, pode-se dizer que o Diretório sintetiza a teologia subentendida nessa prática, esclarece alguns dos seus aspectos problemáticos, como a homilia, e apresenta sugestões sobre o modo como celebrá-la adequadamente e com vantagem pastoral (CHUPUNGO, 1992, p. 202-203).

O texto do Diretório apresenta considerações válidas, tais como a de assegurar a reunião da comunidade aos domingos e a de garantir o valor primordial da celebração eucarística. Outra vantagem é a de propor um esquema para as celebrações dominicais da Palavra de Deus, resgatando seu caráter de oração litúrgica: “O rito da celebração deve ser organizado de tal modo que favoreça totalmente a oração e dê a imagem duma assembleia e não duma simples reunião” (CDAP, n. 35).

Isso fica claro quando percebemos o esquema apresentado: ritos iniciais, liturgia da Palavra, a ação de graças, os ritos da comunhão, os ritos de conclusão. Esse esquema evidencia e explicita o caráter dialogal que se dá nessa dupla vertente: descendente e ascendente. Deus fala e a comunidade responde numa dinâmica de aliança.

Gostaríamos de fazer uma observação quanto ao momento da ação de graças proposto pelo Diretório, ou seja, “depois da oração universal ou depois da distribuição da comunhão” (n. 45a). O momento ideal para se fazer a ação de graças, de acordo com a lógica da revelação, é depois da liturgia da palavra, conforme a primeira indicação do Diretório.

Em relação à função do leigo ou da leiga, o Diretório parece apresentar um certo desmerecimento como “presidente”⁸⁶ da celebração da Palavra. No caso de exercer essa função numa celebração dominical da Palavra, o leigo é intitulado moderador (cf. n. 39, 42, 43, 45, 47). Somos da opinião de que houve um retrocesso em relação ao próprio *Código de Direito Canônico*, que já havia dado o título de presidente aos que coordenam estas celebrações⁸⁷.

⁸⁶ Recentemente, o documento 108 da CNBB, *Ministério e celebração da Palavra*, também não adotou o termo presidente para o ministro leigo ou a leiga (cf. n. 57, 63, 69, 85, 92, 96, 97, 113, 114).

⁸⁷ Veja CDC can. 230, § 3.

Há no Diretório, ainda, a dificuldade de entender as celebrações presididas por leigo(a) como momentos verdadeiramente litúrgicos. Isso fica claro quando o Diretório descreve os elementos necessários para haver assembleia dominical, como veremos a seguir:

- a) Reunião dos fiéis para manifestar que a Igreja não é uma assembleia formada espontaneamente, mas convocada por Deus, ou seja, o povo de Deus, organicamente estruturado, ao qual preside o presbítero na pessoa de Cristo Chefe.
- b) Instrução sobre o mistério pascal, por meio das Escrituras que são lidas e que o presbítero ou o diácono explicam.
- c) Celebração do sacrifício eucarístico, a se realizar pelo presbítero na pessoa de Cristo e oferecido em nome de todo o povo cristão, pela qual se torna presente o mistério pascal (CDAP, n. 12a, 12b e 12c).

O liturgista José Ariovaldo da Silva questiona:

Caso faltar um desses elementos não há assembleia dominical? E o grande número de celebrações presididas por leigos, como é que ficam? Será que não são litúrgicas, dominicais, pelo menos como parte de um processo (caminhada) “catecumenal” dos fiéis que tende necessariamente para o momento maior de expressão da fé, que é a Eucaristia, quando esta for possível? (1989, p. 414).

José Ariovaldo continua:

Além disso, o documento é pouco pneumatológico. Foi esquecido aqui um grande dom dado pelo Espírito e vivido pelas nossas comunidades, a saber, a comunhão fraterna, o viver em comunidade de fé, anúncio, celebração, serviço, partilha, como sinal do modo de ser de Deus Santíssima Trindade, a mais perfeita comunidade.

Mesmo sendo um Diretório feito para o mundo inteiro, percebemos que poderiam ter sido mais valorizados alguns aspectos relevantes para a Igreja Latino-Americana: a eclesiologia elaborada à luz da Trindade, a pneumatologia elaborada à luz da experiência de fé e vida das comunidades cristãs, na diversidade dos ministérios a partir da vocação batismal (1989, p. 415).

No Brasil, a partir da realidade das comunidades que não têm celebração eucarística todos os domingos, um dos caminhos a trilhar é esse: valorizar ao máximo as celebrações da Palavra de Deus, o que significa também valorizar ao máximo a atuação dos leigos como a nossa grande força eclesial evangelizadora e, ainda, capacitá-los para exercerem bem o ministério.

O Diretório deixou a possibilidade aberta às Conferências Episcopais, e a cada bispo, de adaptar o documento de acordo com a realidade de sua região. O episcopado brasileiro,

mesmo antes da publicação do Diretório da Santa Sé, já estava refletindo sobre as celebrações dominicais da Palavra de Deus, como vemos no 9º Plano Bial (1987/88):

Muitas comunidades não celebram a eucaristia aos domingos, mas reúnem-se para celebrações presididas por leigos. Serão, pois, necessárias orientações para uma celebração autêntica do dia do Senhor a partir das diretrizes a serem baixadas pela Sé Apostólica (CNBB, Doc 39, n. 71-73).

A dimensão litúrgica da CNBB ficou responsável de encaminhar o estudo sobre o assunto.

3.2.10 O Documento 43 da CNBB: *Animação da vida litúrgica no Brasil*

O Documento 43 nasceu após um processo de pesquisa e estudo realizado pela CNBB. Em 1983, a CNBB encaminhou um levantamento (pesquisa)⁸⁸ para avaliar a caminhada litúrgica no Brasil, por ocasião dos 20 anos da *Sacrosanctum Concilium*, como foi anunciado no 7º Plano Bial dos Organismos Nacionais da CNBB com o projeto 4.19, *Novo impulso para a renovação litúrgica no Brasil*:

A celebração dos 20 anos da Constituição sobre a Sagrada Liturgia é um momento oportuno para suscitar, em todos os níveis e entre as diversas categorias dos responsáveis pela liturgia, uma reflexão profunda sobre os princípios do Vaticano II, no que se refere à liturgia, para chegar às celebrações mais imbuídas do espírito do Concílio e mais adaptadas à índole do povo do Brasil. (CNBB, Doc. 29, p. 50).

Como já apontamos, o levantamento (pesquisa) foi realizado e o resultado⁸⁹ ofereceu um retrato da situação da liturgia no Brasil. Nesse tempo, já se pensava na elaboração de um documento sobre a renovação litúrgica no Brasil. Mais tarde, na 27ª Assembleia Geral, de 05 a 14 de abril de 1989, a CNBB estudou e aprovou o documento 43, *Animação da vida litúrgica no Brasil*. Esse documento foi elaborado num processo participativo e teve como alicerce três pontos básicos: os dados da pesquisa comemorativa dos 20 anos da

⁸⁸ A ideia deste levantamento surgiu no Encontro Nacional dos Liturgistas do Brasil, em julho de 1983, em Salvador. Após a elaboração de um primeiro esboço com as perguntas do questionário, os bispos responsáveis pela liturgia nos regionais acolheram as sugestões, aperfeiçoaram o questionário e pediram à linha 4 da CNBB de enviá-lo a todas as dioceses e, através da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), aos superiores maiores das ordens e congregações religiosas no Brasil. O questionário foi enviado com carta de 26 de outubro de 1983. Até julho de 1984, 2.042 respostas foram recebidas, tabuladas e sintetizadas por Frei Ary Piontarelli (cf. REVISTA de Liturgia, 1985, p. 1).

⁸⁹ A Revista de Liturgia, no ano de 1985, desde o número 68 (março/abril), até o 71 (setembro/outubro) publicou o resultado do questionário enviado às dioceses e congregações religiosas. A CNBB também publicou o resultado do questionário na série Estudos da CNBB, n. 42, intitulado *Liturgia, 20 anos de caminhada pós-conciliar*.

Sacrosanctum Concilium, realizada no Brasil em 1983; os estudos, os debates e seminários feitos por professores de liturgia, bispos e agentes da pastoral litúrgica; a participação e as contribuições das comunidades, paróquias e dioceses que, utilizando-se do instrumento de trabalho: *Por um novo impulso à vida litúrgica*, tiveram a oportunidade de avaliar a própria caminhada e apontar sugestões (PALUDO, 1989, p. 106).

O Documento 43 possui um caráter pastoral e tem o objetivo de promover e animar a vida litúrgica da Igreja no Brasil. É constituído de duas partes: a primeira, contendo dez capítulos, reflete sobre elementos que constituem a realidade da vida litúrgica pós-conciliar e seus desafios atuais; a segunda, em dois capítulos, apresenta orientações pastorais sobre a celebração eucarística.

O Documento trata das celebrações na ausência do presbítero, nos números 93-102⁹⁰. De uma forma bastante sintética, aprofunda o assunto e oferece orientações para as comunidades. Parte da realidade de que milhares de comunidades, não tendo a presença do padre, celebram o mistério de Cristo através da Palavra de Deus. Aponta também para o valor de tais celebrações quando afirma:

- a) Que “a Palavra é de per si, depois dos sacramentos, o modo mais importante de celebrar” (n. 93);
- b) Que “o rápido surgimento de inúmeras comunidades eclesiais levou o povo a reencontrar esse tipo de celebração no tesouro da tradição litúrgica da Igreja, e ainda que, tais celebrações são o espaço onde encontra-se alimento para a fé, a comunhão e o compromisso” (n. 95);
- c) A presença de Cristo quando se leem, na Igreja, as Sagradas Escrituras. Além de sua presença na Eucaristia, eventualmente distribuída, está também, na assembleia, pois prometeu estar entre os seus que se reúnem em seu nome (Mt 18,20) (cf. n. 96).

O Documento, de uma maneira geral, é de grande importância para o nosso tema, sobretudo quando trata especificamente da celebração dominical da Palavra de Deus. Além dos pontos que já mencionamos acima, é importante a descrição que o Documento faz dos elementos que integram as celebrações da Palavra: a reunião dos fiéis, a proclamação e atualização da Palavra, as orações, o louvor e a distribuição da comunhão eucarística quando possível (cf. n. 99).

⁹⁰ Não é possível reproduzir o conteúdo desses números aqui em nosso trabalho, devido a extensão deles.

Chama a atenção para a importância da presidência na celebração dominical da Palavra de Deus, valorizando o sacerdócio comum dos fiéis quando afirma: “[...] quando não houver diácono ou ministro instituído, todo o cristão leigo, homem ou mulher, por força do batismo e confirmação, assume legitimamente este serviço [...]” (n. 100). No número 101, retoma os elementos rituais, chamando a atenção para a dinâmica dialogal que acontece entre Deus e a assembleia. Conclui, indicando o valor educativo das celebrações da Palavra de Deus e o compromisso que ela suscita (cf. n. 102).

É importante lembrar que esse Documento, em todo o seu conjunto, contribuiu para um outro passo realizado pela linha 4, dimensão litúrgica da CNBB, que foi a pesquisa sobre as celebrações dominicais da Palavra de Deus⁹¹ e, em seguida, a elaboração do Documento 52, *Orientações para a celebração da Palavra de Deus*.

O mais lógico seria passar agora a comentar o Documento 52 da CNBB, porém, se estamos seguindo a ordem cronológica dos documentos, verificaremos o documento de Santo Domingo.

3.2.11 O Documento de Santo Domingo (SD)

Os bispos da América Latina, no ano de 1992, reuniram-se em Santo Domingo, capital da República Dominicana, para a IV Conferência Geral do Episcopado. Após estudos e reflexões, foi elaborado o documento oficial: *Nova evangelização, promoção humana, cultura cristã. Jesus Cristo ontem, hoje e sempre: Santo Domingo, conclusões*.

Nesse documento, a liturgia aparece em diversos números: Princípios teológicos e pastorais (cf. n. 34-37), leitura da realidade (cf. n. 43-44), recomendações práticas (cf. n. 51-53). Além destas citações, existem outras referências à liturgia em vários números (cf. 58, 61, 71, 145, 151, 152, 248, 249, 254).

O ponto que nos interessa, a partir do tema que estamos tratando, é a importância dada à celebração dominical da Palavra de Deus. Tais celebrações são mencionadas quando o Documento trata da formação litúrgica:

Nossas Igrejas locais, que se expressam plenamente na liturgia e em primeiro lugar na Eucaristia, devem promover uma séria e permanente formação litúrgica do povo de Deus em todos os seus níveis, a fim de que ele possa viver a liturgia espiritual consciente e ativamente. Esta formação

⁹¹ Notemos que a CNBB realizou duas pesquisas, uma por ocasião dos 20 anos da *Sacrosanctum Concilium*, em 1983 e a outra, a qual estamos nos referindo acima, foi especificamente sobre a celebração dominical da Palavra, no ano de 1990.

deverá ter em conta a presença de Cristo na celebração, seu valor pascal e festivo, o papel ativo que cabe à assembleia e seu dinamismo missionário. Preocupação especial deve ser promover e dar uma séria formação a quem esteja encarregado de dirigir a oração e a celebração da Palavra na ausência do presbítero. Parece-nos, enfim, que é urgente dar ao domingo, aos tempos litúrgicos e à celebração da Liturgia das Horas todo seu sentido e força evangelizadora (SD, n. 51).

É interessante notar que a formação para os que presidem a celebração da Palavra de Deus é uma preocupação especial. Com uma boa formação dos ministros e ministras da celebração da Palavra de Deus, certamente, tais celebrações serão mais litúrgicas, orantes, conscientes e ativas.

Prosseguindo o nosso estudo, vamos verificar o Documento 52 da CNBB, que trata especificamente das celebrações dominicais da Palavra de Deus.

3.2.12 O Documento 52 da CNBB: *Orientações para a celebração da Palavra de Deus*

Com o encargo de encaminhar o estudo sobre as celebrações dominicais da Palavra de Deus, e tendo como base a hipótese de que 70% das comunidades católicas do Brasil celebram o dia do Senhor ao redor da Palavra de Deus, a CNBB começou seu trabalho com justificativas e objetivos claros:

[...] estas milhares de comunidades que se reúnem convocadas pela Palavra de Deus e celebram o mistério de Cristo em suas vidas (*Animação da vida litúrgica no Brasil*. Doc. 43, 93) nos impulsionam a olhar e conhecer mais de perto a sua realidade a fim de buscarmos juntos uma resposta. Os objetivos e os passos do referido projeto são enunciados nos seguintes termos:

- a) Conhecer a situação concreta da celebração da Palavra de Deus, na ausência do padre.
- b) Apresentar orientações pastorais neste campo.
- c) Fornecer subsídios adequados às comunidades (PALUDO, 1991, p. 73).

Em 1989/90, a CNBB realizou a pesquisa sobre as celebrações dominicais na ausência do presbítero⁹². Um número significativo de dioceses respondeu ao questionário, ou seja, 159, correspondendo a 65% do total. Resultou dessa pesquisa que a celebração da Palavra de Deus é uma das formas celebrativas mais frequentes. Foi confirmada a hipótese: de fato, aproximadamente 70% das comunidades reúnem-se e celebram o mistério pascal de Cristo ao redor da Palavra de Deus, sendo que 90% destas são presididas por leigos e leigas (PALUDO, 1991, p. 73-74). Foi constatado também que a maioria dessas comunidades são formadas por

⁹² Veja relatório da pesquisa (Anexo B).

peessoas simples que lutam pela sobrevivência e são mais abertas à solidariedade. Essas comunidades, espontaneamente, unem a Escritura à vida e, criativamente, integram preciosos elementos da religiosidade popular e de sua cultura (CNBB, Doc. 52, n. 5).

Com o resultado da pesquisa em mãos, contando com a colaboração de muitas pessoas, a dimensão litúrgica elaborou a primeira redação do Documento 52. Para chegar ao texto, apresentado aos bispos em assembleia, aconteceram quatro redações, até que na 32ª Assembleia Geral, realizada de 13 a 22 de abril de 1994, foi estudado e aprovado o Documento, *Orientações para a Celebração da Palavra de Deus*. Na primeira parte, o texto desenvolve o sentido litúrgico da celebração da Palavra de Deus; na segunda, os elementos para o roteiro da celebração; e, no final, apresenta oito roteiros para a celebração da Palavra de Deus.

Todo o Documento é de grande importância para a dimensão orante da celebração dominical da Palavra de Deus. Começa com a explanação do sentido litúrgico da celebração da Palavra de Deus ao descrever os elementos:

- a) O significado da Palavra de Deus: Deus fala e age em favor do seu povo – memória reveladora dos acontecimentos maravilhosos da salvação. Como? Deus fala à comunidade reunida, em Jesus Cristo e por ação do Espírito (cf. n. 8-10; 13-15).
- b) A memória do mistério pascal de Cristo como centro e plenitude da Escritura e da celebração litúrgica (cf. n. 11-12).
- c) A ação da comunidade reunida – assembleia e seus ministros (cf. n. 16-19; 21).
- d) A linguagem simbólica – sinais, símbolos e objetos, ações simbólicas (cf. n. 20).
- e) O compromisso que gera vida nova (cf. n. 22-24).
- f) A reunião dominical que ressalta o valor do dia do Senhor, como dia da ação de graças, dia da comunidade, dia da alegria, dia do repouso (cf. n. 31-37).

Ainda na primeira parte, o Documento menciona outros elementos a serem considerados para que haja uma qualificada celebração: a equipe de celebração (cf. n. 42-43) e o espaço celebrativo (cf. n. 44-49).

Na segunda parte, o Documento apresenta os elementos para o roteiro da celebração (cf. n. 50-94). Há uma insistência para que sejam utilizados roteiros que favoreçam o encontro da comunidade com o Senhor. Para isso, recorda a dinâmica de uma celebração litúrgica, que obedece à lógica da revelação:

[...] que no seu conjunto, reflete uma coerência teológica-litúrgica: o Senhor convida e reúne, o povo atende e se apresenta; o Senhor fala, a assembleia responde professando sua fé, suplicando e rezando, louvando e bendizendo. A comunidade com ritos, gestos e símbolos expressa e renova a Aliança de Deus com o seu povo e deste com Deus. A assembleia é abençoada e enviada em missão na construção de comunidades vivas” (Doc. 52, n. 52).

A partir dessa lógica que é diálogo, oração, o Documento então propõe os elementos para o roteiro da celebração da Palavra de Deus (cf. n. 54-56): ritos iniciais (cf. n. 57-65); liturgia da Palavra (cf. n. 66-82); momentos de louvor (cf. n. 83-86); ritos da comunhão (cf. n. 87-91) e por último os ritos finais – compromisso (cf. n. 92-94).

Encontramos no Documento, como anexo, oito roteiros para a celebração dominical da Palavra de Deus, todos com o objetivo de possibilitar o encontro de comunhão afetiva e efetiva entre Deus e as pessoas. Para que isto aconteça, a dinâmica da celebração deve ser dialogal, com início em Deus, e que provoca a resposta dos fiéis, reunidos em assembleia (cf. n. 56),

3.2.13 O Documento de Aparecida (DAP)

A V Conferência Geral do episcopado Latino-Americano e Caribenho aconteceu em Aparecida do Norte, no Brasil, entre 13 e 31 de maio de 2007, com o tema “Discípulos e missionários de Jesus Cristo para que nele nossos povos tenham vida – ‘Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida’” (Jo 14, 6).

Em Aparecida, São Paulo, está o Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, localizado no vale do Paraíba. Por esse vale corre um rio de nome Paraíba, onde a imagem de Nossa Senhora Aparecida foi encontrada por três pescadores: Domingos Garcia, Filipe Pedroso e João Alves. O Santuário Nacional acolhe milhões de romeiros, anualmente.

O evento da Assembleia compreendeu o “durante” a V Conferência, composto pelas celebrações e pelos debates, pelo exercício da colegialidade e da fraternidade episcopal, pela presença de atores e eventos externos e pela elaboração de conclusões das reflexões em forma de Documento (BRIGHENTI, 2007, p. 779).

O texto conclusivo da V Conferência Geral é constituído de uma introdução, três partes e a conclusão. Foram inseridas no texto algumas homilias e discursos feitos pelo papa Bento XVI.

O teólogo João Batista Libânio descreve sobre o esquema geral do documento:

A primeira parte, que, em princípio, seria a descrição da realidade, não o é no sentido sociológico, mas se trata de uma apreensão da vida dos povos da América Latina sob a ótica da vida, de que Cristo é a fonte. Ela se intitula: A vida de nossos povos hoje. A segunda parte, explicitamente, trabalha a vida de Cristo no cristão. E soa: A vida de Jesus Cristo nos discípulos missionários. E, finalmente, a terceira parte une as duas anteriores sob o mesmo enfoque central: A Vida de Jesus Cristo para nossos povos (2007, p. 820-821).

No que diz respeito à liturgia, certamente o fato de a V Conferência Geral ter acontecido em Aparecida, com celebrações no Santuário Nacional, proporcionou aos seus participantes um contato diário com o povo nos momentos celebrativos, tornando-se momentos fortes de interação.

O Documento de Aparecida faz alusão à celebração dominical da Palavra de Deus, na primeira parte, quando descreve “a situação de nossa Igreja nesta hora histórica e de desafios”. Primeiramente destaca os frutos dos esforços pastorais orientados para o encontro com Jesus Cristo vivo (cf. DAp 98-99), em seguida, esboça as sombras deste processo (cf. DAp 100). Dentre as sombras está a impossibilidade de as comunidades participarem na celebração eucarística todos os domingos:

O número insuficiente de sacerdotes e sua não equitativa distribuição impossibilitam que muitíssimas comunidades possam participar regularmente na celebração da Eucaristia. Recordando que a Eucaristia faz Igreja, preocupa-nos a situação de milhares dessas comunidades privadas da Eucaristia dominical por longos períodos de tempo. A isso se acrescenta a relativa escassez de vocações ao ministério e à vida consagrada [...] (DAp 100).

A segunda parte, intitulada “A vida de Jesus Cristo nos discípulos missionários”, em seu sexto capítulo, aborda o caminho de formação dos discípulos missionários e, mais especificamente, quando descreve “os lugares de encontro com Jesus Cristo”, o Documento de Aparecida, faz referência à liturgia como lugar de encontro com Cristo:

Encontramos Jesus Cristo, de modo admirável, na Sagrada Liturgia. Ao vivê-la, celebrando o mistério pascal, os discípulos de Cristo penetram mais nos mistérios do Reino e expressam de modo sacramental sua vocação de discípulos e missionários. A Constituição sobre a Sagrada Liturgia do Vaticano II nos mostra o lugar e a função da liturgia no seguimento de Cristo, na ação missionária dos cristãos, na vida nova em Cristo e na vida de nossos povos nEle (n. 250).

De acordo com João Batista Libânio (2007), a segunda parte é considerada o momento do “julgar”, conforme o método ver-julgar e agir, utilizado no documento: “Julgar teológico –

A parte teológica ocupou longo capítulo. O tema central decidiu sobre a teologia a ser elaborada. Todo ele gira em torno de Jesus Cristo, fonte de vida para toda a humanidade e da experiência fundante do cristão discípulo missionário” (p. 830).

O Documento de Aparecida afirma que este encontro acontece na fé, recebida e vivida na Igreja, que tem como lugares principais a Escritura e a Eucaristia, por isso ressalta a importância de “viver segundo o domingo”. Destaca também como lugar de encontro com Cristo: a oração pessoal e comunitária, a comunidade viva na fé e no amor, os pobres, os aflitos e os enfermos. A espiritualidade carrega as marcas missionária, mariana e santoral da piedade popular, que é também um espaço do encontro com Cristo (cf. DAp 246-265).

E é neste contexto, após acenar para importância de “viver segundo o domingo” que o episcopado latino-americano e caribenho dirige a palavra às milhares de comunidades impossibilitadas de celebrar a eucaristia no dia do Senhor:

Com profundo afeto pastoral, queremos dizer às milhares de comunidades com seus milhões de membros, que não têm a oportunidade de participar da Eucaristia dominical, que também elas podem e devem viver “segundo o domingo”. Podem alimentar seu já admirável espírito missionário participando da “celebração dominical da Palavra”, que faz presente o Mistério Pascal no amor que congrega (cf. 1 Jo 3,14), na Palavra acolhida (cf. Jo 5,24-25) e na oração comunitária (cf. Mt 18,20). Sem dúvida, os fiéis devem desejar a participação plena na Eucaristia dominical, pela qual também os motivamos a orar pelas vocações sacerdotais (DAp, n. 253).

Em relação à celebração dominical da Palavra de Deus, na primeira parte do documento, ao olhar a realidade (A vida dos nossos povos hoje), o episcopado latino-americano e caribenho vê como problema e preocupação a situação das comunidades que são impedidas de participar da celebração eucarística por longo tempo. Os bispos atribuem a questão à falta de ministros ordenados habilitados a presidirem a eucaristia e a distribuição desigual destes (cf. DAp 100). No entanto, o episcopado, com afeto pastoral, anima e incentiva as comunidades a se reunirem aos domingos, ao redor da Palavra de Deus, pois aí se faz presente o mistério pascal, na comunidade reunida, na acolhida da Palavra e na oração comunitária (cf. DAp 253), elementos que manifestam a presença de Cristo e que mantêm viva a fé dos batizados e batizadas privados da celebração eucarística.

3.2.14 A Exortação Apostólica *Verbum Domini* (VD)

No dia 30 de setembro, memória de São Jerônimo, o papa Bento XVI publicou a Exortação Apostólica pós-sinodal *Verbum Domini* com o lema “A Palavra de Deus na vida e

na missão da Igreja”, fruto da XII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, realizada em Roma, em 2008.

A *Verbum Domini* contém a introdução que assinala o fio condutor da reflexão teológica da Igreja desde a *Dei Verbum* (1965) até a presente Exortação apostólica. Em seguida, o documento se desdobra em três partes. A primeira, *Verbum Dei* (Palavra de Deus), expõe os fundamentos teológicos e hermenêuticos da Palavra escrita e inspirada: o Deus que fala; a resposta do homem a Deus que fala e a hermenêutica da Sagrada Escritura na Igreja. A segunda parte, que tem como título *Verbum in Ecclesia* (a Palavra na Igreja), trata sobre a acolhida da Palavra de Deus em três blocos, são eles: a Palavra de Deus e a Igreja; liturgia, lugar privilegiado da Palavra de Deus e a Palavra de Deus na vida eclesial. A terceira parte, *Verbum Mundo* (Palavra para o mundo), aborda temas de grande alcance: a missão da Igreja – anunciar a Palavra de Deus ao mundo; Palavra de Deus e compromisso no mundo; Palavra de Deus e culturas e Palavra de Deus e diálogo inter-religioso. Por fim, o papa Bento XVI conclui afirmando que na *Verbum Domini* recolheu e aprofundou a riqueza da XII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos.

A respeito das celebrações da Palavra de Deus, o papa Bento XVI faz menção na segunda parte, depois de ter lembrado alguns elementos fundamentais da relação entre Liturgia e Palavra de Deus (cf. DV 64), aponta sugestões e propostas concretas para a animação litúrgica, dentre elas, as celebrações da Palavra de Deus:

Os Padres sinodais exortaram todos os Pastores a difundir, nas comunidades a eles confiadas, os momentos de celebração da Palavra: são ocasiões privilegiadas de encontro com o Senhor. Por isso, tal prática não pode deixar de trazer grande proveito aos fiéis, e deve considerar-se um elemento importante da pastoral litúrgica. Estas celebrações assumem particular relevância como preparação para a Eucaristia dominical, de modo que os fiéis tenham possibilidade de penetrar melhor na riqueza do Lecionário para meditar e rezar a Sagrada Escritura, sobretudo nos tempos litúrgicos fortes do Advento e Natal, da Quaresma e Páscoa. Entretanto a celebração da Palavra de Deus é vivamente recomendada nas comunidades onde não é possível, por causa da escassez de sacerdotes, celebrar o Sacrifício Eucarístico nos dias festivos de preceito. Tendo em conta as indicações já expressas na Exortação apostólica pós-sinodal *Sacramentum caritatis*⁹³ sobre as assembleias dominicais à espera de sacerdote, recomendo que sejam redigidos pelas competentes autoridades diretórios rituais, valorizando a experiência das Igrejas Particulares. Assim, em tais situações, hão de favorecer-se celebrações da Palavra que alimentem a fé dos fiéis, mas evitando que elas sejam confundidas com celebrações eucarísticas; “devem antes tornar-se ocasiões privilegiadas de oração a Deus para que mande sacerdotes santos segundo o seu Coração” (VD, n. 65).

⁹³ Confira o número 75 da Exortação Apostólica pós-sinodal *Sacramentum Caritatis*.

As celebrações da Palavra de Deus são ocasiões privilegiadas de encontro com o Senhor e tal prática nutre a vida dos fiéis. Bento XVI destaca a relevância destas como preparação para a Eucaristia dominical, sobretudo nos tempos litúrgicos fortes. Afirma que são celebrações recomendadas nas comunidades onde não é possível celebrar o Sacrifício Eucarístico, nos dias festivos de preceito, por causa da escassez de sacerdotes; indica que sejam redigidos rituais pelas autoridades competentes; alerta para a possível confusão com a celebração eucarística e orienta para que as comunidades, reunidas ao redor da Palavra de Deus, rezem pelas vocações sacerdotais.

Verificamos aqui e em pronunciamentos da Igreja o que testemunha Konings, comentando a segunda parte da *Verbum Domini* (*Verbum in Ecclesia*):

Em todos os sacramentos há um laço intenso com a Palavra – nas leituras, nos gestos, nas orações –, mas especialmente na Eucaristia. Na leitura do Evangelho, precedida das outras leituras, presenciamos a palavra de Cristo; e na consagração do pão e do vinho, o seu gesto. E os dois nos dão a conhecer a mesma coisa: Deus que nos ama até o fim, e infinitamente. Entende-se, então, que a celebração por excelência do cristão é o rito eucarístico completo, a missa, com a mesa da Palavra e a Mesa do Pão. Pode haver também celebrações da Palavra sem eucaristia, por exemplo, por ocasião de um evento, um dia de estudo, uma formatura, um casamento, um falecimento, mas essas celebrações não são as que constituem a celebração central do cristão. Porém: por falta de sacerdotes, 70% das celebrações dominicais no Brasil são celebrações da Palavra que, de fato, substituem a missa. Ora, cada comunidade cristã tem direito a celebrar o Dia do Senhor condignamente, com uma Eucaristia completa. Então é dever resolver a insuficiência ministerial [...] (2014, p. 21).

De fato, se a questão subjacente é a falta de ministros, uma vez que temos milhares de comunidades desassistidas, então é preciso buscar solução para isso. Fica sempre mais claro que o ponto crucial da Igreja é ministerial e requer diálogos, estudos, aprofundamentos e soluções.

3.2.15 O documento 108 da CNBB: *Ministério e celebração da Palavra de Deus*

Em 2016, tendo em vista a prática das celebrações da Palavra de Deus, o Conselho Permanente da CNBB aprovou a composição de uma Comissão⁹⁴ para aprofundar e caracterizar melhor as celebrações da Palavra de Deus e oferecer propostas concretas de

⁹⁴ A Comissão era inicialmente constituída dos seguintes membros: Dom Geremias Steinmetz, Dom Carlos Verzeletti, Dom Frei Wilmar Santin, Irmã Veronice Fernandes e Padre Luciano dos Santos (cf. CNBB. Ata da reunião da Comissão, 1º de setembro de 2016).

roteiros para estas celebrações, distintos da celebração eucarística. A Comissão formada reuniu-se pela primeira vez no dia 1º de setembro de 2016, em Brasília, na sede da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Nesta reunião, após dialogar sobre a prática das celebrações da Palavra, a Comissão prosseguiu o trabalho de preparar um subsídio com orientações para qualificar as celebrações dominicais da Palavra de Deus. O estudo foi apresentado ao Conselho Permanente da CNBB, em março de 2017, que decidiu submetê-lo à apreciação da 55ª Assembleia Geral da CNBB, de 26 de abril a 5 de maio de 2017.

A CNBB havia organizado outra Comissão para tratar do tema do Ministério da Palavra que também apresentou seu texto para a 55ª Assembleia Geral. Como os temas das duas Comissões tratavam do mesmo assunto, a Palavra, foi sugerido na Assembleia Geral que se formasse uma única Comissão, a fim de reunir os dois textos em um só. D. Geraldo Lyrio da Rocha foi encarregado de coordenar esta nova Comissão, com a tarefa de apresentar um único texto sobre o Ministério e a Celebração da Palavra de Deus. A nova Comissão⁹⁵ fez sua primeira reunião em setembro de 2017 e trabalhou intensivamente para cumprir a tarefa recebida. O texto final foi submetido ao Conselho Permanente da CNBB, que o aprovou, com as devidas correções, no dia 21 de novembro de 2018. O texto foi publicado em 2019, na série Documentos da CNBB, de número 108. Dom Leonardo Ulrich Steiner, então secretário geral, afirma na apresentação:

Os bispos do Brasil, inspirados e guiados pela Palavra de Deus, apresentam às nossas Comunidades o documento *Ministério e Celebração da Palavra*. São linhas básicas e diretrizes gerais para a elaboração de um plano de formação e acompanhamento dos ministros(as) da Palavra de Deus. Os regionais e dioceses saberão levar em consideração os desafios e as realidades concretas (CNBB, Doc 108, p. 11).

D. Leonardo assegura, ainda, que a CNBB publicará um Ritual da Celebração da Palavra de Deus (CNBB, Doc. 108, p. 12). Até então o ritual não foi elaborado. Talvez a extensão geográfica e a diversidade cultural do país, como também a multiplicidade de comunidades eclesiais, com realidades tão diversificadas, justifique a dificuldade de fazer um ritual a nível nacional.

O Documento 108 se ocupa especificamente do ministério da Palavra, confiado aos cristãos leigos e leigas (cf. n. 1) e, como já foi mencionado, oferece linhas básicas e diretrizes

⁹⁵ Os membros da nova Comissão: Dom Geraldo Lyrio da Rocha, Dom Armando Buccioli, Dom Geremias Steinmet, D. Sebastião Duarte, D. Wilmar Santin, Pe. Antônio Almeida, Pe. Vitor Feller, Ir. Veronice Fernandes e Pe. Danilo César Lima.

gerais para a elaboração de um plano de formação e acompanhamentos dos(as) ministros(as) da Palavra de Deus (cf. p. 11). O texto contém a apresentação, a introdução e dez capítulos. Nos quatro primeiros capítulos, trata do ministério da Palavra desde o Novo Testamento até o pós-Vaticano II. A partir do quinto capítulo, aborda a celebração da Palavra, sua teologia, elementos rituais, orientações pastorais, a formação dos ministros da Palavra e roteiros.

Com fundamentação bíblico-teológica e orientações pastorais do Magistério Universal e da CNBB, o documento apresenta a celebração da Palavra como expressão da comunidade de fé (cf. p. 11).

O Documento 108, em continuidade com o Documento 52, destaca e valoriza o ministério da Palavra, o fundamenta no Novo testamento (cf. n. 8-21), no Magistério Eclesiástico durante o Concílio Vaticano II (cf. n. 30-38) e depois do Vaticano II (cf. n. 39-56). Os bispos reconhecem a importância deste ministério existente nas comunidades e observam a necessidade de valorizá-los mais e qualificá-los adequadamente (cf. n. 36).

Ainda na linha da continuidade ao Documento 52, quanto à celebração da Palavra, o Documento 108 sanciona o seu sentido teológico-litúrgico, alerta para a necessidade da devida preparação para resguardar sua fisionomia litúrgica (cf. n. 57) e seu caráter sacramental (cf. n. 63). Mesmo admitindo certa liberdade, criatividade e diversidade de roteiros, chama a atenção para que a sequência ritual obedeça a “lógica da revelação”, na qual Deus toma a iniciativa e a comunidade de fé responde (cf. n. 60-61.70). Devido a elementos rituais comuns a outras celebrações, o Documento sinaliza a importância de se ter em conta a analogia sacramental⁹⁶, entre a celebração da Palavra e demais celebrações (cf. n. 64-65.71-72), sem excluir a sadia criatividade, a inculturação, a adaptação e a atualização (cf. n. 66.).

Além de ressaltar que a celebração da Palavra acompanha o ano litúrgico (cf. n. 67), no capítulo VI os bispos descrevem os ritos: iniciais (cf. n. 73-76); liturgia da Palavra (cf. n. 77-80); coleta fraterna (cf. n. 81); louvor e ação de graças (cf. n. 82-87); com possibilidade de distribuição da comunhão eucarística (cf. n. 88-97) e, por fim, os ritos finais (cf. n. 98).

O Documento, no capítulo VII, orienta a respeito da celebração da Palavra e Ofício Divino (cf. n. 99-103), fazendo referência também ao Ofício Divino das Comunidades (cf. n.103). No capítulo VIII diz uma palavra sobre a partilha de alimentos ou ágape fraterno, destacando a sua importância e instruindo sobre o lugar desta partilha na celebração (cf. n. 104-106). Os bispos oferecem orientações pastorais sobre a celebração da Palavra no capítulo IX (cf. n. 107-127) e no X capítulo, orientações para a formação dos ministros e ministras da

⁹⁶ Por analogia sacramental entende-se o princípio que reconhece as semelhanças e diferenças entre as celebrações litúrgicas (CNBB, Doc. 108, p. 49).

Palavra (cf. n. 128-133), e, após a conclusão, apresentam quatro roteiros celebrativos (cf. p. 81-85). Por fim, proporcionam um rito para conferir o ministério da Palavra (cf. p. 87-90).

Constatamos que, no decorrer da história, a celebração dominical da Palavra vai ganhando “fisionomia litúrgica”, com uma estrutura dialogal que garante o encontro de Deus com seu povo e deste com seu Deus, por meio de ações simbólico-sacramentais. O cuidado com a preparação dos ministros e das ministras qualifica tais celebrações.

3.2.16 O Sínodo para a Amazônia: Documento final e Exortação Apostólica Pós-Sinodal

O Sínodo para a Amazônia, que aconteceu em Roma, foi preparado sinodalmente, de junho de 2018 a abril de 2019, com ampla participação dos povos dos países que integram a região Pan-Amazônica: Brasil, Colômbia, Peru, Venezuela, Equador, Bolívia, Guiana Inglesa, Guiana Francesa e Suriname. Foram realizadas uma série de atividades como parte do processo de escutas pré-sinodais, coordenadas pela Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM).

A fase de escuta teve como documentos de referência os *Lineamenta* (Documento de Consulta) e a fase de preparação imediata o *Instrumentum Laboris* (Documento de Trabalho), que resultou no Documento final – “Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral” e na publicação da Exortação Apostólica “Querida Amazônia: ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade”, pelo papa Francisco, com data de 2 de fevereiro de 2020, porém foi publicada no dia 12 de fevereiro, dia em que se faz memória do assassinato da missionária Irmã Dorothy Stang, por pistoleiros, no Pará/Brasil.

O Sínodo, realizado entre 6 e 27 de outubro de 2019, no Vaticano, conseguiu destacar a integração da voz da Amazônia com a voz e o sentimento dos pastores participantes. Participaram da Assembleia Sinodal 250 pessoas, sendo 184 bispos e 35 mulheres.

3.2.16.1 Documento final “Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral” (DF)

O Documento final é resultado de um longo caminho sinodal de escuta do povo de Deus da Igreja na Amazônia. Toda a Igreja na região amazônica foi envolvida: bispos, missionários e missionárias, membros de outras confissões cristãs, leigos e leigas, representantes de povos indígenas. Participaram ativamente mais 87.000 pessoas, de diferentes cidades e culturas, além de numerosos grupos de outros setores eclesiais e das

contribuições de acadêmicos e organizações da sociedade civil em questões centrais específicas (cf. SÍNODO DOS BISPOS, 2019, p. 12).

O Documento foi votado, unanimemente, pelos padres sinodais. O texto contém a introdução e cinco capítulos que apresentam como desafio e tarefa para a Igreja na Amazônia cinco conversões: integral, pastoral, cultural, ecológica e sinodal. E por último, a conclusão.

O Sínodo não fala explicitamente das celebrações dominicais da Palavra de Deus, mas coloca a questão de que “os fiéis gozam do direito de ter a celebração eucarística estabelecida nos livros e normas litúrgicas” (DF 109). Esse direito de ter a celebração eucarística, afirma o documento: “deriva da essência da Eucaristia e do seu lugar na economia da salvação” (DF 110). E continua: “A vida sacramental é a integração das várias dimensões da vida humana no Mistério Pascal, que nos fortalece” (DF 110). E acrescenta:

É por isso que as comunidades vivas clamam verdadeiramente pela celebração da Eucaristia. Ela é, sem dúvida, o ponto de chegada (culminação e consumação) da comunidade; mas é, ao mesmo tempo, o ponto de partida: do encontro, da reconciliação, da aprendizagem e da catequese, do crescimento comunitário (DF 110).

O texto do *Instrumentum laboris* já havia indicado, com grande lucidez, o caminho a seguir:

As comunidades têm dificuldade em celebrar frequentemente a Eucaristia devido à falta de sacerdotes. “A Igreja vive da Eucaristia” e a Eucaristia constrói a Igreja. Por esse motivo, em vez de deixar as comunidades sem a Eucaristia, os critérios para selecionar e preparar os ministros autorizados a celebrá-la devem ser modificados (IL 126c) (GRILLO, 2019)⁹⁷.

Inúmeras comunidades, não podem receber a visita do presbítero ou do bispo, a não ser depois de meses ou até anos e, assim, permanecem por longo tempo sem a celebração eucarística, o sacramento da reconciliação e a unção dos doentes. Depois de ter reafirmado o caminho privilegiado do “celibato” como condição de vida do presbítero no exercício de seu ministério (GRILLO, 2019)⁹⁸, o Sínodo indica:

[...] propomos estabelecer critérios e disposições por parte da autoridade competente, no âmbito da Lumen Gentium 26, para ordenar sacerdotes a homens idôneos e reconhecidos pela comunidade, que tenham um diaconato permanente fecundo e recebam uma formação adequada para o presbiterato, podendo ter uma família legitimamente constituída e estável, para sustentar a vida da comunidade cristã mediante a pregação da Palavra e a celebração dos Sacramentos nas áreas mais remotas da região amazônica (DF 111).

⁹⁷ Artigo extraído da internet, sem paginação. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/595232>

⁹⁸ Artigo extraído da internet, sem paginação. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/595232>

No que diz respeito “a presença e o tempo da mulher”, o Sínodo assegura que a “Igreja na Amazônia quer ampliar os espaços para uma presença feminina mais incisiva na Igreja (EG, n. 103)” (DF 99), de modo que, além dessa abertura para os “homens casados” como ministros ordenados, deve-se lembrar que “para a Igreja Amazônica é urgente que sejam promovidos e conferidos ministérios a homens e mulheres de maneira equitativa” (DF 95). Nesse sentido, e com base no *Ministeria quaedam* de Paulo VI, propõe que mulheres adequadamente treinadas e preparadas possam receber os ministérios do leitorado e do acolitado, entre outros a serem desenvolvidos (DF 102).

O Sínodo ainda faz dois pedidos. O primeiro é sobre o ministério instituído da mulher dirigente da comunidade:

Nos novos contextos da evangelização e trabalho pastoral na Amazônia, onde a maioria das comunidades católicas são lideradas por mulheres, pedimos que seja criado e reconhecido o ministério instituído da “mulher dirigente da comunidade”, a serviço das diversas demandas da evangelização e da atenção às comunidades (DF 102).

O segundo pedido reabre a questão do “diaconato permanente para as mulheres”:

Já em 2016, o Papa Francisco havia criado uma “Comissão de Estudo sobre o Diaconato das Mulheres” que, como Comissão, chegou a um resultado parcial sobre como era a realidade do diaconato das mulheres nos primeiros séculos da Igreja e suas implicações hoje. Gostaríamos, pois, de partilhar as nossas experiências e reflexões com a Comissão e aguardar os seus resultados (DF 103)⁹⁹.

Quanto ao ministério do leitorado e do acolitado às mulheres, o papa Francisco, em atenção aos pedidos também de outros Sínodos, publicou no dia 10 de fevereiro de 2021, o *motu proprio Spiritus Domini*¹⁰⁰, dia em que se celebrava a festa do Batismo do Senhor, no qual é estabelecido que mulheres podem ser instituídas como leitoras e acólitas:

⁹⁹O liturgista Andrea Grillo faz uma série de considerações que dizem respeito a algumas das perspectivas que emergiram do Sínodo para a Amazônia, no artigo “Floresta amazônica e floresta curial: novas perspectivas e categorias obsoletas sobre ministério e liturgia”. *Come Se Non*, 16 dezembro 2019. Tradução Luisa Rabolini. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/595232>.

¹⁰⁰*Spiritus Domini*: sobre a modificação do Cân. 230 § 1 do Código de Direito Canônico acerca do acesso das pessoas do sexto feminino ao ministério instituído do leitorado e do acolitado. Carta Apostólica sob a forma de *Motu Proprio*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20210110_spiritus-domini.html. Acesso em: 28 abril 2021.

[...] depois de ter ouvido o parecer dos Dicastérios competentes, decidi prover à modificação do cânone 230 § 1 do *Código de Direito Canônico*. Portanto, disponho que no futuro o cânone 230 § 1 do Código de Direito Canônico seja assim redigido: “Os leigos que tiverem a idade e as aptidões determinadas com decreto pela Conferência Episcopal, podem ser assumidos estavelmente, mediante o rito litúrgico estabelecido, nos ministérios de leitores e de acólitos; no entanto, tal concessão não lhes atribui o direito ao sustento ou à remuneração por parte da Igreja” (FRANCISCO, 2021).

Antes da modificação, o cânone 230 § 1 restringia o ministério “aos leigos varões”, ou seja, do sexo masculino. Embora esses ministérios pudessem ser conferidos a homens em geral, em muitos países, como no Brasil, a maioria das dioceses conferiam tais ministérios somente a candidatos aos ministérios ordenados. Tal prática talvez se justifique por respeito às mulheres, que atuam nas comunidades eclesiais com muito afinho e generosidade.

No *Motu Proprio Spiritus Domini*, o papa Francisco afirma que

[...] seguindo uma tradição venerável, a recepção dos “ministérios laicais”, que São Paulo VI regulamentou no *Motu Proprio Ministeria quaedam* (17 de agosto de 1972), precedia em forma de preparação a recepção do Sacramento da Ordem, embora tais ministérios fossem conferidos a outros fiéis idôneos de sexo masculino (FRANCISCO, 2021).

O papa recorda os pedidos dos Sínodos para aprofundar a questão: “aprofundar doutrinariamente este tema, de modo a responder à natureza dos mencionados carismas e às exigências dos tempos, oferecendo um apoio oportuno ao papel de evangelização que cabe à comunidade eclesial”. E argumenta:

Aceitando estas recomendações, nestes últimos anos alcançou-se um desenvolvimento doutrinal que evidenciou como determinados ministérios instituídos pela Igreja têm como fundamento a condição comum de batizado e o sacerdócio real recebido no Sacramento do Batismo; eles são essencialmente distintos do ministério ordenado, recebido com o Sacramento da Ordem. Com efeito, também uma prática consolidada na Igreja latina confirmou que tais ministérios laicais, baseando-se no Sacramento do Batismo, podem ser confiados a todos os fiéis que forem idôneos, de sexo masculino ou feminino, de acordo com quanto já é implicitamente previsto pelo cânone 230 § 2 (FRANCISCO, 2021).

A partir da modificação do cânone 230 § 1, podem ser instituídos homens e mulheres para exercerem o ministério de leitor e de acólito. Embora as mulheres, aqui no Brasil, já exercem estes ministérios, esta modificação traz para elas a possibilidade de exercerem estavelmente o leitorado e o acolitamento e saírem, nestes casos, da condição de “ministras extraordinárias” (BRANDÃO, 2021, p. 6-7)

Inserimos aqui em nosso trabalho as propostas do Sínodo a respeito dos ministérios, pois consideramos que a questão ministerial é crucial e está estreitamente unida à carência de celebrações frequentes da Eucaristia em terras amazônicas, como também em outros lugares, porém, não entraremos no debate sobre os ministérios por ser complexo e amplo e não é diretamente nosso objeto de pesquisa.

3.2.16.2 Exortação Apostólica “Querida Amazônia” (QA)

“Querida Amazônia” é um documento feito a partir da realização da Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a Região Pan-Amazônica, no Vaticano. O documento se estrutura como articulação de quatro sonhos: um sonho social (n. 8-27), um sonho cultural (n. 28-40), um sonho ecológico (n. 41-60) e um sonho eclesial (n. 61-110).

Como afirma Grillo: “O último nível do sonho [...] é o mais complexo. É um sonho que, poderíamos dizer, brota em parte ‘de um sono agitado’” (2020)¹⁰¹. Em nosso trabalho, interessa-nos particularmente este último “sonho”, claro sem desconsiderar os outros que são tão importantes quanto como afirma o teólogo Agenor Brighenti:

Para uma leitura adequada da Exortação pós-sinodal, além de situá-la no seio de “todo o caminhar sinodal” (papa Francisco), é preciso vinculá-la também com o significado e a transcendência da região amazônica para o planeta e para a Igreja. Não se pode reduzir o Sínodo ao “sonho eclesial” e, menos ainda, à questão da ordenação de mulheres e de homens casados, por mais problemático ou importante e urgente que isso seja. Não têm valor menor os sonhos social, cultural e ecológico em relação ao sonho eclesial, como se fossem uma agenda secundária para a Igreja ou que extrapolasse sua missão (2020, p. 313).

No início da Exortação, o papa Francisco introduziu seu sonho eclesial de uma forma propositiva e esperançosa: “Sonho com comunidades cristãs capazes de se devotar e de se encarnar na Amazônia, a tal ponto que deem à Igreja rostos novos com traços amazônicos” (QA 7). Mais adiante, no capítulo IV, quando trata do “Sonho eclesial”, abre largos horizontes (cf. n. 85-86, início do 87 e do 89) em relação à “inculturação do ministério” (n. 85-90); reconhece a fortaleza e a generosidade das mulheres quando versa sobre a “força e dom das mulheres” (n. 99-103). Não obstante tudo isso, o papa não atendeu os pedidos feitos no

¹⁰¹ Artigo extraído da internet, sem paginação. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/596268-querida-amazonia-o-sonho-da-floresta-amazonica-e-a-insonia-da-floresta-curial-artigo-de-andrea-grillo>.

Documento Final que demandavam a “ordenação de homens casados” (cf. DF 111) e o “diaconado permanente às mulheres”¹⁰² (DF 103).

De acordo com o teólogo Sinivaldo Silva Tavares, as questões da vida eclesial na Amazônia continuam postas sobre a mesa, sem indicação de eventuais soluções. Pergunta então o teólogo:

Isso significa que inúmeras comunidades da pan-amazônia continuarão impossibilitadas de satisfazer uma dimensão intrínseca e imprescindível à sua experiência eclesial, a participação à celebração eucarística, em nome de uma norma disciplinar que se impôs historicamente, a saber: o celibato eclesiástico como exigência para o ministério ordenado? (2020, p. 268).

Tudo parece indicar, como vimos até então, que não basta rezar pelas vocações sacerdotais e que os presbíteros sejam generosos e cultivem a vocação missionária (cf. QA 90).

Para alguns teólogos, a exemplo de Antonio José de Almeida, o papa Francisco não barrou a proposta de ordenar homens casados, mas só mudou a porta (cf. 2020 [a])¹⁰³. A chave de leitura do conjunto da Exortação e, particularmente, da questão dos ministérios, está na Introdução. O papa escreve a Exortação a partir das ressonâncias que o percurso de diálogo e discernimento do evento sinodal provocaram nele (cf. QA 2). E afirma que “não desenvolveu na Exortação todas as questões tratadas amplamente no Documento Final e não pretende substituí-lo e nem o repetir”. Francisco acrescenta que quer fazer “uma síntese de algumas grandes preocupações”, de modo que “ajude e oriente para uma recepção harmoniosa, criativa e frutuosa de todo o caminhar sinodal” (QA 2). O papa diz, ainda, que quer “apresentar de maneira oficial” o Documento Final, “que nos oferece as conclusões do Sínodo e no qual colaboraram muitas pessoas que conhecem melhor do que (ele) e do que a Cúria Romana a problemática da Amazônia, porque vivem lá, por ela sofrem e a amam apaixonadamente” (QA 3)¹⁰⁴.

¹⁰² O Sínodo para a Amazônia aconteceu em meio a controvérsias eclesiásticas, talvez isto justifique a resposta do papa Francisco às demandas do Sínodo. Para a questão das controvérsias eclesiásticas existe vasta bibliografia.

¹⁰³ Artigo extraído da internet, sem paginação. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/596646-a-exortacao-querida-amazonia-nao-barrou-a-proposta-de-ordenar-homens-casados-so-mudou-a-porta>.

¹⁰⁴ Sobre a análise da Exortação Apostólica “Querida Amazônia”, vale a pena ler o artigo: BRIGHENTI, Agenor. Sínodo da Amazônia. Quatro sonhos e um impasse. In: *Revista Eclesiástica Brasileira* (REB), Petrópolis, v. 80 n. 316, p. 307-332, maio/ago., 2020. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/2049/1785>. Também: ALMEIDA, A.J. de. Os bispos da Amazônia devem apresentar ao Vaticano suas propostas para a ordenação de homens casados. 12 março 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597029-os-bispos-da-amazonia-devem-apresentar-ao-vaticano-suas-propostas-para-a-ordenacao-de-homens-casados>. E ainda: GRILLO, Andrea. Floresta amazônica e floresta curial: novas perspectivas e categorias obsoletas sobre ministério e liturgia. Come

De modo que, como afirma A.J. Almeida:

São as Igrejas locais da Amazônia, portanto, que tiveram uma participação intensa e extensa na fase anterior ao Sínodo e em sua celebração, e estas têm que ter um papel especial na fase atual do processo sinodal, que é a fase da sua recepção na vida destas mesmas Igrejas locais da Pan-Amazônia. E, no nº 4 – preste atenção – o Papa conclui: “Os pastores, os consagrados, as consagradas e os fiéis leigos da Amazônia se empenhem na sua aplicação” (2020 [a])¹⁰⁵.

O sonho não acabou e pode se tornar realidade, pois a situação da Amazônia “não pode nos deixar indiferentes e exige uma resposta específica e corajosa por parte da Igreja” (QA 85) o que implica, no horizonte da inculturação, “a encarnar os ministérios e a própria organização da Igreja” na Região (QA 85).

3.2.17 Considerações a respeito dos pronunciamentos da Igreja contidos nos documentos citados

Após a descrição dos pronunciamentos da Igreja, contidos nos documentos citados nesse trabalho, e após breves observações sobre eles, procuraremos fazer algumas considerações gerais, tendo agora o conjunto desses pronunciamentos.

De modo geral, as celebrações dominicais da Palavra de Deus são vistas com bons olhos e há um reconhecimento de que são uma oportunidade para a Igreja, pois elas são ocasiões privilegiadas de encontro com o Senhor, garantem e salvaguardam grandes valores do dia do Senhor, tais como: a reunião da assembleia – é uma assembleia litúrgica, a oração em comunidade, a celebração do mistério pascal, a escuta da Palavra de Deus no ritmo do ano litúrgico, a participação na comunhão do corpo do Senhor, a valorização dos ministérios leigos¹⁰⁶.

Alguns pedem prudência, cautela, como vimos no discurso de Paulo VI aos bispos franceses. Parece que uma constante, em alguns documentos, é a dificuldade de aceitar com certa tranquilidade a “presidência”¹⁰⁷ do leigo, inclusive em adotar esta terminologia quando

Se Non, 16 dezembro 2019. Tradução Luisa Rabolini. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/595232>. Acesso em: 28 abril 2021.

¹⁰⁵ Artigo extraído da internet, sem paginação. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/596646-a-exortacao-querida-amazonia-nao-barrou-a-proposta-de-ordenar-homens-casados-so-mudou-a-porta>.

¹⁰⁶ Apontamos aqui alguns elementos principais das celebrações dominicais da Palavra de Deus.

¹⁰⁷ Sobre o uso do termo “presidência”, o Código de Direito Canônico e outros documentos da Igreja utilizam, como destacamos a seguir: “Onde a necessidade da Igreja o aconselhar, podem também os leigos, na falta de ministros, mesmo não sendo leitores ou acólitos, suprir alguns de seus ofícios, a saber, exercer o ministério da palavra, “**presidir**” as orações litúrgicas, administrar o batismo e distribuir a sagrada Comunhão, de acordo com as prescrições do direito” (CDC 230, § 3). O Documento 43, *Animação da vida litúrgica no Brasil*, n. 100

o leigo ou a leiga está diante da assembleia. Há diversas recomendações e restrições quando a presidência é realizada por um leigo: em relação à homilia¹⁰⁸ e na ocupação do espaço, não lhe é permitido ocupar a cadeira presidencial (CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 1989, n. 40). Quando ele “preside”, é denominado como um moderador (SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 1989, n. 42) e não “presidente” etc. Há recomendações em vários documentos que as celebrações da Palavra de Deus não sejam confundidas com celebrações eucarísticas.

É importante para o tema do nosso trabalho a constatação de que, aos poucos, a celebração dominical da Palavra de Deus foi ganhando um caráter litúrgico, com esquemas que favorecem a dinâmica dialogal.

Vamos aqui resumir, em linhas gerais, o que os documentos oferecem de contribuição para a dimensão orante da celebração dominical da Palavra de Deus:

- a) o caráter litúrgico das celebrações dominicais da Palavra de Deus ganha mais sentido e densidade, colocando-a no quadro maior da *Sacrosanctum Concilium*, que recupera o fundamento e as fontes da liturgia da Igreja;
- b) a celebração do mistério da salvação ao longo do ano;
- c) as orientações litúrgicas que são oferecidas, mesmo reconhecendo e respeitando a criatividade e diversidade de roteiros – a CNBB e liturgistas chamam a atenção para que a sequência ritual obedeça a “lógica da revelação”, como princípio estruturante da celebração da Palavra, onde Deus toma a iniciativa e a comunidade de fé responde (cf. CNBB, Doc. 108, n. 60-61.70);
- d) ainda sobre a estrutura da celebração – em vários documentos são apresentados elementos para um esquema ritual. Aí percebemos um caminho crescente. A Instrução *Inter Oecumenici* propõe a estrutura da liturgia da Palavra, que é retomada na Instrução *Eucharisticum Mystrium*, no *Ritual da Sagrada Comunhão e o Culto Eucarístico fora da Missa* e no *Código de Direito Canônico*. Nesses documentos já percebemos a dinâmica do diálogo iniciado por Deus e a resposta da comunidade orante: louvor e súplica, ações simbólicas, que são confirmados e desenvolvidos no Documento 52,

menção o ministro da Palavra e o denomina como “**serviço de presidência**”. Esse ministério pode ser assumido por um diácono ou por um cristão leigo, homem ou mulher, que por força do batismo e confirmação assume legitimamente esse serviço. Quando o Código de Direito Canônico menciona leitores e acólitos está se referindo a ministérios instituídos pelo *Motu Proprio Ministeria quaedam*, de 15 de agosto de 1972, por Paulo VI.

¹⁰⁸ O leigo lê a homilia que foi preparada pelo padre. (cf. SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS, 1965, n. 37 e CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 1989, n. 43)

Orientações para a celebração da Palavra de Deus e no Documento 108, *Ministério e celebração da Palavra*, ambos da CNBB;

- e) a distribuição da comunhão – a Instrução *Eucharisticum Mysterium* abre esse caminho que depois ganha consistência em outros documentos, sobretudo no *Ritual da Sagrada Comunhão e o Culto Eucarístico fora da Missa*;
- f) o louvor e a ação de graças como momento ritual – sobretudo no Diretório da Congregação para o Culto Divino, *Celebrações dominicais na ausência do presbítero*, no Documento 52 da CNBB, *Orientações para a celebração da Palavra de Deus* e no Documento 108 da CNBB, *Ministério e celebração da Palavra*. Esses três documentos, além de valorizarem a dimensão do louvor, recuperam elementos fundamentais de uma celebração litúrgica: reunião, liturgia da Palavra, gestos simbólicos e por fim a despedida.

O fato de muitas comunidades eclesiais serem privadas de celebrar a eucaristia todos os domingos aponta para a questão ministerial na Igreja católica. Por isso, consideramos importante a proposta do Sínodo para a Amazônia de “ordenar sacerdotes homens idôneos e reconhecidos pela comunidade [...]” (DF 111).

Importantes e fundamentadas diretrizes foram oferecidas no Documento 52 da CNBB, intitulado *Orientações para a celebração da Palavra de Deus*, perante a realidade de mais de 70% das comunidades privadas da celebração eucarística todos os domingos. Aí se deu um perfil litúrgico estável a essas celebrações. O recente Documento 108 da CNBB *Ministério e celebração da Palavra*, dá continuidade ao caminho já percorrido e aprofunda algumas questões, tais como: o ministério da Palavra; o sentido teológico; a analogia sacramental (a celebração da Palavra tem ritos comuns a outras celebrações, nem por isso se torna uma mini missa); orienta sobre a possível variação de ritos de acordo com o tempo litúrgico, como por exemplo; acendimento da coroa no advento, cruz na quaresma etc.; sugere uma ‘epiclese’ (invocação do Espírito Santo) antes da proclamação das leituras; insere o rito da comunhão eucarística, quando há, após a louvação; oferece várias orientações em relação à comunhão eucarística; possibilita a utilização do roteiro da Liturgia das Horas ou Ofício Divino das Comunidades; a partilha de alimentos ou ágape, após a celebração; afirma a importância da assembleia litúrgica e destaca outros ministérios na celebração; reafirma a necessidade de

uma adequada formação aos ministros e ministras da Palavra e apresenta um rito para conferir o ministério da Palavra¹⁰⁹.

Descreveremos, a seguir, os elementos que caracterizam as celebrações dominicais da Palavra de Deus como ação litúrgica.

¹⁰⁹ Aqui repetimos algumas informações já descritas no item 3.2.15: “O documento 108 da CNBB: Ministério e celebração da Palavra de Deus”, porém consideramos importante destacar o que o documento 108 confirmou e acrescentou, em relação ao Documento 52.

4 A CELEBRAÇÃO DOMINICAL DA PALAVRA DE DEUS: UM ACONTECIMENTO LITÚRGICO

D. Clemente Isnard¹¹⁰ afirma que: “sem a celebração da palavra de Deus não teremos verdadeiras comunidades eclesiais de base, e, sem estas, o povo brasileiro, em grande parte, não conservaria a fé católica” (*apud* BUYST, 1990a, p. 8). Sem dúvida, esta afirmação de D. Clemente é válida, porque sem as celebrações dominicais ao redor da Palavra de Deus, certamente, a Igreja sucumbiria, pois são cerca 70% das comunidades, aqui no Brasil, que sem poder celebrar a eucaristia, reúnem-se aos domingos para celebrar ao redor da Palavra de Deus¹¹¹.

Sabemos que as celebrações dominicais da Palavra de Deus presididas por leigos ou leigas são de grande valor: garantem a memória da Páscoa no dia do Senhor; são um espaço onde os participantes nutrem a fé cristã através da escuta da Palavra que é anunciada e, a partir da escuta, dialogam com Deus; reforçam a dimensão comunitária e o compromisso com as iniciativas de evangelização e a vivência da fé no mundo (MARINI, 1987, p. 126).

Graças a Deus e ao esforço de leigos e leigas, que se dispõem a responder a convocação do Senhor, participando na assembleia e se colocando a serviço, exercendo ministérios, existem inúmeras comunidades-igrejas conscientes e responsáveis, abertas e diversificadas e sempre mais vivas e fraternas (SARTORE, 1992a, p. 106).

No capítulo anterior tratamos sobre alguns aspectos históricos e eclesiais da celebração dominical da Palavra de Deus, neste capítulo nos deteremos no sentido litúrgico delas. Tudo isto, sempre tendo em vista a dimensão orante dessas celebrações.

As celebrações dominicais da Palavra de Deus são de grande valor para as comunidades eclesiais. Mesmo com dificuldades, estas se reúnem, respondendo com fé à convocação do Senhor que chama. Como já apontamos, é louvável o desempenho dos leigos, homens e mulheres, que exercem o nobre ministério de animar a fé e sustentar a espiritualidade na prática da oração e da vida litúrgica. São inúmeros os esforços e o empenho para que nenhuma comunidade deixe de se reunir no dia do Senhor e, também, para que estas reuniões sejam verdadeiras ações rituais de ação de graças pelas maravilhas que o Pai fez e faz em nossas vidas, por Jesus Cristo morto e ressuscitado (REVISTA de Liturgia, 1991 [a], p. 67). Tais celebrações são um espaço onde os participantes nutrem a fé através da escuta da

¹¹⁰ D. Clemente Isnard, na época era bispo de Nova Friburgo, RJ e foi responsável pela Dimensão Litúrgica da CNBB.

¹¹¹ Dados da pesquisa realizada pela Conferência Episcopal dos Bispos do Brasil, em 1991 (cf. PALUDO, 1991, p. 73-74).

Palavra que é anunciada. Nestas, a comunidade reunida encontra espaço para estabelecer um diálogo com o Deus da aliança. Celebrando ao redor da Palavra de Deus, os fiéis adquirem maior sentido do ser comunidade e da solidariedade e são fortalecidos nas iniciativas de evangelização (MARINI, 1987, p. 126).

Prosseguindo o trabalho, veremos as características da celebração dominical da Palavra de Deus. Começaremos com alguns elementos que caracterizam o domingo e, em seguida, apresentaremos um aprofundamento sobre a Palavra de Deus.

4.1 Celebrar aos domingos o dia memorial da ressurreição do Senhor

Desde os primeiros séculos, por tradição apostólica, a Igreja sempre se reuniu aos domingos. Essa importância dada ao domingo tem uma forte razão: é o dia em que o Senhor ressuscitou dos mortos, dia em que apareceu aos discípulos. Recordemos os fatos: era o primeiro dia da semana¹¹² quando Maria Madalena foi bem cedo ao túmulo de Jesus. Encontrando a pedra removida, saiu correndo para avisar Simão Pedro e o outro discípulo que tinham tirado o Senhor do túmulo e não sabia onde o tinham colocado. Os discípulos foram ao túmulo e, chegando lá, viram os panos de linho estendidos no chão e o sudário dobrado num lugar à parte, e constataram que realmente aconteceu como a mulher havia dito (cf. Jo 20,5-8). E o texto conclui: “De fato, eles não tinham compreendido a Escritura que diz: ‘Ele deve ressuscitar dos mortos’” (Jo 20, 9).

Jesus apareceu também aos dois discípulos que voltavam decepcionados para Emaús (cf. Lc 24,13-35). Partilhou com eles a Palavra e o pão. No primeiro dia da semana, Jesus apareceu aos onze reunidos na sala de jantar e repreendeu-os pela falta de fé e pela dureza de coração, por não terem acreditado que ele havia ressuscitado. Saudou-os desejando-lhes a paz, soprou sobre eles e depois os enviou a anunciar a Boa Notícia (cf. Mc 16,14-18; Lc 24,36-48; Jo 20,19-23).

Esses e outros relatos do Novo Testamento (cf. Mt 28,1-10; Mc 16,1-8; 9-14; Jo 20,11-18; 24-29; 21,1-14) revelam que a Igreja foi amadurecendo ao longo dos séculos sobre os valores e importância do domingo. Eles ainda nos fazem entender por que o primeiro dia da semana se tornou o dia da reunião da comunidade para fazer o memorial semanal da ressurreição do Senhor. A partir deste dia, os primeiros cristãos cumpriram o mandato do

¹¹² “No tempo de Jesus, entre os judeus, os dias da semana eram contados assim: primeiro dia, segundo dia, terceiro dia, quarto dia, quinto dia, sexto dia, sábado. Só o sétimo dia é que tinha um nome. Chamavam de sábado”. (SILVA, 1998 [b], p. 14).

Senhor: “Fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19), celebrando sua morte e ressurreição. (LUTZ, 1982, p. 2).

O primeiro dia da semana tornou-se, para os cristãos, um dia memorável por causa da ressurreição do Senhor e de suas aparições aos discípulos, tanto que este dia passou a ser chamado de “o dia do Senhor” (cf. Ap 1,10).

Chamar o domingo de “primeiro dia” recorda-nos a criação e a redenção, e soa a gênese e começo. Dizer que é “oitavo dia” fala da marcha rumo à escatologia e ao domingo sem fim da volta do Senhor. Mas o nome de “dia do Senhor” é o que nos assegura que a plenitude de sua presença já está no “hoje” de nossa celebração e de nossa história. A recordação do passado e profecia do futuro condensam-se na plenitude do presente, graças à presença misteriosa do Senhor entre os seus. O domingo condensa em si mesmo toda a história da salvação no “hoje” de cada semana (ALDAZÄBAL, 2000, p. 73).

O dia da reunião dos cristãos, é o dia memorial da certeza de que a vida venceu a morte para sempre, o dia da escuta da Palavra e de celebrar a eucaristia, uma vez que “A ressurreição de Jesus é o dado primordial sobre o qual se apoia a fé cristã (cf. 1Cor 15,14)” (JOÃO PAULO II, 2007, p. 4).

A celebração do domingo conservou-se na Igreja como uma tradição ininterrupta, de acordo com o testemunho dos santos padres e de escritos antigos. A fidelidade ao dia do Senhor é assumida com coragem e convicção, segundo o testemunho dos mártires de Abitínia, no norte da África: “[...] celebramos, pois não podemos viver sem celebrar o mistério do Senhor [...]”. E ainda: “A celebração do dia do Senhor não pode ser omitida”. E mais: “Sim, eu participei da reunião e celebrei os mistérios do Senhor com meus irmãos, porque sou cristã” (ACTAS dos Mártires in ANTOLOGIA LITÚRGICA, 2003, p. 581-583.)

A Didaqué, que está entre os testemunhos mais antigos, une a celebração da eucaristia com o dia do domingo: “Reunidos em cada dia do Senhor, parti o pão e dai graças, depois de ter confessado os pecados, a fim de que vosso sacrifício seja puro” (DIDAQUÉ, 1989, p. 27). Para Tertuliano, trata-se do “dia da ressurreição do Senhor” e para Eusébio de Cesareia “o domingo é o dia da ressurreição salvífica de Cristo”; por isso, ele afirma ainda: “toda semana, no domingo do Salvador, celebramos a festa da nossa Páscoa”. S. Basílio considera “o santo Domingo, honrado pela ressurreição do Senhor, primícia de todos os outros dias”. S. Jerônimo deixa-se tomar de entusiasmo quando afirma: “O domingo é o dia da ressurreição, é o dia dos cristãos, é o nosso dia” (BRANDOLINI, 1992, p. 309).

Infelizmente, com o tempo o domingo foi sendo desvalorizado que até podia ser substituído por qualquer festa de santos, perdendo o sentido original de celebração da Páscoa do Senhor (ROONEY, 1991, p. 89). João Paulo II, na Carta Apostólica *Dies Domini* afirma: “quando o domingo perde o significado original e se reduz a puro ‘fim de semana’, pode acontecer que o homem permaneça fechado num horizonte tão restrito, que não mais lhe permite ver o ‘céu’, Então mesmo bem trajado, torna-se intimamente incapaz de ‘festejar’”. (2007, p. 7).

O Concílio Vaticano II, procurando recuperar o sentido original do domingo, contido no Novo Testamento e na reflexão patrística, proclama este magnífico texto, no qual consegue reunir elementos que dão sentido bíblico, teológico e litúrgico ao domingo:

Devido à tradição apostólica que tem sua origem do dia mesmo da ressurreição de Cristo, a Igreja celebra cada oitavo dia o Mistério Pascal. Esse dia chama-se justamente dia do Senhor ou domingo. Neste dia, os cristãos devem reunir-se para que, ouvindo a Palavra de Deus e participando da Eucaristia, lembrem-se da paixão, ressurreição e glória do Senhor Jesus e deem graças a Deus que os ‘regenerou para a viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo de entre os mortos’ (1 Pd 1,3). Por isso, o domingo é um dia de festa primordial que deve ser lembrado e inculcado à piedade dos fiéis de modo que seja também um dia de alegria e de descanso do trabalho. As outras celebrações não lhe antepõemham, a não ser que realmente sejam de máxima importância, pois que o domingo é o fundamento e o núcleo do ano litúrgico (SC 106).

Até os nossos dias, celebramos no dia do Senhor, a Páscoa de Cristo e a nossa Páscoa - “é a Páscoa de Cristo na Páscoa da gente e a Páscoa da gente na Páscoa de Cristo” (CNBB, Doc. 43, n. 300).

Vamos concluir esse item transcrevendo aqui um texto de Lucas Brandolini (1992, p. 311), que sintetiza muito bem o sentido teológico-litúrgico do domingo:

Toda a teologia do domingo dirige-se para esse núcleo fundamental, que é o conceito e a realidade do domingo como páscoa semanal. Todos os outros aspectos daí extraem significado e valor. O domingo é assinalado pelo evento central e sintetizador da história da salvação; a sua celebração permite aos crentes que entrem em contato com a ressurreição de Cristo e que realizem em si mesmos o alcance salvífico que ela tem. É isto que o torna dia sagrado por excelência e, por conseguinte, intangível; quem o toca atinge o próprio fundamento da Igreja: o mistério pascal do qual ele nasceu (SC 5), do qual continuamente vive e pelo qual se manifesta e cresce como ‘comunhão’, até atingir a medida da plenitude de Cristo (cf. Ef 4,13).

O domingo é então “um mistério, ou seja, a realidade de um futuro que se realiza no presente com base no passado. Como tal, ele entra na economia sacramental que caracteriza a

ação de Deus no tempo”, ou seja, um sinal-mistério que realiza uma presença viva e operante do Senhor. Este sinal, aceito e acolhido na fé, permite aos crentes entrar em comunhão com o Cristo ressuscitado e ainda insere a Igreja, peregrina no tempo, na nova ordem de coisas de que a ressurreição do Senhor é o princípio (BRANDOLINI, 1992, p. 311). O sim perante a convocação do Senhor e expresso em ações sacramentais realizadas pela Igreja: a reunião dos fiéis em assembleia, a proclamação e a escuta da Palavra de Deus e a participação na eucaristia.

4.1.1 O dia da reunião da assembleia

Os relatos da aparição do Senhor ressuscitado mostram sempre que ele aparece na comunidade reunida (cf. Lc 24,13-33; 24,36-42; Jo 20,19-29; 21,1ss). Quem não está na reunião, não vê o ressuscitado (cf. Jo 20,24).

O ponto alto do domingo, e a sua característica principal, é a reunião da comunidade cristã para celebrar o dia do Senhor. Conforme escreve L. Deiss (1998, p. 42): “A presença de Cristo na comunidade celebrante tem, com efeito, a primazia”. E o autor continua:

Não é porque a comunidade celebrante está órfã de Cristo que ela celebra a Eucaristia, como que para tornar o Cristo presente à sua adoração. É antes porque o Cristo já está presente nela, pela fé e pelo amor, que ela é capaz de torná-lo igualmente presente sob os sinais do pão e do vinho eucarísticos e celebrar a refeição da aliança. [...] Do mesmo modo, não é porque a comunidade está órfã de Cristo que ela celebra a Palavra para torná-lo presente, sob o sinal das palavras inspiradas. É antes para que Ele permaneça com sua Igreja até o fim dos tempos (Mt 28,20) que ela pode abrir seu coração ao Evangelho que Ele lhe dirige.

Já se disse que a Igreja faz a Eucaristia e que a Eucaristia faz a Igreja. Pode-se igualmente afirmar que a Igreja “cria” a Palavra que a faz subsistir pela celebração – senão o Evangelho seria livro de biblioteca – e, inversamente, a Palavra não cessa de criar a comunidade eclesial (DEISS, 1998, p. 42-43).

Os cristãos e as cristãs compreenderam, desde o início (cf. At 4,31; 12,12; 14; 27; 15,30; 1Cor 11,17-18; 14,23.26.34), que a Igreja é essencialmente assembleia convocada pelo Senhor, que nela se torna presente a atuante. Fazer parte da assembleia litúrgica é fruto da fé e da comunhão com a Igreja em torno do ressuscitado (LUTZ, 1982, p. 3), pois a Igreja, povo da nova aliança, nasceu da Páscoa de Cristo.

Hipólito adverte que “cada um deve ter a preocupação de ir à assembleia, onde floresce o Espírito Santo” (TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA, 1971, p.

64). A Didascália também oferece uma motivação profunda para que todos participem da assembleia:

Ensina, manda e exorta o povo a vir à Igreja e a nunca faltar, mas a reunir-se aí sem cessar, a não mutilar a Igreja separando-se dela, e a não amputar um membro ao Corpo de Cristo [...] Uma vez que sois membros de Cristo, não vos separeis da Igreja, deixando de vos reunir; de fato, como tendes em Cristo a vossa cabeça, segundo a sua promessa, que está presente e em comunhão convosco, não vos descuideis e não anteponhais os problemas da vossa vida temporal à palavra de Deus, mas, no dia do louvor a Deus. Caso contrário, que desculpa terão junto de Deus aqueles que não se reúnem, no dia do Senhor, para ouvir a Palavra de vida e se alimentar com o alimento divino que permanece eternamente? (DIDASCALIA ET CONSTITUTIONES APOSTOLORUM *apud* LUTZ, 1992, p. 3)

É significativo o testemunho de Vitória que estava entre os quarenta e nove mártires de Abitínia que, diante do procônsul Anulino, declarou: “É decisão minha, tomada por mim e que nunca mudei. Eu também estive na reunião e celebrei o *dominicum* com os meus irmãos, porque sou cristã” (ACTAS dos Mártires in ANTOLOGIA LITÚRGICA, 2003, p. 583.).

O domingo é então, o dia da assembleia, que é corpo de Cristo. Nela Jesus está presente, vivo e ressuscitado.

4.1.2 O dia da Palavra

Como já era costume nas sinagogas, os cristãos, desde os primeiros tempos, quando se reuniam para celebrar, escutavam a Palavra (cf. At 2, 42; 4,23-31). No século II, São Justino descreve uma reunião do domingo e menciona a liturgia da Palavra, as preces, a oração eucarística e a comunhão (JUSTINO DE ROMA, 1995, p. 65-67).

Cristo está presente na Palavra proclamada no domingo, de modo que os cristãos experimentam em suas assembleias litúrgicas a presença viva da libertação pascal acontecendo hoje, aqui e agora, neste dia (SC 7). O Verbo de Deus, que se fez carne no seio de Maria, agora ressuscitado, nós o vemos encarnado neste dia e na história da comunidade que o celebra mediante a proclamação das Sagradas Escrituras (SILVA, 1998 [b], p. 19). Na assembleia litúrgica, mais que um momento de meditação e de catequese, é ocasião de diálogo de Deus com seu povo e deste com seu Deus. Perante a proposta divina, “o povo de Deus sente-se chamado a corresponder a este diálogo de amor, agradecendo e louvando, mas, ao mesmo tempo, verificando a própria fidelidade no esforço por uma contínua conversão” (JOÃO PAULO II, 2007, n. 41).

E a respeito da resposta da comunidade de fé, João Paulo II (2007, n. 41) ressalta: “De fato, Deus, quando comunica a sua Palavra, espera a nossa resposta: resposta que Cristo já deu por nós com o seu ‘Amém’ (cf. 2 Cor 1,20-22), e que o Espírito Santo faz ressoar em nós, de modo que a palavra ouvida comprometa profundamente a nossa vida”.

Ao proclamar, ao ouvir e ao responder a Palavra de Deus, no itinerário do ano litúrgico, a Igreja se edifica.

4.1.3 O dia da eucaristia

A Eucaristia foi considerada pela tradição cristã como a celebração primordial e mais plena do dia do Senhor. Os cristãos compreenderam que na ressurreição de Jesus Cristo acontecia a nova Páscoa, historicamente realizada com a morte-glorificação de Cristo. Na liturgia eucarística, a Igreja recorda e celebra, repetindo e atualizando, de acordo com o mandato de Cristo, o que ele mesmo fez na última ceia: “Tomou o pão e o cálice, deu graças, partiu o pão e distribuiu aos seus dizendo: Tomai, comei, bebei este é meu corpo e meu sangue que será entregue por vós. Fazei isto em minha memória” (Lc 22,14-20).

A Eucaristia é o maior sacramento da Páscoa. Ela contém, como ensina o Concílio Vaticano II, o próprio Cristo, nossa Páscoa e pão vivo (*PRESBYTERORUM ORDINIS*, n. 5).

Aldazábal (2000, p. 84) afirma:

É memória sacramental e participação da páscoa de Jesus – entrega de seu corpo e de seu sangue para a vida do mundo – tem, então no domingo sua máxima significação. Por ela, a comunidade celebrante entra na dinâmica salvadora do Senhor que quer se dar como alimento de vida para o caminho.

A atualização do mistério pascal de Cristo tem sua expressão ritual em duas ações fundamentais: a oração eucarística e a comunhão sacramental. Na prece eucarística, a comunidade rende graças a Deus por toda a obra da salvação; pela comunhão, os fiéis se alimentam com o corpo e o sangue do Senhor. Assim, a Páscoa de Jesus Cristo se torna a Páscoa da Igreja. Quando nos reunimos, comemos a carne do Senhor e bebemos o seu sangue, celebramos a Páscoa, isto é, passamos da morte para a vida (cf. Jo 6,32-33), tornamo-nos então, o corpo místico de Cristo, povo pascal do Novo Testamento. É a isto que tende a

celebração dominical; eis por que o domingo sem a eucaristia não pode ser chamado plenamente dia do Senhor e da sua Igreja (BRANDOLINI, 1992, p. 315)¹¹³.

Na Igreja primitiva, além da Palavra e da Eucaristia, as obras de caridade e assistência estavam ligadas ao dia do Senhor (cf. 1 Cor 16,2).

4.1.4 Celebrar a Eucaristia ou a Palavra no domingo?

O mandato de Jesus: “fazei isto em minha memória” (Lc 22,19) foi dirigido a todas as comunidades cristãs, e é válido até os nossos dias. Participar da Eucaristia é dom e graça, mas é também um direito da comunidade de fé.

Os bispos do Brasil afirmam:

A celebração eucarística é o verdadeiro centro de toda a vida cristã, para a qual convergem e se unem as atividades pastorais, os ministérios eclesiais e os demais sacramentos. Nenhuma comunidade cristã se edifica sem ter a sua raiz e o seu centro na celebração da santíssima eucaristia (CNBB, Doc. 52, 29)¹¹⁴.

Muitos outros documentos da Igreja afirmam que a Eucaristia é fonte, raiz, ápice, cume, coração e centro da liturgia e da vida da Igreja (CF. SC 41; LG 11; PO 5-6; AG 9)¹¹⁵. De fato, a celebração eucarística é a celebração mais apropriada no dia do Senhor.

Sendo assim, como fica a situação da Igreja, particularmente no Brasil, onde 70% das comunidades não celebram a Eucaristia todos os domingos? É esta a situação de milhares de nossas comunidades que não celebram a Eucaristia por falta de padre. A maior parte das celebrações são ao redor da Palavra de Deus. Não podemos negar o valor teológico de tais celebrações e nem desmerecer a sua importância evangelizadora.

O Espírito continua soprando e, graças a sua ajuda, as comunidades não ficam sem se reunir no dia do Senhor. Muitos homens e mulheres exercem o ministério da presidência nas assembleias dominicais e, juntamente com outros valiosos ministérios, animam e levam adiante a prática das celebrações dominicais da Palavra de Deus.

¹¹³ Para todo o item sobre o dia do Senhor, ver também: BUYST, 1990a, p. 13-33. Também os documentos: CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Celebrações na ausência do presbítero*, n. 8-17 e CNBB. *Orientações para a celebração da Palavra de Deus*, n. 31-37. E ainda: BECKAUSER, 1985, p. 191-194.

¹¹⁴ O documento cita a *Presbitorum Ordinis*, n. 6 e o Diretório da Santa Sé, que dá orientações sobre as celebrações da Palavra na ausência do presbítero, n. 25.

¹¹⁵ Também CNBB. *Animação da vida litúrgica no Brasil*, n. 94; CDC 897.

Seria ideal que todas as comunidades pudessem celebrar a Eucaristia, porém, não podendo, as comunidades se reúnem para celebrar a memória de Cristo ao redor da Palavra de Deus.

4.2 O dom da Palavra de Deus

“A novidade da revelação bíblica consiste no fato de Deus Se dar a conhecer no diálogo, que deseja ter conosco” (VD 6). Assim, o papa Bento XVI inicia a primeira parte da *Verbum Domini*, intitulada *Verbum Dei* – a Palavra de Deus. O papa continua chamando a atenção para o sentido maior da Palavra de Deus: Palavra de Deus é Jesus Cristo, Palavra eterna feita carne: “[...] o Verbo de Deus, por meio do Qual ‘tudo começou a existir’ (Jo 1,3) e que Se ‘fez carne’ (Jo 1,14), é o mesmo que já existia ‘no princípio’ (Jo 1,1)” (VD 6). Este é o sentido fundamental da expressão Palavra de Deus. Em primeiro lugar, a Palavra de Deus é uma pessoa e não um livro. É nosso Senhor Jesus Cristo. Tudo é marcado por Ele como origem e fim. Toda comunicação de Deus é referente ao Cristo Senhor, Palavra de Deus. Donde se vê que a expressão ‘Palavra de Deus’ tem dimensão essencialmente cristológica (Cf. VD 11-13)

O teólogo Johan Konings, comenta a *Verbum Domini*:

O documento quer abrir nosso olhar e nosso modo de pensar para o ato de comunicação de si mesmo que Deus realiza para conosco, sua auto-comunicação ou revelação. Esta é uma realidade maior que a Bíblia. A Bíblia faz parte da palavra de Deus, mas não é pura e simplesmente “a Palavra de Deus”. Por outro lado, o evangelista João diz que Jesus é a Palavra de Deus em pessoa (Jo 1,14 e 16-18). E devemos completar isso pelo que diz o início da Carta aos Hebreus (Hb 1,1-2): “Muitas vezes e de muitos modos, Deus falou outrora aos nossos pais, pelos profetas. Nestes dias, os últimos, falou-nos por meio do Filho [...]” (2014, p. 18).

Deus se dá a conhecer entrando em diálogo conosco. Ele toma a iniciativa neste diálogo (VD 6). Deus que fez tudo por sua Palavra (Sl 33,4-9; Jo 1,3) quer também tudo refazer por essa mesma Palavra (Ap 21,5). Depois de haver falado pela criação, pelos patriarcas, pelos profetas, falou Deus por seu Filho (Hb 1,1-2), a Palavra se fez carne e habitou entre nós (Jo 1,14). O Filho “pronunciou as palavras de Deus” (Jo 3,34) e completou a obra de salvação que o Pai lhe dera a fazer (Jo 5,36; 17,4); n’Ele Então, enviou de junto do Pai o Espírito Santo para que ele conduza as pessoas à verdade total (Jo 15,13). E, assim como havia sido enviado pelo Pai, o próprio Filho enviou seus apóstolos (Jo 20,23), para que

anunciassem sua palavra a todas as nações (Mt 22,18-20). Este mistério de salvação transmitido pela Palavra divina continua na vida dos homens e mulheres, que acolhem a Palavra “na obediência da fé” (Rm 1,16) e por ela são convertidos, iluminados e santificados (DV 2-7; SC 5-7; VD 6-7). De modo que a Palavra de Deus é o Senhor que vem, se comunica, se manifesta e o faz de muitas maneiras, todas elas em harmonia, criando uma “sinfonia da Palavra”, um “cântico a diversas vozes” (VD 7).

A Palavra tem a missão de fecundar a vida da pessoa de fé e ser para ela bênção copiosa. Então, o(a) cristão(ã) torna-se testemunha dessa palavra (At 4,20), vivendo numa contínua ação de graças (GELINEAU, 1975, p. 143-144).

Constatamos então uma compreensão comunicativa da revelação. Deus se dá a conhecer no diálogo, que revela o amor eterno entre as pessoas divinas; diálogo que Deus deseja estender a nós, para entrarmos em comunhão com ele (CNBB, Doc. 97, n. 9).

A revelação torna-se compreendida como um evento comunicativo, dialógico e performativo, afirmam os bispos do Brasil no documento 97, *Discípulos e servidores da Palavra de Deus na missa da Igreja*:

Comunicativo porque a iniciativa parte de Deus quem por meio de sua Palavra, quer revelar-se ao ser humano; *dialógico* porque a revelação se dá na forma de um encontro entre Deus que busca, por amor, e o ser humano que se deixa buscar, pelo anseio de ser plenamente amado; *performativo* porque, no encontro, a Palavra se torna evento, realidade transformadora e, por isso mesmo, ela recria e conduz à salvação quem a ela se abre, pela escuta. Assim, a Palavra de Deus – conforme o significado do hebraico *dabar* – é compreendida com *palavra e ação divina*, de forma inseparável. É por este motivo que, “na história da salvação, não há separação entre o que Deus *diz e faz*; a sua própria Palavra apresenta-se como viva e eficaz” (cf. Hb 4,12) (CNBB, Doc. 97, n. 10).

A revelação realizada por Deus, que tem como mediador e plenitude, Jesus Cristo, ganha pleno significado, como relata a introdução do lecionário, quando o texto é proclamado na celebração litúrgica:

A economia da salvação, que a Palavra de Deus não cessa de recordar e prolongar, alcança seu mais pleno significado na ação litúrgica, de modo que a celebração litúrgica se converta numa contínua, plena e eficaz apresentação desta Palavra de Deus. Assim, a Palavra de Deus, proposta continuamente na liturgia, é sempre viva e eficaz pelo poder do Espírito Santo, e manifesta o amor ativo do Pai, que nunca deixa de ser eficaz entre as pessoas (Elenco das Leituras da Missa, ELM 4).

A *Verbum Domini* afirma que a liturgia é o lugar privilegiado da Palavra de Deus: “Esta constitui, efetivamente, o âmbito privilegiado onde Deus nos fala no momento presente da nossa vida [...]” (n. 52). O próprio Cristo está presente na sua palavra: é Ele que fala quando a S. Escritura é lida na Igreja (VD 52).

Ainda sobre a importância e o valor da Palavra de Deus, é de similar relevância a Carta Apostólica *Aperuit Illis*, do papa Francisco que, com o desejo de que “não venha jamais a faltar na vida do nosso povo a relação decisiva com a Palavra viva, que o Senhor nunca se cansa de dirigir à sua Esposa, para que esta possa crescer no amor e no testemunho da fé” (*Aperuit illis*, n. 2), estabelece que o “Terceiro Domingo do Tempo Comum seja dedicado à celebração, reflexão e divulgação da Palavra de Deus” (n. 3). Com isso, o papa mostra a contínua preocupação da Igreja no aprofundamento das relações entre a comunidade dos fiéis e a Palavra de Deus e reforça o quão é determinante o vínculo entre a Igreja e as Sagradas Escrituras. A instituição aconteceu no dia 30 de setembro de 2019, dia em que recordamos São Jerônimo.

No Brasil temos o mês da Bíblia, mas sem dúvida é de similar importância esta instituição do terceiro domingo do tempo comum como o dia da Palavra, quando todas as leituras que são proclamadas no Evangelho apresentam a figura de Jesus como anunciador do Reino de Deus, de forma que a Carta Apostólica do Papa Francisco dá novo destaque e aprofundamento ao que já é tradição nossa, e vai ajudar-nos a valorizar ainda mais as diversas formas de celebração da Palavra de Deus, como ocasião privilegiada de encontro com o Senhor, Palavra viva do Pai.

4.2.1 Cristo: centro, mediador e plenitude da revelação

Jesus Cristo, encarnado na história humana até o ponto de dar a vida para a salvação do mundo, é o centro e a plenitude da revelação, por isso é o centro das Escrituras. Toda a evocação da história da salvação gira em torno dele, e é a partir dele que é realizada a leitura e interpretação da Sagrada Escritura – Antigo e Novo Testamento. Em Cristo tudo tem sentido, tudo fica esclarecido e tudo se orienta para ele.

A comunidade reunida em oração, pelo poder do Espírito Santo, anuncia e celebra o mistério pascal de Cristo cada vez que proclama os dois testamentos. “No Antigo está latente o Novo, e no Novo se faz presente o Antigo. O centro e a plenitude de toda a Escritura e de

toda celebração litúrgica é Cristo; por isso deverão beber de sua fonte todos os que buscam a salvação e a vida” (Elenco das leituras na missa, ELM 5)¹¹⁶.

4.2.2 A sacramentalidade da Palavra de Deus¹¹⁷

Nos doze primeiros séculos da Igreja, a palavra sacramento era empregada para designar outras realidades: Cristo, a Igreja, a Escritura etc. A partir do século XIII (e, principalmente, a partir do Concílio de Trento), ao delimitar a essência ou natureza específica do sacramento como “sinal eficaz da graça”, o termo passou a ser empregado estritamente aos sete sacramentos (BENEDITO, 2019, p. 36).

Habituaamo-nos, então, a entender a sacramentalidade apenas no chamado septenário sacramental, isto é, nos sete sacramentos que a Igreja sempre celebra. Compreendemos também “sacramento” como sinal sensível e eficaz da graça, o que continua sendo verdade, mas sua realidade teológica não termina aí. São Leão Magno ensina que o que era “visível” em Cristo, depois de sua ascensão passou para os ritos sacramentais da Igreja. Imagem do Deus invisível e Primogênito de toda criatura (Cl 1,15), Verbo eterno de Deus (Jo 1,1.14), Cristo é, pois, o sacramento original, sacramento do Pai, e nele está a origem de toda sacramentalidade, que se derrama não só para os sete sacramentos, mas para a Igreja, para os fiéis etc., na eficácia de seu Mistério Pascal (ARAÚJO, s/d, página da web).

O Concílio Vaticano II, indo às fontes, em sua teologia, restaurou o conceito de sacramento, colocando-o no horizonte da história da salvação, desta forma, toda a economia da salvação é sacramental. O ponto de partida é Cristo, sacramento do Pai; no seu mistério pascal, o Salvador fez surgir de seu lado aberto o sacramento admirável da Igreja, na qual, através dos ritos, é continuada a obra da redenção (BENEDITO, 2019, p. 19). A liturgia, inclusive, só é bem compreendida quando é colocada em relação com o mistério de Jesus Cristo e com o mistério da Igreja. A celebração litúrgica se torna a realização da história da salvação em ato (BENEDITO, 2019, 37).

Na celebração litúrgica, na mesa da Palavra, “os tesouros bíblicos são largamente abertos”, “de uma maneira abundante, variada e apropriada” (cf. SC 51 e 35). Aí, na

¹¹⁶ Ver também *Dei Verbum*, n. 2, 3, 7, 15, 16, 24. E ainda *Verbum Domini* n. 7.11-13.

¹¹⁷ Para dissertarmos sobre a sacramentalidade da Palavra de Deus vamos utilizar a tese de doutorado de BENEDITO, André Luiz. A sacramentalidade da Palavra de Deus. Uma aproximação entre a mistagogia de Ambrósio de Milão e a Constituição *Sacrosanctum Concilium*. Orientador Prof. Luiz Fernando Ribeiro Santana. 2019. 350 f. Tese (Doutorado em Teologia) - Programa de Pós-Graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/47076/47076.PDF>. Também a Exortação Apostólica *Verbum Domini*, do papa Bento XVI e alguns artigos que a comentam.

celebração do Mistério Pascal, Deus estabelece um diálogo salvífico com seu povo, e a Palavra se faz Sacramento.

É na lógica da presença do Senhor na Palavra que se entende a sacramentalidade da Palavra, como mediação da ação salvadora do Senhor. A sacramentalidade da Palavra de Deus é um tema não muito desenvolvido:

M. Augé observou que os Praenotanda do Lecionário da edição de 1981 já apresentavam o tema da Palavra de Deus como sacramento. Porém, eles não aprofundaram as razões dessa sacramentalidade. Somente mais tarde, a exortação pós-sinodal *Verbum Domini* (2010) enfrentará a questão, partindo não apenas da relação entre Palavra e Eucaristia (n. 55-56), mas também da Encarnação do Verbo, como origem da sacramentalidade da Palavra de Deus (n. 56) (BENEDITO, 2019, cf. nota 357, p. 83).

Uma vez proclamado o texto pelo leitor ou a leitora – que vai até a mesa da Palavra, abre o livro e proclama a Palavra do Senhor – os fiéis experimentam seu caráter performativo, isto é, a eficaz ação divina em suas vidas. Tal ação, porém, ocorre devido à presença do Verbo encarnado na Palavra, conferindo a eficácia salvífica àqueles que a ouvem em cada “hoje” da celebração litúrgica. Como outrora na sinagoga de Nazaré – quando Cristo proclamou o “hoje” da realização da profecia de Isaías (Lc 4,17-21) –, a força do Espírito Santo atualiza a obra de redenção evocada pela proclamação da Escritura no momento celebrativo (BENEDITO, 2019, 83-84).

O papa Bento XVI, na *Verbum Domini*, após mencionar o caráter performativo da Palavra na ação sacramental, indica na Escritura a fonte privilegiada para refletir sobre o nexo entre Palavra e Eucaristia (e outros sacramentos), de onde emerge o valor da sacramentalidade da Palavra (n. 56). O papa utiliza dois textos bíblicos para mostrar esta relação: o discurso de Jesus sobre o pão da vida na sinagoga de Cafarnaum (cf. Jo 6,22-69) e a narração de Lucas sobre os discípulos de Emaús (cf. Jo 24,13-35). Após explicar a relação entre Palavra e Eucaristia em cada texto, o papa afirma:

Vê-se a partir destas narrações como a própria Escritura leva a descobrir o seu nexo indissolúvel com a Eucaristia. “Por conseguinte, deve-se ter sempre presente que a Palavra de Deus, lida e proclamada na liturgia pela Igreja, conduz, como se de alguma forma se tratasse da sua própria finalidade, ao sacrifício da aliança e ao banquete da *graça*, ou seja, à Eucaristia”. Palavra e Eucaristia correspondem-se tão intimamente que não podem ser compreendidas uma sem a outra: a Palavra de Deus faz-Se carne, sacramentalmente, no evento eucarístico. A Eucaristia abre-nos à inteligência da Sagrada Escritura, como esta, por sua vez, ilumina e explica o Mistério eucarístico. Com efeito, sem o reconhecimento da presença real do Senhor na Eucaristia, permanece incompleta a compreensão da Escritura.

Por isso, “à palavra de Deus e ao mistério eucarístico a Igreja tributou e quis e estabeleceu que, sempre e em todo o lugar, se tributasse a mesma veneração embora não o mesmo culto. Movida pelo exemplo do seu fundador, nunca cessou de celebrar o mistério pascal, reunindo-se num mesmo lugar para ler, “em todas as Escrituras, aquilo que Lhe dizia respeito” (Lc 24, 27) e atualizar, com o memorial do Senhor e os sacramentos, a obra da salvação (VD 55).

Em seguida, Bento XVI trata mais diretamente a sacramentalidade da Palavra (VD 56) com uma notável precisão teológica desenvolvida nestes pontos centrais:

[...] na origem da sacramentalidade da Palavra de Deus, está precisamente o mistério da encarnação: “e a Palavra se fez carne” (Jo 1, 14) [...] Assim é possível compreender a sacramentalidade da Palavra através da analogia¹¹⁸ com a presença real de Cristo sob as espécies do pão e do vinho consagrados (cf. CIC, 1373-1374) [...]. A proclamação da Palavra de Deus na celebração comporta reconhecer que é o próprio Cristo que Se faz presente e Se dirige a nós (cf. SC 7) [...]. Realmente presente nas espécies do pão e do vinho, Cristo está presente de modo análogo, também na Palavra proclamada na liturgia. Por isso, aprofundar o sentido da sacramentalidade da Palavra de Deus pode favorecer uma maior compreensão unitária do mistério da revelação em “ações e palavras intimamente relacionadas, sendo de proveito à vida espiritual dos fiéis e à ação pastoral da Igreja (VD 56).

A realidade do mistério revelado oferece-se a nós na “carne” do Filho (VD 56). Para ilustrar, o Santo Padre recorda um antigo ensinamento de São Jerônimo que aplica o zelo na recepção do sacramento da Eucaristia à escuta da Palavra de Deus:

Lemos as Sagradas Escrituras. Eu penso que o Evangelho é o Corpo de Cristo; penso que as santas Escrituras são o seu ensinamento. E quando Ele fala em “comer a minha carne e beber o meu sangue” (Jo 6, 53), embora estas palavras se possam entender do Mistério [eucarístico], todavia também

¹¹⁸ Não vamos aqui em nosso trabalho desenvolver o tema da analogia, mas apresentar alguns dados para compreendermos o conceito: “A palavra analogia vem do latim *analogia*, que por sua vez provém do grego *αναλογία* (proporção, semelhança, correspondência). [...] A analogia funda-se na possibilidade de estabelecer relações entre seres que mantêm algumas semelhanças mesmo sendo substancialmente distintos. A analogia não implica igualdade, pois os conceitos que aproxima têm semelhanças e diferenças. [...] Segundo a lógica escolástica, para não cair em confusão é preciso distinguir entre a unicidade, a equivocidade e a analogia. Assim um termo tem um significado “unívoco” quando o empregamos exatamente no mesmo sentido e com o mesmo significado para nos referirmos a coisas distintas (por exemplo, ‘homem aplicado a Júlio César, a Napoleão ou a João Paulo II). Pelo contrário, um termo tem um significado “equivoco” se o empregamos em distintos casos com sentidos e conteúdos totalmente diferentes (por exemplo, “banco” para sentar-se, ou “banco” para guardar dinheiro). Finalmente, um termo tem um significado “análogo” quando o empregamos em um sentido e com um significado em parte igual e em parte distinto (por exemplo, “sadio”, aplicado a alimentos, ao esporte, à mente, à atitude...) (BOROBIO, 2017, p. 10-11). A categoria ‘analogia’ é fundamental na Teologia, pois tudo o que se diz de Deus deve ser entendido no sentido “análogo”: nem unívoco, nem equivoco. [...] Da Palavra de Deus se diz que a expressão deve ser entendida em sentido análogo, e é aplicada, por analogia, a várias realidades diferentes. É importante detectar o elemento comum a todas as realidades diferentes: Palavra de Deus é o Senhor que vem, se comunica, se manifesta e o faz de muitas maneiras, todas elas em harmonia, criando uma “sinfonia da Palavra”, um “cântico a diversas vozes” (VD 7). Assim, Deus vem, Deus fala pela criação, pelos profetas, pelos Apóstolos, na Tradição viva da Igreja, na Sagrada Escritura” (ROXO, 2012, s/p).

a palavra da Escritura, o ensinamento de Deus, é verdadeiramente o corpo de Cristo e o seu sangue. Quando vamos receber o Mistério [eucarístico], se cair uma migalha sentimo-nos perdidos. E, quando estamos a escutar a Palavra de Deus e nos é derramada nos ouvidos a Palavra de Deus que é carne de Cristo e seu sangue, se nos distrairmos com outra coisa, não incorremos em grande perigo? (VD 56).

4.2.2.1 A presença real de Cristo na Palavra

O Concílio Vaticano II ampliou e desenvolveu a noção da presença de Cristo na liturgia. Além de estar presente nas espécies eucarísticas, Cristo está presente na Palavra, na pessoa do ministro, nos sacramentos, na assembleia reunida para orar e salmodiar (cf. SC 7).

Queremos destacar aqui o valor dado à presença de Cristo na Palavra: “Cristo está presente na sua palavra, pois é Ele quem fala quando na Igreja se leem as Sagradas Escrituras.” (SC 7). Para que os fiéis se alimentem também do Cristo presente na Palavra, o Concílio recuperou a tradição de valorizar as duas mesas: palavra e eucaristia, como atesta a Constituição *Dei Verbum*:

A Igreja sempre venerou a Sagrada Escritura da mesma forma como o próprio Corpo do Senhor, porque, de fato, principalmente na sagrada liturgia, não cessa de tomar e entregar aos fiéis o pão da vida, da mesa da Palavra de Deus como do corpo de Cristo (DV 21).

Portanto, as duas são fontes de alimento para todas as pessoas que delas se aproximam.¹¹⁹ Dessa forma, a Palavra de Deus é tão venerável quanto o Corpo Eucarístico de Jesus Cristo. Comungamos da mesa da Palavra, assim como comungamos da mesa da Eucaristia.

Resgatando a Palavra como alimento, o Concílio retomou o ensinamento da tradição e da teologia cristãs. Encontramos testemunhos dos Santos Padres, nos quais afirmam que a palavra da Sagrada Escritura é a presença de Deus entre nós, e que especialmente a Palavra dos Evangelhos é a presença do Verbo encarnado. Assim, Inácio de Antioquia pode escrever que busca “refúgio no evangelho, como na carne de Jesus” (SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, 1978, p. 72).

É, também, significativo o texto de Jerônimo (+419/420):

Quanto a mim, penso que o Evangelho é o corpo do Cristo e que a Sagrada Escritura é sua doutrina. Quando o Senhor fala em comer sua carne e beber seu sangue, é certo que fala do mistério (da Eucaristia). Entretanto, seu

¹¹⁹ Ver também Introdução do *Elenco das Leituras da Missa* (ELM), n. 10.

verdadeiro corpo e seu verdadeiro sangue são (também) a Palavra da Escritura e sua doutrina (São Jerônimo, *apud* DEISS, 1998, p. 36).

Lemos constantemente nos escritos de Orígenes a ideia da presença de Cristo na Palavra, por exemplo: “Como Cristo veio escondido no corpo, assim também toda a Sagrada Escritura é a sua incorporação” (ORÍGENES, *apud* LUTZ, 1982, p. 4). Mais tarde, Santo Agostinho vê na Sagrada Escritura uma encarnação permanente do Verbo divino: “O verdadeiro Cristo está na palavra e na carne” (AUGUSTINUS, *apud* LUTZ, 1982, p. 4).

Falando sobre a veneração que deve ser dada à palavra de Deus, Orígenes (*Homilias sobre o Haxateuco na Tradução de Rufino*, Ex 13,3; GCS 29, 274, *apud* LUTZ, 1982, p. 4) afirma que:

Vocês que podiam participar dos santos mistérios, sabem: Quando lhes é dado o corpo de Cristo, vocês o guardam com todo cuidado e veneração, para que nada caia no chão e nada se perca do dom consagrado. Porque vocês se sentem culpados – e sentem certo – se algo caísse por negligência. Se tomam cuidado para guardar o seu corpo – e tem razão –, como podem então pensar que seja uma culpa menor, desprezar a palavra de Deus?”

Nesta mesma linha, Cesário de Arles, retomando a ideia de Orígenes, afirma que a Palavra de Deus não vale menos que o corpo de Cristo:

Eu lhes pergunto, irmãos e irmãs, digam o que, na opinião de vocês, tem mais valor: a Palavra de Deus ou o Corpo de Cristo? Se quiserem dar a verdadeira resposta, certamente deverão dizer que a Palavra de Deus não vale menos que o Corpo de Cristo. E por isso, todo o cuidado que tomamos quando nos é dado o Corpo de Cristo, para que nenhuma parte escape de nossas mãos e caia por terra, tomemos este mesmo cuidado, para que a Palavra de Deus que nos é entregue, não morra em nosso coração enquanto ficamos pensando em outras coisas ou falando de outras coisas; pois aquela pessoa que escuta de maneira negligente a Palavra de Deus, não será menos culpada do que aquela que, por negligência, permitir que caia por terra o Corpo de Cristo (CESÁRIO DE ARLES *in* ANTOLOGIA LITÚRGICA, 2003, p. 1202).

Portanto, tanto o mistério da Palavra como o da Eucaristia, conduzem ao mistério do Cristo Senhor. Porém, para termos mais exatidão nas afirmações, acrescentamos o seguinte:

A presença ‘real’ do Cristo nas espécies eucarísticas é chamada substancial: está ligada à substância do pão. Ela perdura não somente durante o tempo que dura a celebração eucarística, mas tanto tempo quanto perdurar a ‘espécie’ do pão. Ou seja, na eucaristia o pão não é mais pão e o vinho não é mais vinho. Na celebração da Palavra, ao contrário, a presença real do Cristo na Palavra dura tanto tempo quanto dura a celebração da Palavra, mas ela cessa quando a celebração termina e a assembleia se dispersa. Nos dois

casos, entretanto, a presença do Cristo é uma presença real [...] Mas nem por isso a Palavra deixa de ter seu valor, pois se a celebração eucarística é a celebração da aliança, a Palavra é o fundamento sobre o qual a aliança está formada (DEISS, 1998, p. 37-38, 44).

4.2.2.2 O Espírito Santo, intérprete da Palavra

A *Dei Verbum* afirma: “[...] a Sagrada Escritura é Palavra de Deus enquanto escrita por inspiração do Espírito Santo” (n. 9). E ainda:

As coisas reveladas por Deus, que se encontram e manifestam na Sagrada Escritura, foram escritas por inspiração do Espírito Santo. Com efeito, a santa Mãe Igreja, por fé apostólica, considera como sagrados e canônicos os livros inteiros tanto do Antigo como do Novo Testamento, com todas as suas partes, porque, tendo sido escritos por inspiração do Espírito Santo (cf. Jo 20,31; 2Tm 3,16; 2 Pd 1,19-21; 3,15-16), têm a Deus por autor e como tais foram confiados à própria Igreja. Todavia, para escrever os Livros Sagrados, Deus escolheu homens, que utilizou na posse das faculdades e capacidades que tinham, para que, agindo Deus neles e por meio deles, pusessem por escrito, como verdadeiros autores, tudo aquilo e só aquilo que ele quisesse [...] (DV 11).

A Sagrada Escritura é, portanto, fruto do Espírito e, conseqüentemente, deve ser interpretada à luz do mesmo Espírito (cf. DV 12 e VD 15).

O apóstolo São João apresenta o Espírito Santo como a inteligência e a memória do cristão: “O valedor, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que eu vos disse” (Jo 14,26). O Espírito nos capacita então para acolher como também para viver a Palavra de Deus.

É, especialmente, nas celebrações litúrgicas que a Igreja se torna eco do profeta, do apóstolo e do próprio Jesus Cristo quando proclama a Palavra de Deus. Na verdade, existe uma relação entre a Palavra de Deus que é proclamada e a ação do Espírito Santo:

Para que a Palavra de Deus realmente produza nos corações aquilo que se escuta com os ouvidos, requer-se a ação do Espírito Santo, por cuja inspiração e ajuda a Palavra de Deus se converte no fundamento da ação litúrgica e em norma e ajuda de toda a vida. Assim, a atuação do Espírito Santo não só precede, acompanha e segue toda a ação litúrgica, mas também sugere ao coração de cada um tudo aquilo que, na proclamação da Palavra de Deus, foi dito para toda a comunidade dos fiéis; e, ao mesmo tempo que consolida a unidade de todos, fomenta também a diversidade de carismas e a multiplicidade de atuações (ELM 9).

Aqui nos encontramos com a liturgia do Espírito e com o Espírito da liturgia, ou seja, com o fundamento do sentido pneumatológico da liturgia e, conseqüentemente, das

celebrações da Palavra. Assim, quando se celebra a Palavra de Deus, o Espírito revela aqui e agora seu conteúdo de salvação (FERNANDEZ, 1989, p. 358).

O Espírito nos faz ouvintes da Palavra de Deus, e mais, atua de tal forma em nós, que de ouvintes, nos faz profetas, capazes de anunciar e denunciar. O Espírito então, nos introduz na celebração e na experiência cristã dos tesouros salvíficos da Palavra de Deus, e com Ele a Palavra se torna verdadeiro acontecimento de salvação em nossa história. Desse modo, nos situamos no hoje salvífico de Jesus Cristo.

O papa Bento XVI recorda na *Verbum Domini* a sadia tradição de utilizar orações em forma de epiclese que invocam o Espírito Santo antes da proclamação das leituras (cf. n. 16).

Resumindo, podemos dizer que é o Espírito quem inspira, revela, lembra e atualiza a Palavra de Deus (cf. FERNANDEZ, 1989, p. 357-360). Só é possível alcançar o sentido da Palavra, acolhendo a ação do Paráclito na Igreja e nos corações dos fiéis (cf. VD 16).

4.2.3 A Igreja, ouvinte e praticante da Palavra de Deus

A Igreja redescobriu o valor da Palavra de Deus. Este dom foi, sobretudo, fruto dos movimentos bíblico e litúrgico. Certamente, a Igreja celebrava a Palavra de Deus antes destes movimentos, mas com estes houve, sem sombra de dúvidas, uma grande valorização da Palavra, tanto no que diz respeito ao estudo, à leitura da Bíblia, como também em seu aspecto celebrativo e esforço de uma vivência mais conforme às escrituras sagradas.

Podemos dizer que a Palavra faz a Igreja e a Igreja faz nascer a Palavra, não no sentido de a inventar, mas ao encarná-la e atualizá-la em sua realidade. Vejamos a afirmação do *Elenco das Leituras da Missa*:

A Igreja cresce e se constrói ao escutar a Palavra de Deus, e os prodígios que de muitas formas Deus realizou na história da salvação fazem-se presentes, de novo, nos sinais da celebração litúrgica, de um modo misterioso, mas real; Deus, por sua vez, vale-se da comunidade dos fiéis que celebra a liturgia, para que a sua Palavra se propague e seja conhecida, e seu nome seja louvado por todas as nações. Portanto, sempre que a Igreja, congregada pelo Espírito Santo na celebração litúrgica, anuncia e proclama a Palavra de Deus, se reconhece a si mesma como o novo povo, no qual a aliança antigamente travada chega agora à sua plenitude e perfeição. Todos os cristãos, que pelo batismo e a confirmação no Espírito se converteram em mensageiros da Palavra de Deus, depois de receberem a graça de escutar a Palavra, devem anunciá-la na Igreja e no mundo, ao menos com o testemunho de sua vida. Esta Palavra de Deus, que é proclamada na celebração dos divinos mistérios, não só se refere às circunstâncias atuais, mas também olha o passado e penetra o futuro, e nos faz ver quão desejáveis são as coisas que esperamos, para que, no meio das vicissitudes do mundo

nossos corações estejam firmemente postos onde está a verdadeira alegria (ELM 7).

A Palavra edifica a Igreja, povo de batizados, que reunida em assembleia, movida pelo dom do Espírito Santo, abre o ouvido do coração para escutar, celebrar e mais ainda, para proclamar e anunciar o acontecimento da salvação. Ao celebrar, escutando e proclamando a Palavra de Deus, a assembleia dialoga com Deus que fala ao seu povo e responde a Ele com cantos e orações (cf. SC 33). A Palavra é atualizada no hoje da comunidade e ilumina os acontecimentos e leva o crente a dar uma resposta, que vai além do espaço da celebração, ou seja, a um compromisso concreto e um engajamento eficaz na luta pela vida¹²⁰.

4.2.4 Os ministros e as ministras da Palavra de Deus

Toda a Igreja, antes de qualquer diferenciação carismática e ministerial, é chamada a ouvir, proclamar, a celebrar e a anunciar a Palavra de Deus, pois, através dos sacramentos de iniciação ela foi constituída em comunidade real, profética e sacerdotal.

A nossa missão de batizados tem como ponto de partida o único sacerdócio de Cristo. O livro do Apocalipse afirma que Jesus “fez de nós um reino de sacerdotes para Deus seu Pai” (1,6). Para Pedro, a comunidade é “sacerdócio santo, sacerdote real” (1 Pd 2,5.9) e que tem como missão “oferecer sacrifícios espirituais que Deus aceita por meio de Jesus Cristo” (1 Pd 2,5) e ainda é chamada a “proclamar as obras maravilhosas daquele que nos chamou das trevas para a sua luz maravilhosa” (1 Pd 2,9) e “oferecer a própria vida” (1 Pd 2,5). Esse sacerdócio comum é exercido através de um culto existencial, que consiste na transformação da totalidade da vida por meio da caridade. É a entrega da própria vida.

A consciência de povo sacerdotal, habilitado pelo batismo a prestar glória a Deus, mesmo não podendo participar da eucaristia, faz com que cada cristão e cada cristã procure sua comunidade para se reunir e fazer memória da páscoa de Jesus Cristo. Então, a assembleia, convocada pelo Senhor para ouvir sua Palavra, atende ao chamado e, reunida, responde, através de cânticos, salmos, silêncio, preces, ação de graças, louvor, gestos simbólicos.

¹²⁰ Para todo o item conferir: *Dei Verbum*, n. 1, 4, 7, 15, 16, 17, 24 e *Introdução do Elenco das Leituras da Missa*, n 1-10. Também: LUTZ, 1982, p. 3-4 e DEISS, 1998 p. 31-44 e BUYST, 2001, p. 17-21. E ainda: FERNANDEZ, 1989, p. 355-357. Sobre a missão da Igreja de anunciar a Palavra de Deus no mundo ver *Verbum Domini*, n. 90-211.

Todos os batizados, reunidos por causa do batismo, têm o direito de participar. Porém, para que a celebração aconteça, é necessário que algumas pessoas se dediquem a determinados ministérios¹²¹.

Ministério é o mesmo que tarefa, ofício, serviço, diaconia, porém com um aspecto social e eclesial, na ordem de edificação de todo o corpo de Cristo. Ministério da Palavra é, pois, a função de fazer chegar aos homens e mulheres a Palavra de Deus, viva e eficaz. Essa função é confiada na Igreja em primeiro lugar aos bispos, depois aos presbíteros e diáconos. Inclusive, os fiéis leigos são também anunciadores da Palavra divina com sua palavra e com seu testemunho, em virtude do batismo e da confirmação, e podem ser chamados a cooperar no exercício do ministério da Palavra de Deus (cf. LG 31-35; AA 2; DV 25; CDC 230, 759, 766, 776, 785; CNBB, Doc. 108, n. 8-21.30-56).

Na celebração dominical da Palavra de Deus atuam diversos ministros(as): o(a) presidente¹²²; os(as) leitores(as); o(a) homiliasta¹²³; os(as) salmistas; os(as) instrumentistas e cantores; ministros(as) da distribuição da comunhão. São uma verdadeira manifestação do Espírito Santo¹²⁴.

A variedade de ministérios revela a Igreja como corpo de Cristo, onde cada membro tem uma função própria, para o bem de todos, sem acumular funções (cf. SC 28). Todos os ministros e ministras, no exercício de seu ministério, possuem a missão de promover uma participação ativa e plena dos fiéis (SC 14).

Os ministérios exercidos na celebração dominical da Palavra de Deus são necessários e importantes. Aqui, vamos destacar o da presidência, que pode ser assumido por um diácono ou por um cristão leigo, homem ou mulher, que por força do batismo e confirmação assume legitimamente esse serviço e exerce a função de representar a cabeça do corpo místico de Cristo. Presidindo a celebração dominical da Palavra de Deus, o(a) ministro(a) assume um lugar diante do povo como sinal da presença de Jesus Cristo, que orienta e conduz a sua Igreja.

¹²¹ Para aprofundar mais sobre o assunto: LUTZ, 1997, p. 30-37 e CNBB, Doc. 108, 2019 – todo o documento.

¹²² Utilizamos aqui o termo “presidir”, fundamentado no Código de Direito Canônico e em outros documentos da Igreja que utilizam este termo também para leigos e leigas quando presidem a oração comunitária (CDC 230, § 3). Ver ainda o Documento 43, *Animação da vida litúrgica no Brasil*, n. 100 e o documento 52 da CNBB, *Orientações para a celebração da Palavra de Deus*, utiliza o termo por diversas vezes: n. 42, 46, 61, 64, 76 e 77. O documento 108 da CNBB, *Ministério e celebração da Palavra*, publicado em 2019 pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, utiliza do termo “dirigir”.

¹²³ Como já mencionado neste trabalho, os documentos da Igreja não adotam o termo “homilia” quando o ministro leigo preside a celebração e sim “explicação e a partilha da Palavra” (cf. CNBB Doc. 52, n. 75-77; CNBB Doc. 108, n. 78).

¹²⁴ Cf. Introdução do *Elenco das Leituras da Missa*, n. 8 e CNBB Doc. 52, n. 15. E ainda: FERNANDEZ, 1989, p. 361-363. Também: CARPANEDO, 1998 [b], p. 5-6.

Pe. Gregório Lutz define a assembleia litúrgica como sendo

[...] o corpo, místico de Jesus Cristo, cuja cabeça é Jesus Cristo e todos nós somos membros. A assembleia litúrgica é uma imagem deste corpo, até mesmo sacramento, pois ela manifesta esta realidade sobretudo na celebração eucarística, que é presidida pelo bispo ou presbítero ordenados, que representam assim, de modo especial, Jesus Cristo, a cabeça do seu corpo. No entanto, não são apenas o bispo e os presbíteros que podem exercer esta função de representar a cabeça do corpo místico de Cristo. Fazem-no também os leigos, homens e mulheres, quando presidem uma assembleia litúrgica (1997, p. 36).

Como cabeça, o(a) presidente faz parte do corpo, celebrando com toda a assembleia, porém com responsabilidades a mais. Tem as seguintes funções: dirigir a oração, favorecer para que aconteça o diálogo entre Deus e a comunidade reunida; exercer o serviço da Palavra; e ainda, a função de ajudar o povo a tomar parte de cada ação litúrgica e experienciar o sentido de cada uma delas. Podemos aplicar ao presidente da celebração dominical da Palavra de Deus o que a *Sacrosanctum Concilium* afirma aplicando a outros ministérios leigos: “cumpram sua função com aquela piedade e ordem que convém a tão grande ministério e com razão deles exige o povo de Deus” (SC 29).

A pessoa que preside a celebração assume as seguintes funções: a abertura (se for utilizado o Ofício Divino)¹²⁵, o sinal da cruz, a saudação, a monição, o ato penitencial, a oração do dia (coleta), a proclamação do evangelho, a partilha da palavra ou a homilia, o convite e a conclusão das preces, a louvação, o convite para o abraço da paz, para o pai nosso, a oração depois da distribuição da comunhão ou da partilha de alimentos, a saudação final, a bênção e a despedida (CARPANEDO, 1998 [b], p. 4-5).

O Documento 108 da CNBB, *Ministério e celebração da Palavra*, aponta “ser conveniente que a comunidade participe do processo de escolha dos ministros, ao menos por meio de seu conselho ou de outra modalidade” (cf. n. 123). Uma vez escolhidos e devidamente formados, convém que recebam o ministério da Palavra em um rito litúrgico próprio, dentro da celebração eucarística (cf. n. 125). Inclusive, o documento oferece um rito para conferir o ministério da Palavra (cf. CNBB, Doc. 108 p. 87-90). O documento da Congregação para o Culto Divino, *Celebrações dominicais na ausência do presbítero*, em 1989, já apontava a necessidade de um rito para conferir tais ministérios (cf. n. 30).

¹²⁵ O Ofício Divino das Comunidades, elaborado por um grupo de liturgistas e pastoralistas, surgiu para organizar melhor a vida de oração comunitária. Certamente, um dos méritos do Ofício é ter proposto às comunidades um método de oração. De modo que quem deseja manter uma regularidade na oração comunitária, encontra no Ofício uma referência básica (Cf. CARPANEDO, 1998 [a], p. 34).

É necessário garantir para todas as pessoas que exercem os diversos ministérios na celebração dominical da Palavra de Deus uma adequada formação¹²⁶: “*Integral* (nas dimensões humano-afetiva, intelectual, espiritual-litúrgica e pastoral-missionária), *inicial e permanente* (no tempo), *sistemática* (no currículo) e *profunda* (nos conteúdos)” (CNBB, Doc. 108, n. 130).

Os bispos ainda mencionam os diversos eixos da vida e da atuação dos ministros: da formação, da espiritualidade e do testemunho e da missão (cf. CNBB, Doc. 108, n. 131-133).

Na celebração dominical da Palavra de Deus, é importante o trabalho em equipe, por isso é bom lembrar que:

A celebração da Palavra de Deus, como expressão da Igreja reunida, supõe a presença de uma equipe de celebração que, após preparar a celebração, na execução da mesma, anime e integre os diversos serviços: do acolhimento fraterno, da presidência, da animação, do canto, da proclamação das leituras e outros [...]” (CNBB, Doc. 52, n. 42).

Tudo para que a celebração seja um diálogo entre Deus e a assembleia, ou seja, oração.

4.2.5 A Palavra celebrada – o diálogo de Deus com seu povo e do povo com Deus

Nas diversas celebrações litúrgicas, a comunidade, reunida para celebrar, recebe os múltiplos tesouros da única Palavra de Deus, seja no decorrer do ano litúrgico em que se recorda o mistério de Cristo em seu desenvolvimento anual, semanal e diário, como também nas celebrações dos sacramentos e sacramentais (cf. ELM 3).

Nas celebrações litúrgicas, a escuta da Palavra faz brotar a oração, isso acontece em todas as celebrações. Nesse trabalho, interessa-nos, particularmente, a celebração dominical da Palavra de Deus.

Desenvolve-se, então, um verdadeiro diálogo de Deus com seu povo reunido, um colóquio contínuo do Esposo e da Esposa. No fundo, a dinâmica fundamental das celebrações

¹²⁶ Cf. *Código de Direito Canônico*, cânon 231, § 1. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Celebrações dominicais na ausência do presbítero*, n. 30. CNBB. *Orientações para a celebração da Palavra de Deus*, n. 39.

O Código de Direito Canônico, neste cânon, está legislando sobre a formação do leigo que exerce um serviço na Igreja. Aqui em nosso trabalho, nós aplicamos aos serviços exercidos na celebração dominical da Palavra de Deus. Vejamos o que diz o Código: “Os leigos, que são destinados permanentemente ou temporariamente a um serviço especial na Igreja, têm a obrigação de adquirir a formação adequada, requerida para o cumprimento do próprio encargo e para exercê-lo consciente, dedicada e diligentemente” (CDC can. 231, § 1).

da Palavra¹²⁷ já encontramos no livro do Êxodo, capítulo 19. Deus fala ao seu povo, propondo uma aliança e o povo responde, aderindo à proposta divina: “Faremos tudo o que o Senhor mandou” (Ex 19,8). Essa também é a estrutura tradicional da oração na sinagoga e na Igreja cristã até os dias de hoje.

A liturgia lembra constantemente a Palavra revelada e, desta forma, evoca e atualiza os feitos salvíficos de Deus. O lembrar faz com que a comunidade conheça a vontade de Deus, o que ele quer, seu projeto de salvação. Então, nasce a resposta à Palavra de Deus, ou seja, o louvor, a ação de graças, a súplica, a intercessão, os gestos e as ações simbólicas. Assim, sob diversas formas, o Senhor da aliança, “ora interpela, ora ensina, ora exorta, ora ‘diz e faz’. Por sua vez, a assembleia escuta, responde, medita, suplica, dá graças até se identificar com a Palavra que, vinda do Pai, volta para se unir e ele numa comunhão eterna” (GELINEAU, 1975, p. 147-148).

Lendo e proclamando a Palavra de Deus, a comunidade toma consciência da proposta que a Palavra transmite e ensina. Pela oração cria-se o espaço onde a Palavra faz o que diz, traz o que anuncia, comunica a sua força e revigora a caminhada. Nesse mesmo sentido, procurando reforçar esta ideia, recordamos aqui o que diz a Introdução da Liturgia das Horas: “[...] na celebração litúrgica, a oração acompanha sempre a leitura da Sagrada Escritura, para que essa leitura produza fruto mais abundante, e a oração, por sua vez, particularmente os salmos, na força da leitura, seja compreendida mais plenamente e se torne mais fervorosa” (IGLH 140).

A dinâmica celebrativa da celebração da Palavra de Deus nos insere na lógica da revelação. Deus chama, reúne, e a comunidade, atendendo ao seu chamado, se apresenta e responde a Ele¹²⁸.

4.2.6. Rezar na celebração dominical da Palavra de Deus

As celebrações dominicais da Palavra são ações litúrgicas. Participando de tais celebrações, a comunidade de fé entra na dinâmica salvífica, oferecida por Deus, Senhor da Aliança, cujo ponto culminante é a encarnação, vida, paixão, morte e ressurreição de seu Filho, Jesus Cristo. Foi a partir deste fato que as comunidades cristãs apostólicas, inspiradas pelo Espírito Santo, começaram a se reunir em assembleia para a escuta da Palavra e celebrar a ação de graças memorial, obedecendo ao mandato do Senhor: “fazei isto em minha

¹²⁷ Ver Capítulo 2 desta dissertação.

¹²⁸ Para todo o item conferir os textos já citados e ainda: FERNANDEZ, 1989, p. 368-371 e CNBB Doc.108, n. 59-61.70.

memória” (Lc 22,19). Fiéis ao mandato do Senhor, as comunidades nunca deixaram de se reunir para celebrar o mistério pascal de Jesus Cristo, no dia do Senhor, mesmo não podendo celebrar a eucaristia.

Os elementos básicos: reunião, palavra de Deus, louvor, envio e missão garantem a oração ou o diálogo com Deus: memória das ações salvíficas de Deus, contidas na Palavra que a comunidade proclama e escuta, e em seguida responde, suplicando, pedindo perdão, louvando e agradecendo. Dessa forma acontece a oração, ou, dito de uma outra forma, o diálogo entre o Esposo e a Esposa. Vejamos o exemplo abaixo (Quadro 2)¹²⁹.

Quadro 2 – Dinâmica dialogal da celebração da Palavra de Deus.

1º Momento Ritos iniciais	2º Momento Liturgia da Palavra	3º Momento Ritos de louvor com comunhão eucarística	4º Momento Ritos finais
- Canto de entrada - Sinal da cruz - Saudação e motivação - Oração	- 1ª leitura - Salmo Responsorial - 2ª leitura - Aclamação ao Evangelho - Proclamação do Evangelho - Homilia ou partilha da Palavra	- Louvação - Pai-nosso - Ritos da comunhão - Oração	- Avisos - Bênção e despedida - Canto

Fonte: Da autora, 2021.

Na verdade, o diálogo com Deus acontece constantemente. Notamos esse diálogo a cada momento, separadamente (na reunião, na escuta da Palavra, no louvor e comunhão e na despedida) com seu conjunto de ritos, como também, muitas vezes, em cada rito, por exemplo na saudação, na oração do dia etc. A celebração, no seu conjunto, possui uma dinâmica de base que é dialogal: fala de Deus e resposta da comunidade até chegar ao encontro profundo (cf. Quadro 3) (MALDONADO, 1990, p. 182-187).

¹²⁹ Conferir roteiros para celebração dominical da Palavra de Deus no Documento 52 da CNBB. *Orientações para a celebração da Palavra de Deus*, p. 45-52 e no Documento 108, *Ministério e celebração da Palavra*, p 81-85.

Quadro 3 – Dinâmica dialogal da celebração da Palavra de Deus.

LITURGIA DA PALAVRA	LOUVAÇÃO	COMUNHÃO SINERGIA
1º Tempo: O Espírito manifesta Cristo – palavra querigmático-pregacional – (anamnese).	2º Tempo: Transformação em Cristo, pelo Espírito daquilo que a Igreja lhe apresenta. Através da prece ou epiclese – (palavra oracional).	3º Tempo: Nele Cristo é comunicado, ao fiel ou o fiel entra em comunhão com a ação transformadora de Cristo por meio do gesto simbólico (na celebração dominical da Palavra pode ser a partilha de alimentos, o abraço da paz, a comunhão eucarística).
Palavra Anunciadora ↓ descendente	Palavra Oracional ↑ ascendente	Gesto Simbólico ↓ ↑ comunhão-sinergia

Fonte: Da autora, 2021.

Na verdade, é uma dinâmica dialogal como já mencionamos¹³⁰. A iniciativa é de Deus e a comunidade responde. A recordação da história dos feitos divinos permite e fundamenta a resposta da comunidade.

Deus nos convoca para a oração, e a assembleia dominical é o lugar privilegiado para essa oração. A celebração dominical da Palavra de Deus, com seu estilo celebrativo, com os ritos, as orações, os gestos, as ações simbólicas, leva a comunidade de fé a uma experiência da salvação em Cristo, morto e ressuscitado no hoje de sua história.

Entendemos que muitos elementos, descritos nesse capítulo nos deram base e fundamento para esclarecer o tema, ou seja, compreender como se dá a dimensão orante nessas celebrações, para isso é imprescindível compreendê-la como uma ação litúrgica.

No decorrer da história, a celebração dominical da Palavra de Deus foi ganhando corpo e estrutura de uma celebração litúrgica com uma dinâmica dialogal: Deus convoca e chama a assembleia, sujeito eclesial da celebração, para escutar sua Palavra; a Palavra proclama a história da salvação, que tem como centro o mistério pascal de Cristo. A Palavra celebrada torna-se acontecimento de salvação e diálogo de Deus com as pessoas.

¹³⁰ Confira a oração nas assembleias do Antigo e Novo Testamentos e nas assembleias das comunidades pós-apostólicas no Capítulo 2 desta dissertação.

A partir do segundo capítulo sobre a oração litúrgica, adquirimos o instrumental teórico a respeito da dimensão orante da celebração dominical da Palavra de Deus, que será a base para estabelecermos o confronto com a realidade levantada na escuta da experiência de pessoas sobre a oração na Celebração da Palavra de Deus que foi apresentada no primeiro capítulo.

5 A DIMENSÃO ORANTE DA CELEBRAÇÃO DOMINICAL DA PALAVRA DE DEUS, UM CONFRONTO ENTRE A REALIDADE E A TRADIÇÃO BÍBLICO-TEOLÓGICO-LITÚRGICA

Após termos apresentado a realidade da dimensão orante da celebração dominical da Palavra de Deus, de algumas comunidades da Paróquia N.S. das Graças, situadas na diocese de Osasco, e o referencial teórico, descrito nos capítulos sobre a oração litúrgica e a celebração dominical da Palavra de Deus, resta-nos, agora, estabelecermos um confronto entre a realidade atual – apresentada no relatório da pesquisa de campo – e a Tradição.

Essa não é uma tarefa fácil e simples, pois neste confronto “a prática litúrgica é o ponto de partida e o ponto de chegada. Interessa-nos analisar, fundamentar e melhorar essa prática” (BUYST, 1990[b], p. 106), ou seja, é da prática para a prática, tendo como referencial a Tradição, que também pode ser interrogada pela prática (BUYST, 1990[b], p. 106).

Importa-nos aqui, nesse trabalho, a prática da dimensão orante da celebração dominical da Palavra de Deus. Para estabelecermos o confronto proposto, vamos partir dos dados da experiência de membros da Paróquia N.S. das Graças, diocese de Osasco/SP.

No final da apresentação das respostas dos entrevistados, descrevemos alguns dados que mostram a experiência orante dos entrevistados, bem como as dificuldades apresentadas por eles. Tais dados, lidos à luz da fundamentação teórica, nos fazem perceber que entre a prática da dimensão orante da celebração dominical da Palavra de Deus e o referencial teórico existem pontos convergentes e pontos divergentes, ou até mesmo sinais de conflitividade.

O confronto que iremos fazer terá como referência estes pontos convergentes e divergentes. Começaremos com os pontos convergentes.

5.1 Pontos convergentes – uma experiência orante de inspiração bíblica e pós-apostólica

Partimos da constatação de que, como o orante bíblico, os nossos entrevistados rezam, tanto sozinhos no quarto, em segredo (cf. Mt 6,6): “costumo rezar no silêncio do meu quarto, sozinha”, ou em comunidade: “rezo, participando ativamente junto à minha comunidade”.

Veremos que a experiência orante destas pessoas contém muitos elementos que se relacionam ou se identificam com a experiência de oração do povo da Bíblia e das comunidades pós-apostólicas.

5.1.1 Um Deus próximo

O orante do Antigo e Novo Testamentos, em sua experiência de oração, conhece e experimenta um Deus que, ao mesmo tempo que é o Senhor todo poderoso, Deus das nações que tudo pode e assim se revelou ao seu povo (cf. 1Rs 8,22 ss), é também o Deus pessoa, que fala, que instrui, não é uma divindade muda (cf. Gn 18,22-23). Senhor é o seu nome:

Moisés disse a Deus: “Quando eu for aos filhos de Israel e disser: ‘O Deus de vossos pais me enviou até vós’; e me perguntarem: ‘Qual é o seu nome?’, que direi?” Disse Deus a Moisés: “Eu sou aquele que é”. Disse mais: “EU SOU me enviou até vós”. Disse Deus ainda a Moisés: “Assim dirás aos filhos de Israel: ‘O Senhor, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó me enviou até vós. Este é o meu nome para sempre e esta será a minha lembrança de geração em geração’” (Ex 3,13-15).

Ele é um Deus próximo, que além de fazer aliança com o povo é extremamente fiel à aliança e cumpridor das promessas. Ele é capaz de amar como o esposo ama sua esposa.

As pessoas que participaram dessa pesquisa usam muitas expressões que revelam a experiência de um Deus próximo: “Converso com ele como se estivesse ao meu lado”. “Ele é o Pai, o amigo mais compreensivo de todos”. É o Deus amante que toca o coração. É uma experiência do Deus amigo, companheiro, conhecedor de tudo e que até vem para perto da gente: “Costumo rezar, falando diretamente Deus e eu, às vezes cantando cantos ou salmos, refrãos que trazem Deus para perto da gente e mexe com o interior”.

As falas dos nossos amigos e amigas estão carregadas de experiência de um Deus que escuta e que fala. Por isso, como o orante bíblico, os nossos entrevistados conversam com Deus, revelam a Ele suas esperanças, expectativas, enfim, contam a Ele suas vidas, suas histórias sempre relacionadas com a realidade em que se vivem: “[...] sempre rezo em transportes públicos, pois observar o povo pobre e cansado me estimula a tal ação”.

Esse jeito de compreender e de experienciar Deus está presente não só em uma relação individual ou particular com Ele, mas também comunitária como já mencionamos no primeiro capítulo.

5.1.2 Diálogo entre amantes que fazem aliança

Muitas expressões utilizadas pelos entrevistados apontam para uma relação dialogal com Deus: “relacionamento”, “momento íntimo”, “contar os sentimentos”, “momento que temos com Ele”, “conhecedor de todo o meu ser”, “falar diretamente com Ele”, “faço

pergunta, fico em silêncio e aos poucos as respostas vão surgindo”, “Deus toca meu coração”. É isso mesmo, a oração é puro diálogo e não é qualquer diálogo. É um diálogo que se dá entre o Bem-amado, cheio de amor para dar, e a esposa apaixonada, disposta a corresponder a este amor. O amor de Deus não é sentimentalismo vago, mas é fundamentado no projeto salvífico, como constatamos no dizer de alguém: “oração é um diálogo com Deus, nos aproxima cada vez mais dele e do seu projeto”.

A seguir, vamos detalhar melhor o diálogo que se dá através de uma experiência individual e, sobretudo, em comunidade reunida e unida para a oração.

5.1.2.1 Uma experiência comunitária

Primeiramente, queremos destacar que o diálogo acontece em comunidade e, mesmo que seja a nível individual, o “eu particular” está carregado da dimensão comunitária e histórica da vida do orante.

Duas pessoas, respondendo sobre a oração realizada em comunidade ao redor da Palavra de Deus, afirmam: “A celebração da Palavra para mim é uma oração muito forte, onde nós todos juntos podemos pedir e alcançar bênçãos”. “É uma oração fortíssima, pois rezamos unidos na comunidade e tem mais força”. De fato, a presença de Cristo na assembleia tem primazia até mesmo sobre a presença de Cristo na Eucaristia e na Palavra (DEISS, 1998, p. 42).

A prática do povo da Bíblia e da Tradição pós-bíblica, principalmente dos pais da Igreja, valorizava muito a reunião da assembleia, de forma que o “eu” na oração se tornava comunitário. Recordemos a reunião do povo em assembleia no caminho do Êxodo, em Siquém e em Jerusalém: “Moisés fez o povo sair do acampamento ao encontro de Deus, e puseram-se ao pé da montanha” (Ex 19,17), “reuniu todas as tribos” (Js 24,1), e em Neemias: “Todo o povo se reuniu como um só homem” (8,1.13). Algumas pessoas, parecendo repetir Neemias, relatam: “Claro que é o melhor momento de rezar em comunidade, pois estamos unidos com os irmãos”. “Procuro o envolvimento com todos na assembleia, para que a oração seja de um e de todos ao mesmo tempo”.

Os cristãos dos primeiros tempos também acentuavam muito a importância da assembleia, de tal maneira que faltar na reunião da assembleia era o mesmo que rasgar e dispersar o corpo de Cristo (cf. DIDASCÁLIA dos Apóstolos *in* ANTOLOGIA LITÚRGICA, 2003, p. 248).

5.1.2.2 Falando, Deus comunica seu mistério de salvação

Na experiência da maioria das pessoas que participaram da nossa pesquisa existe uma assimilação de um jeito de rezar que é, antes de tudo, ouvir Deus através de sua Palavra. Esse jeito de rezar está de acordo com os textos bíblicos citados nesse trabalho e que a tradição cristã assimilou muito bem, uma vez que a característica principal da oração cristã é o fato de a oração brotar da leitura e meditação da Palavra revelada.

Muitas pessoas que participaram da nossa entrevista testemunharam que rezam, primeiramente, ouvindo a Palavra de Deus, tanto a nível pessoal como comunitário. Várias citaram a Palavra de Deus em geral: “Oração para mim é quando estamos com os nossos irmãos, rezando e falando sobre a Palavra de Deus, cantando e deixando o Espírito do Senhor entrar em nossos corações”. “Eu deixo Deus falar comigo, escuto e reflito a sua Palavra com muita atenção”. “Rezo na escuta da Palavra de Deus”. “Rezo deixando que a Palavra entre em meu coração, e assim, eu a coloco na minha vida e no meu dia a dia”. “Deus fala comigo na leitura diária da Bíblia”. “Rezo ouvindo a Palavra”. “Ouvindo o que Deus fala”. “A Palavra de Deus é muito linda e encontro paz”.

Algumas pessoas destacaram o evangelho. Os dizeres delas lembram textos da *Dei Verbum* e da Introdução do Elenco das Leituras da Missa, que afirma que o “centro e a plenitude de toda a Escritura e de toda a celebração litúrgica é Cristo [...]” (ELM n. 5)¹³¹: “Procuro meditar o Evangelho do dia e o salmo e depois rezá-lo”. “Me entregando de coração à Palavra, principalmente no evangelho”. “Tento entender o que aquela Palavra (evangelho) tenta nos passar e faço minhas orações para tentar ser firme em minha fé e seguir retamente aquilo que ele nos pede”. “Rezo no salmo responsorial e após o Evangelho durante a homilia”. “Em especial no evangelho”. Embora não dito explicitamente, o destaque dado ao Evangelho parece indicar uma compreensão a nível experiencial da centralidade do mistério pascal de Cristo. Faz-nos lembrar também do valor dado à presença de Cristo na Palavra por parte dos santos padres, como vimos nesta dissertação.

Percebemos a Palavra de Deus como elemento fundamental na experiência orante e na história concreta do povo. A Palavra lida e ouvida traz presente as ações de Deus. Os feitos de Deus ressoam no coração da comunidade orante que escuta e toma conhecimento das promessas e realizações de Deus na vida dos patriarcas, dos profetas, dos sábios, dos juízes,

¹³¹ Ver também *Dei Verbum*, n. 2, 3, 7, 15, 16, 24.

dos apóstolos e discípulos e na vida do próprio Jesus que, além de revelar Deus, é o próprio Deus encarnado na nossa história.

A relação do orante com Deus, que é de iniciativa divina, vai se aprofundando sempre mais, de forma que os projetos, desejos e realizações de Deus se misturam com os do orante.

A Palavra garante a objetividade da oração. A comunidade não faz um monólogo com Deus, expressando apenas os próprios sentimentos, ou angústias, desejos e alegrias, como um desabafo. Ouvindo primeiramente Deus falar através de sua Palavra, a oração se torna resposta a Deus. Resposta essa que, mesmo partindo da pessoa ou comunidade, não é puramente subjetividade. A Palavra dada objetivamente suscita a participação subjetiva e o envolvimento pessoal ou comunitário, acontece à medida que a Palavra de Deus é assumida no hoje da pessoa ou da comunidade (BUYST, 1995, p. 125). “É Deus, ou seja, são sua Palavra e suas ações realizadas na história, que condicionam a possibilidade da oração do crente” (BOSELLI, 2014, p. 149).

O Deus que o orante experimenta é um Deus pessoa, próximo, a relação com Ele não oprime o orante, mas o valoriza e o faz sempre mais capaz.

Vemos nestes depoimentos a concretização da *Sacrosanctum Concilium* que, procurando resgatar a sadia Tradição da Igreja, afirma: “Na liturgia Deus fala a seu povo. Cristo ainda anuncia o Evangelho e o povo responde a Deus, ora com cânticos ora com orações” (SC 33). Esse diálogo que Deus estabelece com seu povo e o povo com Deus é um diálogo de salvação (CASTELLANO, 2008, p. 283). “Afirmar a primazia da Palavra de Deus na oração significa, portanto, afirmar a primazia da revelação de Deus, uma primazia que se estende também até a minha oração” (BOSELLI, 2014, p. 149).

A oração, além de ser resposta à Palavra de Deus, é também louvor gratuito a Deus. Ele é digno de louvor, porque é um Deus cheio de misericórdia e compaixão, capaz de amar até as últimas consequências.

5.1.2.3 A comunidade escuta e responde

Mais uma vez temos algumas coincidências entre o jeito de rezar dos nossos entrevistados das comunidades da Paróquia N.S. das Graças e o povo da Tradição bíblica e das comunidades pós-apostólicas, que tinham uma oração de inspiração bíblica. Muitos dos nossos entrevistados afirmam que rezam escutando Deus falar e, depois de ouvir, respondem de muitas formas. As mais citadas foram a de pedido e de agradecimento, como vimos no primeiro capítulo. Mas também aparece a oração do coração arrependido que busca a

reconciliação com Deus: “Rezo primeiro pedindo perdão”. “Pedindo ao Pai, misericórdia”. A comunidade responde também cantando, comungando.

Quando apresentamos a estrutura e dinâmica da oração litúrgica, recordando a Tradição, afirmamos que, na realidade, Deus vem, a comunidade vai ao encontro de Deus e aí acontece o encontro – comunhão – sinergia. Alguém conta justamente esta experiência: “Rezo principalmente no momento da “eucaristia”¹³², pois é o momento em que você aceita o compromisso e faz aliança com Deus”. Na verdade, por ser tão profundo, esse encontro não se limita ao espaço celebrativo. A comunidade orante traduz na própria vida este jeito de Deus ser, que é o de querer a vida, a igualdade, a justiça, a solidariedade – “O povo respondeu: Nós serviremos o Senhor nosso Deus e a ele obedeceremos” (Js 24,24).

5.1.2.4 O Espírito Santo ora em nós a sua oração

A oração da comunidade só é possível com a ajuda do Espírito Santo. Ele é aquele “que ora em nós” (Rm 8,15) e está presente na experiência orante de nossos entrevistados: Rezo deixando o Espírito do Senhor entrar em nossos corações”. “Oração é estar em sintonia com o Espírito Santo”. “Invoco o Espírito”. “Rezo invocando o Espírito Santo”.

É isto mesmo, “o Espírito vem em auxílio da nossa fraqueza, pois nem sabemos o que convém pedir; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis. E aquele que sonda os corações sabe quais são os desejos do Espírito, pois o Espírito intercede pelos cristãos de acordo com a vontade de Deus” (Rm 8,26-27). O Catecismo da Igreja Católica afirma que “na liturgia o Espírito Santo é o pedagogo da fé do povo de Deus...” (cf. n. 1091).

Na verdade, a resposta que brota da comunidade é um trabalho em conjunto com o Espírito Santo. Ele nos faz capazes de ouvir, de acolher no coração, de responder e de viver a Palavra divina, uma vez que, conforme a promessa de Jesus, o Espírito está em nosso meio (cf. Jo 14,15).

Destacamos os pontos convergentes mais importantes. Certamente teríamos muitos outros. Essa relação estreita entre a oração bíblica e das comunidades pós-apostólicas com a do grupo da Paróquia N.S. das Graças parece ser resultado de todo o movimento bíblico, litúrgico e do empreendimento realizado pelo Concílio Vaticano II, que procurou resgatar e devolver ao povo a possibilidade de beber de fontes genuínas.

¹³² Observamos que as perguntas respondidas pelos participantes eram referentes a celebração dominical da Palavra de Deus. É provável que a resposta diga respeito à comunhão eucarística, na celebração da Palavra.

Reconhecemos que há muito ainda a ser feito, porém, já foram dados passos significativos, como vimos na própria experiência dos nossos entrevistados que, com carinho e dedicação, ofereceram uma grande contribuição ao nosso trabalho.

5.2 Pontos divergentes entre a realidade da dimensão orante da celebração dominical da Palavra de Deus e a Tradição

Embora tenhamos constatado os pontos convergentes e significativos apresentados, verificamos também algumas dificuldades ou divergências entre a realidade apresentada pelos participantes da pesquisa de campo e a Tradição. Tudo indica que a ruptura entre oração litúrgica e particular, e ainda entre hierarquia e povo, ocorrida a partir da Idade Média, como vimos no segundo capítulo desta dissertação, foi uma das causas de dificuldades que, na verdade, estão presentes até hoje na experiência de oração de muitos cristãos e cristãs.

Ao relatarmos a resposta dos nossos entrevistados, sintetizamos em alguns pontos os sinais de conflito entre alguns polos. Há certa dificuldade de integrar na oração o “eu” pessoal com o comunitário. Na prática, não é tão fácil a integração entre a objetividade e a subjetividade, como também entre as fórmulas prescritas e a espontaneidade/criatividade. Há uma certa ausência do silêncio e uma tendência ao ativismo, tanto é verdade que muitas pessoas que participaram da nossa pesquisa requerem o silêncio. A assembleia ainda não se envolve o suficiente na celebração. A preparação da celebração ainda é uma meta a ser alcançada e, enquanto isso não acontece, muitos improvisam.

Alguns desses polos estão profundamente relacionados em suas extremidades. De um lado temos uma estreita relação entre a oração particular, a subjetividade, a espontaneidade. De outro lado, há uma relação entre a oração comunitária, a objetividade, as fórmulas prescritas.

5.2.1 A oração comunitária e a oração particular

A relação entre oração particular e a comunitária parece ser um dos pontos menos problemáticos na experiência orante dos entrevistados das comunidades da Paróquia N.S. das Graças, pois percebemos nitidamente o valor dado à oração comunitária quando escrevem a respeito de rezar em comunidade. No entanto, o “eu” parece estar “afogado” quando alguém diz que “os momentos reservados para o diálogo com Deus são muito restritos”. Uma outra diz: “falta um momento específico dentro da celebração que ajude a assembleia a rezar”.

Além de outros elementos que vamos tratar mais adiante, parece que algumas pessoas não se sentem rezando “de verdade” ou então possuem uma certa dificuldade para rezar comunitariamente.

Uma explicação para isso, e que certamente está muito relacionada à dicotomia criada entre oração comunitária e particular, é a tensão entre liturgia e piedade popular¹³³. A piedade popular ganhou espaço e força quando a liturgia já não mais nutria suficientemente a espiritualidade cristã, o que resultou em muitas perdas. Mas apesar disso, os exercícios de piedade trouxeram benefícios, uma vez que o povo reagiu e encontrou seu jeito de rezar (MARTÍN, 1997, p. 359). Queremos esclarecer que a oração particular e exercícios piedosos não são a mesma coisa, porém apresentam proximidade, como já mencionamos no segundo capítulo dessa dissertação.

A renovação litúrgica não aboliu a prática da oração particular e dos exercícios de piedade e, sim, recomendou estas práticas, pois a vida espiritual não se alimenta unicamente nas celebrações litúrgicas. A constituição conciliar sobre a liturgia aborda o assunto nos números 11 a 13. Inicia afirmando que os fiéis devem participar da liturgia com disposição, sintonizando o espírito com as palavras e cooperando com a graça do alto, a fim de produzir fruto. Por isso é preciso que participem com conhecimento de causa e de forma ativa (cf. SC 11).

Os padres conciliares asseguram que faz parte da vida espiritual: a liturgia, a oração particular, o “sacrifício espiritual”, ou seja, “trazer em nosso corpo a morte de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nossa carne mortal”:

A vida espiritual não se restringe unicamente à participação da sagrada liturgia. O cristão, chamado para a oração comunitária, deve não obstante, entrar em seu cubículo e orar ao Pai em segredo; deve até orar sem cessar, como ensina o apóstolo. E do mesmo apóstolo aprendemos que devemos sempre trazer em nosso corpo a morte de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nossa carne mortal. Razão por que suplicamos ao Senhor, no sacrifício da missa, que nós mesmos, pela “aceitação da oblação da hóstia espiritual”, sejamos feitos “eterna dádiva” sua (SC 12).

Embora o Concílio aponte a necessidade da oração particular, falou desta com a liturgia. A Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas (IGHL) tratando da índole comunitária da oração, afirma indiretamente a dignidade da autêntica oração cristã feita em particular (cf. CASTELLANO, 2008, p. 347).

¹³³ Cf. Capítulo 2 dessa dissertação.

Não obstante os desencontros no decorrer da história, podemos afirmar que oração litúrgica e oração particular não são opostas e, sim, interligadas (cf. SC 12)¹³⁴. Assim como a liturgia é escola de oração, podemos dizer que a oração particular, para aqueles que a praticam, fecunda a oração litúrgica. Não sem razão, os monges se reúnem ordinariamente alguns instantes em silêncio no claustro antes de entrar na igreja para começar o ofício. É interessante lembrar aqui o testemunho de Ir. Michel, da comunidade de Taizé:

Tantos irmãos, como jovens, chegam antes do começo da oração comum. Ajoelham-se ou sentam-se silenciosamente na Igreja, onde encontram uma meia-luz, velas acesas e música propícia para interiorização. E muitos jovens ficam depois. Três equipes permanentes se revezam no serviço da Igreja, porque dia e noite sempre há jovens na igreja em oração silenciosa. O tempo antes da oração, os cantos meditativos que a prolongam e o silêncio no meio da oração comum convidam naturalmente à oração particular (MICHEL, 1999, p. 10).

O próprio Jesus se retira sozinho para rezar. A solidão é elemento físico e teológico muito presente na oração de Jesus. Mesmo rezando só e durante a noite (cf. Mt 14,23; Mc 1,35; Lc 5,16; 6,12; 9,18), a oração de Jesus era completamente engajada na missão. É certo que a Igreja, seguindo os passos de Jesus, também valorizou a oração particular, que é pressuposto para a oração comunitária, pois quem não está acostumado a rezar em particular, dificilmente vai conseguir rezar em e na comunidade.

Por outro lado, a oração litúrgica ensina a orar com a pedagogia e dinâmica que lhe é própria, com a pluralidade de formas e expressões, como afirma o teólogo liturgista Dionizio Boróbio (1993, p. 370):

Nenhuma destas formas pode reivindicar a totalidade da oração, reduzindo e excluindo outras. A riqueza oracional da liturgia consiste na capacidade de integração da pluralidade dessas formas, de maneira que por elas se expresse a totalidade do mistério e a integridade de aspectos, de sentimentos, de motivos, de relação da vida humana. Desse modo, tanto a oração na liturgia, como a oração na vida, desde a liturgia, serão uma continuação da celebração do mistério.

As ações litúrgicas são âmbito e meio da presença e da ação generosa e gratuita do mistério da salvação na vida dos homens e das mulheres. Nesse sentido, o ano litúrgico

¹³⁴ O teólogo liturgista Jesús Castellano recorda que a Igreja oferece orientação para preservar a originalidade da oração cristã à luz de sua própria doutrina. Para isso temos a carta *Orationis formas*, da Congregação para a Doutrina da fé e o *Catecismo da Igreja Católica*. A carta *Orationis formas* apresenta pistas importantes para captar o sentido litúrgico da Igreja como base teológica e pedagógica da oração cristã. O Catecismo proporciona uma doutrina prudente e completa sobre a oração cristã, também em relação com a liturgia.

proporciona, em ritmos diferentes (diário, semanal e anual), a experiência do mistério da salvação.

A comunidade reunida em assembleia litúrgica, reunião dos cristãos convocados por Deus para celebrar a aliança, é um acontecimento teologal e tem valor sacramental, porque as pessoas estão reunidas na fé, em nome de Cristo, conduzidas pela ação misteriosa do Espírito que as transformam em sinais do Reino do Pai (BUSYT, p. 149).

A tarefa é integrar sempre mais o “eu” pessoal com o “nós” comunitário, sem oprimir o “eu” e tampouco tornar a celebração ou a oração litúrgica um agrupamento de indivíduos fechados no seu mundo pessoal. A participação pessoal não é individual. Fica claro, então, que está longe de ser uma oração-celebração individualista, mas acontece um “eu coletivo”:

O profundo senso comunitário dos salmos, assim como de toda a Bíblia e da tradição litúrgica judaica e cristã, nos ajuda a entender o coletivo deste ‘eu’. É mais que ‘nós’: é a comunidade de tal modo, assumida pelos indivíduos que a compõem, que podem dizer: ‘eu’, formado como que um só todo, uma só pessoa. É a assembleia litúrgica, feita Corpo de Cristo no Espírito Santo, que clama ‘a uma só voz’ como dizem os prefácios da missa. Os participantes podem clamar a uma só voz porque no Senhor eles têm ‘um só coração e uma só alma’ como diz Lucas da comunidade primitiva (Atos 4,32) (BUYST, 1994, p. 24).

Alguém dizia ao responder a pesquisa: “Procuro envolvimento com todos na assembleia para que a oração seja de um e de todos ao mesmo tempo”.

No que diz respeito a relação entre liturgia e exercícios piedosos a *Sacrosanctum Concilium* começa recomendando estes últimos: “Os piedosos exercícios do povo cristão, conquanto conformes às leis e normas da Igreja, são encarecidamente recomendados, sobretudo quando são feitos por ordem da Sé Apostólica” (n. 13). Em seguida indica que “os exercícios de piedade devem ser organizados de tal maneira que condigam com a Sagrada Liturgia, dela de alguma forma derivem, para ela encaminham o povo, pois com ela, por sua natureza, em muito os supera” (n. 13).

5.2.2 A objetividade da liturgia e a subjetividade do orante

Já afirmamos que há uma relação estreita entre objetividade/subjetividade, prescrito/espontâneo etc. Por isso, torna-se até difícil separá-las, porém, é válido tratá-las separadamente.

Na liturgia cristã celebramos a obra da salvação realizada em Jesus Cristo. Nisto consiste a objetividade da liturgia, ela celebra fatos e especialmente o fato fundante da nossa fé: a vida, paixão, morte e ressurreição do Senhor Jesus Cristo. Vale a pena transcrever aqui um texto de José Ariovaldo da Silva (s/d, p. 2):

É sobretudo na paixão, morte e ressurreição de Jesus que aparece de maneira acabada a *liturgia divina*. Feito radicalmente *servo* de todos e exaltado como Senhor (Cf. Fl 2,5-11), Jesus triunfou sobre o pecado e a morte, ressuscitando-nos para a vida eterna (Cf. 1Cor 15,12-28). Imagine que *obra* ele realizou! A saber, libertou-nos da escravidão do pecado e da morte. Fazendo-nos passar para a liberdade de filhos e filhas reconciliados de Deus. É a máxima obra (*liturgia*) em favor da vida da humanidade. No mistério pascal, sempre atual porque Cristo está vivo, vislumbramos a maior e mais inigualável *liturgia*! Pois resolveu-se definitivamente para nós o angustiante problema da morte. Instaurou-se uma nova ordem no mundo e no cosmos, que nós chamamos Reino de Deus: Que obra pública grandiosa! Que *liturgia*! A maior de todas! ... Esta *Liturgia* a gente celebra (grifos do autor).

Na celebração litúrgica, a Palavra de Deus, os ritos, as ações simbólicas exprimem o mistério celebrado. Alguns participantes da nossa pesquisa conseguem rezar a partir da objetividade da liturgia quando afirmam o valor dos seguintes elementos: “O louvor, a súplica, a meditação, a Palavra e a eucaristia são para mim oração, pois o conjunto da celebração fortalece a fé e com isso o diálogo com Deus flui com uma facilidade bem maior”.

Outros, porém apresentam o problema: “As orações são muito ricas em conteúdo, mas há coisas que só minhas palavras podem dizer”. Mais uma vez, o orante parece “sufocado”. Outra pessoa ainda afirma que “suas palavras são orações menos mecânicas e mais inspiradas”. Cientes destas dificuldades, até mesmo por termos participado nestas comunidades e de outras, vamos procurar averiguar de perto o problema.

Ao dissertarmos sobre a oração em geral e oração litúrgica, levando em conta a história, desde a Bíblia até hoje, vimos que a relação entre objetividade e subjetividade, a partir da Idade Média, foi prejudicada. No fundo, mais uma vez, está o conflito entre liturgia e culto ‘devocional’, ou exercícios de piedade. O teólogo Marsili esclarece:

Enquanto a liturgia está fundada na realidade sacramental, segundo a qual o culto a Deus consiste em acolher a revelação do amor e a intervenção da salvação que se operou em Cristo e – através da celebração sacramental – opera-se hoje em nós, o culto ‘devocional’ consiste em oferecer a Deus nossos sentimentos de admiração, de penitência e de gratidão, convencidos de que a intensidade desses sentimentos será o que de fato realizará a nossa salvação (1987, p. 79).

Porém, a piedade popular não é só isso, e certamente possui muitos valores, como afirma o papa Paulo VI na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*:

[...] Se a religiosidade popular for bem orientada, sobretudo mediante uma pedagogia da evangelização, ela será algo rico de valores. Assim, ela traduz em si uma certa sede de Deus que somente os pobres e os simples podem experimentar; ela torna as pessoas capazes para terem rasgos de generosidade e predispõe-nas para o sacrifício até ao heroísmo, quando se trata de manifestar a fé; ela comporta um apurado sentido dos atributos profundos de Deus: a paternidade, a providência, a presença amorosa e constante etc. Ela, depois, suscita atitudes interiores que raramente se observam alhures no mesmo grau: paciência, sentido da cruz na vida cotidiana, desapego, aceitação dos outros, dedicação, devoção etc. Em virtude desses aspectos, nós chamamos-lhe de bom grado piedade popular, no sentido religião do povo, em vez de religiosidade. A caridade pastoral há de ditar, a todos aqueles que o Senhor colocou como chefes de comunidades eclesiais, as normas de procedimento em relação a essa realidade, ao mesmo tempo tão rica e tão vulnerável. Antes de mais, importa ser sensível em relação a ela, saber aperceber-se das suas dimensões interiores e dos seus inegáveis valores, estar disposto a ajudá-la a superar os seus perigos de desvio. Bem orientada, essa religiosidade popular, pode vir a ser, cada vez mais, para as nossas massas populares, um verdadeiro encontro com Deus em Jesus Cristo (EN 48).

Tanto a oração litúrgica como os exercícios de piedade são importantes. Podemos afirmar, no entanto, que enquanto a liturgia garante a objetividade dos ritos, o culto devocional ou os exercícios de piedade (pode-se incluir aqui também a oração particular) acentuam a subjetividade do orante.

Lendo a história, tudo nos faz crer que a chamada “devoção moderna” foi a que mais acentuou o subjetivismo, uma vez que seus mentores defendiam a ideia de que nem a liturgia e tampouco os exercícios piedosos alimentavam a vida espiritual. O teólogo Marsili acrescenta:

[...] para que se produza uma vida espiritual ‘nova’, é preciso voltar-se para uma profunda vida interior, orientada para a imitação de Cristo, e que se deve alcançar através da meditação e da oração particular. É o verdadeiro momento do nascimento do individualismo religioso: a salvação não é tanto obra alcançada através dos mistérios de Cristo (sacramentos), que realizam o mistério de Cristo total, que é a Igreja, mas é o resultado de um esforço psicológico (1987, p. 80).

Como estamos falando da relação entre objetividade e subjetividade, não poderíamos deixar de dizer uma palavra a respeito do pentecostalismo, que acentua fortemente a subjetividade. Na igreja católica, o movimento carismático é uma expressão forte do movimento pentecostal. Caliman (1996), refletindo sobre os efeitos negativos do

pentecostalismo afirma: “Sua difusão, especialmente entre os pobres, é um ‘protesto’ frente aos rumos das transformações na sociedade moderna ocidental, revelando, ao menos implicitamente, suas mazelas [...]” (p. 297).

E o autor continua:

O progresso científico e técnico, inquestionável troféu da modernidade e de sua razão instrumental, não responde às necessidades profundas do ser humano, em especial das massas empobrecidas. Não traz consolo para o seu sofrimento nem resposta para sua dor. Não cura suas feridas nem lhe oferece razões para viver. Não lhe oferece condições históricas, políticas e econômicas, para uma sobrevivência digna. Não lhe oferece um ponto de apoio para compreender o próprio mundo e ordená-lo segundo as exigências de sua dignidade (CALIMAN, 1996, p. 300).

Perante a realidade do avanço do pentecostalismo, Caliman chama a atenção para a responsabilidade das Igrejas históricas em sua atuação pastoral:

As Igrejas cristãs históricas também têm responsabilidade no processo [...] O racionalismo teológico distanciou-se das massas pobres, sedentas de experiência religiosa. Os pobres foram e continuam sendo taxados de ignorantes e supersticiosos. São incompreendidos não apenas pelo sujeito ilustrado da modernidade, mas também por religiosos letrados. O ritualismo do sistema sacramental distancia os sinais visíveis da experiência real da graça, do poder de Deus e de seu Espírito. As burocracias clericais dificultam o acesso das massas populares às suas Igrejas, aos seus cultos, aos seus serviços (1996, p. 300).

[...]

Frente a tudo isto, o sujeito reage e sai do “anonimato, da miséria, num clima de emoção que faz vibrar todo o ser, corpo e espírito, transformando-o para a esfera da divindade. Ele agora é alguém. (1996, p. 303).

Diante da realidade de ontem e de hoje, resta-nos agora buscar a integração entre a objetividade e a subjetividade. Recordamos que, como já está acontecendo em muitas comunidades, é preciso aprender a rezar a partir da Palavra de Deus e “a liturgia, mais exatamente a liturgia fixada nos livros litúrgicos, observa melhor do que a piedade popular o espírito bíblico de oração” (LUTZ, 1999, p. 30).

Do Gênesis ao Apocalipse, como já apresentamos nas características da oração, há uma relação pessoal entre Deus e o orante. Há um diálogo. Isso faz com que a relação entre os dois parceiros da aliança, Deus e o orante, se aprofunde e se torne uma relação de amor. A fala de Deus faz brotar na pessoa que reza uma escuta-resposta que nasce do coração, mas que não é puro sentimentalismo, pois a resposta nasce da memória dos feitos de Deus, das ações salvíficas acontecidas ontem e que são atualizadas no hoje do orante e de sua comunidade.

Aprendemos da experiência orante deste povo bíblico a experimentar Deus como Alguém, como “pessoa”. Sendo assim, não entramos em contato com ideias, mas com ‘Alguém’. Isso é fundamental para rezarmos na celebração dominical da Palavra de Deus e em qualquer celebração litúrgica (SILVA, 1998 [a], p. 23). Este ‘Alguém’ é “Cristo, Verbo da Vida que se tornou visível” (VD 2).

Parece-nos que o povo, muitas vezes, faz a experiência de participar de uma liturgia “fria”, intelectual, cheia de explicações e vale dizer que isto não é garantir a objetividade da liturgia. Então, como diz Pe. Gregório Lutz (1999, p. 30), também “a liturgia deve aprender rezar com a Bíblia”.

É preciso valorizar o povo, principalmente os mais simples, que possuem uma experiência mais autêntica e, tantas vezes, um maior equilíbrio entre o polo da objetividade e o da subjetividade, entre liturgia objetiva e liturgia subjetiva, entre razão e afetividade. Por isso, é preciso que a liturgia leve em conta e que parta da experiência e vivência do povo celebrante, e de uma devoção que tenha a liturgia como fonte (BUYST, 1995, p. 8).

Acreditamos que um texto de Ione Buyst conclui muito bem nosso item. A autora escreve sobre a preocupação de buscar o equilíbrio entre objetividade e subjetividade:

Essa preocupação é herança do Movimento litúrgico que se esforçou para juntar a piedade pessoal e a devoção vivida nas expressões populares da fé com a expressão litúrgica ‘objetiva’ da ação salvífica. Tem suas raízes mais profundas na espiritualidade litúrgica judaica, onde se insiste na consistência entre a ‘qāba’ e a ‘kawwanah’, isto é, entre a oração instituída e a que sobe livremente do coração. Também o ritual da páscoa judaica revela esta coexistência: a memória dos eventos históricos, transformando-os em ‘hoje’ ritual, permite a cada participante assumir pessoalmente o sentido desta história e saber-se pessoalmente amado e liberto pelo Senhor: ‘Eis o que o Senhor fez por mim, quando saí do Egito [...]’ (Ex 13,8). A psicologia do profundo nos ajuda a não subestimar este envolvimento da subjetividade com sua dimensão consciente e inconsciente: sem atingir as raízes profundas da personalidade, não há como ter uma adesão pessoal às verdades da fé; [...] a mística, a vida interior, pertencem à essência da vida cristã [...] (BUYST, 1995, p. 8).

5.2.3 As fórmulas prescritas e a espontaneidade/criatividade

Ao lermos algumas respostas e as dificuldades apresentadas por nossos entrevistados, diante do que é prescrito na liturgia, veio logo à mente aquilo que, de alguma forma, desconfiávamos, ou seja, o fato de que muita gente não se sente rezando ao pronunciar as orações já formuladas das celebrações litúrgicas em geral.

Vejamos os depoimentos: “Geralmente rezo muito com minhas próprias palavras, acabo atropelando as orações (rituais) que rezo normalmente”. “Rezo principalmente com minhas próprias palavras, às vezes deixo a fórmula de lado e procuro conversar com o Pai espontaneamente”. Uma pessoa até afirma, como já mencionamos, que suas próprias palavras são orações menos mecânicas e mais inspiradas.

Mais uma vez, recordamos a história da relação entre liturgia e devoções:

A liturgia, fundada na instituição positiva de Cristo ou da Igreja, entra no terreno do obrigatório, objeto de um ordenamento ritual, enquanto as devoções, nascidas no âmbito da liberdade dos indivíduos e dos grupos, e mais em consonância com a sensibilidade espiritual de cada povo, sempre gozaram de maior autonomia e espontaneidade (MARTÍN, 1997, p. 364).

Como afirma Brighenti (1999), mesmo a religiosidade da pós-modernidade, na busca de uma experiência de Deus, “toma a afetividade como o critério de verificação da autenticidade, profundidade e verdade do experimentado (p. 408). E continua: “O acesso a Deus se dá através do emocional. Rejeita-se a experiência regrada, sobretudo mediante os ritos e atos válidos por si mesmos (*ex opere operato*). Sem experiência pessoal, íntima, não há experiência do sagrado (BRIGHENTI, 1999, p. 408).

Para rezar na celebração dominical da Palavra de Deus, alguns dos nossos entrevistados reivindicam uma maior espontaneidade: “É bom tirar um pouco os rituais para que a gente se solte mais”. Um ministro da Palavra pede “uma busca maior de amor e proximidade com Deus, além de não ficar preso aos moldes celebrativos preestabelecidos”. Desta forma, segundo ele, é possível rezar melhor na celebração dominical da Palavra de Deus. É certo que rezar com espontaneidade não significa abolir as fórmulas prescritas, mas rezá-las com criatividade.

O fato de a liturgia apresentar fórmulas fixas não significa que deva cair num “ritualismo”, ou dito de outra forma, um rito ou ritual reduzido a formalismo, a exterioridade, sem suficiente atenção ao sentido que expressa e sem envolvimento afetivo.

Para uma melhor integração entre as fórmulas prescritas e espontaneidade, um dos elementos necessários é que a assembleia celebrante faça uma “experiência litúrgica” para chegar à interação do sujeito da celebração litúrgica com os dados objetivos do rito: seu referente¹³⁵, seus sinais¹³⁶, seus efeitos¹³⁷. Ou seja, o participante entra pessoalmente na ação

¹³⁵ “O *referente* é a realidade referida, não acessível diretamente, mas manifestada pelo rito, para colocá-la ao alcance do ator, de modo que possa entrar em relação com ela. No caso da liturgia, o referente é Deus, é Jesus Cristo, é o mistério de sua morte-ressurreição em todos os seus aspectos, é a vida de Aliança e comunhão que estabeleceu conosco, é a vida no Espírito. Entre nós na América Latina, este referente tem uma compreensão

comunitária ritual da memória pascal de Jesus Cristo, no Espírito Santo. Entra dialogando com o rito, com a totalidade de sua pessoa, a partir de sua realidade pessoal, comunitária e social e, desta forma, busca os efeitos pascais prometidos pelo rito (BUYST, 1995, p. 9)¹³⁸.

A experiência litúrgica é uma experiência ritual da ação pascalizante do Cristo Ressuscitado no Espírito, pela qual os participantes da ação litúrgica se deixam atingir e transformar gradativamente – trata-se de um processo – naquilo que o rito significa. Isto se torna possível à medida que ‘entram’ no jogo simbólico-sacramental da liturgia, interagindo com seu significado (o referente) e seus significantes (os ‘sinais’), ou seja, estabelecendo uma relação transformadora de escuta, aceitação, compromisso e comunhão com o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, no Espírito Santo, na comunidade reunida, convocada em determinado lugar histórico. Esta relação haverá de perdurar fora do momento ritual, dando ‘sentido’ (no duplo sentido de significado e direção) à vida destes participantes e assim tendo possivelmente uma repercussão transformadora, libertadora, na vida social (BUYST, 1994, p. 37)¹³⁹.

A teoria do psicodrama também ajuda a compreender a relação entre as fórmulas prescritas e a espontaneidade/criatividade. Achamos por bem nos apoiarmos na teoria do psicodrama de Jacob Levy Moreno¹⁴⁰ (Figura 1).

ampliada: é a páscoa da libertação do povo, dos pobres, na páscoa de Jesus; é uma sociedade renovada na justiça e na fraternidade, como antecipação do Reino”. (BUYST, 1994, p. 18).

¹³⁶ “Para manifestar e exprimir o referente, o rito usa sinais: sinais linguísticos (palavras, mitos, histórias, orações), ou comportamentos humanos (atitudes, gestos, posturas, canto...), ou ainda materiais, objetos... Funcionam como mecanismos de substituição. Representam o referente e possibilitam a relação entre este e o ator...”. (BUYST, 1994, p. 18).

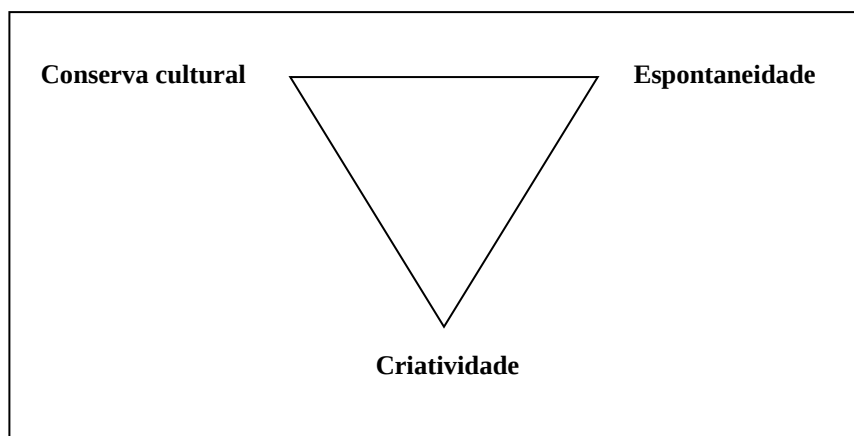
¹³⁷ Os efeitos são um dos elementos do rito com os quais o ator interage. Seja da parte de quem procura o rito, seja da parte de quem o elabora e propõe, existe sempre uma expectativa de que o rito vá operar uma mudança, uma transformação (cf. BUYST, 1994, p. 19).

¹³⁸ BUYST, I. *Cristo ressuscitou: meditação litúrgica com um hino pascal*. Este livro (e outro da mesma autora, *Pesquisa em liturgia: relato e análise de uma experiência*) trata da experiência litúrgica com um hino no tempo pascal.

¹³⁹ “*A experiência litúrgica* é uma experiência ritual da ação pascalizante do Cristo Ressuscitado no Espírito, pela qual os participantes da ação litúrgica se deixam atingir e transformar gradativamente – trata-se de um processo – naquilo que o rito significa. Isto se torna possível à medida que ‘entram’ no jogo simbólico-sacramental da liturgia, interagindo com seu significado (o referente) e seus significantes (os ‘sinais’), ou seja, estabelecendo uma relação transformadora de escuta, aceitação, compromisso e comunhão com o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, no Espírito Santo, na comunidade reunida, convocada em determinado lugar histórico. Esta relação haverá de perdurar fora do momento ritual, dando ‘sentido’ (no duplo sentido de significado e direção) à vida destes participantes e assim tendo possivelmente uma repercussão transformadora, libertadora, na vida social”. (BUYST, 1994, p. 37). Para aprofundar mais conferir o livro citado, páginas 13-37.

¹⁴⁰ Em abril de 2002, tivemos a oportunidade de participar das aulas do Luís Eduardo Pinheiro Baronto sobre laboratório litúrgico, ministradas na Faculdade de Teologia N.S. da Assunção, que expôs os fundamentos da técnica do laboratório litúrgico que é baseado em três fontes teóricas: na pedagogia religiosa de Hélène Lubienska de Lenval (1895-1972), no psicodrama de Moreno (1889-1974) e na visão holística. As aulas aconteceram nos dias 29 e 30 de abril de 2002, no Curso de Especialização em Liturgia, em São Paulo. Durante as exposições Baronto usou como subsídio sua dissertação de mestrado, já publicada em livro, por isso, aqui em nosso trabalho vamos sempre fazer referência ao livro. Confirma BARONTO, Luiz Eduardo Pinheiro. *Laboratório litúrgico*: pela inteireza do ser na vivência ritual. São Paulo, Salesianas, 2000, 183 p.

Figura 1 – Conceitos do psicodrama.



Fonte: Da autora, 2021.

A conserva cultural é a “mistura bem-sucedida do material espontâneo e criador, moldado de forma permanente” (BARONTO, 2000, p. 102). Esta não é absoluta, mas é a que dá referências ao indivíduo para organizar seu convívio social. Já “a espontaneidade é entendida como sendo a capacidade de dar respostas adequadas e originais às situações e problemas que a vida apresenta” (BARONTO, 2000, p. 103). E a criatividade “é a síntese dialética entre a conserva cultural e a espontaneidade, assim como o surgimento do novo em tempo e espaço” (BARONTO, 2000, p. 104).

Na verdade, a criatividade é o fruto da tensão entre conserva cultural e espontaneidade. Ela não surge do nada.

Embora os três conceitos sejam interdependentes, Baronto afirma que Moreno “quis a recuperação da espontaneidade numa convivência mais saudável com a conserva cultural, não ignorando-a completamente, mas possibilitando, pela criatividade, a geração de respostas novas às situações” (BARONTO, 2000, p. 140). Baronto aplica essa teoria ao laboratório litúrgico:

O laboratório litúrgico, na medida em que busca o exercício da criatividade na vivência da ação ritual, não propõe o rompimento com a tradição ritual (o que colocaria em risco a própria natureza do rito). Trata-se, portanto, de admitir a conserva cultural do rito e estabelecer novas maneiras criativas e espontâneas de vivenciá-lo (BARONTO, 2000, p. 140).

Dessa forma, amplia-se o conceito de criatividade.

Os apelos ao espaço para a espontaneidade, nas celebrações litúrgicas, revelam desejos de participação profunda no mistério que celebramos. Um caminho para uma maior integração entre fórmulas prescritas e espontaneidade/criatividade parece ser a técnica do

laboratório litúrgico. Essa técnica auxiliar de educação para a ritualidade busca, de maneira integrada, recuperar a unidade perdida entre o corpo (somática), a mente (racional), o coração (afetivo, emoções/sentimentos) e o espiritual do ser humano.

O laboratório litúrgico é realizado nos encontros de formação e treinamento de equipes de liturgia. Certamente, depois de uma vivência mais profunda do rito ou parte dele, no laboratório litúrgico, as pessoas que atuam nas celebrações litúrgicas terão mais facilidade de expressar a unidade entre o sentido teológico (mente), o gesto externo (corpo) e atitude afetiva (coração/sentimentos). Essa integração é ação do Espírito Santo.

A utilização dessa técnica na formação litúrgica certamente ajudará na inteireza do ser na vivência ritual¹⁴¹. No nosso caso, teremos uma celebração dominical da Palavra de Deus mais unificadora, que leva a assembleia celebrante a uma experiência integral do mistério celebrado e ao encontro verdadeiro com o Senhor da vida e da história, como vimos na Tradição bíblica e pós-apostólica.

Concluindo, podemos dizer que estes conceitos, aplicados à experiência orante na celebração dominical da Palavra de Deus, ajudam a compreender que ter espontaneidade/criatividade não significa simplesmente ignorar toda uma Tradição e sim entrar em diálogo com ela. Do mesmo modo, a Tradição é interpelada pela necessidade de respostas ou necessidades novas.

Percebemos isso em muitos momentos celebrativos e orantes na vida do povo da Bíblia, por exemplo, as celebrações da páscoa e da aliança. Cada ano ou momento da história do povo foram celebrados, no entanto, sempre atualizados a partir da realidade daquele povo que estava celebrando. Recordamos aqui a afirmação do Documento 43 da CNBB, *Animação da vida litúrgica no Brasil*: “Celebramos a páscoa de Cristo na páscoa da gente e a páscoa da gente na páscoa de Cristo” (n. 300). Podemos e devemos celebrar sem perder o referencial maior da nossa fé – a páscoa de Cristo – porém celebrando a nossa vida, a nossa história, na páscoa dele e, é claro, aqui no Brasil, de um jeito brasileiro.

5.2.4 O ativismo e o silêncio

Muitos dos nossos entrevistados reivindicaram o silêncio: “Em algumas celebrações há certa dificuldade de rezar por faltar um pouco de silêncio, isso se dá principalmente em épocas festivas, em que o número dos fiéis aumenta”. “Acho difícil rezar após o abraço da

¹⁴¹ Conceitos dados por BARONTO, L.E.P. em aula nos dias 29 e 30 de abril em São Paulo.

paz, por causa da ausência de silêncio”. “Falta de silêncio e educação das mães com seus filhos que ficam correndo e gritando o tempo todo”. “Não consigo rezar quando as pessoas estão conversando ao meu lado”. “Atrapalha pensar em outra coisa e as conversas paralelas”. Os casos citados denotam a falta de iniciação para celebrar em comunidade.

Outro elemento presente nas celebrações são o excesso de gestos, de palavras. Isso implica uma maior compreensão de como participar na celebração litúrgica. Muitas vezes, as pessoas entendem que participar é somente bater palmas, cantar alto, e até mesmo gritar. Logo após o Concílio, esta até poderia ser uma reação “natural” de tanta gente que ficou calada por tanto tempo nas celebrações litúrgicas. Sabemos, também, que a renovação litúrgica conciliar tinha fortemente o desejo de que o povo participasse das ações litúrgicas (cf. SC 11). E, com essa vontade toda, acabou valorizando muito as “explicações”, predominando assim a verbalização. Ainda não foi suficientemente assimilado o conceito de participação contido na *Sacrosanctum Concilium*. O Vaticano II amplia o sentido de participação e afirma que ela deve acontecer em vários níveis: ativa, exterior, interior, consciente, plena e frutuosa¹⁴².

Notemos que há um equilíbrio e complementação entre os níveis de participação. A ênfase de um nível em detrimento de outro provoca problemas. Vejamos alguns exemplos. Se enfatizarmos, excessivamente, a participação ativa e exterior, deixando em segundo plano as outras, podemos incorrer no que J. Gelineau denomina de ativismo litúrgico:

Um desfilar de palavras, cantos, gestos com a preocupação única de ocupar os fiéis em fazer alguma coisa, evitando deixar qualquer vazio. É uma sequência de movimentos, é uma agitação tal, que a própria assembleia, muitas vezes, suspira por um pouco de silêncio. Reclama a falta de espaço para orar (1981, p. 249-250).

Do mesmo modo, se a ênfase for colocada na participação consciente, a consequência pode ser, no dizer de J. Gelineau, o ‘intelectualismo’, isto é, uma liturgia mobilizada pelo cérebro, em que é preciso compreender e explicar tudo. Neste caso, a liturgia é ‘afogada’ por um regime de palavras que tem como preocupação primeira a clareza racional sobre o conteúdo intelectual. Ao contrário, a palavra na liturgia não tem como objetivo principal a racionalização. Na liturgia acontece como quando duas pessoas se cumprimentam na rua com um ‘bom dia’: o que importa mais, neste caso, é a relação pessoal que se cria. O mesmo acontece na celebração (em nosso caso, na celebração dominical da Palavra de Deus): o que importa mais é criar relação, e essa é a função mais importante da palavra. Não é a quantidade

¹⁴² Cf. *Sacrosanctum Concilium*, n. 11; 14; 18; 19; 21; 27; 30; 41; 48; 50; 53; 55; 79; 100; 114; 121; 124.

de palavras que garante a participação, mas a densidade espiritual que elas contêm, e isso supõe mais do que simplesmente falar (GELINEAU, 1981, p. 249-250).

Finalmente, temos a participação interior, que nos faz entrar na dinâmica do silêncio e da interioridade, sem excesso de intimismo e subjetivismo. Se compreendermos bem o sentido do silêncio na celebração não cairemos no intimismo.

O silêncio litúrgico, tem de peculiar o ser silêncio celebrativo comunitário, preparado, motivado, transitório, proporcional. [...] Às vezes é silêncio de consentimento – oração eucarística. Outras vezes, é um silêncio de contemplação representativa – apresentação das oferendas; outras, um silêncio de ação de graças – depois da comunhão; outras, silêncio de meditação – depois da Palavra. O silêncio litúrgico é oracional. No silêncio partilhado oramos e aprendemos a orar (BOROBIO, 1993, p. 369).

É a boa relação entre os níveis de participação que garante ao momento celebrativo e orante a sua força de expressão. Ao contrário, se a cada um desses elementos não for dada a devida atenção, a consequência pode ser uma celebração que não cumpre a sua função.

5.2.5 A preparação e a improvisação

A riqueza oracional da liturgia, e aqui interessa-nos a da celebração dominical da Palavra de Deus, está contida em sua estrutura e dinâmica, em seus ritos e suas fórmulas e nos diversos elementos que a compõem. Para chegar a isso é preciso uma boa preparação e execução.

Nossos entrevistados pedem mais preparação das celebrações dominicais da Palavra de Deus: “A celebração dominical seria melhor se houvesse mais preparação”. “Está faltando, celebrações mais preparadas, tanto pela liturgia, quanto pelos ministros, exemplo: homilias mais simplificadas, breves e claras ajudam mais a comunidade a rezar”.

Para que preparar? Podemos elencar vários pontos:

- a) é condição para que a celebração não seja improvisada nem rotineira (cf. CNBB, 1989, n. 211);
- b) para levar a assembleia a celebrar os acontecimentos da vida inseridos no mistério pascal de Cristo e para garantir uma celebração digna (cf. CNBB, 1989, n. 48-50);
- c) para ajudar a equipe de celebração a tomar consciência dos diversos elementos, de modo que a liturgia desenvolva toda a sua riqueza oracional e a dar sentido ao que já existe;

- d) para que o povo de Deus possa exercer o direito e o dever de participar segundo a diversidade de ministérios, funções e ofícios de cada pessoa (cf. SC 14 e CNBB, 1989, n. 212);
- e) para assumir o que herdamos de nossos pais na fé, revivendo a partir de nossas experiências.

Tudo isso supõe uma equipe de liturgia. Sabemos, por experiência, o quanto é difícil formar uma equipe de liturgia e garantir a sua estabilidade. Os nossos entrevistados, das comunidades da Paróquia N.S. das Graças, têm essa consciência: “É preciso participar ativamente das preparações litúrgicas”. “Penso que preciso participar ativamente das preparações litúrgicas e com a comunidade criar momentos mais reais de acordo com a vivência do povo, podendo assim, transmitir mais coragem e dinamismo na prática cotidiana da vida em oração, a começar pela própria família, obviamente”. “Para mim falta mais participação para ajudar a comunidade”. “As pessoas precisam participar da preparação e no debate, cada um dando uma opinião para melhorar a celebração. Seria para mim melhoria”.

Tanto o Documento 43 da CNBB, *Animação da vida litúrgica no Brasil* (cf. nn. 215-218), quanto o Documento 52 da CNBB, *Orientações para a celebração da Palavra de Deus* (cf. n. 42) afirmam a importância e necessidade de se ter uma equipe de liturgia.

A preparação supõe, ainda, um método ou caminho. Os bispos do Brasil, no Documento 43, sugeriram um método que muitas comunidades têm usado, ou seja, a preparação em quatro passos:

- a) situar a celebração no tempo litúrgico e na vida da comunidade;
- b) aprofundar as leituras;
- c) exercício de criatividade.
- d) elaborar o roteiro da celebração. (cf. CNBB, 1989, n. 219-228).

Com o intuito de ajudar ainda mais as comunidades, Luiz Eduardo Baronto trabalhou detalhadamente esse método, acrescentando outros passos. Ele acrescentou um pequeno tempo de oração no início da reunião, para invocação das luzes do Espírito Santo, e depois da oração uma avaliação da celebração passada. Por último, a distribuição dos ministérios e o ensaio das ações simbólicas (BARONTO, 1997, p. 17-34).

Baronto fala de “vivências” das ações simbólicas. Alguém do grupo que participou da pesquisa pede treinamento. Para esse momento de “treinamento” que antecede a celebração, o mais apropriado é aplicar a técnica do laboratório litúrgico ou a “vivência” de um

determinado rito. Por exemplo, para preparar o presidente da celebração dominical da Palavra de Deus, podemos fazer um laboratório ou vivência do rito da ação de graças – louvação, ou da homilia, ou ainda da oração do dia etc. Preparando mais e melhor nossos ministros e ministras, aumentará a qualidade da participação da assembleia, como pedem alguns dos nossos entrevistados: “Que a própria comunidade participe mais, com mais vontade”. Pois de acordo com alguns, “falta entusiasmo dos que celebram”, como também “ministro mais qualificado” e “mais entrosamento entre o celebrante e as pessoas que participam da celebração, para ficarem mais cheios do Espírito Santo presente entre nós”.

Como afirma o teólogo Dionísio Boróbio (1993), a celebração litúrgica requer uma boa preparação, necessita também de uma ótima execução, “de maneira que se despertem os sentidos, os símbolos falem e se transmita o mistério” (p. 371), de modo que “a novidade da salvação, presente e atuante, seja atualizada na vida da assembleia celebrante, onde o gozo da fé partilhada seja festa e a pessoa seja capaz de dialogar com o Deus de amor e misericórdia infinitas” (BOROBIO, 1993, p. 371).

5.3 Algumas considerações a respeito dos pontos divergentes e pontos convergentes entre a experiência dos participantes da pesquisa e a Tradição

Na busca da compreensão da dimensão orante da celebração dominical da Palavra de Deus, foi fundamental percebermos o jeito do povo se relacionar com Deus. É uma relação em que as partes se comprometem.

As páginas da Bíblia estão repletas de ações libertadoras de um Deus que atua constantemente na história humana. O teólogo liturgista José Ariovaldo da Silva, com um jeito muito especial, recorda um dos gestos carinhosos de Deus:

O povo de Israel experimentou o amor misericordioso e confortador de Deus por ocasião da saída do Egito. O gesto amoroso de Deus, que enxugou as lágrimas do povo sofrido, ficou gravado no coração desse povo. E cada vez que o povo recordava aquele gesto se sentia feliz, recobrava as forças para continuar a caminhada. Mesmo depois de sérias infidelidades à aliança e de consequentes desgraças, a recordação da ternura de Deus fazia o povo se levantar e continuar seu caminho. Recordar que Deus continuava operando em favor do povo renovava e fazia crescer a fé [...]. Deus não era visto e nem sentido como verdade abstrata, mas como Alguém que estava aí, marcando presença, operando sempre e com eterna misericórdia (1998 [a], p. 22-23).

Surge então a pergunta: como não rezar, ou seja, como não dialogar ou se relacionar com um Deus assim na celebração dominical da Palavra?

A experiência de oração para nós cristãos e cristãs se intensifica quando na plenitude dos tempos, esse Alguém, que Deus é, se fez um de nós na pessoa do Verbo encarnado. Assumiu o nosso corpo e se deixou tocar por nós. Sua simples presença amorosa, transpirando ternura e paz, produzia o maior bem-estar às pessoas oprimidas. E esse Alguém continuou no nosso meio presente por seu Espírito. Essa presença passou a ser celebrada e sentida por toda a comunidade quando se reúne para escutar Deus e responder a Ele (SILVA, 1998 [a], p. 23).

Na realidade, a liturgia é o lugar privilegiado para este encontro com Deus. Esse encontro nos leva também aos irmãos e irmãs e a um maior compromisso com a história. A Bíblia está carregada destes encontros. Então, temos que aprender da Bíblia. Esta é uma tarefa de todos nós.

Ao longo da história aconteceram problemas, dualidades, desencontros entre a liturgia e piedade popular. Ou seja, na verdade, quando a liturgia já não mais respondia às necessidades espirituais do povo, encontrou-se um jeito de se relacionar com Deus.

Mesmo persistindo algumas dificuldades, não obstante o esforço de devolver ao povo o direito de rezar na liturgia, não podemos desanimar e, sim, buscar soluções plausíveis. Certamente o problema entre liturgia e exercícios piedosos e, conseqüentemente, entre oração comunitária e particular, entre objetividade e subjetividade, entre fórmulas prescritas e espontaneidade, nunca será resolvido a partir da ótica de antagonismo ou de oposição entre ambos.

Infelizmente, essas dualidades acabam prejudicando a dimensão orante da liturgia. Não podemos desistir. Apesar das dificuldades, há sinais de busca de solução. Algumas pistas já foram dadas, mas somente no próximo capítulo apresentaremos algo mais concreto.

6 POR UMA CELEBRAÇÃO DOMINICAL DA PALAVRA DE DEUS QUE SEJA ORANTE

Iniciamos este trabalho de dissertação afirmando que iríamos fazer um estudo, levando em conta a realidade da dimensão orante da celebração dominical da Palavra de Deus. Assim fizemos. Partimos da prática que foi verificada em algumas comunidades da Paróquia N.S. das Graças, situadas na diocese de Osasco. Em seguida, buscamos a fundamentação teórica para essa prática na Tradição Bíblico-teológico-litúrgica. Tendo em mãos o levantamento da realidade da dimensão orante da celebração dominical da Palavra de Deus e o seu instrumental teórico, fizemos um confronto entre a prática atual e a Tradição.

A seguir, apresentaremos critérios e pistas para a prática da celebração dominical da Palavra de Deus, no que diz respeito à sua dimensão orante. Primeiramente, vamos expor critérios e pistas em linhas gerais, para depois, tratá-los em linhas específicas. Por último, apresentaremos a proposta de um rito da celebração dominical da Palavra de Deus, utilizando a estrutura do Ofício Divino das Comunidades.

Os critérios e pistas que serão apresentados têm o objetivo de contribuir para que o povo que participa das celebrações dominicais da Palavra de Deus possa rezar, mais e melhor.

As celebrações dominicais da Palavra de Deus possuem uma dinâmica dialogal, para que a comunidade reunida possa encontrar-se com o Deus vivo. Nestas celebrações é possível rezar. Porém, algumas dificuldades foram apontadas. Felizmente, as dificuldades podem ser superadas com o esforço das equipes na preparação e execução de tais celebrações.

Considerando a celebração dominical da Palavra de Deus em sua proposta ritual, rica e profunda, vamos apresentar alguns critérios e pistas para que, de fato, elas possam ser, do começo ao fim, um encontro “dialogal, orante, de relação gratuita, que se expressa na confissão dos pecados, na escuta da Palavra e resposta a ela, nas preces, na oração de confiança, no louvor, na entrega da vida” (ZAVAREZ, 2002, p. 132). E que “a presença carinhosa de Deus seja reconhecida e a força do seu amor possa fecundar misteriosamente o corpo de Cristo que é a assembleia” (ZAVAREZ, 2002, p. 132).

Tudo deve ser realizado para que as pessoas façam uma profunda e respeitosa experiência do insondável mistério divino. A seguir descreveremos os aspectos a serem considerados para uma celebração dominical da Palavra de Deus mais orante.

6.1 A oração é realizada em comunidade

Já ficou evidente que a oração litúrgica é, necessariamente, realizada em comunidade. Vimos o exemplo da Bíblia e das comunidades pós-apostólicas. Muitos foram os testemunhos dos santos padres.

Para ilustrar mais ainda a importância da oração em comunidade, vamos transcrever aqui uma história contada pelo rabino Henry Sobel que, como judeu, entende muito bem o que é pertencer a um povo acostumado a dar credibilidade à coletividade, à oração comunitária:

Conta-se uma história sobre um homem que participava regularmente das atividades de sua congregação. De repente, ele parou de vir. O rabino notou sua ausência e ficou preocupado, achando que o homem estivesse doente. No dia seguinte, foi visitá-lo e o encontrou perfeitamente bem de saúde, sentado confortavelmente diante da lareira acesa, lendo um livro. O rabino sentou-se ao lado dele sem dizer nada. Em seguida, pegou com a pinça um pedaço de carvão em brasa e colocou-o no chão, do lado de fora da lareira. Enquanto os demais pedaços de carvão continuavam ardentes, aquele carvão isolado foi ficando cada vez mais pálido, até que se apagou por completo. O rabino não fez nenhum comentário. Levantou-se, despediu-se e foi para casa. Na semana seguinte, o homem voltou à congregação. Ele havia entendido o que o rabino quis lhe mostrar (SOBEL, 1996, p. 6).

O povo que participa das nossas comunidades, reunindo-se em assembleia para celebrar e rezar, sabe o valor e a força do estar juntos para rezar. Aprendeu isto da Bíblia, dos pais da Igreja, dos ensinamentos do magistério. Não obstante, persistem algumas dificuldades, deixadas pela infeliz separação histórica entre a oração pessoal e comunitária.

Descreveremos, então, alguns elementos que são de capital importância para acontecer uma experiência orante comunitária. Vejamos:

- a) Na catequese, despertar para a experiência comunitária da fé que se dá na vida concreta e no momento celebrativo;
- b) Acreditar que Cristo está presente na assembleia reunida e que esta tem primazia sobre as outras presenças;
- c) Valorizar e incentivar a prática da oração pessoal e comunitária. Na celebração dominical, os ritos iniciais tem a função de formar a assembleia, por isso é importante que cada pessoa seja acolhida com simplicidade, com alegria e espontaneidade (CNBB Doc. 52, n. 57);

- d) Formar um corpo comunitário onde assembleia e ministros, reunidos e unidos em sintonia perfeita, celebram o mistério pascal de Cristo, cabeça da comunidade;
- e) Preparar o espaço celebrativo de modo que contribua para uma relação afetiva da assembleia que, por meio de sinais, gestos e símbolos, celebra o mistério cristão;
- f) Tornar a assembleia ciente de que a participação acontece progressivamente em diversos níveis: ativa, interior, consciente, plena e frutuosa.

6.2 O mistério pascal de Jesus Cristo é o centro da oração

O povo de Israel, ao se reunir para celebrar e rezar, se relaciona com um Deus Pessoa, que age na história. Ele é um Deus próximo, que ama, elege e defende. É um Deus libertador que salva da deportação e da escravidão. A experiência de Deus é vital para Israel, realizada no marco de sua própria história nacional. Dessa maneira, as ações de Deus que intervêm na história, carregadas de sentido, se convertem para o povo hebreu em autênticas teofonias.

A experiência de Israel, sem dúvida, não deve ser considerada como um fato isolado. Nossa experiência, como cristãos e cristãs, é exatamente idêntica. Jesus de Nazaré, definido por São João como Palavra de Deus, é a suprema e definitiva revelação de Deus. Em sua páscoa – na entrega de sua vida – conhecemos que Deus é amor. Na cruz, revelou-nos para sempre o verdadeiro rosto de Deus (BERNAL, 1979, p. 486-487).

O Concílio Vaticano II reformou o ano litúrgico e o calendário e colocou no centro o mistério pascal de Cristo, de modo que celebrando experimentamos que a preeminência que tem o domingo em relação a semana, a tem a solenidade da Páscoa de Cristo em todo o ano litúrgico (cf. SC 106) e que a páscoa semanal e a páscoa anual constituem o núcleo central da configuração do ano litúrgico (ÁLVAREZ GONZÁLEZ, 2013, p. 18).

Na celebração dominical da Palavra de Deus, a comunidade, ao celebrar a vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo, entra no dinamismo pascal; faz a experiência profunda do mistério de uma forma orante, dialogal. A assembleia lê, escuta, recorda os feitos de Deus ao longo da história salvífica e dá sua resposta ao Senhor da aliança.

Alguns elementos são necessários observar para que a centralidade do mistério pascal de Jesus Cristo prevaleça em nossas celebrações dominicais da Palavra de Deus:

- a) Celebrar o mistério pascal de Cristo ao longo do ano litúrgico, pois como afirma o Catecismo da Igreja Católica (CIC 1168): “Partindo do tríduo pascal, como de sua fonte de luz, o tempo novo da Ressurreição enche todo o ano litúrgico com sua

clareza. Aproximando-se progressivamente de ambas as vertentes desta fonte, o ano é transfigurado pela liturgia”;

- b) Privilegiar a proclamação e a escuta da Palavra de Deus, que recorda e prolonga a economia da salvação, cujo centro e plenitude é o próprio Cristo;
- c) Valorizar a escuta da Palavra de Deus, para que aconteça o diálogo, pois falamos a Deus quando oramos e o escutamos, quando lemos sua Palavra (cf. SC 33);
- d) Valorizar a recordação da vida como espaço onde a comunidade pode expor os fatos da vida: problemas, alegrias e esperanças – “páscoa de Cristo na páscoa da gente e páscoa da gente na páscoa de Cristo” (CNBB Doc 43, n. 300);
- e) Possibilitar que, na oração dos fiéis, a assembleia expresse seus pedidos, necessidades, dores, conquistas, alegrias;
- f) Valorizar as orações, pronunciando-as com um tom de voz orante, acolhedor, amoroso, para que a assembleia possa rezar e ser introduzida na experiência do Mistério;
- g) Escolher cantos que levem em conta o ano litúrgico e as leituras bíblicas, ou seja, cantem a liturgia;
- h) Preparar bem os(as) leitores(as), tanto a nível técnico como espiritual. A Palavra anunciada por eles é reveladora do plano divino da salvação, que é atualizado no hoje da comunidade que escuta atenta a 1ª leitura, a 2ª leitura, o Evangelho e responde através do salmo responsorial, da aclamação, da homilia e das preces, como parceira que é da aliança. É bom lembrar que essa resposta pode e deve se estender para a vida;
- i) Explicitar a alegria, a gratuidade, a ação de graças e o louvor, próprios de uma celebração pascal. O louvor e a ação de graças não podem faltar, pois neste dia, no Dia do Senhor, Deus Pai ressuscitou Jesus dos mortos.

6.3 É o Espírito Santo que fecunda a oração

Já mencionamos várias vezes que é o Espírito que nos faz rezar. Sem a ação do Espírito seríamos incapazes de dizer “Abba, Pai” (cf. Gl 4,6). Ele é quem inspira, recorda, revela e atualiza a Palavra do Senhor. Na celebração dominical da Palavra de Deus, é necessário deixar-se conduzir pelo Espírito. É ele que nos faz espirituais, de forma que os gestos, as palavras, as ações simbólicas realizadas na celebração são experienciados espiritualmente. O Espírito dá “alma” à nossa oração.

“O diálogo entre Deus e a comunidade, sob a ação do Espírito, requer momentos de silêncio, adequados à assembleia, durante os quais a Palavra de Deus possa penetrar nos

corações, e neles provocar resposta expressa por meio da oração” (SARTORE, 1992b, p. 1138). Esses momentos de silêncio podem ser oportunos no início da celebração, no ato penitencial, depois do convite à oração do dia, antes da liturgia da Palavra, depois da primeira e segunda leituras, após a homilia e a comunhão. Além destes momentos propícios de silêncio, é preciso que toda a celebração seja realizada com aquela interiorização e tranquilidade que só pode vir do Espírito.

Um canto de invocação ao Espírito pode ser entoado antes da proclamação das leituras, como já indicamos. Bento XVI, na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini*, recorda antigo costume do uso de “orações em forma de epiclese”, que invocam o Espírito Santo antes da proclamação das leituras: “Mandai o vosso Espírito Santo Paráclito às nossas almas e fazei-nos compreender as Escrituras por Ele inspiradas; e concedei-me interpretá-las de maneira digna, para que os fiéis aqui reunidos delas tirem proveito” (VD 16).

O papa lembra também as orações que são utilizadas no final da homilia que também invocam o dom do Espírito Santo sobre os fiéis: “Deus salvador [...], nós Vos pedimos por este povo: mandai sobre ele o Espírito Santo; o Senhor Jesus venha visitá-lo, fale à mente de todos e abra os corações à fé e conduza para Vós as nossas almas, Deus das Misericórdias” (VD 16). Bento XVI ainda reforça que não é possível conseguir o sentido da Palavra sem acolher a ação do Espírito Santo na Igreja e nos corações dos fiéis (VD 16).

6.4 O diálogo com Deus se dá através dos gestos, símbolos, ações simbólicas

A celebração dominical da Palavra de Deus é a oração do povo reunido em assembleia ao redor da Palavra de Deus. Essa assembleia se reúne em nome de Jesus Cristo para celebrar o seu mistério pascal no decorrer do ano litúrgico. A participação da comunidade orante expressa-se com palavras, gestos, ações simbólicas ou ritos.

A “lógica da revelação”, já explicitada aqui em nosso trabalho, é o “princípio estruturante de um roteiro celebrativo” (CNBB Doc. 108, n. 60), de modo que não pode faltar nas celebrações, no caso, nas celebrações dominicais da Palavra de Deus, os seguintes elementos:

1. Deus convoca e reúne;
2. O povo atende e se constitui em assembleia;
3. Deus dirige a sua Palavra;
4. Os fiéis escutam, refletem e respondem professando a sua fé e suplicando;
5. A assembleia louva e bendiz a Deus por suas maravilhas;
6. Deus abençoa o seu povo e o envia em missão (CNBB, Doc. 108, n. 61).

Faz-se necessário ter em conta alguns elementos para que as ações simbólicas, ao serem realizadas, possam “unir o que está fragmentado no interior das pessoas, reunir as pessoas, ligar a comunidade celebrante com a realidade que a cerca e sobretudo aproximá-la de Deus” (ZAVAREZ, 2002, p. 127):

- a) As ações simbólicas devem ser realizadas com unção, integradas, sem explicações desnecessárias. Não é um desfile de palavras, de ideias ou de temas.
- b) Os gestos e ações não devem ser artificiais e, sim, uma feliz integração entre gesto corporal (corpo), sentido teológico (mente) e atitude afetiva (coração), sempre iluminada pela ação do Espírito Santo. “A oração ganha força e autenticidade quando é acompanhada com gestos ou posturas corporais condizentes com o seu conteúdo” (ZAVAREZ, 2002, p. 129).
- c) Os gestos, os símbolos não precisam ser inventados, pois muitas vezes os textos bíblicos do dia sugerem símbolos e gestos adequados.
- d) “A repetição é a condição da novidade” (GELINEAU, 1981, p. 259) e, melhor do que fazer coisas extraordinárias, é fazer extraordinárias todas as coisas.
- e) A ação simbólica tem a função de unir a comunidade orante a Deus Pai, a Jesus Cristo e ao Espírito Santo. O contrário é diabólico.
- f) Palavras e gestos devem estar integrados, por exemplo, ao dizer: “O Senhor esteja com vocês”, o que preside vai olhar para a assembleia, estender as mãos como expressão do amor gratuito e incansável de Deus.

Em resumo, é preciso:

Fazer do rito ou do conjunto dos ritos da celebração um verdadeiro ato de amor, dando-lhes estilo afetivo e espontâneo e um sabor pascal, capazes de mover as pessoas ao compromisso e à partilha. Esse sabor pascal deve envolver toda a celebração, dando um sentido aos ritos, aos gestos, às palavras e cantos, permitindo que as pessoas realizem sacramentalmente a passagem da morte para a vida, da escravidão para a liberdade (ZAVAREZ, 2002, p. 133-134).

6.5 É necessário levar em conta a subjetividade do orante

Como já mencionamos, o mundo moderno com suas estruturas massificantes fez emergir a valorização do sujeito. A emergência da subjetividade se dá na esfera social, na política e na religião.

No nosso caso, como cristãos pertencentes à Igreja católica de rito romano, a relação entre a subjetividade e a objetividade foi um tanto conflituosa, como já vimos. Porém, há um ponto de encontro entre a subjetividade e a objetividade que é a experiência. Na raiz do rito e da subjetividade está a experiência. É bom esclarecer, como afirma Buyst (1994, p. 15):

Que a experiência embora sentida subjetivamente, não é algo meramente subjetivo. Nasce de uma realidade objetiva que se apresenta à nossa sensibilidade e nos atrai, colocando em movimento os mecanismos da pessoa, recriando-a pelo impacto causado pelo encontro. [...] Há, portanto, dois polos: a pessoa e uma determinada realidade objetiva que se lhe apresenta. A experiência se faz na aproximação, no encontro, no contato entre esses dois. Algo é percebido, algo que nos move, que nos transforma, que não nos deixa ficar como antes, que desencadeia uma mudança.

Tudo acontece de maneira que o rito dá forma, ritmo e beleza à subjetividade; e a subjetividade dá “alma” ao rito.

A experiência que acontece na celebração litúrgica é “uma experiência de Deus, de Jesus Cristo e do mistério da fé cristã” (BUYST, 1994, p. 14). Portanto, uma experiência ritual do mistério. A pessoa sai do âmbito explicitamente individual, entra no dinamismo celebrativo e em comunidade “faz experiência da própria ação litúrgica com seus conteúdos teológico-litúrgicos específicos” (BUYST, 1994, p. 14). A pessoa é atingida pelo amor acolhedor de Deus, de Jesus Cristo, do Espírito, e dá a sua resposta.

A experiência litúrgica é, justamente, a busca de se ter em conta a dimensão subjetiva, interior, afetiva, mística da liturgia, completando a dimensão objetiva, corporal, racional, profética e comunitária (BUYST, 1994, p. 13).

Na busca de valorizarmos a subjetividade do orante, é indispensável observar os seguintes elementos:

- a) a ação litúrgica é expressão objetiva da fé cristã, que tem como centro e fundamento o mistério pascal de Cristo;
- b) a pessoa entra com sua subjetividade e faz sua a experiência pascal; e, mesmo sendo uma experiência realizada em comunidade, a pessoa participa de forma pessoal;
- c) o encontro acontece com um Deus Pessoa, Senhor do universo e amante do povo; é todo poderoso, mas é capaz de ver o pequenino: Ele olha, enxerga, fala, age;
- d) é preciso celebrar afetuosamente, de modo que as palavras, os gestos, as ações simbólicas sejam, verdadeiramente, atos de amor, relação sponsal entre Deus e o orante;

- e) o orante é uma pessoa, possui um corpo. É todo o corpo que celebra e reza. É preciso superar o bloqueio da expressão corporal. A experiência pascal orante passa pelo corpo, com todos os sentidos: a visão, o olfato, o tato, o ouvido e o paladar;
- f) o gesto, a dança, o movimento são ações de corpos tocados pelo Espírito Santo, resultado da inteireza do ser pleno de Deus, dispensando a artificialidade e o vazio;
- g) uma celebração orante, afetuosa, começa acolhendo bem cada pessoa que forma a comunidade que chega para rezar. As pessoas bem acolhidas entram mais facilmente no ritmo de oração e celebração, pois cria-se um clima fraterno e festivo. Então, a comunidade, reunida e unida, entra em diálogo com o Senhor e os irmãos e irmãs presentes (ZAVAREZ, 2002, p. 120-121).

6.6 Levar em conta a religião popular

Não é possível fazermos um estudo extensivo sobre a religiosidade popular, porque esta é bastante complexa e ampla, porém vamos fazer rápidos acenos, uma vez que para obtermos uma celebração dominical da Palavra orante é preciso também considerar a religiosidade popular, ou religião do povo.

No Brasil, a religiosidade popular é o resultado do encontro das culturas indígenas, africanas e portuguesas, sendo na prática muito variada e sincretizada (BATISTA, 1983, p. 1-5).

A religião popular, e mais especificamente o catolicismo popular, como também outras instituições, religiões e estruturas, apresentam ambiguidades, contradições e necessidades de purificação. Por outro lado, encontramos na religiosidade muitos valores, como nos exortou o papa Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi* (EN) (cf. n. 48). A riqueza simbólica e expressiva da religiosidade popular pode ajudar a tornar o encontro com Deus mais orante. Vejamos alguns de seus valores:

- a) primeiramente, o valor dado ao coração que privilegia os sentimentos em relação às ideias;
- b) a relação com o sagrado que é feita a partir das necessidades humanas, um culto ligado à vida;
- c) a experiência mística de Deus, que é dom do próprio Deus e acontece por vias da simplicidade, sem complicações;

- d) a valorização do corpo através do toque, da dança, dos gestos, das procissões, das peregrinações, realizadas com simplicidade e carregadas de desejo do encontro com o sagrado;
- e) é significativo o entrosamento entre o pessoal e o coletivo;
- f) a tradição religiosa oral, decorada (de cor) é uma riqueza, como por exemplo, os benditos;
- g) as congadas, as folias etc., ricas em gestos e expressões. Uma possibilidade é a de incluir na celebração do natal e epifania o canto de foliões na entrada ou abertura da celebração dominical da Palavra de Deus (MOSCONI, 1998, p. 27-28)¹⁴³.

O documento da CNBB, *Orientações para a celebração da Palavra de Deus*, dá algumas sugestões para uma melhor integração entre a liturgia e a religião popular na celebração dominical da Palavra de Deus:

- a) incluir orações tiradas da piedade popular (cf. n. 65);
- b) valorizar o ministério das rezadeiras na oração dos fiéis (cf. n. 81);
- c) utilizar expressões orantes inspiradas na piedade popular no momento da ação de graças ou do louvor (cf. n. 85).

6.7 A necessidade de uma formação litúrgica

Para obtermos celebrações mais vivenciadas em profundidade, um dos elementos necessários é a formação litúrgica. Formação que deve ser dada a todo o povo, e em particular, aos que exercem serviços e ministérios, como afirma o Documento 52, *Orientações para a celebração da Palavra de Deus*:

As celebrações dominicais da Palavra de Deus sejam acompanhadas de uma oportuna catequese aos fiéis sobre o seu sentido, e se proporcione uma adequada formação litúrgica aos que nelas desempenham serviços e ministérios (n. 39).

De acordo com as teólogas liturgistas Ione Buyst e Elza Helena Abreu, a formação litúrgica é definida como:

Um processo pedagógico, tendo por objetivo final a participação ativa, exterior e interior, consciente, plena e frutuosa de todo o povo de Deus nas celebrações litúrgicas, ou seja, a vivência do mistério de Cristo através da

¹⁴³ Ver também vários textos escritos por Frei Francisco Van Der Poel, todos citados na bibliografia.

participação na ação ritual. Para atingir a pessoa humana como um todo, é preciso operar com a dimensão corporal, relacional, intelectual, afetiva, volitiva, intuitiva, imaginária, simbólica e experiencial dela (1994, p. 9).

A formação litúrgica acontece em dois momentos: a formação para a liturgia e a formação através da liturgia e da celebração litúrgica.

6.7.1 Formar para celebrar

A formação para celebrar consiste em orientar as pessoas para a liturgia, ou seja, uma formação intencional, uma ação formadora desenvolvida de modo consciente, sistemático e ordenado a determinados objetivos e metas (PETRAZZINI, 1992, p. 481).

O conteúdo desse momento formativo é o mistério de Cristo. O objetivo primeiro é o de mostrar e fazer compreender que “a liturgia celebra e exprime o mistério de Cristo, como mistério de salvação que se realiza hoje na Igreja e que todo o passado e todo o futuro da história da salvação se concentram no presente das celebrações litúrgicas” (PETRAZZINI, 1992, p. 482).

Além de abordar a proposta objetiva da liturgia, a formação deve ter em conta também seu destinatário. Esse momento formativo deve ainda englobar os diversos aspectos, momentos e elementos celebrativos: os textos, os ritos, os gestos, as ações simbólicas (PETRAZZINI, 1992, p. 482). A formação intelectual moverá a uma ação-vida, se interagir com o outro momento do processo formativo de igual importância, que é o da formação através da liturgia e da celebração litúrgica.

6.7.2 Celebrar formando

A formação acontece também durante a celebração. Como? É claro que não é o caso de se fazer as chamadas “celebrações catequéticas ou explicativas”.

A *Sacrossanctum Concilium* nos ajuda a dar uma resposta à questão de como celebrar formando:

Embora a sagrada liturgia seja principalmente culto à majestade divina, encerra grande ensinamento ao povo fiel. [...] Não só quando se leem aquelas coisas “que foram escritas para o nosso ensinamento” (Rm 15,4), mas também enquanto a Igreja reza, ou canta, ou age, é que se alimenta a fé dos participantes e suas mentes são despertadas para Deus, a fim de lhe prestarem um culto racional e receberem com mais abundância sua graça (SC 33).

A celebração litúrgica contém uma eficácia pedagógica e formativa. Ela não acontece só através de textos verbais, mas também de outros elementos, tais como: gestos, ritos, lugares, tempos, ações que pertencem à linguagem simbólica. E por falar em linguagem simbólica, é esta que poderá exercer influência mais incisiva e abrangente na pessoa humana, embora mais difícil de ser captada a nível reflexivo.

Na celebração, é necessário buscar o equilíbrio entre os elementos verbais e simbólicos que aí interagem. Essa é uma tarefa de todos os que são responsáveis de programar e preparar, de presidir e de animar as ações litúrgicas. Se essa tarefa for exercida com zelo, as ações litúrgicas poderão agir em sentido formativo, favorecendo o amadurecimento da fé e a percepção do mistério e de seus valores mais profundos, levando os crentes a uma vivência profunda (PETRAZZINI, 1992, p. 482-483).

6.7.3 Metodologia da formação litúrgica

Para obtermos bons resultados em uma formação litúrgica, faz-se necessário também utilizar uma metodologia adequada. Por metodologia da formação litúrgica entendemos “o conjunto de procedimentos pedagógico-litúrgicos que visam alcançar os objetivos da mesma”. (ABREU e BUYST, 1994, p. 10).

O método indica o caminho. Quando se trata de formação litúrgica, a metodologia mais indicada é a participativa, sobretudo a partir da clareza que se tem sobre o tipo de liturgia que se quer reforçar ou alcançar. Uma metodologia participativa supõe:

- a) A intervenção de todos.
- b) A decisão partilhada em todas as etapas do processo.
- c) O discernimento comunitário.
- d) A ação descentralizada.
- e) A criatividade e a corresponsabilidade (ABREU e BUYST, 1994, p. 11).

A metodologia de formação litúrgica requer, ainda, um programa ou projeto que responda às seguintes questões: O quê? Com quem? – agentes e destinatários. De onde? Para onde? – ponto de partida (realidade dos participantes no contexto sociocultural) e o ponto de chegada almejado (objetivos). Por quê? – finalidades, justificativas. Como? – etapas, métodos e técnicas. O quê? – conteúdos. Quando? – tempo, duração. Onde? – local, ambiente. Quem? O quê? Quanto? – recursos humanos, materiais e financeiros. Por fim, execução, acompanhamento da ação e avaliação (ABREU e BUYST, 1994, p. 12).

6.7.3.1 Laboratório litúrgico, uma técnica apropriada

A técnica do laboratório litúrgico¹⁴⁴ foi utilizada a princípio nos cursos de atualização em liturgia da Faculdade de Teologia N.S. da Assunção em São Paulo¹⁴⁵.

Inspirados nos laboratórios de teatro, os laboratórios litúrgicos, como no teatro, não são ensaios nem representações de uma celebração. São a vivência experiencial de um determinado rito, realizada fora da celebração como meio de formação litúrgica. Faz-se um “recorte” de determinado rito ou elemento litúrgico, para ser vivenciado pessoal e comunitariamente.

O laboratório litúrgico tem dois grandes objetivos: o primeiro é conhecer e vivenciar a liturgia de maneira mais autêntica e profunda, a partir da busca da unidade perdida entre gesto corporal, sentido teológico-litúrgico e atitude afetiva, sob a ação do Espírito Santo; o segundo, exercitar a criatividade na vivência dos ritos, não perdendo de vista o contexto cultural, social e histórico no qual a comunidade celebrante está situada (BARONTO, 2000, p. 29-30).

O laboratório possui uma estrutura simples. Vejamos as etapas previstas para chegar aos objetivos propostos:

- a) *Relaxamento ou aquecimento*: Nesta etapa, os participantes são submetidos a alguns exercícios de respiração, relaxamento muscular ou outros exercícios específicos para trabalhar o corpo.
- b) *Sensibilização ou improvisação*: O(a) moderador(a) orienta o grupo a experimentar, através de encenação, gestos do cotidiano, ou gestos referentes a ritos sociais e/ou religiosos, que estão, de alguma forma, ligados ao rito litúrgico que está sendo trabalhado. Por exemplo, se estivermos trabalhando a fração do pão, vamos utilizar gestos de partilha do pão na vida familiar e social.
- c) *Experimentação ritual* – atitudes e gestos do corpo que fazem parte do rito que está sendo trabalhado): Este é o núcleo do laboratório. É nesta etapa que mais se trabalha a busca da unidade perdida entre o fazer (gesto), o sentir (atitude afetiva) e o pensar (sentido teológico-litúrgico).
- d) *Conversa dos três pontos* – o gesto corporal, o sentido teológico-litúrgico e a atitude afetiva/interior: Nesta etapa acontece uma maior sistematização dos elementos do rito

¹⁴⁴ Já mencionamos no quinto capítulo desta dissertação sobre a importância e as vantagens da técnica do laboratório litúrgico.

¹⁴⁵ Ver artigo de ORMONDE, 1994, p. 36-41. Também mais recentemente o livro de BARONTO, L.E.P. *Laboratório litúrgico*: pela inteireza do ser na vivência ritual, citado na bibliografia.

trabalhado e sobre a unidade entre o gesto, o sentido teológico-litúrgico e a atitude afetiva/interior.

- e) *Avaliação do laboratório*: O grupo que realizou o laboratório é convidado a avaliar as etapas realizadas anteriormente. Algumas questões são colocadas ao grupo para ajudar na avaliação, por exemplo: Os objetivos foram realizados? O que foi importante para cada participante? Quais foram os momentos mais proveitosos? Onde falhamos? Quais foram as dificuldades encontradas?¹⁴⁶

A prática tem provado que, na verdade, o laboratório é um instrumental valioso. Vale aplicá-lo, sabendo que é preciso um aprofundamento maior sobre ele, como também treinamento para pessoas que o aplicam.

É muito válida a aplicação da técnica do laboratório para o treinamento de leitores, presidentes das celebrações dominicais, salmistas, cantores, ministros extraordinários da comunhão e outros.

6.8 Sugestões para celebrações dominicais da Palavra de Deus mais orantes

A celebração dominical da Palavra de Deus não possui nenhum ritual oficial, porém, cada vez mais as equipes buscam um referencial para celebrar aos domingos ao redor da Palavra de Deus.

Iremos, a seguir, oferecer algumas sugestões mais concretas a partir dos elementos que devem ser valorizados na celebração dominical da Palavra de Deus com o objetivo de torná-las mais orantes. Muitos outros elementos já foram mencionados nos itens anteriores.

Para as sugestões, partimos do princípio de que as celebrações podem ser realizadas contendo os ritos iniciais, a liturgia da Palavra, o rito de louvor e ação de graças e os ritos finais. Com este esquema ritual, os ritos iniciais, a liturgia da Palavra e os ritos finais podem ser os mesmos da celebração eucarística.

Outro roteiro celebrativo que pode ser utilizado é o da Liturgia das Horas ou do Ofício Divino das Comunidades. Vejamos o que afirma o Documento 108 da CNBB, em relação a utilização da Liturgia das Horas:

O Diretório da Congregação para o Culto Divino sobre Celebrações dominicais na ausência do presbítero (1988), orienta que se tenha sobretudo presente a possibilidade de celebrar alguma parte da Liturgia das Horas:

¹⁴⁶ Para a estrutura do laboratório litúrgico conferir BARONTO, 2000, p. 32-47.

Laudes (ofício da manhã) ou Vésperas (ofício da tarde), nas quais podem inserir-se as leituras do domingo e a distribuição da Comunhão Eucarística (cf. n. 33). Considerando a riqueza deste jeito de celebrar, pois quando “os fiéis são convocados e se reúnem para celebrar a Liturgia das Horas, pela união das vozes e dos corações manifestam a Igreja que celebra o mistério de Cristo” (n. 33), propomos que a celebração no Dia do Senhor, possa ser realizada também com o Ofício Divino ou Liturgia das Horas (CNBB Doc. 108, 2019, n. 99).

O Documento fala também do Ofício Divino das Comunidades:

No Brasil, o Ofício Divino das Comunidades, editado em 1988, é uma forma popular e inculturada de celebrar a Liturgia das Horas. Utilizado em muitos lugares, esta modalidade de oração comunitária une as riquezas da antiga tradição da Igreja, as experiências de fé das nossas comunidades eclesiais e elementos da piedade popular. Essa expressão de oração bíblica e litúrgica ajuda a unir fé em Deus e vida cotidiana, dimensão pessoal e dimensão social, louvor e lamento, escuta e prece (CNBB Doc 108, 2019, n. 103).

Nos dois modos celebrativos, a liturgia da Palavra é realizada com todas as leituras dominicais, como também pode ser distribuída a comunhão eucarística, após a ação de graças ou louvação.

6.8.1 Sugestões quanto aos ritos iniciais

Todos os elementos que compõem esse momento têm o objetivo de nos reunir e unir com Deus e como irmãos e irmãs, pois o Senhor nos chama e nos convoca, em assembleia, para renovar sua aliança conosco. Os ritos iniciais “manifestam o caráter sacerdotal do povo reunido, sua pertença à Igreja, sua capacidade para a relação de Aliança e sua vocação para a vivência do Evangelho” (CNBB Doc. 108, n. 73). Esses ritos podem ser repetidos a cada domingo ou variar conforme o tempo e as circunstâncias, por exemplo:

[...] sobriedade na organização do espaço no advento e na quaresma; acendimento da coroa no tempo do advento; círio pascal aceso, enfeitado com flores no tempo pascal; destaque para a cruz no tempo da quaresma, com pano roxo; gestos penitenciais, como ajoelhar ou inclinar a cabeça durante o ato penitencial na quaresma; benção e aspersão com água com um canto adequado, nos tempos comum, quaresmal e pascal; omissão do hino do Glória no advento e na quaresma etc. (CNBB Doc. 108, n. 74).

Algumas celebrações, tais como: Apresentação do Senhor, Quarta-feira de Cinzas, Domingo de Ramos, Sexta-feira Santa e Vigília Pascal, comportam ritos próprios que devem ser observados e adaptados para o contexto da Celebração da Palavra e do Ofício Divino. Nas festas de Jesus Cristo, da Virgem Maria, dos Apóstolos ou dos(as) Santos(as), especialmente do(a)

Padroeiro(a), pode-se dar destaque às suas respectivas imagens (CNBB Doc. 108, n. 75).

Em seguida (Quadros 4 e 5), apresentaremos o esquema básico dos ritos iniciais¹⁴⁷, podendo variar como alguns exemplos expostos acima.

Quadro 4 – Esquema básico da Celebração da Palavra de Deus.

- * Chegada
- * Procissão e canto de abertura
- * Sinal da cruz
- * Saudação inicial
- * Acolhida, sentido da celebração e recordação da vida
- * Ato penitencial ou bênção da água¹⁴⁸ e aspersão
- * Senhor, tende piedade
- * Hino do Glória (menos no advento e quaresma)
- * Oração coleta (da liturgia do dia)

Fonte: Da autora, 2021.

Quadro 5 – Esquema básico da Celebração da Palavra e Ofício Divino.

- * Refrão meditativo
- * Abertura
- * Introdução ao mistério celebrado
- * Recordação da vida
- * Hino
- * Salmos e cânticos bíblicos, de acordo com as quatro semanas do saltério
- * Oração coleta (da liturgia do dia)

Fonte: Da autora, 2021.

Antes de começar a celebração, o espaço celebrativo deve estar devidamente arrumado para que as pessoas se sintam bem: limpo, cheiroso, iluminado adequadamente, ventilado, ornamentado. Tudo contribui para que as pessoas humanas se encontrem com as Pessoas Divinas, consigo mesmas e umas com as outras.

É preciso valorizar nesse momento, além de alguns exemplos já citados acima: a chegada – todos acolhem todos, Deus nos acolhe, nós nos deixamos acolher por Ele e acolhemos uns aos outros; proporcionar um tempo de oração pessoal e silenciosa; acolher as pessoas na porta com água de cheiro; na ocasião da memória de um santo popular, fazer procissão de entrada, levando a imagem do santo (CNBB, Doc. 52, 1994, n. 62); fazer a recordação da vida colocando os fatos, os acontecimentos da vida, para ligar a páscoa de Cristo com a nossa páscoa; na quaresma, valorizar o ato penitencial, com bênção e aspersão

¹⁴⁷ Para este momento ver mais em CARPANEDO e ORMONDE, 1991, n. 106, p. 127. Ver também: CNBB, 1994, nn. 57-65 e CNBB, 2019, nn. 73-76. E ainda os cinco volumes do *Dia do Senhor* e os três volumes *Celebrando o Dia do Senhor*, citados na bibliografia.

¹⁴⁸ Conforme o Ritual do Batismo de Crianças, o ministro extraordinário pode invocar a bênção sobre a água (cf. RB, n. 252). A *fortiori* poderá invocar a bênção sobre a água da recordação do batismo.

da água, sendo acompanhada com um canto penitencial e orante; cantar o glória, exceto no tempo do advento e na quaresma¹⁴⁹; por fim, faz-se a oração-coleta que reúne a vida, concluindo esse primeiro momento.

Tudo deve ser realizado de maneira afetiva, orante, expressão de uma relação esponsal com Deus.

6.8.2 Sugestões quanto à liturgia da Palavra

Os elementos rituais que formam a liturgia da Palavra¹⁵⁰ proporcionam o diálogo de Deus com seu povo e deste com seu Deus. Deus fala e, falando, manifesta o mistério da redenção e da salvação. O Cristo mesmo se faz presente no meio da assembleia reunida, pois quando as Escrituras são lidas, Ele mesmo fala (cf. SC 7). A comunidade reunida responde com a própria Palavra de Deus por meio do salmo responsorial, da aclamação ao Evangelho, pela profissão de fé, pela oração universal (CNBB, Doc. 108, n. 77).

O esquema para esse momento (Quadro 6), utilizando ou não o roteiro da Liturgia das Horas, ou Ofício Divino das Comunidades, contém os seguintes elementos:

Quadro 6 – Esquema básico da liturgia da Palavra na celebração da Palavra de Deus.

- | |
|---|
| <ul style="list-style-type: none"> * Invocação do Espírito Santo * Primeira leitura * Salmo responsorial * Segunda leitura * Aclamação ao evangelho * Evangelho * Partilha da Palavra ou homilia * Profissão de fé * Oração dos fiéis ou universal |
|---|

Fonte: Da autora, 2021.

Em toda a celebração litúrgica acontece o diálogo com Deus, e sobretudo, nesse segundo momento, o diálogo é bastante explícito. É o diálogo da aliança entre Deus e o seu povo, entre Jesus Cristo e sua comunidade no Espírito Santo:

Esse diálogo passa, necessariamente, pelo diálogo que se estabelece (ou não) na comunidade reunida – entre assembleia e os ministros (leitores, salmistas, cantores, instrumentistas, animador ou animadora, presidente). Todos os

¹⁴⁹ No tempo do advento e da quaresma omite-se o canto do glória. (Cf. IGMR, n. 31).

¹⁵⁰ Para este momento ver mais em CARPANEDO e ORMONDE, 1991, p. 127-128. Ver também: CNBB. 1994, nn. 66-82 e CNBB, 2019, nn. 77-80. E ainda os cinco volumes do *Dia do Senhor* e os três volumes *Celebrando o Dia do Senhor*, citados na bibliografia.

gestos previstos, como ir ao ambão, sentar-se, proclamar a leitura, ouvir a leitura, cantar e ouvir o salmo, ficar de pé, aclamar, incensar, proclamar e receber o evangelho proclamado, beijar o livro, fazer a homilia ou as preces ou delas participar, todos esses gestos só terão sentido se alimentados pela atitude básica do diálogo, no qual procuramos e encontramos uma palavra para sustentar o nosso viver (BUYST, 1994 [a], p. 77).

Apontamos ainda outros elementos a serem observados, como:

- a) destacar a mesa da Palavra;
- b) fazer a procissão com o Evangeliário, acompanhado com incenso, velas e dança;
- c) observar alguns instantes de silêncio e cantar um canto de invocação do Espírito Santo, antes da 1ª leitura;
- d) dirigir-se ao ambão e cantar o salmo responsorial em um tom que favoreça a resposta orante da assembleia, uma vez que ele é Palavra de Deus, parte integrante da liturgia da Palavra;
- e) fazer da proclamação do evangelho, o ponto alto da liturgia da Palavra;
- f) na homilia, interligar o mistério celebrado com a vida, numa dinâmica orante, em um tom coloquial e não moralizante;
- g) no momento da oração dos fiéis, fazer preces dirigidas diretamente a Deus, como por exemplo: “Senhor, olha com carinho de mãe por teus filhos que estão sofrendo nas guerras”;
- h) nas preces, utilizar um canto orante de maneira a facilitar a participação do povo na resposta da oração dos fiéis: “Ó Senhor, escutai nossa prece”, ou, “Ouve, Deus de amor, nosso clamor” ou outro apropriado.

6.8.3 Sugestões quanto a coleta fraterna

Após a liturgia da Palavra, a comunidade pode fazer uma coleta (em dinheiro, mantimentos ou outros materiais) que será expressão de agradecimento pelos dons recebidos, também sinal de corresponsabilidade para a edificação da comunidade e gesto de partilha e solidariedade para com os irmãos necessitados. Os cantos para este momento falam de partilha, condizentes com a ação ritual realizada. Não cabem cantos utilizados para a preparação das oferendas, ação ritual presente apenas na celebração eucarística (CNBB, Doc. 108, n.81).

6.8.4 Sugestões quanto aos ritos do louvor e da ação de graças

O domingo é o dia da reunião da comunidade para fazer a memória da vida, morte e ressurreição do Senhor. Neste dia não pode faltar o louvor e a ação de graças¹⁵¹. Este é o ponto alto de toda a celebração. A comunidade bendiz a Deus por sua imensa glória e reconhece a sua ação salvadora, realizada em Jesus, e, por tal maravilha, entoa o louvor e ação de graças.

Embora o documento da Congregação para o Culto Divino, *Celebrações dominicais na ausência do presbítero*, tenha previsto a ação de graças também após a distribuição da comunhão (cf. n. 45), o mais adequado é realizar o louvor e a ação de graças depois da liturgia da Palavra, ficando dessa forma, mais explícita a lógica da revelação, à qual corresponde o rito.

Esse momento pode ser constituído dos seguintes elementos (Quadros 7 e 8):

Quadro 7 – Esquema para a celebração da Palavra quando não há comunhão eucarística.

* Louvor e ação de graças (rezado ou cantado)
* Pai Nosso

Fonte: Da autora, 2021.

Quadro 8 – Esquema para a celebração da Palavra e Ofício Divino sem comunhão eucarística.

* Louvor e ação de graças, que neste caso pode ser o Cântico Evangélico (de manhã de Zacarias e à tarde de Maria).

Fonte: Da autora, 2021.

Para o louvor e ação de graças, podem ser utilizados salmos, hinos, cânticos, orações litânicas ou, ainda, benditos. Ione Buyst indica vários exemplos para o momento de louvor e ação de graças. Podemos então utilizar:

1. “Salmos e hinos de louvor, de preferência com uma pequena motivação ou uma antífona ou refrão que os ligue com a pessoa de Jesus Cristo e o mistério de sua páscoa – salmos 8; 34; 47; 48; 65; 66; 92; 93; 96; 98; 99; 100; 103; 104; 111; 112; 113; 114; 116 A e B; 118; 126; 136; 145; 147 A e B; 148; 149 e 150¹⁵².”

¹⁵¹ Para este momento ver mais em CARPANEDO e ORMONDE, 1991, p. 128. Ver também: CNBB, 1994, nn. 83-87 e CNBB, 2019, nn. 82-87. E ainda os cinco volumes do *Dia do Senhor* e os três volumes *Celebrando o Dia do Senhor*, citados na bibliografia.

¹⁵² Cf. Letra e música em OFÍCIO DIVINO DAS COMUNIDADES, 2001, p. 15-212. A numeração utilizada é da Bíblia Hebraica.

2. Hinos ou cânticos: Glória, cântico evangélico (de manhã, cântico de Zacarias¹⁵³; de tarde, cântico de Maria¹⁵⁴), com antífona, refrão ou motivação relacionada com o tempo litúrgico e/ou com as leituras do dia.
3. Outros cânticos do novo testamento, por exemplo, Efésios 1, 3-10,¹⁵⁵ Colossenses 1,12-20,¹⁵⁶ Apocalipse 4,11; 5,9-11,¹⁵⁷ 11,17-18¹⁵⁸; 19,1-7;¹⁵⁹ 21,1-7.¹⁶⁰
4. Nós te damos muitas graças¹⁶¹... – Hino inspirado na Didaqué.
5. Ladainha de louvor, relacionada com o tempo litúrgico e/ou as leituras do dia com possibilidade de inserir motivos de louvor relacionados com a realidade.
6. Louvação, também conhecida como “prefácio popular”¹⁶², porém sem o canto do “Santo”. Ou outro tipo de bendito inspirado na piedade popular, como por exemplo, a bênção da mesa cantada nas “folias”.
7. Bênção da refeição fraterna¹⁶³, bênção dos alimentos que serão partilhados fraternalmente, em memória de Jesus¹⁶⁴.

Para esse momento de louvor e ação de graças, também é importante levar em conta alguns elementos:

- a) O(a) ministro(a) da Palavra preside este momento.
- b) O(a) que preside eleva a Deus, por Cristo, no Espírito, o canto ou a oração de louvação e ação de graças¹⁶⁵.
- c) O(a) que preside, ao fazer o convite para o louvor e ação de graças, se dirige à assembleia dizendo: “O Senhor esteja convosco”, pois assim Jesus, nosso irmão maior, aparece como cabeça do seu corpo (LUTZ, 1998, p. 27), além de ficar muito mais

¹⁵³ Cf. Letras e músicas em CNBB, 1991, p. 346-347. Também OFÍCIO DIVINO DAS COMUNIDADES, 2001, p. 236-242.

¹⁵⁴ Cf. Letras e músicas em CNBB, 1994, p. 42 e OFÍCIO DIVINO DAS COMUNIDADES, 2001, p. 243-249.

¹⁵⁵ Cf. Letra e música em OFÍCIO DIVINO DAS COMUNIDADES, 2001, p. 264.

¹⁵⁶ Cf. Letra e música em OFÍCIO DIVINO DAS COMUNIDADES, 2001, p. 269.

¹⁵⁷ Cf. Melodia em CNBB, 1991, p. 304. Também letra e música em OFÍCIO DIVINO DAS COMUNIDADES, 2001, p. 274.

¹⁵⁸ Cf. Melodia em CNBB, 1991, p. 304. Também letra e música em OFÍCIO DIVINO DAS COMUNIDADES, 2001, p. 275.

¹⁵⁹ Cf. Letra e música em CNBB, 1991, p. 304. Também em OFÍCIO DIVINO DAS COMUNIDADES, 2001, p.276.

¹⁶⁰ Cf. Letra e música em OFÍCIO DIVINO DAS COMUNIDADES, 2001, p. 277.

¹⁶¹ Cf. Letra e música em CNBB, 1991, p. 437.

¹⁶² Cf. CNBB, 1991 p. 71-76. A Revista de Liturgia, no seu encarte “Dia do Senhor”, tem publicado regularmente louvações desse tipo, muitas vezes relacionadas com a festa ou o evangelho do dia.

¹⁶³ Cf. VELOSO, 1998, p. 35.

¹⁶⁴ BUYST, 1998, p. 31. Há ainda, as orações de louvações compostas ou indicadas por Penha Carpanedo e Marcelo Guimarães, que se encontram nos cinco volumes do *Dia do Senhor* e nos três volumes *Celebrando o Dia do Senhor*, preparados por Pe. Jésus Andrade Guimarães, Pe. José Aparecido C. Franco e Pe. Sebastião Camilo de Almeida e Veronice Fernandes, já citados em nosso trabalho.

¹⁶⁵ Veja vários exemplos para a oração de louvor e ação de graças acima. Propomos o louvor e ação de graças cantado ou rezado, porque se fosse só com possibilidade de cantar, restringiríamos muito os ministros e as ministras da Palavra.

explícita a dinâmica dialogal. O Documento 108 da CNBB (n. 85), sugere a seguinte formulação ou outras palavras semelhantes: “Proclamemos a bondade de Deus e exaltemos a sua misericórdia, manifestada nas palavras de salvação que escutamos”.

- d) Não se utiliza, para o momento de louvor e ação de graças, a oração eucarística.
- e) Esse momento de louvação não deve ser substituído pela adoração ao Santíssimo Sacramento (cf. CNBB, Doc 52, n. 86 e CNBB, Doc. 18, nn. 65 e 93).

No momento do louvor e da ação de graças, o orante atinge o auge da comunicação com o Senhor. Desde o início da celebração, a assembleia vai fazendo experiência profunda do e no mistério. Na verdade, acontece sempre um ir e vir: Deus vem a nós e nós vamos à Ele. Neste vir (descendente) e ir (ascendente) acontecem encontros. No momento do louvor e da ação de graças, o encontro é mais explícito, ou seja, Cristo se comunica com cada pessoa e com a comunidade e a pessoa e a comunidade entram em comunhão profunda com o Senhor.

6.8.5 Sugestões quanto aos ritos da comunhão eucarística

Como já mencionamos em nosso trabalho, é possível distribuir a comunhão¹⁶⁶ na celebração da Palavra. O Documento 108 da CNBB fala sobre a comunhão eucarística na celebração da Palavra no número 88:

Admite-se a Comunhão fora da Celebração Eucarística quando é levada aos fiéis agonizantes (como vático), aos enfermos, às vítimas de calamidades, aos prisioneiros e a outros fiéis que se encontram impedidos de participar da Celebração Eucarística. Também pode ser distribuída na Celebração da Palavra, na falta de ministro ordenado para presidir a Eucaristia.

E continua no número 89:

A Celebração da Palavra nos conduz ao mistério de Cristo. Em si mesma, ela é uma celebração litúrgica, legítima e completa e possibilita também celebrar a páscoa semanal, no Dia do Senhor, onde não é possível celebrar a Eucaristia. A Igreja permite que na Celebração da Palavra, especialmente no Dia do Senhor, seja distribuída a Comunhão Eucarística (CNBB, Doc. 108)

Os ritos da comunhão são realizados logo depois do louvor e ação de graça, na seguinte ordem (Quadro 9):

¹⁶⁶ Para este momento ver CNBB, 1994, nn. 87-91 e CNBB, 2019, nn. 88-97. E ainda os cinco volumes do *Dia do Senhor* e os três volumes *Celebrando o Dia do Senhor*, citados na bibliografia.

Quadro 9 – Esquema para os ritos da comunhão eucarística na celebração da Palavra de Deus.

- * O pão consagrado é colocado sobre o altar
- * Oração do Pai Nosso¹⁶⁷
- * Saudação da paz
- * Convite à comunhão
- * Distribuição da Comunhão
- * Silêncio
- * Oração pós-comunhão

Fonte: Da autora, 2021.

Quando se distribui a comunhão eucarística observam-se as seguintes indicações:

- a) Um(a) ministro(a) da comunhão estende o corporal sobre o altar e, em seguida, pelo trajeto mais curto, traz a âmbula com o Santíssimo Sacramento e coloca-a sobre o altar, discreta e respeitosamente (cf. CNBB, Doc. 108, n. 91).
- b) Em seguida, passa-se aos seguintes ritos: Pai-Nosso, saudação da paz (que pode ser realizado também no início da celebração, após o ato penitencial, após a homilia ou no final)¹⁶⁸, convite à comunhão, distribuição da comunhão eucarística, silêncio e oração (cf. CNBB, Doc. 108, n. 90).
- c) Não faz parte da celebração dominical da Palavra de Deus o canto do Cordeiro, porque é um canto que acompanha o rito da fração do pão, realizada somente na celebração eucarística (cf. CNBB, Doc 52, n. 86 e CNBB, Doc. 18, n. 65).
- d) O convite à comunhão pode ser feito com palavras inspiradas no Evangelho do dia. Por exemplo: Assim disse Jesus: “Prova de amor maior não há que doar a vida pelo irmão”. “Felizes os convidados para a ceia do Senhor. Eis o Cordeiro de Deus, aquele que tira o pecado do mundo”. “Senhor, eu não sou digno (a)...”
- e) O(a) ministro(a) extraordinário da comunhão eucarística distribui a comunhão (cf. CNBB, Doc. 108, n. 97).
- f) Após a comunhão é bom que haja um tempo de silêncio para a comunidade mergulhar ainda mais, no mistério da comum união com o Senhor.

¹⁶⁷ “A oração do Pai-nosso, que nunca deverá faltar na celebração da Palavra, pode ser situada em lugares diferentes conforme o roteiro escolhido para a celebração”. (CNBB. 1994, n. 87). O Pai-nosso pode ser: posterior ao louvor e ação de graças, quando não há comunhão eucarística; ou concluir as preces quando se utiliza o roteiro do Ofício Divino, sem a comunhão eucarística; ou ainda nos ritos da comunhão eucarística quando esta é distribuída.

¹⁶⁸ Cf. CNBB Doc. 52, n. 88 e CNBB Doc. 108, n. 90 e 95. Ainda sobre o rito da paz, os bispos do Brasil ressaltam sua importância, mas alertam para possíveis excessos, citando a Carta circular sobre o significado do rito do dom da paz, da Congregação para o Culto e Disciplina dos Sacramentos, no entanto, os bispos afirmam que “não se deve inibir a sensibilidade cultural ou perder a espontaneidade do gesto” (CNBB, Doc. 108, n. 95).

- g) Para concluir esse momento, o(a) que preside diz a oração que estabelece a relação entre a celebração da Palavra e a vida da comunidade (CNBB, Doc. 43, n. 326).

6.8.6 Sugestões quanto aos ritos finais

Nos ritos finais¹⁶⁹, a assembleia toma consciência de que é enviada a viver e testemunhar a aliança no seu dia a dia, nas várias pastorais e nos serviços concretos para a edificação do Reino.

Os avisos dados, nesse momento, ligam o ato litúrgico com os compromissos da semana.

A assembleia recebe a bênção, ato de despedida e de envio para a missão, com a graça de Deus. O esquema é o seguinte, podendo variar (Quadro 10):

Quadro 10 – Esquema para os ritos finais na celebração da Palavra de Deus.

* Oração conclusiva * Avisos * Bênção e despedida

Fonte: Da autora, 2021.

Nos ritos finais, é importante lembrar os seguintes elementos:

- As comunidades muitas vezes, gostam de fazer homenagens em dias especiais, o momento depois da comunhão parece ser adequado para isto (CNBB, Doc. 43, n. 328). É bom que as homenagens sejam bem-preparadas e realizadas num clima orante, sempre ligando o motivo da homenagem ao mistério celebrado.
- Ao despedir a assembleia, é importante lembrá-la da necessidade de testemunhar no dia a dia a aliança celebrada e renovada com o Senhor (CNBB, Doc. 43, n. 329).
- A saída é marcada pela alegria do encontro com Deus, com as pessoas.

¹⁶⁹ Para este momento, ver mais em CARPANEDO e ORMONDE, 1991, p. 129. CNBB, Doc. 52, nn. 92-94 e CNBB, 2019, n. 98. E ainda os cinco volumes do *Dia do Senhor* e os três volumes *Celebrando o Dia do Senhor*, citados na bibliografia.

6.9 Proposta de uma celebração dominical da Palavra de Deus com elementos do Ofício Divino das Comunidades para o 3º domingo do tempo comum – ano C

Apresentaremos, em seguida, uma proposta do rito de uma celebração dominical da Palavra de Deus com elementos do Ofício Divino das Comunidades. A preocupação maior ao apresentarmos essa proposta é a de oferecer alguns elementos, que consideramos importantes, para tornar a celebração dominical da Palavra de Deus mais orante. Certamente, há muitas outras maneiras de celebrar, fazendo do momento celebrativo um verdadeiro diálogo com Deus.

Para uma celebração dominical da Palavra de Deus mais orante, é preciso deixar o Espírito Santo atuar na comunidade, de forma que ela tenha um encontro afetivo e efetivo com Deus. É uma liturgia espiritual, onde a pessoa e a comunidade fazem uma verdadeira experiência do mistério.

O rito que segue é do 3º domingo do tempo comum do ano C. A escolha deste domingo não é aleatória. O papa Francisco, como já mencionamos neste trabalho, instituiu este domingo como o “domingo da Palavra de Deus”. Neste domingo, todas as leituras que são proclamadas no Evangelho apresentam a figura de Jesus como anunciador do Reino de Deus. Há, também, um forte sentido ecumênico: alguns dias antes, celebra-se o Dia do Diálogo com os Judeus, e em seguida é celebrada a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, no hemisfério norte.

No Brasil nós temos um mês inteiro dedicado à Palavra, no entanto, celebrar o domingo da Palavra de Deus nos possibilita estar em comunhão com toda a Igreja que, em consonância com o Concílio Vaticano II, cada vez mais se reapropria da Palavra de Deus.

6.9.1 Ritos iniciais

6.9.1.1 Chegada

O espaço celebrativo está bem-preparado. Como é o domingo da Palavra de Deus, o ambão está enfeitado com flores. De preferência, o evangeliário esteja sobre o altar. O Lecionário está no ambão. Tudo está em ordem. A equipe de liturgia já preparou tudo antecipadamente. O clima é de silêncio.

As pessoas chegam e são recebidas com carinho pela equipe de acolhida na porta da Igreja. Elas vão entrando e percebendo a beleza do espaço, o altar, o ambão da Palavra...

tudo muito bem arrumado com arte. O cheiro do incenso, queimando lentamente, vai penetrando e contagiando as pessoas que chegam e sentem que estão se aproximando de Deus, como a fumaça que sobe.

Aos poucos, as pessoas entram e vão compondo a comunidade que se encontra, se vê, se alegra pela presença uns dos outros e, juntos, formam o corpo de Cristo. Por uns instantes, as pessoas rezam em silêncio, depois é feito o ensaio de canto num clima orante.

Após o ensaio, surge do silêncio profundo, o toque da flauta, ou do tambor, ou do violão, ou outro instrumento que acompanha o canto de um refrão meditativo: “Onde reina o amor, fraterno amor, onde reina o amor, Deus aí está”, ou outro apropriado¹⁷⁰.

A equipe de ministros e ministras que atuará na celebração já está no presbitério, com vestes¹⁷¹ apropriadas, “deixando assim mais visível e real o símbolo do corpo comunitário e ministerial que, com a assembleia, forma e vive a sua vocação de povo sacerdotal” (ZAVAREZ, 2002, p. 158).

6.9.1.2 Abertura do Ofício Divino das Comunidades

O(a) que preside entoa a abertura¹⁷²:

- Venham, ó nações, ao Senhor cantar! (bis)
Ao Deus do universo venham festejar! (bis)
(Faz-se o sinal da cruz)

- Seu amor por nós firme para sempre, (bis)
Sua fidelidade dura eternamente. (bis)

- Verbo feito carne, presente entre nós, (bis)
Cristo, Palavra viva, esplendor do Pai! (bis)
(Alguém acende o círio)

- Glória ao Pai e ao Filho e ao Santo Espírito. (bis)
Glória à Trindade Santa, glória ao Deus bendito! (bis)

- Aleluia, irmãs, aleluia, irmãos! (bis)
Povo de sacerdotes, a Deus louvação! (bis)
(neste momento os irmãos e irmãs se olham)

¹⁷⁰ Conferir várias indicações de refrãos meditativos para o tempo comum em: OFÍCIO DIVINO DAS COMUNIDADES, 1999, p. 4-12.

¹⁷¹ “A diversidade de ministérios na celebração é significada exteriormente pela diversidade das vestes, que são sinais distintivos da função própria de cada ministro. Na celebração da Palavra podem-se adotar vestes litúrgicas confeccionadas segundo a sensibilidade e o estilo próprio das culturas locais. Por sua vez, a diversidade de cores tem por finalidade exprimir de modo mais eficaz, o caráter dos mistérios da fé que se celebram e o sentido da dinâmica da vida cristã ao longo do ano litúrgico”. (CNBB, Doc. 52, n. 49).

¹⁷² Conferir melodias no OFÍCIO DIVINO DAS COMUNIDADES, 1999, p. 29-32.

- Vem, ó Santo Espírito, vem iluminar, (bis)
Juntos, com tua graça, vamos celebrar! (bis)

6.9.1.3 Recordação da vida

Quem preside introduz a recordação da vida com estas ou outras palavras:

Hoje celebramos o domingo da Palavra de Deus. Como Igreja, em comunhão com todas as comunidades eclesiais espalhadas pelo mundo, vamos “reviver o gesto do Ressuscitado que abre, também para nós, o tesouro da sua Palavra, para podermos ser no mundo arautos dessa riqueza inesgotável” (AI 2).

Celebramos a páscoa de Jesus Cristo na nossa vida e na vida de tantas pessoas e comunidades que vivem em profundidade o seguimento de Jesus Cristo e dão testemunho do seu nome. Recordemos fatos, acontecimentos da vida... *(A comunidade lembra outros fatos, acontecimentos da vida da comunidade, das Igrejas e do mundo...)* Lembramos os ministros e as ministras da Palavra, catequistas, missionários e missionárias... outros fatos...

6.9.1.4 Hino do Glória

A comunidade, ao som de vários instrumentos, entoa o hino do glória, louvando a Deus que se revela a todos e, preferencialmente aos pobres e pequenos.

Glória a Deus nas alturas,
e paz na terra aos homens por Ele amados. (bis)

Senhor Deus, rei dos céus,
Deus Pai todo-poderoso:
nós vos louvamos, vos bendizemos,
vos adoramos, vos glorificamos,
nós vos damos graças
por vossa imensa glória.

Senhor Jesus Cristo,
Filho Unigênito
Senhor Deus, Cordeiro de Deus,
Filho de Deus Pai.

Vós que tirais o pecado do mundo,
tende piedade de nós.
Vós que tirais o pecado do mundo,
acolhei a nossa súplica
vós, que estais à direita do Pai,
tende piedade de nós

só vós sois o Santo,
 só vós o Senhor,
 só vós o altíssimo Jesus Cristo
 com o Espírito Santo,
 na glória de Deus Pai,
 na glória de Deus Pai.

Amém! Amém!

Amém! Amém! Amém!¹⁷³

(Ou outra melodia do hino do glória)

6.9.1.5 Salmo da 3ª semana do saltério¹⁷⁴

Com todo o ser que vive e respira, cantemos o nosso louvor ao Senhor Deus, criador de todas as coisas, Senhor da vida e da história.

Salmo 148¹⁷⁵:

1. Bendizei ao Senhor nos altos céus e nas alturas,
 bendizei-o, seus anjos, bendizei-o
 com toda a criatura!

Aleluia, aleluia, aleluia, aleluia, aleluia.

2. Bendizei-o sol e lua, e astros reluzentes;
 bendizei ao Senhor, os céus dos céus
 e as águas transparentes.
3. Louva o nome do Senhor toda a sua criação,
 tudo em ordem e em seu lugar colocou,
 com toda a perfeição.
4. Bendizei ao Senhor os abismos lá do mar;
 bendizei-o, raio, chuva, orvalho e neve
 e o vento a soprar.
5. Montanhas e colinas, árvores e flores,
 peixes, feras, bichos todos, bendizei-o
 com os pássaros cantores.
6. Reis da terra e nações, juízes, lideranças,
 louvem todos o seu nome, os idosos,
 os jovens e as crianças.

¹⁷³ Melodia: https://www.youtube.com/watch?v=_6ETrsZG8yg

¹⁷⁴ A palavra “salmo, saltério” vem do grego *psaltérion*, um instrumento musical de cordas. Um saltério é um livro contendo o Livro dos Salmos (150 Salmos).

¹⁷⁵ Melodia: <https://www.youtube.com/watch?v=RjJmbXTIGJc>

7. Louvem todos ao Senhor, seu nome tudo encerra,
seu amor e seu poder, vão além
do céu e da terra.
8. Exaltou o poder do seu povo preferido;
o louvor dos fiéis, do seu povo,
dos filhos e filhas mais queridos.
9. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito também,
ao que era, que é, bendizei,
e Aquele que ainda vem.

6.9.1.6 Oração do dia

O(a) que preside convida a assembleia para a oração: “Oremos” e após uns instantes de silêncio, de braços abertos, com um tom de voz coloquial, eleva a Deus, por Cristo, no Espírito a oração:

Senhor poderoso e bom, com alegria ganhamos a graça da nova vida,
vida do amor e união.
Fazei-nos, agradecidos, anunciar pelo mundo os dons que recebemos.
Por Cristo, nosso Senhor.

T.: Amém

6.9.2 Liturgia da Palavra

6.9.2.1 1ª Leitura

O (a) leitor (a) se aproxima da mesa da Palavra, olha para a assembleia e lê a revelação de Deus narrada por Neemias 8,2-4a.5-6.8-10 e toda a assembleia, sentada, em silêncio, com o ouvido do coração atento e com o olhar dirigido para os leitores e não para o folheto ou a Bíblia, escuta a Palavra do Senhor que traz vida e salvação.

6.9.2.2 Salmo Responsorial

Terminada a leitura, o(a) salmista se aproxima da mesa da Palavra e entoia o salmo 19 (18), 18,8.9.10.15, respondendo a Deus com o texto bíblico, tirado do hinário do povo de Israel e “hoje” cantado e compreendido à luz do mistério pascal de Cristo. O tom da voz, a melodia, expressam o diálogo.

R. Vossas palavras, Senhor, são espírito e vida!

A lei do Senhor Deus é perfeita,
conforto para a alma!
O testemunho do Senhor é fiel,
sabedoria dos humildes.

Os preceitos do Senhor são precisos,
alegria ao coração.
O mandamento do Senhor é brilhante,
para os olhos é uma luz.

É puro o temor do Senhor,
imutável para sempre.
Os julgamentos do Senhor são corretos
e justos igualmente.

Que vos agrade o cantar dos meus lábios
e a voz da minha alma;
que ela chegue até vós, ó Senhor,
meu Rochedo e Redentor!¹⁷⁶

6.9.2.3 2ª Leitura

O (a) leitor (a) se aproxima da mesa da Palavra, dirige à comunidade as palavras do apóstolo Paulo, que escreve à comunidade de Coríntios - 1 Coríntios 12,12-30.

6.9.2.4 Aclamação e proclamação do Evangelho

Durante o canto de aclamação, o ministro que vai proclamar o evangelho vai até o altar, faz uma inclinação, em seguida toma, então, o Evangeliário, e, precedido dos ministros, que levam o turíbulo (incensório) e os castiçais com velas acesas, dirige-se para o ambão, conduzindo o Evangeliário um pouco elevado.

Os presentes voltam-se para o ambão, manifestando uma especial reverência ao Evangelho de Cristo.

A comunidade, de pé, aclama o Evangelho. É o próprio Jesus que vai falar, por isso todos cantam e escutam em pé:

Aleluia, Aleluia, Aleluia. (bis)

Foi o Senhor quem me mandou,
Boas notícias anunciar;

¹⁷⁶ Confira melodia: <https://www.youtube.com/watch?v=t98Zd8Tcu2c>

ao pobre, a quem está no cativeiro,
 libertação eu vou proclamar¹⁷⁷.
 (ou outra aclamação apropriada)

O(a) ministro(a) da Palavra levanta o livro enquanto é entoado o canto. Após o canto, o(a) ministro(a) dialoga com a assembleia:

- O Senhor esteja com convosco.
- Ele está no meio de nós.
- Proclamação do Evangelho de Jesus Cristo, segundo Lucas.
- Glória a vós Senhor.

Após incensar o livro, ele(a) proclama o Evangelho segundo Lucas 1,1-4;4,14-21. É bom que duas pessoas segurem as velas durante a proclamação. Terminada a proclamação, o(a) ministro(a) levanta o livro e o mostra para a assembleia.

6.9.2.5 Homilia ou partilha da Palavra de Deus

O(a) que preside faz, então, a homilia ou a partilha da Palavra, atualizando a Palavra de Deus. A homilia pode ser feita em forma de diálogo com a assembleia. No final, o(a) que preside “amarra” os pontos levantados pela assembleia. O papa Francisco exorta que “neste domingo [...] é bom adaptar a homilia¹⁷⁸ para se pôr em destaque o serviço que se presta à Palavra do Senhor” (AI 3).

¹⁷⁷ Confira melodia <https://www.youtube.com/watch?v=jsCkDOBzQKQ>.

¹⁷⁸ O papa Francisco acrescenta ainda: “De modo particular, a homilia desempenha uma função totalmente peculiar, porque possui ‘um caráter quase sacramental’ (Francisco, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 142). Introduzir profundamente na Palavra de Deus, com uma linguagem simples e adaptada a quem escuta, requer do sacerdote que faça descobrir também ‘a beleza das imagens que o Senhor utilizava para incentivar a prática do bem’ (EG 142). Trata-se duma oportunidade pastoral a não perder!

Com efeito, para muitos dos nossos fiéis, esta é a única ocasião que têm para captar a beleza da Palavra de Deus e a ver referida à sua vida diária. Por isso, é preciso dedicar tempo conveniente à preparação da homilia. Não se pode improvisar o comentário às leituras sagradas. Sobretudo a nós, pregadores, pede-se o esforço de não nos alongarmos desmesuradamente com homilias pedantes ou sobre assuntos alheios. Se nos detivermos a meditar e rezar sobre o texto sagrado, então seremos capazes de falar com o coração para chegar ao coração das pessoas que escutam, de modo a expressar o essencial que é recebido e produz fruto. Nunca nos cansemos de dedicar tempo e oração à Sagrada Escritura, para que seja acolhida, “não como palavra de homens, mas como ela é realmente, palavra de Deus” (1 Ts 2, 13)” (*Aperuit Illis*, n. 5).

6.9.2.6 Entrega do livro da Palavra de Deus

Quem preside, auxiliado por catequistas e leitores, entrega à toda a assembleia, bíblias¹⁷⁹, dizendo estas ou outras palavras:

Recebe o livro da Palavra de Deus.
Dedique um tempo diário para a *lectio divina*:
leitura, meditação, oração e contemplação
Que ela seja luz para a tua vida.

6.9.2.7 Profissão de fé

A comunidade de fé, numa atitude de prontidão e adesão a Deus, proclama sua fé, rezando o creio, o qual rezado expressa melhor seu caráter de profissão.

6.9.2.8 Oração dos fiéis e Pai-Nosso

A comunidade de fé, após ouvir a Boa Notícia, contida na Palavra de Deus, dirige ao Senhor seus pedidos ou agradecimentos... É bom que estes brotem da própria comunidade que está celebrando, que exerce sua função de povo sacerdotal e intercede junto ao Senhor. Após cada prece, a comunidade reza, cantando: “Ó Senhor, escutai nossa prece”. Ou outro refrão apropriado¹⁸⁰.

Conclui-se as preces com a oração do Pai-Nosso. O que preside convida a assembleia a rezar com estas ou outras palavras: “Nossa prece prossigamos, implorando a vinda do Reino de Deus”. Conclui a oração do Pai-Nosso com as palavras: “Pois vosso é o reino, o poder e a glória para sempre”.

6.9.3 Coleta fraterna

A comunidade, unida e solidária, traz os donativos (alimento) ou oferta em dinheiro para as necessidades dos irmãos e irmãs mais carentes. Enquanto isto o canto é entoado:

¹⁷⁹ O papa Francisco sugere na Carta Apostólica *Aperuit Illis* que a comunidade pode “encontrar forma de entregar a Bíblia, ou um dos seus livros, a toda a assembleia, de modo a fazer emergir a importância de continuar na vida diária a leitura, o aprofundamento e a oração com a Sagrada Escritura, com particular referência à *Lectio Divina*” (n. 3).

¹⁸⁰ Veja letras e melodias no OFÍCIO DIVINO DAS COMUNIDADES, 1999, p. 33-34.

**Os cristãos tinham tudo em comum, dividiam seus bens com alegria.
Deus espera que os dons de cada um, se repartam com amor no dia a dia!**

1. Deus criou este mundo para todos, / quem tem mais é chamado a repartir
Com os outros o pão, a instrução, / e o progresso, fazer o irmão sorrir!
2. Mas, acima de alguém que tem riquezas, / 'sta o homem, que cresce em seu valor,
E, liberto, caminha para Deus, / repartindo com todos o amor¹⁸¹.
(ou outro canto apropriado, porém a letra do canto não deve falar sobre pão e de
vinho, pois não é celebração eucarística).

6.9.4 Ritos do louvor e da ação de graças

Neste dia santo de Domingo, dia em que celebramos a Páscoa do Senhor Jesus, nele recordamos todos os sinais de vida que existem no mundo.

6.9.4.1 Louvação e ação de graças

O(a) que preside convida a assembleia para o louvor:

- O Senhor esteja convosco!
- Ele está no meio de nós!
- Demos graças ao Senhor, nosso Deus!
- É nosso dever e nossa salvação!

Nesse momento, o(a) que preside pode convidar a assembleia a apresentar seus motivos de louvor e ação de graças e, em seguida, com o coração cheio de gratidão, entoar o canto. A assembleia participa repetindo a parte em negrito:

- 1. P.:** Para nós é um prazer / bendizer-te, ó Senhor,
celebrar o teu amor / **por Jesus teu bem-querer!**¹⁸²
- 2. P.:** Te louvamos, ó Senhor, / pela nossa humana história,
que revela tua glória, / **teu poder libertador.**
- 3. P.:** Te louvamos por Jesus / o ungido e consagrado.
Boa-nova para os pobres, / **todo o mundo libertado!**
- 4. P.:** Teu Espírito congregue / tudo quanto está disperso;
tua Igreja em vida e verso / **o teu reino manifeste!**

¹⁸¹ Ver melodia em CD Campanha da Fraternidade Memória Histórica, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=qQ502nY_EO4.

¹⁸² Ver melodia no CD Ação de Graças no Dia do Senhor. Paulus, faixa 18, também disponível em https://www.youtube.com/watch?v=tmW0ySjz5sQ&list=OLAK5uy_nZXx5NS0ZBXJSnTsENRUsQH6F2WhabJyw&index=18.

5. P.: Bem unidos em Jesus, / um só corpo nós seremos,
nossa vida oferecemos, / **como ele fez na cruz!**

6. P.: Ouve, ó Deus, nossa oração / pela humanidade inteira,
que nos livres da cegueira / **da injustiça e da opressão.**

7. P.: Também vamos recordar. / Nesta santa irmandade
quem já está na eternidade, / **tua face a contemplar.**

8. P.: E um dia com teus santos, / com Maria, mãe de Cristo,
com prazer jamais previsto, / **entoaremos nossos cantos!**
(*Pode ser cantada outra louvação*)¹⁸³

6.9.4.2 Oração

Após uns instantes de silêncio, o(a) que preside diz a oração:

Ó Deus da aliança, com alegria ganhamos a graça da nova vida,
vida de amor e união.
Fazei-nos, agradecidos, anunciar pelo mundo os dons que recebemos.
Por Cristo, nosso Senhor. Amém

6.9.5 Ritos finais

6.9.5.1 Avisos

O(a) animador(a) dá os avisos que dizem respeito à vida da comunidade. É importante falar com clareza e ajudar a assembleia a ligar os compromissos do dia a dia com a liturgia e vice e versa.

6.9.5.2 Bênção e despedida

O(a) que preside pronuncia a bênção que segue ou outra. Em seguida, despede a comunidade:

*Pode ser cantada*¹⁸⁴:
A bênção do Pai. A bênção do Filho,
A bênção do Espírito Santo. Amém.
Em paz nós partimos, em paz voltaremos

¹⁸³ Confira sugestões de outras letras e melodias BUYST, 1998, p. 31. Veja as orações de louvações compostas ou indicadas por Penha Carpanedo e Marcelo Guimarães, que se encontram nos cinco volumes do *Dia do Senhor*. E ainda as louvações nos três volumes *Celebrando o Dia do Senhor*, citados na bibliografia.

¹⁸⁴ Confira melodia em VELOSO, 1997, p. 33-34.

Quem nos acompanha é o Senhor da paz.

Amém, aleluia, amém, aleluia
Amém, aleluia, aleluia, amém¹⁸⁵.

6.9.6 Rito da partilha de alimentos

A comunidade se dirige a outro local adequado, onde os alimentos já estão preparados para a partilha. Estando todos/as em torno da mesa, quem preside faz a oração:

Senhor, nós vos bendizemos por esta mesa,
cheia de frutos da terra e do trabalho de tantas pessoas.
A nós que recebemos o dom da vossa Palavra,
Concede-nos a vossa bênção sobre nós e estes alimentos
e renovai na humanidade a esperança na libertação
de todos os oprimidos.
A Vós a glória pelos séculos. Amém.
Em nome do Pai e o Filho e o Espírito Santo. Amém.

Em seguida, convida a comunidade a partilhar os alimentos:

- Vocês todos que têm fome e sede de justiça, venham e comam. E o Deus da paz esteja com vocês!

Enquanto os alimentos são partilhados, o grupo de cantores entoa um canto apropriado.

6.10 Algumas considerações sobre a proposta de celebração da Palavra

Os critérios e sugestões que expomos acima têm a função de contribuir para que os ministros e ministras e o povo que participa de celebrações dominicais da Palavra de Deus possam rezar. Estamos cientes de que não é tudo. Certamente há ainda muitos elementos a serem considerados.

O apelo das comunidades, que em sua grande maioria (70%), celebram aos domingos ao redor da Palavra de Deus, nos faz aprofundar o assunto, para colaborarmos com este povo que busca incessantemente se encontrar com Deus, nutrir a sua espiritualidade, bebendo da

¹⁸⁵ Para este rito de celebração da Palavra de Deus, consultamos os seguintes subsídios: CARPANEDO, P.; GUIMARÃES, M. *Dia do Senhor*: guia para as celebrações das comunidades, tempo comum, ano B, p. 37-40. O Lecionário Dominical, para as leituras do 2º domingo do tempo comum. O *Ofício Divino das Comunidades*, citado na bibliografia. Consultamos ainda: CARPANEDO, P.; GUIMARÃES, M. *Dia do Senhor*; guia para as celebrações das comunidades, tempo comum, ano A, p. 351-356. Também VELOSO, R. *No dia do Senhor. A ceia do Senhor*: uma proposta para a celebração da ceia do Senhor nas comunidades eclesiais de base. Recife, Revelações, Consultoria e Produções culturais s/c Ltda, Apostilado, s/d., 150 p.

fonte. E, enquanto não chega o dia esperado em que todos possam celebrar a eucaristia aos domingos, vamos buscar meios para qualificar nossos leigos e leigas que, nas comunidades, com muito empenho e dedicação, se colocam a serviço e ajudam o povo de Deus a celebrar o mistério pascal do Senhor.

CONCLUSÃO FINAL

Interessou-nos aprofundar a dimensão orante das celebrações dominicais da Palavra de Deus, por isso, no decorrer desse trabalho de dissertação, ocupamo-nos a demonstrar que tais celebrações são oração.

Ao dissertarmos sobre a dimensão orante da celebração dominical da Palavra de Deus, partimos do princípio de que tal celebração é um ato litúrgico e, conseqüentemente, a oração que aí acontece é uma oração litúrgica.

A oração litúrgica não é a única expressão de oração da Igreja. Entre outras, ela é modelo e exemplo para toda e qualquer forma e fórmula de oração.

Como já mencionamos, a oração litúrgica acontece através da ação ritual. As ações simbólicas, nos remetem na ‘anámnesis’ das maravilhas de Deus (dimensão descendente), e, por força da ‘epiclese’, ou ação do Espírito, nos conduzem ao encontro e à comunhão com Deus (dimensão ascendente). Os ritos e os símbolos, a representação dos mistérios, nos revelam a presença dialogante de Deus e nos conduzem a esta relação ou aliança de graça, que é o objetivo de toda oração litúrgica (BORÓBIO, 1993, p. 363). Por isso, rezar liturgicamente é mais exigente. Tudo deve contribuir para que a oração aconteça.

De fato, percebemos que rezar numa celebração litúrgica é exigente.

Os problemas que impedem a oração, apresentados pelos participantes da pesquisa de campo, refletem a dualidade criada no decorrer da história entre liturgia e piedade particular: de um lado, a liturgia era de “propriedade” do clero; de outro, o povo deveria se contentar com as “práticas devocionais”. Graças à ação do Espírito Divino, o povo encontrou uma forma de se relacionar com Deus.

Mesmo encontrando muitos valores na piedade popular, conforme o próprio Paulo VI descreve na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (cf. n. 48), a Igreja não poupou esforços para recuperar a importância da liturgia como oração e a unidade perdida entre liturgia e devoção, liturgia e piedade, liturgia e espiritualidade. Para uma busca de integração, a experiência bíblica do Antigo e Novo Testamentos e das comunidades pós-apostólicas serviu de referência. Na Bíblia e nas comunidades pós-apostólicas, a relação com Deus foi vivida intensamente, comparada, muitas vezes, à relação de esposos, na qual as duas partes se comprometem fielmente – uma relação de aliança. É de fundamental importância perceber que a relação acontece com um Deus pessoal, próximo, amigo, amoroso e que toma a iniciativa. Um Deus que procura a pessoa e, primeiramente, a ama e toma a iniciativa de salvá-la.

Uma outra característica da oração bíblica e das comunidades pós-apostólicas é que, no diálogo com Deus, primeiramente o orante ou a comunidade faz a memória dos feitos do Deus da aliança. É dessa memória que brota a resposta. Ao fazer sua experiência salvífica, o orante, individual ou coletivamente, é introduzido na salvação histórica de Deus. Então, o momento atual da oração se converte em momento da história da salvação. Este dado ficou bem evidente ao narrarmos a experiência orante das assembleias do Antigo e Novo Testamentos e das comunidades pós-apostólicas.

Compreendendo a oração bíblica e de inspiração bíblica, chegamos à conclusão de que a liturgia deve ter a Bíblia como escola de oração. Os mentores da renovação litúrgica parecem ter entendido muito bem a dinâmica dialogal descrita na Bíblia quando a *Sacrosanctum Concilium* afirma que: “[...] na liturgia Deus fala a seu povo. Cristo anuncia o Evangelho. E o povo responde a Deus, ora com cânticos ora com orações” (n. 33). Esta é a dinâmica que está na base da oração litúrgica.

O povo, convocado por Deus, se reúne em assembleia, reza ao Pai, pelo Filho, no Espírito Santo. O centro e fundamento da assembleia reunida é a vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo. A Palavra de Deus, contida sobretudo na Sagrada Escritura, expõe a economia da salvação, que tem como eixo o mistério pascal de Jesus Cristo.

A comunidade reunida para celebrar e rezar torna-se o corpo de Cristo. Ela responde à revelação de Deus com a força do Espírito Santo, através de gestos, de palavras, de ritos e/ou ações simbólicas decorrentes da tradição cristã e que, assumidos pela assembleia em oração, aos poucos, vão introduzindo-a no mistério. A assembleia orante, dia após dia, vai adquirindo o jeito de ser de Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo e, certamente, a levará a um maior compromisso com a história concreta.

No que diz respeito à dimensão orante da celebração dominical da Palavra, tudo o que afirmamos sobre a oração litúrgica aplica-se a este jeito de rezar ao redor da Palavra de Deus. Os bispos do Brasil afirmam que: “O roteiro da celebração, da Palavra de Deus, deve ser organizado de tal modo que favoreça a escuta e a meditação da Palavra de Deus, a oração e o compromisso” (CNBB, Doc. 52, n. 55). Os bispos continuam enfatizando que “a celebração possibilite o encontro de comunhão afetivo e efetivo entre Deus e as pessoas, e seja capaz de penetrar as dimensões mais profundas da vida” (CNBB, Doc. 52, n. 55). Para isso, faz-se necessário “respeitar a dinâmica dialogal que tem início em Deus e que provoca a resposta dos fiéis, reunidos em assembleia” (CNBB, Doc. 52, n. 56). Essa não é uma preocupação só dos bispos brasileiros. De um modo geral, é um anseio de toda a Igreja, espalhada pelo

mundo, como percebemos em muitos documentos do magistério citados no Capítulo 3 desta dissertação.

Mesmo havendo certa liberdade nos esquemas ou roteiros da celebração dominical da Palavra de Deus, é importante valorizar o momento da reunião em nome do Senhor, da proclamação e atualização da Palavra, do louvor e da ação de graças e do envio em missão. (CNBB, Doc. 52, n. 54). Não é uma sequência aleatória e, sim, reflete e explicita uma coerência teológico-litúrgica:

O Senhor convida e reúne, o povo atende e se apresenta; o Senhor fala, a assembleia responde professando a fé, suplicando e rezando, louvando e bendizendo. A comunidade com ritos, gestos e símbolos expressa e renova a aliança de Deus com o seu povo e deste com Deus. A assembleia é abençoada e enviada em missão na construção de comunidades vivas. (CNBB, Doc. 52, n. 52 e 54).

Desenvolve-se, desta forma, um verdadeiro diálogo de Deus com seu povo reunido, um colóquio contínuo do Esposo e da Esposa, ou seja, a oração.

A escuta da experiência de pessoas sobre a oração na Celebração da Palavra de Deus, realizada nas comunidades da paróquia N.S. das Graças, revelou pontos positivos em relação à experiência orante dos entrevistados. Porém, algumas dificuldades persistem. Ao trabalharmos os pontos divergentes entre a realidade atual e a Tradição bíblica, teológica e litúrgica procuramos apresentar elementos que ajudam a recuperar a unidade perdida entre a oração comunitária e oração particular, a objetividade da liturgia e a subjetividade do orante, as fórmulas prescritas e a espontaneidade, o ativismo e o silêncio.

Entendemos que a acentuação da dualidade não resolve os problemas, e que é possível solucioná-los. Conscientes de que talvez não seja possível contemplar a totalidade deste problema, despretensiosamente apresentamos elementos para uma possível integração entre esses polos.

As sugestões apresentadas ao longo desse trabalho, e especialmente as do último capítulo, têm o objetivo de contribuir com os agentes que se dedicam a preparar ou exercem ministérios ou serviços na celebração dominical da Palavra de Deus.

A tarefa de tornar as celebrações dominicais da Palavra de Deus mais orantes é de todos(as): ministros e ministras, equipes de liturgia, assembleia celebrante. É um empreendimento perseverante, que nos colocará na busca contínua de caminhos. É preciso sempre mais devolver ao povo o direito de rezar, e esta oração não pode ser uma oração pobre. Também não deverá ser uma oração fria, ritualista e, sim, uma oração onde o orante,

em comunidade, faz uma experiência pessoal, subjetiva da ação pascalizante do Cristo Ressuscitado no Espírito.

A oração é dom de Deus, é ação do Espírito Santo em nós, por isso, precisamos ter sempre uma atitude de abertura, de acolhimento, de receptividade. O Espírito é livre e respeita a nossa liberdade. Portanto, não fechemos a possibilidade de sua atuação em nós e na assembleia celebrante.

REFERÊNCIAS

FONTES BÍBLICAS E PATRÍSTICAS

Fontes bíblicas

BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição. São Paulo: Paulinas, 1989.

BÍBLIA Sagrada edição pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

BÍBLIA tradução ecumênica. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1995.

BÍBLIA do peregrino. Novo Testamento. São Paulo: Paulus, 2000.

Fontes patrísticas

ANTOLOGIA LITÚRGICA. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Secretariado Nacional de Liturgia. GC. Gráfica de Coimbra, 2003.

SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA. Cartas de Santo Inácio de Antioquia: Comunidades eclesiais em formação. Tradução do original grego e notas por Dom Paulo Evaristo Arns. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1978. (Coleção Fontes da Catequese, 3).

DIDAQUÉ. O catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje. São Paulo: Paulinas, 1989.

JUSTINO DE ROMA. I e II Apologias: diálogo com Trifão. São Paulo: Paulus, 1995. (Coleção Patrística, 3).

PEREGRINAÇÃO DE ETÉRIA. Liturgia e catequese em Jerusalém no século IV. Petrópolis: Vozes, 1971. (Fontes da Catequese, 6).

SANTO AGOSTINHO. Comentário aos salmos: (enarrationes in psalmos), salmos 51-100. São Paulo, Paulus, 1997.

TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA. Liturgia e catequese em Roma no século III. Tradução da versão latina e notas por Maria da Glória Novak. Petrópolis: Vozes, 1971. (Fontes da Catequese, 4).

LIVROS E SUBSÍDIOS LITÚRGICOS

CNBB. **Hinário litúrgico:** 1º fascículo, advento, natal, ordinário da missa. 3. ed. ampliada, São Paulo: Paulus, 1994.

CNBB. **Hinário litúrgico:** 3º fascículo, domingos do tempo comum, anos A, B e C. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1991.

CARPANEDO, Penha; GUIMARÃES, Marcelo. **Dia do Senhor:** guia para as celebrações das comunidades, ciclo pascal. São Paulo: Apostolado Litúrgico, 1997.

CARPANEDO, Penha; GUIMARÃES, Marcelo. **Dia do Senhor:** guia para as celebrações das comunidades, ciclo do natal. São Paulo: Apostolado Litúrgico, 1998.

CARPANEDO, Penha; GUIMARÃES, Marcelo. **Dia do Senhor**: guia para as celebrações das comunidades, tempo comum, ano A. São Paulo: Apostolado Litúrgico/Paulinas, 2001.

CARPANEDO, Penha; GUIMARÃES, Marcelo. **Dia do Senhor**: guia para as celebrações das comunidades, tempo comum, ano B. São Paulo: Apostolado Litúrgico, 2000.

CARPANEDO, Penha; GUIMARÃES, Marcelo. **Dia do Senhor**: guia para as celebrações das comunidades, tempo comum, ano C. São Paulo: Apostolado Litúrgico, 2000.

GUIMARÃES, Jésus *et al.* **Celebrando o Dia do Senhor**: Subsídio para as celebrações da Palavra de Deus nas comunidades; Ciclo do Natal ABC. São Paulo: Paulus, 2011.

GUIMARÃES, Jésus *et al.* **Celebrando o Dia do Senhor**: Subsídio para as celebrações da Palavra de Deus nas comunidades; Ciclo Pascal ABC. São Paulo: Paulus, 2012.

GUIMARÃES, Jésus *et al.* **Celebrando o Dia do Senhor**: Subsídio para as celebrações da Palavra de Deus nas comunidades; Tempo Comum ABC. São Paulo: Paulus, 2012.

OFÍCIO DIVINO DAS COMUNIDADES: **salmos e cânticos bíblicos**. São Paulo: Paulus, 2001.

OFÍCIO DIVINO DAS COMUNIDADES: **suplemento 1 – refrãos meditativos**. São Paulo: Apostolado Litúrgico, 1999.

PAULO VI. **Lecionário dominical**: A-B-C. São Paulo: Paulinas; São Paulo: Paulus, 1994.

PAULO VI. **Missal Romano**. São Paulo: Paulinas; Petrópolis: Vozes, 1992.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Ritual da sagrada comunhão e culto do mistério eucarístico fora da missa**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1980.

SECRETARIADO DIOCESANO DE RIO DO SUL. **Culto dominical ano A**: para as comunidades onde não há possibilidade de celebrar a eucaristia. São Paulo: Paulinas, 1974.

VELOSO, Reginaldo. Bênção da refeição fraterna. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 25, n. 148, p. 35, jul./ago. 1998.

VELOSO, Reginaldo. Para celebrar com multidões. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 25, n. 142, p. 33-4, jul./ ago. 1997.

VELOSO, Reginaldo. **No dia do Senhor... A ceia do Senhor**: uma proposta para a celebração da ceia do Senhor nas comunidades eclesiais de base. Recife: Revelações, Consultoria e Produções culturais s/c Ltda, s/d. (Mimeografado).

VVAA. **Ofício divino das comunidades**. 3.ed. (repaginada com suplemento), São Paulo: Paulus, 2018.

DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO

Documentos do magistério universal da Igreja

A ORAÇÃO do Senhor: “Pai-Nosso!” In: **CATECISMO da Igreja Católica**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas; São Paulo: Loyola; São Paulo: Ave-Maria, 1993. n. 2759-2865.

A ORAÇÃO na vida cristã. In: **CATECISMO da Igreja Católica**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas; São Paulo: Loyola; São Paulo: Ave-Maria, 1993. n. 2558-2758.

BENTO XVI. **Verbum domini**: sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. Exortação Apostólica Pós-Sinodal, 2.ed., São Paulo: Paulinas, 2010.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Ad Gentes*: decreto sobre a atividade missionária da Igreja. In: **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**: 1962-1965. São Paulo: Paulus, 1997. p. 431-489. (Coleção Documentos da Igreja).

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Dei Verbum*: constituição dogmática sobre a revelação divina. In: **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**: 1962-1965. São Paulo: Paulus, 1997. p. 347-367. (Coleção Documentos da Igreja).

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**: 1962-1965. São Paulo: Paulus, 1997. 733 p. (Coleção Documentos da Igreja).

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Lumen Gentium*: constituição dogmática sobre a Igreja. In: **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**: 1962-1965. São Paulo: Paulus, 1997. p. 101-198. (Coleção Documentos da Igreja).

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Presbyterorum Ordinis*: decreto sobre o ministério e a vida dos presbíteros. In: **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**: 1962-1965. São Paulo: Paulus, 1997. p. 491-538. (Coleção Documentos da Igreja).

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Sacrosanctum Concilium**: constituição sobre a sagrada liturgia. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1967.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Celebrações dominicais na ausência do presbítero**. Petrópolis: Vozes, 1989. p. 5-24. (Documentos Pontifícios, 224).

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO e DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Diretório sobre a piedade popular e liturgia**: princípios. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2008. (Documentos da Igreja, 12).

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO e DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Instrução geral sobre a liturgia das horas**. 2. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas; São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1984.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO e DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Ordo Lectionum Missae**. A palavra de Deus na missa. São Paulo: Paulinas, 1985.

FRANCISCO. **Aperuit illis**: com a qual se institui o domingo da Palavra de Deus. Carta Apostólica em forma de *Motu Proprio*. Brasília: Edições CNBB, 2019. (Documentos Pontifícios, 41).

FRANCISCO. **Querida Amazônia**: ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade. Exortação Apostólica Pós-Sinodal. São Paulo: Paulinas, 2020. (Coleção a voz do papa, 209).

FRANCISCO. **Spiritus Domini**: sobre a modificação do Cân. 230 § 1 do Código de Direito Canônico acerca do acesso das pessoas do sexto feminino ao ministério instituído do leitorado e do acolitado. Carta Apostólica sob a forma de *Motu Proprio*. Brasília: Edições CNBB, 2021. (Documentos Pontifícios, 46).

INSTRUÇÃO Geral sobre o Missal Romano: reunidos em nome de Cristo. São Paulo: Paulinas, 1981.

JOÃO PAULO II. *Dies Domini*: ao episcopado, ao clero e aos fiéis da Igreja católica sobre a santificação do Domingo. Carta Apostólica, 6ª ed., São Paulo: Paulinas, 2007. (Coleção a Voz do Papa, 158).

PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi*. In: **Documentos de Paulo VI**. São Paulo: Paulus, 1997. p. 379-457. (Coleção Documentos da Igreja).

PAULO VI. *Marialis Cultus*. In: **Documentos de Paulo VI**. São Paulo: Paulus, 1997. p. 320-378. (Coleção Documentos da Igreja).

PIO XII. *Mediator Dei*. In: **Documentos de Pio XII (1939-1958)**. São Paulo: Paulus, 1999. p. 288-370. (Documentos da Igreja).

SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS. *Eucharisticum Mysterium*: Instrução sobre o culto do mistério eucarístico. São Paulo: Paulinas, 1967. (Coleção Voz do Papa, 53).

SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS. *Instrução Inter Oecumenici*: normas para executar a constituição da sagrada liturgia. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1965, (Documentos Pontifícios, 148).

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Immensae caritatis*: instrução para facilitar a comunhão sacramental. São Paulo: Paulinas, 1973. (Coleção a Voz do Papa, 81).

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Instrução Fidei Custos*: sobre os ministros extraordinários da administração da santa comunhão. In: **SEDOC – Serviço de Documentação**. Petrópolis: Vozes, v. 2, n. 8, p. 962-964, fev. 1970.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO *Instrução geral Liturgicae Instaurationis*. In: **SEDOC – Serviço de Documentação**. Petrópolis: Vozes, v. 3, n.32, p. 826-835, jan. 1971.

SÍNODO DOS BISPOS. **Amazônia**: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral. Assembleia Especial para a região Pan-Amazônica. Documento final, Brasília: Edições CNBB, 2019.

Documentos do CELAM

CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. **A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio**: conclusões de Medellín. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1977.

CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINOAMERICANO. **Evangelização no presente e no futuro da América Latina**: conclusões da III conferência geral do Episcopado Latino-Americano. Puebla. São Paulo: Paulinas, 1979.

CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. **Nova evangelização, promoção humana e cultura cristã**: Santo Domingo, conclusões. São Paulo: Loyola, 1992.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida:** Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe – 13-31 de maio de 2007. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulus; Paulinas, 2007.

Documentos da CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Animação da vida litúrgica no Brasil.** São Paulo: Paulinas, 1989. (Documentos da CNBB, 43).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Celebração da Palavra de Deus:** subsídio para as comunidades. São Paulo: Paulus, 1995. (Subsídios da CNBB, 3).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Discípulos e servidores da Palavra de Deus na missão da Igreja.** São Paulo: Paulinas, 2012. (Documentos da CNBB, 97)

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Liturgia, 20 anos de caminhada pós-conciliar.** São Paulo: Paulinas, 1986. (Estudos da CNBB, 42).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Ministério e Celebração da Palavra.** Brasília: Edições CNBB, 2019. (Documentos da CNBB, 108).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Missão e ministérios dos leigos e leigas cristãos:** o serviço à vida e à esperança. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1998. (Estudos da CNBB, 77).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Orientações para a celebração da Palavra de Deus.** São Paulo: Paulinas, 1994. (Documentos da CNBB, 52).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Rumo ao novo milênio: projeto de evangelização da Igreja no Brasil em preparação ao grande jubileu do ano 2000.** 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1996. (Documentos da CNBB, 56).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **7º Plano bienal dos organismos nacionais:** 1983/1984. São Paulo: Paulinas, 1983. (Documentos da CNBB, 29).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **9º Plano bienal dos organismos nacionais:** 1987-1988. São Paulo: Paulinas, 1987. 218 p. (Documentos da CNBB, 39).

Documentos da Diocese de Osasco

DIOCESE DE OSASCO. **Conselho diocesano de pastoral.** Subsídio, s/d (a).

DIOCESE DE OSASCO. **4º Plano diocesano de pastoral:** 2001-2004. Subsídio da Diocese de Osasco, Osasco, s/d (b).

ESTUDOS

Dicionários

AUGÉ, Matias. Eucologia. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (Org.). **Dicionário de liturgia.** São Paulo: Paulinas; Lisboa: Paulistas, 1992. p. 415-423.

- AUGRAIN, Charles. Ouvir. In: LÉON-DUFOUR, Xavier (Org.). **Vocabulário de teologia bíblica**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- BEAUCHAMP, Paul. Oração. In: LÉON-DUFOUR, Xavier (Org.). **Vocabulário de teologia bíblica**. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 677-684.
- BERNARD, Charles André. Contemplação. In: FIORES, Stefano de; GOFFI, Tullo (Org.). **Dicionário de espiritualidade**. São Paulo: Paulinas; Lisboa: Paulistas, 1989. p. 184-193.
- BRANDOLINI, Lucas. Domingo. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (Org.). **Dicionário de liturgia**. São Paulo: Paulinas; Lisboa: Paulistas, 1992. p. 305-318.
- CALATI, Benedetto. Palavra de Deus. In: FIORES, Stefano de; GOFFI, Tullo (Org.). **Dicionário de espiritualidade**. São Paulo: Paulinas; Lisboa: Paulistas, 1989. p. 887-899.
- CANALS CASAS, J. M. Oração - Oração litúrgica. In: RODRÍGUEZ, Angel Aparício; CANALS CASAS, J. M. (Org.). **Dicionário teológico da vida consagrada**. São Paulo: Paulus, 1994. p. 759-770.
- CASTELLANO, Jesus. Oração e liturgia. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (Org.). **Dicionário de liturgia**. São Paulo: Paulinas; Lisboa: Paulistas, 1992. p. 814-826.
- CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa**, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982, p. 563.
- CUVA, Armando. Assembleia. SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (Org.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulinas; Lisboa: Paulistas, 1992. p. 94-103.
- FERNANDEZ, Pedro. Celebraciones de la Palabra. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (Org.). **Nuevo diccionario de liturgia**. Madri: Paulinas, 1989. p. 353-373.
- FEVILLET, André; GRELOT, Pierre. Palavra de Deus. In: LÉON-DUFOUR, Xavier (Org.). **Vocabulário de teologia bíblica**. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 700-707.
- FRAINE, Jean de; VANHOYE, Albert. Coração. In: LÉON-DUFOUR, Xavier (Org.). **Vocabulário de teologia bíblica**. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 174-177.
- GALOPIN, Pierre-Marie; GUILLET, Jacques. Buscar. In: LÉON-DUFOUR, Xavier (Org.). **Vocabulário de teologia bíblica**. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 114-116.
- GALOPIN, Pierre-Marie; GUILLET, Jacques. Desejo. In: LÉON-DUFOUR, Xavier (Org.). **Vocabulário de teologia bíblica**. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 212-215.
- GAMARRA, José. Oração. In: PIKAZA, O de M.; SILANES, Nereo (Org.). **Dicionário teológico: o Deus cristão**. São Paulo: Paulus, 1998. p. 625-632.
- GARCIA MONJE, José Antonio. Oração - Pedagogia da oração. In: RODRÍGUEZ, Angel Aparício; CANALS CASAS, J. M. (Org.). **Dicionário teológico da vida consagrada**. São Paulo: Paulus, 1994. p. 770-779.
- GIBLET, Jean; GRELOT, Pierre. Aliança. In: LÉON-DUFOUR, Xavier (Org.). **Vocabulário de teologia bíblica**. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 25-34.
- GRELOT, Pierre. Paráclito. In: LÉON-DUFOUR, Xavier (Org.). **Vocabulário de teologia bíblica**. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 714-716.

GUERRA, Augusto. Oração – Aspectos teológicos. In: RODRÍGUEZ, Angel Aparício; CANALS CASAS, J. M. (Org.). **Dicionário teológico da vida consagrada**. São Paulo: Paulus, 1994. p. 750-779.

GUERRA, Augusto. Experiência cristã. In: FIORES, Stefano de; GOFFI, Tullo (Org.). **Dicionário de espiritualidade**. São Paulo: Paulinas; Lisboa: Paulistas, 1989, p. 388-393.

GUILLET, Jacques. Bênçãos. In: LÉON-DUFOUR, Xavier (Org.). **Vocabulário de teologia bíblica**. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 103-109.

HARING, B. Oração. In: FIORES, Stefano de; GOFFI, Tullo (org.). **Dicionário de espiritualidade**. São Paulo: Paulinas; Lisboa: Paulistas, 1989, p. 841-848.

LACAN, Marc-François. Confiança. In: LÉON-DUFOUR, Xavier (Org.). **Vocabulário de teologia bíblica**. Petrópolis: Vozes, 1977. p.160-162.

LACAN, Marc-François. Culto. In: LÉON-DUFOUR, Xavier (Org.). **Vocabulário de teologia bíblica**. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 199-204.

LACAN, Marc-François. Piedade. In: LÉON-DUFOUR, Xavier (Org.). **Vocabulário de teologia bíblica**. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 772-775.

LÉON-DUFOUR, Xavier. Joelho. In: **Vocabulário de teologia bíblica**. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 487-488.

MACKENZIE, John L. Oração. In: **Dicionário Bíblico**. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 668-671.

MAGGIONI, Bruno. Experiência espiritual na Bíblia. In: FIORES, Stefano de; GOFFI, Tullo (Org.). **Dicionário de espiritualidade**. São Paulo: Paulinas; Lisboa: Paulistas, 1989. p. 394-432.

MAGGIONI, G. Preghiera In: ROSSANO, Pietro; RAVASI, Gianfranco; GIRLANDA, Antonio (Org.). **Nuovo Dizionario di Teologia Biblica**. Torino: Paoline, 1988. p. 1216-1231.

MARTÍN, López Julian. Adoração. In: PIKAZA, O de M.; SILANES, Nereo (Org.). **Dicionário teológico: o Deus cristão**. São Paulo: Paulus, 1998. p. 3-6.

MARTÍN, López Julian. Devociones y liturgia. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (Org.). **Nuevo Diccionario de liturgia**. Madri: Paulinas, 1989, 562-581.

MARSILI, Salvatore. Liturgia. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (Org.). **Dicionário de liturgia**. São Paulo: Paulinas; Lisboa: Paulistas, 1992. p. 638-651.

MOLLAT, Donatien. Glória. In: LÉON-DUFOUR, Xavier (Org.). **Vocabulário de teologia bíblica**. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 380-385.

MOTTE, René e LACAN, Marc-François. Moisés. In: LÉON-DUFOUR, Xavier (Org.). **Vocabulário de teologia bíblica**. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 608-611.

PETRAZZINI, Maria Luísa. Formação litúrgica. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (Org.). **Dicionário de liturgia**. São Paulo: Paulinas; Lisboa: Paulistas, 1992. p. 480-495.

PINKUS, Lúcio. Psicologia. In: SARTORE, Domenico, TRIACCA, Achille M. (Org.). **Dicionário de liturgia**. São Paulo: Paulinas; Lisboa: Paulistas, 1992. p. 977-982.

- RIDOUARD, André; GUILLET, Jacques. Ação de graças. In: LÉON-DUFOUR, Xavier (Org.). **Vocabulário de teologia bíblica**. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 6-9.
- RIDOURD, André. Louvor. In: LÉON-DUFOUR, Xavier (Org.). **Vocabulário de teologia bíblica**. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 534-538.
- RIDOURD, André. Silêncio. In: LÉON-DUFOUR, Xavier (Org.). **Vocabulário de teologia bíblica**. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 974-975.
- ROY, Léon. Pobres. In: LÉON-DUFOUR, Xavier (Org.). **Vocabulário de teologia bíblica**. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 782-786.
- RUFFINI, Eliseo. Exercícios de piedade. In: FIORES, Stefano de; GOFFI, Tullo (Org.). **Dicionário de espiritualidade**. São Paulo: Paulinas; Lisboa: Paulistas, 1989. p. 372-379.
- SARTORE, Domenico. Assembleias sem presbítero. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (Org.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulinas; Lisboa: Paulistas, 1992a. p. 104-108.
- SARTORE, Domenico. Silêncio. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (Org.). **Dicionário de liturgia**. São Paulo: Paulinas; Lisboa: Paulistas, 1992b. p. 1135-1142.
- SCHALLER, Hans. Oração. In: EICHER, Peter (Org.). **Dicionário de conceitos fundamentais de teologia**. São Paulo: Paulus, 1993. p. 594-597.
- SCHÖNWEISS, H. Preghiera. In: COENEN, L.; BEYREUTHER, E.; BIETENHARD, H. (Org.). **Dizionario dei concetti biblici del Nuovo Testamento**. Bologna: EDB, 1986. p. 1388-1405.
- SESBOÜÉ, Daniel; GUILLET, Jacques. Comunhão. In: LÉON-DUFOUR, Xavier (Org.). **Vocabulário de teologia bíblica**. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 157-159.
- TERRIN, Aldo Natal. Antropologia cultural. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (Org.). **Dicionário de liturgia**. São Paulo: Paulinas; Lisboa: Paulistas, 1992. p. 63-79.
- TERRIN, Aldo Natal; CASTELLANO, Jesus. Religiosidade popular e liturgia. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (Org.). **Dicionário de liturgia**. São Paulo: Paulinas; Lisboa: Paulistas, 1992. p. 1006-1021.
- THOMAS, Charles. Amém. In: LÉON-DUFOUR, Xavier (Org.). **Vocabulário de teologia bíblica**. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 42-43.
- TRIACCA, Achille M. Espírito Santo. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (Org.). **Dicionário de liturgia**. São Paulo: Paulinas; Lisboa: Paulistas, 1992. p. 359- 370.
- VAULX, Jules de; GUILLET, Jacques. Adoração. In: LÉON-DUFOUR, Xavier (Org.). **Vocabulário de teologia bíblica**. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 13-15.
- VIARD, André-Alphonse; DUPLACY, Jean. Mediador. In: LÉON-DUFOUR, Xavier (Org.). **Vocabulário de teologia bíblica**. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 563-569.

Livros

ABREU, Elza Helena; BUYST, Ione. Preliminares: conceituação. In: CENTRO DE LITURGIA. **Formação litúrgica, como fazer?** São Paulo: Paulus, 1994. p. 9-13 (Cadernos de liturgia, 3).

ALDAZÁBAL, José. **A mesa da Palavra I: Elenco das leituras da missa.** São Paulo: Paulinas, 2007.

ALDAZÁBAL, José. Domingo, dia do Senhor. In: BOROBIO, Dionísio (Org.). **A celebração na Igreja: ritmos e tempos,** São Paulo: Loyola, 2000. v. 3, p. 67-91.

ALMEIDA, A.J. **Novos ministérios: a necessidade de um salto à frente.** São Paulo: Paulinas, 2013.

AUGÉ, Matias. **Domingo: festa primordial dos cristãos.** São Paulo: Ave Maria, 2000.

AZEVEDO, Marcelo de Carvalho. **Oração na vida, desafio e dom.** 2. ed. São Paulo: Loyola, 1987. (Temas de espiritualidade, 9).

BAILLARGEON, Gaétan. As assembleias dominicais na ausência de sacerdote no Canadá. In: BROUARD, Maurice (org.). **Eucharistia: enciclopédia da eucaristia.** São Paulo: Paulus, 2006, p. 709-710.

BARONTO, Luiz Eduardo Pinheiro. **Laboratório litúrgico: pela inteireza do ser na vivência ritual.** São Paulo: Salesianas, 2000.

BARONTO, Luiz Eduardo Pinheiro. **Preparando passo a passo a celebração: um método para as equipes de celebração das comunidades.** São Paulo: Paulus, 1997. (Celebrar a fé e a vida, 3).

BECKHÄUSER, Alberto. O domingo. In: **Celebrar a vida cristã.** Petrópolis: Vozes, 1985. p. 191-194.

BERGAMINI, Augusto. Domingo. In: **Cristo, festa da Igreja: história, teologia, espiritualidade e pastoral do ano litúrgico.** São Paulo: Paulinas, 1994. p. 112-140.

BOFF, Leonardo. **Eclesiogênese: as comunidades eclesiais de base reinventam a Igreja.** Petrópolis: Vozes, 1977.

BORÓBIO, Dionísio. **História e Teologia comparada dos sacramentos: o princípio da analogia sacramental.** São Paulo: Ave-Maria/Loyola, 2017.

BOSELLI, Goffredo. **O sentido espiritual da liturgia.** Brasília: Edições CNBB, 2014.

BRULIN, Monique. As assembleias dominicais na ausência de sacerdote na França. In: BROUARD, Maurice (org.). **Eucharistia: enciclopédia da eucaristia.** São Paulo: Paulus, 2006, p. 713-715.

BUYST, Ione. **A Palavra de Deus na liturgia.** São Paulo: Paulinas, 2001 [a]. (Coleção Rede CELEBRA, 1).

BUYST, Ione. **Celebração do domingo ao redor da Palavra de Deus.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1990 [a]. (Equipe de Liturgia, 5).

BUYST, Ione. **Como estudar liturgia**: princípios de ciência litúrgica. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1990 [b].

BUYST Ione. **Cristo ressuscitou**. Meditação litúrgica com um hino pascal. São Paulo: Paulus, 1995.

BUYST, Ione. **Homilia**: partilha da Palavra. São Paulo: Paulinas, 2001 [b]. (Coleção Rede CELEBRA, 3).

BUYST, Ione. **Liturgia, de coração**: espiritualidade da celebração. Petrópolis: Vozes, 1994 [a]. (Equipe de Liturgia, 6).

BUYST, Ione. O lugar das emoções e dos sentimentos na liturgia. In: CENTRO DE LITURGIA. **Liturgia e subjetividade**. São Paulo: Paulus, 1998. p. 39-45. (Cadernos de Liturgia, 9).

BUYST, Ione. **Pesquisa em liturgia**: relato e análise de uma experiência. São Paulo: Paulus, 1994 [b].

BUYST, Ione; CARDOSO, Ernesto. Liturgia cristã. In: BEOZZO, José Oscar. **Curso de Verão**. 2. ed. São Paulo: CESEP; São Paulo: Paulinas, 1990, v. 1, p. 49-64.

CANALS, CASAS, J. M. Liturgia e metodologia. In: BORÓBIO, Dionísio (Org.). **A celebração na Igreja**: liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo: Loyola, 1990. v. 1, p. 25-36.

CASTELLANO, Jesús. **Liturgia e vida espiritual**: teologia, celebração, experiência. São Paulo: Paulinas, 2008.

CENTRO DE LITURGIA. **Curso de especialização em liturgia**: uma experiência universitária significativa. São Paulo: Paulus, 1995. (Cadernos de Liturgia, 4).

CENTRO DE LITURGIA. **Formação litúrgica**: como fazer? São Paulo: Paulus, 1994. (Cadernos de Liturgia, 3).

CENTRO DE LITURGIA. **Liturgia e cultura dos oprimidos no meio urbano**. São Paulo: Paulinas, 1993. (Cadernos de Liturgia, 2).

CENTRO DE LITURGIA. **Liturgia e subjetividade**. São Paulo: Paulus, 1998. (Cadernos de Liturgia, 9).

CHUPUNGO, Anscar. J. **Liturgias do futuro**: processos e métodos de inculturação. São Paulo: Paulinas, 1992.

CNBB. **Liturgia**: epifania de Deus. Brasília: Edições CNBB, 2014 (Coleção 50 anos da *Sacrosanctum Concilium*).

CORBON, Jean. **Liturgia de fonte**. São Paulo: Paulinas, 1981.

DEISS, Lucien. **A palavra de Deus celebrada**: teologia da celebração da palavra de Deus. Petrópolis: Vozes, 1998.

DE ZAN, Renato. **Os múltiplos tesouros da única Palavra**: Introdução ao Lecionário e à leitura litúrgica da Bíblia. Petrópolis: Vozes, 2015.

DI SANTE, Carmine. **Israel em oração**: as origens da liturgia cristã. São Paulo: Paulinas, 1989.

DI SANTE, Carmine. **Liturgia Judaica**: fontes, estrutura, orações e festas. São Paulo: Paulus, 2004.

DUFOUR, Xavier Léon. A palavra sobre a memória. In: DUFOUR, Xavier Léon. **O partir do pão eucarístico segundo o Novo Testamento**. São Paulo: Loyola, 1984. p. 120-136.

FABRIS, Rinaldo. **A oração na Bíblia**. São Paulo: Loyola, 1992. (Coleção Temas de Espiritualidade, 21).

FARNÉS, Pedro. **A mesa da Palavra II**: leitura da Bíblia no ano litúrgico. São Paulo: Paulinas, 2007.

FELÍCIO, Gílio; GRANDI, Nelson. Conclusão: síntese da 5. semana de liturgia. In: CENTRO DE LITURGIA. **Liturgia e cultura dos oprimidos no meio urbano**. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 56-62. (Cadernos de Liturgia, 2).

FLORISTÁN, Casiano. Pastoral litúrgica. In: BORÓBIO, Dionísio (Org.). **A celebração na Igreja**: liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo: Loyola, 1990. v. 1, p. 425-461.

GALILÉIA, Segundo. **Contemplação e engajamento**. São Paulo: Paulinas, 1976. 106 p.

GELINEAU, Joseph. **Em vossas assembleias**: sentido e prática da celebração litúrgica. 2. ed. São Paulo: Paulinas, v. 1, 1975.

GONZÁLEZ, J. L.; BRANDÃO, C. R.; IRARRÁZAVAL, D. **Catolicismo popular**: história, cultura e teologia. Petrópolis: Vozes, 1993. (Coleção Teologia da Libertação).

GUARDINI, Romano. **Introdução à vida de oração**. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.

HAMMAN, Adalbert. **Manual da oração cristã**. São Paulo: Paulinas, 1992.

HAMMAN, Adalbert. **Orações dos primeiros cristãos**. São Paulo: Paulinas, 1985. (Coleção "A oração dos pobres").

HEINZ, Andrea. Celebrações dominicais na ausência de sacerdote nas regiões de língua alemã. In: BROUARD, Maurice (org.). **Eucharistia**: enciclopédia da eucaristia. São Paulo: Paulus, 2006, p. 703-705.

HUGHES, Kathleen. Assembleias dominicais na ausência de sacerdote: justificação teológica e pastoral. In: BROUARD, Maurice (org.). **Eucharistia**: enciclopédia da eucaristia. São Paulo: Paulus, 2006, p. 699-702.

HUGHES, Kathleen. Serviço dominical presidido por leigos nos Estados Unidos. In: BROUARD, Maurice (org.). **Eucharistia**: enciclopédia da eucaristia. São Paulo: Paulus, 2006, p. 711-712.

JUNGSMANN, Josef Andreas. Las lecciones. In: **Misa**: el sacrificio de la misa, tratado histórico – litúrgico. 2. ed. Madri: Editorial Herder, La Editorial Católica. S.A. 1953, p. 500-624.

JUNGSMANN, Josef Andreas. **Die liturgische Feier**. Regensburg: Fr. Pustet, 1939. p. 55-57 (Traduzido por Gregório Lutz).

KÉMÉRER, Jorge. Celebração da Palavra de Deus sem sacerdote. In: BARAÚNA, Guilherme. **A sagrada liturgia, renovada pelo Concílio**: estudos e comentários em torno da constituição litúrgica do Concílio Vaticano II. Petrópolis: Vozes, 1964. p. 507-514.

LUTZ, Gregório. **Celebrar em espírito e verdade**: elementos de uma teologia litúrgica. São Paulo: Paulus, 1997.

LUTZ, Gregório. **Vamos celebrar**. São Paulo: Paulus, 1996.

MALDONADO, Luis; FERNANDEZ, Pedro. A celebração litúrgica: fenomenologia e teologia da celebração. In: BOROBIO, Dionísio (Org.). **A celebração na Igreja**: liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo: Loyola, 1990. v. 1, p.161-282.

MALDONADO, Luis. **A homilia**: pregação, liturgia, comunidade. São Paulo: Paulus, 1997.

MARASCHIN, Jaci. **A beleza da santidade**: ensaios de liturgia. São Paulo: Aste, 1996.

MARTÍN, López Julian. A liturgia, os exercícios de piedade e a oração. In: **No Espírito e na verdade**: introdução antropológica à liturgia. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 359-395.

MARTIMORT, Aimé Georges. **A Igreja em oração**: introdução à liturgia. Petrópolis: Vozes, v. 1, 1988.

MARTIMORT, Aimé Georges. **A Igreja em oração**: introdução à liturgia, a eucaristia. Petrópolis: Vozes, v. 2, 1989.

MARSILI, Salvatore. Liturgia e não-liturgia. In: VVAA. **A liturgia, momento histórico da salvação**. São Paulo: Paulinas, 1987. p. 167-190. (Coleção Anámnese, 1).

MORENO, Jacob, L. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 1975.

MORENO, Jacob, L. **Fundamentos do psicodrama**. São Paulo: Sumos Editorial, 1983.

ORMONDE, Domingos. Laboratório litúrgico: o que é, como se faz, por quê? In: CENTRO DE LITURGIA. **Formação litúrgica**: como fazer? São Paulo: Paulus, 1994. p. 36-41. (Cadernos de liturgia, 3).

PRONZATO, Alessandro. **Apetece-me rezar**. Porto: Perpétuo Socorro, 1974.

RIZZINI, Irma; RABELLO DE CASTRO, Monica; SARTOR, Carla Daniel. **Pesquisando**: guia de metodologias de pesquisa para programas sociais. Rio de Janeiro: Ed. Universitária Santa Úrsula, 1999.

ROONEY, Marcel. O domingo. In: VVAA. **O ano litúrgico**: história, teologia e celebração. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 67-94. (Coleção Anámnese, 5).

ROY, Anne. Assembleias dominicais na ausência de sacerdote em região rural do nordeste do Brasil. In: BROUARD, Maurice (org.). **Eucharistia**: enciclopédia da eucaristia. São Paulo: Paulus, 2006, p. 707-708.

SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. **O livro do leitor**, 2.ed., Fátima: Artipol – Artes Gráficas, 2015.

SILVA, José Ariovaldo da. Crescimento das pessoas na experiência de fé e liturgia: simples apontamentos para a reflexão. In: CENTRO DE LITURGIA. **Liturgia e subjetividade**. São Paulo: Paulus, 1998 [a], p. 22-25. (Cadernos de Liturgia, 9).

SILVA, José Ariovaldo da. **O domingo páscoa semanal dos cristãos**: elementos de espiritualidade dominical para as equipes de liturgia e o povo em geral. São Paulo: Paulus, 1998 [b].

SOUZA, Marcelo Barros. **Celebrar o Deus da vida**: tradição litúrgica e inculturação. São Paulo: Loyola, 1992.

SOUZA, Marcelo Barros. **E a vida vira oração**. São Paulo: Paulinas, 1983.

SOUZA, Marcelo Barros. **Seu louvor em nossos lábios**: a oração nas comunidades populares. São Paulo: Paulinas, 1986.

SOUZA, Marcelo Barros; GUIMARÃES, Marcelo. **A oração cristã**: conversando com catecismo sobre a oração. Petrópolis: Vozes, 1995. (Coleção Novo Catecismo, subsídios para estudo).

TEIXEIRA, Faustino. **A gênese das ceb's no Brasil**: elementos explicativos. São Paulo: Paulinas, 1988.

VELOSO, Reginaldo. Três palavras de Jesus. Ou seja, o clamor litúrgico da periferia. In: SILVA, José Ariovaldo da; SIVINSKI, Marcelino (Org.). **Liturgia**: um direito do povo. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 238-245.

ZAVAREZ, Maria de Lourdes. **Romeiros de Trindade a caminho da Trindade**. São Paulo: Paulinas, 2002.

Revistas

ALDAZÁBAL, José. La liturgia de la palabra educa al pueblo de Dios. **Phase**, Barcelona, v. 27, n. 160, p. 339-342, jul./ago. 1987.

ALDAZÁBAL, José. Los religiosos, comunidade orante. **Phase**, Barcelona, v. 26, n. 54, p. 331-345, jul./ago. 1986.

ALDAZÁBAL, José. Una liturgia que enseñe a orar. **Phase**, Barcelona, v. 33, n. 197, p. 355-359, sep./oct. 1993.

ÁLVAREZ GONZÁLEZ, Luis Fernando. El misterio de Cristo en el centro de la celebración. **Phase**, Barcelona, v. 53, n. 313, p. 9-20, ene./feb. 2013.

AROCENA, Félix Maria. Aprender a orar con la liturgia. **Phase**, Barcelona, v. 51, n. 304, p. 417-424, jul./ago. 2011.

ASSOCIAÇÃO DOS LITURGISTAS DO BRASIL. Subjetividade e liturgia. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 24, n. 141, p. 31-34, maio/jun. 1997.

BASURKO, Xabier. La eucaristia como escuela de oración. **Phase**, Barcelona, v. 33, n. 197, p. 385-396, sep./oct. 1993.

BATISTA, Mauro. Liturgia e religião popular. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 20, n. 60, p. 1-5, nov./dez. 1983.

BAUZIN, Jean. Presidência na liturgia. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 26, n. 152, p. 4-6, mar./abr. 1999.

- BELLA VISTA, Joan. La oración de los fieles. **Phase**, Barcelona, v. 28, n. 165-166, p. 261-270, mayo/ ago. 1988.
- BERNAL, J.M. La celebración litúrgica como experiencia íntima de Dios. **Phase**, Barcelona, v. 19, n. 114, p. 473-493, nov./ dic. 1979.
- BESRET, Bernard. A oração: polifonia de expressões. **Concilium**, Petrópolis, Vozes, n. 79, p. 1178-1185, 1972/9.
- BIANCHI, Enzo. Contestações da oração em nossos dias. **Concilium**, Petrópolis, Vozes, n. 229, p. 58-73, 1990/3.
- BISPOS DE CATALUÑA. La liturgia fuente de la vida espiritual. **Cuadernos Phase**, Barcelona, n. 52, p. 3-10, mar. 1994.
- BOMMER, Josef. A oração de petição e intercessão tem algum sentido? **Concilium**, Petrópolis, Vozes, n. 79, p. 1186-1197, 1972/2.
- BOROBIO, Dionísio. La liturgia, escuela de oración. **Phase**, Barcelona, v. 33, n. 197, p. 361-372, sep./oct. 1993.
- BOROS, Ladislaus. Os pressupostos da oração cristã. **Concilium**, Petrópolis, Vozes, n. 79, p. 1168-1177, 1972/9.
- BRAND, Marcos. Oração litúrgica. **Teocomunicação. Revista Trimestral de Teologia**, Porto Alegre, v. 12, n. 58, p. 375-384, dez. 1982.
- BRANDÃO, Patrick. Ministérios leigos instituídos na Igreja. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 48, n. 284, p. 4-7, mar./abr. 2021.
- BRIGHENTI, Agenor. A Igreja católica na América Latina na aurora do terceiro milênio: desafios e perspectivas. **Convergência**, Rio de Janeiro, CRB, v. 34, n. 325, p. 395-413, set. 1999.
- BUYST, Ione. Liturgia, acontecimento teológico. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 16, n. 95, p. 138-150, set./out. 1989.
- BUYST, Ione. Liturgia no documento de Medellín. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 21, n. 62, p. 2-9, mar./abr. 1984.
- BUYST, Ione. O leitor e a proclamação da palavra nas celebrações do povo de Deus. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 6, n. 33, p. 2-9, maio/jun. 1979.
- BUYST, Ione. Presidir a ação de graças e a partilha. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 25, n. 150, p. 28-33, nov./dez. 1998.
- CALDUCH-BENAGES. Exégesis, teología y hermenéutica bíblica en la “Verbum Domini”. **Phase**, Barcelona, v. 51, n. 302, p. 109-121, mar./abr. 2011.
- CALIMAN, C. O desafio pentecostal: aproximação teológica. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 28, n. 76, p. 295-308, set./out. 1996.
- CANALS CASAS, J. M. La celebración de la Palabra. **Phase**, Barcelona, v. 49, n. 237-238, p. 235-245, mayo/ago. 2000.

CAPRIOLI, Adriano. Preghiera cristiana e liturgia. In: VVAA. *Mysterion: nella celebrazione del mistero di Cristo la vita della Chiesa*. **Quaderni di Rivista Litúrgica**, Torino, Elle Di Ci, n. 5, p. 457-483, 1981.

CARPANEDO, Penha. A liturgia como método de oração. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 26, n. 154, p. 31-32, jul./ago. 1999.

CARPANEDO, Penha. Espiritualidade litúrgica. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 23, n. 135, p. 27-31, nov./dez. 1996.

CARPANEDO, Penha. Ofício divino das comunidades: 10 anos de caminhada. **Revista de Liturgia**, v. 25, n. 150, p. 34, nov./dez. 1998 [a].

CARPANEDO, Penha. O serviço da presidência leiga nas assembleias dominicais. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 25, n. 150, p. 4-7, nov./dez. 1998 [b].

CARPANEDO, Penha. Preparação de uma celebração. **Revista de liturgia**. São Paulo, v. 19, n. 111, p.72-74, maio/jun. 1992.

CARPANEDO, Penha; ORMONDE, Domingos. Um rito necessário. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 18, n. 106, p. 124-129, jul./ago. 1991.

CARPANEDO, Celso. "Liturgia, berço da Palavra viva". **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 28, n. 167, p. 4-6, set./out. 2001.

CASTELLANO, Jesus. La oración cristiana: cuarta parte del catecismo; una exposición desde la perspectiva litúrgica. **Phase**, Barcelona, v. 33, n. 194, p. 137-151, mar./abr. 1993.

CASTELLANO, Jesus. Una espiritualidad del domingo: teología, mistagogia, compromiso. **Phase**, Barcelona, v. 32, n. 192, p. 475-490, nov./dic. 1992.

CHAREIRE, Isabelle. De escravo(a) a amigo(a): oração e gratuidade. **Concilium**, Petrópolis, Vozes, n. 229, p. 117 -126, 1990/3.

CLAVERÍA, Ramón. Presencia de Cristo en la Palabra. **Phase**, Barcelona, v. 51, n. 303, p. 269-289, mayo/jun. 2011.

CODINA, Victor. Aprender a rezar pondo-se no lugar dos pobres, uma necessidade cristã. **Concilium**, Petrópolis, Vozes, n. 179, p. 7-13, 1982/9.

COMBLIN, José. A presença do Espírito Santo nas liturgias da América Latina. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 16, n. 93, p. 68-77, maio/jun. 1989.

COSTA, Valeriano dos Santos. A ação de Cristo na celebração da Palavra. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 25, n. 150, p. 8-10, nov./dez. 1998.

COSTA, Valeriano dos Santos. A presidência em seu aspecto antropológico. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 26, n. 152, p. 7-8, mar./abr. 1999.

DALMAU, Bernabé. La comunidad religiosa orante, asamblea abierta a los adoradores del Padre: en torno a la celebración del Sínodo sobre a vida religiosa. **Phase**, Barcelona, v. 34, n. 204, p. 505-514, nov./dic. 1994.

DELLA TORRE, Luigi. Informazioni e spunti di riflessione sulle assemblee domenicali gestite da laici. **Rivista di Pastorale Liturgica**, Brescia, v. 23, n. 132, p. 67-72, set./oct. 1985.

DIAZ-MATEOS, Manuel. A palavra de Deus no Concílio Vaticano II. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 18, n. 45, p. 175-392, maio/ago. 1986.

DUQUOC, Christian. A oração. **Concilium**, Petrópolis, Vozes, n. 79, p. 1133-1136, 1972/9.

DUQUOC, Christian. A oração de Jesus. **Concilium**, Petrópolis, Vozes, n. 179, p. 14-22, 1982/9.

DUQUOC, Christian; FLORISTÁN, Casiano. Petição e ação de graças. **Concilium**, Petrópolis, Vozes, n. 229, p. 8-10, 1990/3.

EIBACH, Ulrich. Oração e concepções de Deus. **Concilium**, Petrópolis, Vozes, n. 229, p. 74-92, 1990/3.

FÁRNES, Pere. Oración personal y oración litúrgica: balance histórico e perspectivas teológicas. **Phase**, Barcelona, v. 33, n. 197, p. 405-420, sep./oct. 1993.

FLORISTÁN, Casiano. A liturgia, lugar de educação da fé. **Concilium**, n. 194, p. 73-83, 1984.

GELINEAU, Joseph. Criatividade em liturgia: sinais que signifiquem, símbolos que simbolizem. **Ora e Labora**, Revista Beneditina de Liturgia e Pastoral, Portugal, v. 28, n. 4, p. 245-264, out./dez. 1981.

GOEAL, Michel de. A intercessão do Espírito na oração cristã (Rm 8,26-27). **Concilium**, Petrópolis, Vozes, n. 79, p. 1146-1156, 1972/9.

GONZÁLEZ, Ramiro. Las asambleas dominicales en ausencia de presbítero: del pasado al presente. **Phase**, Barcelona, v. 30, n. 212, p. 145-162, mar./abr. 1996.

GONZÁLEZ, Ramiro. Liturgia y ejercicios piadosos: del pasado a la praxis pastoral presente y futura. **Phase**, Barcelona, v. 27, n. 161, p. 359-374, sep./oct. 1987.

GUILLÉN, Ángel Gómez. Liturgia, piedad y devoción. **Phase**, Barcelona, v. 53, n. 313, p. 21-38, ene./feb. 2013.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. Sobre o lugar da presidência. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 26, n. 152, p. 30-31, mar./abr. 1999.

GUTIÉRREZ, Gustavo. Beber no seu próprio poço. **Concilium**, Petrópolis, Vozes, n. 179, p. 44-54, 1982/9.

HAAS, Carlos Gustavo. La celebración de la Palabra en el día del Señor: 'Vivimos de la Palabra'. **Phase**, Barcelona, v. 53, n. 315, p. 283-302, may./jun. 2013.

HOFFMAN, Lawrence A. Berakhah rabínica e espiritualidade judaica. **Concilium**, Petrópolis, Vozes, n. 229, p. 31-44, 1990/3.

ISNARD, D. Clemente. A constituição conciliar Sacrosanctum Concilium. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 29, n. 171, p. 5-10, maio/jun. 2002.

IULIANELLI, Jorge Atílio Silva. Pastoral neoconservadora *ma non troppo*: RCC e CEBs; algumas questões comparativas. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, Vozes, v. 57, n. 225, p. 5-39, mar. 1997.

IULIANELLI, Jorge Atílio Silva. “Pega ele Jesus”: RCC e CEB’s no Brasil, política e modernidade. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, Vozes, v. 59, n. 233, p. 67-87, mar. 1999.

JACQUEMONT, Patrick. O Espírito Santo, mestre de oração. **Concilium**, Petrópolis, Vozes, n. 179, p. 1018-1023, 1982/9.

JACQUEMONT, Patrick. Agir é orar? **Concilium**, Petrópolis, Vozes, n. 79, p. 1157-1167, 1972/9.

JAVIER FLORES, Juan. Orar en comunidad: la liturgia de las horas. **Phase**, Barcelona, v. 33, n. 197, p. 397-404, sep./oct. 1993.

JOUNEL, Pierre. Liturgia y oración. **Cuadernos Phase**, Barcelona, Centre de Pastoral Litúrgica, n. 52, p. 11-20, mar. 1994.

LATORRE, Jordi. “Modelos biblicos de oracion”. **Dossiers CPL**, Centre de Pastoral Litúrgica, n. 58, Barcelona, abr. 1993.

LECLERCQ, Jean. Ofício divino e “lectio divina”. **Concilium**, Petrópolis, Vozes, n. 179, p. 36-43, 1982/9.

LIMA JÚNIOR, Joviano. Proclamar a palavra viva de Deus ao seu povo. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 10, n. 58, p. 6-13, jul./ago. 1983.

LLABRÉS, Pere. Orar en la celebracion liturgica. **Phase**, Barcelona, v. 19, n. 112, p. 279-288, jul./ ago. 1979.

LLOPIS, Joan. La oración en familia: unas propuestas concretas. **Phase**, Barcelona, v. 34, n. 203, p. 439-443, sep./ oct. 1994.

LLOPIS, Joan. Pedir es comprometerse: consideraciones sobre la oración de petición. **Phase**, Barcelona, v. 20, n. 117, p. 179-186, mayo/jun. 1980.

LLOPIS, Joan. Reza-se de fato em nossas eucaristias e faz-se rezar os participantes? **Concilium**, Petrópolis, Vozes, n. 229, p. 93-105, 1990/3.

LÓPEZ, Julián. Enseñar a orar a partir de la liturgia: el ritmo anual y diario de la oración. **Phase**, Barcelona, v. 33, n. 197, p. 373-384, sep./oct. 1993.

LÓPEZ, Julián. El directorio para las celebraciones dominicales en ausencia de presbítero. **Cuadernos Phase**, Barcelona, n. 60, p. 33-64, enero. 1995.

LÓPEZ, Julián. El ministerio de la palabra de Dios en el diácono. **Phase**, Barcelona, v. 29, n. 170, p. 137-153, mar./abr. 1989.

LÓPEZ, Julián. La eucologia como respuesta a la Palabra de Dios: una clave hermenéutica imprescindible. **Phase**, Barcelona, v. 30, n. 180, p. 457-464, nov./dic. 1990.

LUTZ, Gregório. Da liturgia podemos aprender a orar. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 26, n. 154, p. 27-30, jul./ago. 1999.

LUTZ, Gregório. O lugar da proclamação da Palavra. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 6, n. 33, p. 21-28, maio/jun. 1979.

LUTZ, Gregório. “O Senhor esteja convosco”. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 25, n. 150, p. 27, nov./dez. 1998.

LUTZ, Gregório. Teologia da liturgia dominical de comunidade sem padre. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 9, n. 52, p. 1-13, jul./ago. 1982.

LUKKEN, Gerard. Na liturgia a fé sucede de maneira insubstituível. **Concilium**, Petrópolis, Vozes, n. 82, p. 147-157, 1973/2.

MCDERMOTT, Brian. O sacramento como evento-oração. **Concilium**, Petrópolis, Vozes, n. 179, p. 23-29, 1982/9.

MACIAS, Aurelio García. De la “devotio moderna” a la “devotio pósmoderna em la liturgia. **Phase**, Barcelona, v. 53, n. 313, p. 39-54, ene./feb. 2013.

MARINS, José. Comunidades eclesiais de base na América Latina. **Concilium**, Petrópolis, Vozes, n. 104, p. 20-29, 1975/4.

MARTÍN, I. Um povo que reza com os pés: os gestos e símbolos das Ceb’s no 5º encontro intereclesial, Canindé. **Revista de Liturgia**, v. 10, n. 59, p. 1-7, set./out. 1983.

MARINI, Piero. La eventual presidencia liturgica de los laicos en ausencia del Sacerdote. **Phase**, Barcelona, v. 27, n. 158, p. 113-128, mar./abr. 1987.

MARSILI, Salvatore. La liturgia, mistagogia e culmine della preghiera cristiana. **Rivista Litúrgica**. Torino, v. 65, n. 2, p. 184-191, mar./apr. 1978.

MICHEL. A experiência de Taizé. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 26, n. 154, p. 9-10, jul./ago. 1999.

MOSCONI, Luis. Comunidades eclesiais de base e catolicismo popular. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 25, n. 145, p. 27-28, jan./fev. 1998.

OÑATIBIA, Ignacio. La plegaria eucarística en vias de recuperación. **Phase**, Barcelona, v. 28, n. 165-166, p. 271-284, mayo/ago. 1988.

OÑATIBIA, Ignacio. Movimientos de meditación con tecnicas orientales y oración cristiana. **Phase**, Barcelona, v. 19, n. 112, p. 289-298, jul./ago. 1979.

OÑATIBIA, Ignacio. Orar segun la alianza: estrutura y dinámicas fundamentales de la oración litúrgica. **Phase**, Barcelona, v. 30, n. 180, p. 447-456, nov./dic. 1990.

ORMONDE, Domingos. O louvor de cada domingo ao redor da Palavra. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 18, n. 106, p. 101-103, jul./ago. 1991.

OTAÑO, José Luis. La oración em las comunidades cristianas. **Phase**, Barcelona, v. 26, n. 152, p. 185-191, mar./abr. 1986.

REVISTA de Liturgia. v. 12, n. 68, p. 1, mar./abr. 1985

REVISTA de Liturgia. v. 18, n. 105, p. 67, maio/jun. 1991[a].

REVISTA de Liturgia. v. 18, n. 106, p. 100, jul./ago. 1991[b].

PALUDO, Faustino. Animação da vida litúrgica no Brasil. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 16, n. 94, p. 105-106, jul./ago. 1989.

PALUDO, Faustino. Relatório referente a pesquisa sobre as celebrações da Palavra de Deus na ausência o padre. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 18, n. 106, p. 73-74, maio/jun. 1991.

PARÉS, Xavier. Lãs assembleas dominicales en ausência de presbitero. **Phase**, Barcelona, v. 20, n. 119, p. 393-404, sep./oct. 1980.

PICO, Juan Hernández. A oração nos processos latino-americanos de libertação. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, Vozes, v. 39, n. 156, p. 581-597, dez. 1979.

PIÉ-NINOT, Salvador. Los seis temas teológicos de la “Verbum Domini”. **Phase**, Barcelona, v. 51, n. 302, p. 123-145, mar./abr. 2011.

PUIG I TÀRRECH, Armand. La iglesia, oyente de la Palabra de Dios. **Phase**, Barcelona, v. 35, n. 207, p. 219-230, mayo/jun. 1995.

PUIG I TÀRRECH, Armand. La oración en el nuevo testamento. **Phase**, Barcelona, v. 25, n. 148, p. 262-282, jul./ago. 1985.

RIBEIRO DE OLIVEIRA, Pedro de Assis. Expressões religiosas populares e liturgia. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, Vozes, v. 43, n. 172, p. 909-948, dez.1983.

SAGNE, Jean-Claude. A oração como invocação da presença invisível e silenciosa do Pai. **Concilium**, Petrópolis, Vozes, n. 79, p. 1137-1145, 1972/9.

SEGUÍ, Gabriel. La liturgia en Medellín, Puebla y Santo Domingo: estudio comparativo. **Phase**, Barcelona, v. 36, n. 216, p. 461-482, nov./dic. 1996.

SCHALLER, Hans. Pedir e agradecer – unidade significativa. **Concilium**, Petrópolis, Vozes, n. 229, p. 11-18, 1990/3.

SILVA, José Arioaldo da. Celebrações dominicais na ausência do presbítero: a propósito de um diretório da Santa Sé. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, Vozes, v. 49, n. 194, p. 411-417, jun. 1989.

SILVA, José Arioaldo da. Celebrações dominicais na ausência do presbítero: a propósito de um diretório da Santa Sé. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 18, n. 105, p. 71-72, maio/jun. 1991.

SILVA, José Arioaldo da. “Eu te adoro, hóstia divina”. **Revista de Liturgia**. São Paulo, v. 28, n. 166, p. 4-6, jul./ago. 2001.

SILVA, José Arioaldo da. Liturgia, experiência da fé. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 24, n. 142, p. 27-28, jul./ago. 1997.

SILVA, José Arioaldo da. Por que nos reunimos para celebrar? Elementos para reflexão. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 19, n. 109, p. 2-3, jan./fev. 1992.

SIVINSKI, Marcelino; BUYST, Ione. Liturgia, oração e compromisso libertador: espiritualidade litúrgica da libertação. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 15, n. 88, p. 98-103, jul./ago. 1988.

SIVINSKI, Marcelino. É Cristo, a palavra que celebramos. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 18, n. 105, p. 68-70, maio/jun. 1991.

SOARES-PRABHU, George M. Falar ao “abba”: a oração como petição e agradecimento no ensino de Jesus. **Concilium**, Petrópolis, Vozes, n. 229, p. 45-57, 1990/3.

SOBEL, Henry I. O culto público e a busca de Deus. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 23, n. 135, p. 6, nov./dez. 1996.

SOUZA, Marcelo Barros. A glória de Deus é a vida dos pobres: a liturgia na conferência e no documento de conclusões de Santo Domingo. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 20, n. 115, p. 200-201, jan./fev. 1993.

OÑATIBIA, Ignacio. A oração das estradas: formas de oração no catolicismo popular latino-americano. **Concilium**, Petrópolis, Vozes, n. 229, p. 106-116, 1990/3.

SOUZA, Marcelo Barros. Ensaaiando a festa com Deus: a assembleia litúrgica na Bíblia. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 19, n. 104, p. 4-7, jan./fev. 1992.

SOUZA, Marcelo Barros. Um povo de celebrantes. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 18, n. 106, p. 104-107, jul./ago. 1991.

SOUZA, Marcelo Barros, CARPANEDO, Penha. Animação da vida litúrgica no Brasil: síntese. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 16, n. 94, p. 101-104, jul./ago. 1989.

SOUZA, Marcelo Barros, CARPANEDO, Penha. O rosto de Deus que as celebrações revelam: nas comunidades que não têm padre. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 26, n. 152, p. 27-29, mar./abr. 1999.

SOUZA, Marcelo Barros; MORAES, Marcos. A festa do mais íntimo amor. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 26, n. 154, p. 4-7, jul./ago. 1999.

TENA, Pere. Directorio para las celebraciones dominicales en ausencia del presbitero: comentario. **Phase**, Barcelona, v. 28, n. 168, p. 469-498, nov./dic. 1988.

VALLADARES, Lino Emilio Díez. Lo emotivo en la liturgia. **Phase**, Barcelona, v. 53, n. 313, p. 55-68, ene./feb. 2013.

VAN DEN BERG, Adriano. Puebla e a liturgia. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 21, n. 62, p. 10-18, mar./abr. 1984.

VELASCO, Juan Martín. Oração de petição e ação de graças nas religiões. **Concilium**, Petrópolis, Vozes, n. 229, p. 19-30, 1990/3.

VELOSO, Reginaldo. Por uma liturgia cordial. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 24, n. 142, p. 29-32, jul./ago. 1997.

VERGOTE, Antoine. Gestos e ações simbólicas em liturgia. **Concilium**, Petrópolis, Vozes, n. 62, p. 168-178, 1971/2.

VILANOVA, Evangelista. Palabra de Dios y reforma liturgica. **Phase**, Barcelona, v. 28, n. 165-166, p. 203-210, mayo/ago. 1988.

VVAA. Oração, liturgia, sacramentos, piedade popular. **Sedoc (Serviço de documentação)**, Petrópolis, Vozes, v. 12, n. 123, p. 46-50, jul./ago. 1979.

ZAN, Renato de. “Verbum Domini” y liturgia. **Phase**, Barcelona, v. 51, n. 302, p. 147-160, mar./abr. 2011.

ZAVAREZ, Maria de Lourdes. O caminho da Palavra nas celebrações das comunidades. **Revista de Liturgia**, São Paulo, v. 20, n. 121, p. 33-35, jan./fev. 1994.

Outros

BOFF, Leonardo. **O coordenador leigo e a celebração da ceia do Senhor**. s/d (Mimeografado).

BUYST, Ione. **O corpo na liturgia**. São Paulo, 11ª Semana de Liturgia, Out/1997. (Mimeografado).

BUYST, Ione. Os ritos iniciais na celebração do domingo nas comunidades. **Boletim Celebra**, Goiânia, v. 3, n. 10, p. 2, maio. 1998 (a).

BUYST, Ione. Os ritos iniciais na celebração do domingo nas comunidades. **Boletim Celebra**, Goiânia, v. 3, n. 11, p. 2, agosto. 1998 (b).

BUYST, Ione. **Ritualidade: façam isto**. São Paulo, Curso de Especialização em Liturgia, 1993. 8 p. (Mimeografado).

BUYST, Ione. **Símbolos e ações simbólicas na celebração dominical da Palavra**: sua importância e orientações para a escolha e execução. São Paulo, Curso de Atualização em Liturgia, jan. 1992. 7 p. (Mimeografado).

BUYST, Ione. Sugestões de músicas para a celebração do domingo ao redor da Palavra de Deus. **Boletim Celebra**, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 1-2, agosto. 1996 (a).

BUYST, Ione. Sugestões de músicas para a celebração do domingo ao redor da Palavra de Deus. **Boletim Celebra**, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 1-2, outubro. 1996 (b).

CELEBRA. **Domingo: dia do Senhor**. CELEBRA - Rede de Animação Litúrgica, Goiânia, 1997. (Mimeografado).

LUTZ, Gregório. **O Espírito Santo e o corpo na liturgia**. São Paulo, 11ª Semana de Liturgia, Out/1997. (Mimeografado).

POEL, Francisco Van der; FROTA, Célia Coelho. **Abecedário da religiosidade popular**. Texto provisório, s/d. (Mimeografado).

POEL, Francisco Van der; FROTA, Célia Coelho. **“Benditos”**: uma tradição religiosa oral. s/d. (Mimeografado).

SILVA, José Ariovaldo da. **Tentando definir a natureza da liturgia**. Petrópolis, s/d, (Mimeografado).

STEINMETZ, Geremias. **Análise do documento 52 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil**: orientações para a celebração da Palavra de Deus. Roma, 1998, 165 p. (Thesis ad Licentiam in Sacra Liturgia) - Pontificium Athenaeum S. Anselmi de Urbe, Pontificium Institutum Liturgicum.

WEBSITE

ALMEIDA, A. J. de. **A Exortação Querida Amazônia não barrou a proposta de ordenar homens casados, só mudou a porta!** 28 fevereiro 2020 [a]. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/596646-a-exortacao-querida-amazonia-nao-barrou-a-proposta-de-ordenar-homens-casados-so-mudou-a-porta>. Acesso: 28 de abril 2021.

ALMEIDA, A. J. de. **Os bispos da Amazônia devem apresentar ao Vaticano suas propostas para a ordenação de homens casados**. 12 março 2020 [b]. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597029-os-bispos-da-amazonia-devem-apresentar-ao-vaticano-suas-propostas-para-a-ordenacao-de-homens-casados>. Acesso: 29 abril 2021.

ARAÚJO, João de. **Caráter sacramental da Palavra de Deus**. s/d, página na web. Disponível em: <http://www.joaodearaujo.com.br/default.asp?pag=p000091>. Acesso em 11 maio 2021.

BENEDITO, André Luiz. **A sacramentalidade da Palavra de Deus**. Uma aproximação entre a mistagogia de Ambrósio de Milão e a Constituição *Sacrosanctum Concilium*. Orientador Prof. Luiz Fernando Ribeiro Santana. 2019. 350 f. Tese (Doutorado em Teologia) - Programa de Pós-Graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/47076/47076.PDF>. Acesso em: 5 maio 2021.

BOFF, LEONARDO. **'Querida Amazônia': uma inculturação truncada**. 4 março 2020. Disponível em: <https://www.jb.com.br/pais/artigo/2020/03/1022611--querida-amazonia--uma-inculturacao-truncada.html>. Acesso: 27 abril 2021.

BRIGHENTI, Agenor. Documento de Aparecida, o contexto do texto. In: **Revista Eclesiástica Brasileira (REB)**, Petrópolis, v. 67 n. 268, p. 772-800, outubro, 2007. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/1479/1321>. Acesso em: 18 abril 2021.

BRIGHENTI, Agenor. Sínodo da Amazônia. O evento e seus resultados. In: **Revista Eclesiástica Brasileira (REB)**, Petrópolis, v. 79 n. 314, p. 591-614, set./out., 2019. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/1905/1693>. Acesso em: 20 abril 2021.

BRIGHENTI, Agenor. Sínodo da Amazônia. Quatro sonhos e um impasse. In: **Revista Eclesiástica Brasileira (REB)**, Petrópolis, v. 80 n. 316, p. 307-332, maio/ago., 2020. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/2049/1785>. Acesso em: 20 abril 2021.

BRUCHÊZ, A. et al. Análise da utilização do estudo de caso qualitativo e triangulação na Brazilian Business Review. **Revista Espacios**. v. 37, n. 05, p. 24, 2016. Disponível em: <https://www.revistaespacios.com/a16v37n05/16370524.html>. Acesso em: 03 maio 2020.

BRUCHÊZ, A. et al. Metodologia de Pesquisa de Dissertações sobre Inovação: Análise Bibliométrica. Desafio online. **Revista dos Programas de Pós-graduação em Administração e Contabilidade da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande, v.6, n.1, p. 141-149, jan./abr. 2018. Disponível em <http://www.desafioonline.ufms.br>. Acesso em: 3 maio 2020.

CONGREGACIÓN PARA EL CULTO DIVINO Y LA DISCIPLINA DE LOS SACRAMENTOS. **Directorio sobre la piedad popular y la liturgia: principios y orientaciones**. CIUDAD DEL VATICANO. 2002. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_2002_0513_vers-direttorio_sp.html. Acesso em: 02 dezembro 2020.

FERREIRA, Reuberson Rodrigues. Papa Francisco, e o método? Considerações sobre método ver-julgar-agir utilizado pelo Papa Francisco. **Pensar-Revista Eletrônica da FAJE**, Belo

Horizonte, v.7 n.2, p. 215-228, 2016. Disponível em: [faje.edu.br > index.php > pensar > article > download](http://faje.edu.br/index.php/pensar/article/download). Acesso em: 3 maio 2020.

FE FERRAZ, Chystiano. A possível influência da Teologia Latino-Americana na composição da Laudato Si. **PqTeo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1. p. 38-54, jan./jun.2018. Disponível em: <http://periodicos.puc-rio.br/index.php/pesquisasemteologia/article/view/697>. Acesso em: 4 maio 2020.

GRILLO, Andrea. Floresta amazônica e floresta curial: novas perspectivas e categorias obsoletas sobre ministério e liturgia. **Come Se Non**, 16 dezembro 2019. Tradução Luisa Rabolini. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/595232>. Acesso em: 28 abril 2021.

GRILLO, Andrea. “Querida Amazônia”: o sonho da floresta amazônica e a insônia da floresta curial. 13 fevereiro 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/596268-querida-amazonia-o-sonho-da-floresta-amazonica-e-a-insonia-da-floresta-curial-artigo-de-andrea-grillo>. Acesso em: 28 abril 2021.

KONINGS, Johan. A Exortação Apostólica pós-sinodal *Verbum Domini*. In: **Revista Eclesiástica Brasileira (REB)**, Petrópolis, v. 71 n. 281, p. 87-123, janeiro, 2011. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/1069/933>. Acesso em: 19 abril 2021.

KONINGS, Johan. Igreja e Palavra, da Dei Verbum à Verbum Domini. In: **Encontros Teológicos**. Florianópolis, v. 29, n. 1, p. 13-24, 2014. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/122>. Acesso em: 20 abril 2021.

LIBÂNIO, João Batista. Conferência de Aparecida. In: **Revista Eclesiástica Brasileira (REB)**, Petrópolis, v. 67 n. 268, p. 816-842, outubro, 2007. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/1481/1323>. Acesso em: 18 abril 2021.

MARTINS FILHO, José Reinaldo Felipe. O papa Francisco e o Sínodo Amazônico: Novos impulsos para a inculturação. In: **Revista Eclesiástica Brasileira (REB)**, Petrópolis, v. 80 n. 316, p. 232-261, maio/ago., 2020. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/2046/1782>. Acesso em: 20 abril 2021.

OBSERVATORIODAEVANGELIZACAO. **As origens do método “VER, JULGAR e AGIR”, que foi consagrado na caminhada da Igreja latino-americana**. Disponível em: <https://observatoriodaevangelizacao.wordpress.com/2018/06/11/as-origens-do-metodo-ver-julgar-e-agir-que-foi-consagrado-na-caminhada-da-igreja-latino-americana/>. Acesso em: 2 maio 2020.

OLIVEIRA ALVES, Maria Cristina de. **A importância da história oral como metodologia de pesquisa. IV Semana de História do Pontal**. III Encontro de Ensino de História. Política, gênero e mídia na pesquisa e no ensino e história. Universidade Federal de Uberlândia, Campus Pontal. 29 de novembro a 02 de dezembro de 2016. Disponível em: ventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/mariacristinasantosdeoliveiraalves.pdf. Acesso em: 2 maio 2020.

ROXO, D. Paulo A. Mascarenhas. Teologia da Palavra. **CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL**, 50ª Assembleia Geral da CNBB, Aparecida, SP, 18 a 26 de abril de 2012. Disponível em: <http://diocesedeapucarana.com.br/portal/userfiles/teologiadapalavra.pdf>. Acesso em: 10 maio 2021.

SALGADO JARDIM, Anna Carolina; PEREIRA, Viviane Santos. Metodologia qualitativa: é possível adequar as técnicas de coleta de dados aos contextos vividos em campo? SOBER 47º Congresso. **Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural**. Porto Alegre, 26 a 30 de julho de 2009, p. 1-12. Disponível em: <https://cursodegestaoelideranca.paginas.ufsc.br> Acesso em: 2 maio 2020.

SELL, Carlos Eduardo. “Nada será como antes”. A controvérsia eclesiástica sobre o Sínodo dos Bispos da Amazônia (2017-2019). In: **Revista Eclesiástica Brasileira (REB)**, Petrópolis, v. 80 n. 316, p. 282-306, maio/ago., 2020. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/2048/1784>. Acesso em: 20 abril 2021.

TAVARES, Sinivaldo Silva. Por uma igreja de rosto amazônico. Inculturação dos ministérios eclesiais. In: **Revista Eclesiástica Brasileira (REB)**, Petrópolis, v. 80 n. 316, p. 262-281, maio/ago., 2020. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/2047/1783>. Acesso em: 20 abril 2021.

TOGURA FAORO, Tiaki Cintia; SOUZA, Luzia Aparecida de. **História oral como metodologia de pesquisa**: uma formação de professores de matemática da região da grande Dourados/MS. ULBRA – VI Congresso Internacional de Ensino de Matemática, Canoas –RS, 16 a 18 de outubro de 2013, p. 1-8. Disponível em: <http://www.conferencias.ulbra.br>. Acesso em: 2 maio 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário para a obtenção de dados da realidade sobre a dimensão orante da Celebração Dominical da Palavra de Deus

Prezado companheiro e companheira de caminhada,

Estou fazendo um curso de pós-graduação em liturgia. Agora, no momento atual, estou na fase final do curso, ou seja, elaborando o trabalho de dissertação, que é um trabalho escrito, para que eu possa terminar o curso.

O meu trabalho tem como tema: **A dimensão orante da celebração Dominical da Palavra (ou a Celebração)** como costuma-se chamar.

É a celebração dirigida por ministros(as).

Para que o trabalho fique mais concreto e seja a partir da realidade estou precisando de sua colaboração na elaboração do meu trabalho.

Respondendo às perguntas que seguem, com certeza você estará me ajudando muito.

Desde já, agradeço muitíssimo.

Atenciosamente

Ir. Veronice Fernandes

Perguntas:

1. O que é oração para você?
2. Como você costuma rezar?
3. Onde você costuma rezar?
4. Você reza também com as próprias palavras?
5. Na oração você deixa Deus falar? Você conversa com ele? Como?
6. Você reza na Celebração Dominical da Palavra?
7. Como você reza na celebração Dominical da Palavra?
8. Em que momentos especialmente você reza na celebração Dominical da Palavra?
9. Que dificuldades você encontra para rezar na Celebração Dominical da Palavra?
10. Você considera a celebração Dominical da Palavra uma oração?
11. O que está faltando para que você e a comunidade possa rezar melhor na celebração Dominical da Palavra?

Por favor preencha os seguintes dados:

Nome: _____

Idade: _____

Escolaridade: _____ Profissão: _____

Nome da comunidade: _____

Há quanto tempo você participa: _____

Em que serviço (pastoral) você atua? _____

Fez algum curso de formação na igreja? Teologia ou algum outro? _____

APÊNDICE B – Respostas obtidas no questionário
realizado na Paróquia N.S. das Graças, Osasco-SP

1. O que é oração para você?

1. É rezar as orações já formuladas mas também conversar com Deus e o Cristo vivo espontaneamente. E nas minhas orações espontâneas louvo, agradeço, peço (Edvalda).
2. É uma resposta a tudo que se precisa (Elena).
3. É um momento do qual você, eleva seus pensamentos só em Deus, onde você ora, e pratica uma ação através desta (Mônica)
4. É um diálogo com Deus, que nos aproxima cada vez mais dele e do seu projeto (Maria Pinheiro)
5. É um diálogo entre eu e Deus (Marilene)
6. A oração é o alimento da fé (Valdeci)
7. É falar com Deus (Cristina)
8. É um contato, uma conversa direta entre a pessoa (eu) e Deus (Alexandre)
9. Oração é um diálogo com Deus, uma maneira simples de entrar em sintonia com essa força poderosa e misteriosa, mas que todos sem exceção, necessitamos no dia a dia (Maria Luiza)
10. Oração para mim é um diálogo com Deus de força muito intensa (D. Luzia)
11. Falar com Deus e trabalhar para o seu Reino (Maria Helena)
12. A oração para mim é uma confiança grande em Deus, principalmente nas horas difíceis (Maria Hilda)
13. Um momento de estarmos falando com Deus (Dalmo)
14. A oração para mim é fundamental para nos fortalecer na vida e na caminhada (João Bento)
15. Um momento de falar com Deus (Clarice)
16. É estar com Deus nos momentos “difícil” (Cilça)
17. É um meio eficaz de nos relacionarmos com Deus. É um diálogo aberto entre a criatura e o criador (Nonato)
18. Oração para mim é quando estamos com os nossos irmãos rezando e falando sobre a Palavra de Deus. Contando e deixando o espírito do “Senhor” entrar em nossos corações (Eva Rodrigues)
19. Falar com Deus é estar orando (Rosa Maria)
20. É esvaziar o espírito das coisas do mundo para encontrar um espaço de entrar em sintonia com Deus. É uma fonte de ligação entre eu com Deus e os irmãos. É conseguir força para viver (Lourdes Galter)
21. É tudo em minha vida (Maria Roseli)
22. É a principal ponte entre eu e Deus (Antonia)
23. Oração para mim é falar com Deus. Buscar forças (Lourdes Rocha)
24. A oração é a principal ponte entre eu e Deus (Terezinha de Lourdes)
25. Rezar é fazer ação (Maria Conceição)
26. É uma ponte de união entre Deus é nós (Maria Edina)
27. É estar totalmente em comunhão com Deus. Orar é fazer uma ação, pode ser em palavras ou gestos (Paloma)
28. É um processo que me integra e aproxima de Deus. Como tal é uma necessidade básica, física e espiritual (Zé Pedro)
29. É conversa com Deus (Izidoro)
30. Falar com Deus (Libânia)
31. Interiorizar-se (Déo)
32. É falar com Deus (Rosemary)
33. É muito importante para mim (Clodildes)
34. Um momento que temos com Deus (Maria Aparecida)

35. É um momento íntimo onde converso com Deus, como se ele só estivesse ouvindo o que eu tenho para dizer. Um momento exclusivamente meu (Danielli)
36. É um momento de conversa com Deus, quando peço ou agradeço por coisas feitas por ele (André)
37. Entrar em sintonia com Deus (Nazaret)
38. É a maneira de contar meus sentimentos a Deus (Adão)
39. É suplicar, louvar, recitar (Francisco)
40. É uma forma de falar com Deus (Zezé)
41. Oração é o momento de falar com Deus e principalmente o momento de escutá-lo (Claudia)
42. Uma forma de agradecer e pedir ajuda do nosso dia a dia (Silvia)
43. Oração para mim é a maneira de me aproximar de Deus (Adélia)
44. Oração é a comunicação com o grande pai, sendo parte dela os momentos de agradecimentos, súplicas e meditação (Angélica)
45. Oração para mim é estar em sintonia com o Espírito Santo (Cleonice)
46. Oração para mim é alimento que fortalece minha alma é através da oração que eu me sinto íntima de Deus (Ivete)
47. É o momento de estarmos mais junto de Deus; para pedir, agradecer ou louvar (Toninho)
48. Oração para mim é a melhor forma de conversar com Deus (Jussara)
49. Oração para mim é estar sempre falando com Deus, pedindo por todos e agradecendo sempre, Deus no coração (Suzana)
50. Pedir, receber e agradecer; conversa com Deus; que sai ação (grupo)

2. Como você costuma rezar?

1. Eu costumo rezar nas minhas refeições, agradecendo o alimento. E ao deitar-me procuro meditar o Evangelho do dia e o salmo e depois rezá-lo (Edvalda).
2. Pela manhã “ao levantar”, à noite mesmo cansada (Elena)
3. Costumo rezar sempre, elevando meus pensamentos em todos os momentos (Mônica).
4. Em família, a só, ajoelhada (Maria Pinheiro)
5. Como eu não sei dizer, depende do momento (Marilene)
6. Eu rezo diariamente (Valdeci)
7. Quando meu coração está amarrado, com tristeza e até mesmo com muita alegria. E modo direto de rezar e conversar com Deus sempre pedindo, mas nunca esquecendo de agradecer (Cristina)
8. Falando ou pensando, direcionando as palavras para Deus (Alexandre)
9. Costumo rezar das mais variadas formas. “Ao levantar”, ao deitar ou mesmo quando estou dirigindo. Pela manhã rezo o terço e algumas outras orações, como por exemplo: oração à Nossa Senhora Aparecida e outros santos mais conhecidos. Às vezes, rezo espontaneamente por lembrar de alguma coisa, ou mesmo “cantos” de que gosto (Maria Luiza)
10. Costumo rezar com a Bíblia, rezo o terço e costumo acender a vela, sempre “ao deitar”, levantar e quando início algum trabalho (D. Luzia)
11. Falando com Deus, pedindo e agradecendo (Maria Helena)
12. Sozinha, com a família e vizinhos (Maria Hilda)
13. Costumo rezar na cama ou na sala (Dalmo)
14. Tem dois momentos: a oração em partilha na comunidade e na vida pessoal na minha casa
15. Eu gosto de rezar com os cânticos (Clarice)
16. Em casa, indo para o trabalho (Cilça)
17. Dirigindo minhas palavras a Deus, no silêncio, através de cânticos, com gestos (ajoelhado), sozinho e com a família (Nonato)
18. Olha eu sempre rezei pela manhã e agradeço a Deus por mais um dia de vida

- e peço também a ele para que me dê um bom dia (Eva Rodrigues)
19. Ajoelhado (Rosa Maria)
 20. Com orações decoradas, preparadas, livros etc. e estou tentando aprender a leitura orante da Bíblia (Lourdes Galter)
 21. Sozinha ou comunitária, nos grupos de oração (Maria Roseli)
 22. Rezo lavando roupa ou em qualquer trabalho (Antonia)
 23. Com muita fé na força da oração (Lourdes Rocha)
 24. A noite “ao deitar”. De manhã “ao levantar”. Na Igreja, nos grupos de rua, durante algumas reuniões, encontros, liturgia, visita aos doentes etc. (Terezinha de Lourdes)
 25. Rezo o dia todo, “ao deitar” e levantar (Maria Conceição)
 26. Rezo no meu dia a dia em todos os meus momentos (Maria Edina)
 27. Conversando com Deus e com os olhos fechados pois Deus está dentro de “mim” “Preciso vê-lo” (Paloma)
 28. Através da Palavra, no grupo ou na comunidade. Consigo, mas sinto dificuldade de rezar sozinho. Prefiro rezar integrado a um grupo de pessoas (Zé Pedro)
 29. Primeiro peço perdão a Cristo (Izidoro)
 30. Conversando com Cristo (Libânia)
 31. Várias maneiras: trabalhando, andando (Déo)
 32. Costumo rezar sozinha principalmente a noite (Rosemary)
 33. Conversando com Deus, é ouvir ele (Clodilde)
 34. Conversando com Deus, pedindo e agradecendo (Maria Aparecida)
 35. Rezo pela manhã com os amigos no trabalho, lendo o Evangelho do dia e depois colocando em uma corrente, orações espontâneas. Também há momentos que rezo da minha maneira, ou seja, conversando com Deus como se estivesse falando com um amigo (a) (Danielli)
 36. Rezo na maioria das vezes no meu íntimo em silêncio (André)
 37. Pai Nosso, Ave Maria, Creio, Salve Rainha (Nazareth)
 38. Sempre penso no meu próximo (Adão)
 39. É colocar-me numa atitude de oração (Francisco)
 40. Costumo rezar em todos os momentos da minha vida (Zezé)
 41. Além das orações que conhecemos, converso bastante com Deus (Claudia)
 42. Rezo muito o terço em meu quarto e faço minhas preces em agradecimentos (Silvia)
 43. Conversando com Deus, agradecendo e pedindo aquilo que necessito (Adélia)
 44. Tendo um diálogo direto com o Pai, conversando com o amigo mais compreensivo de todos, o conhecedor de todo o meu ser e que me ampara em todo o sempre (Angélica)
 45. Agradecer, pedir perdão, e fazer pedidos (Cleidionice)
 46. Costumo rezar, falando diretamente Deus e eu, as vezes cantando cantos ou salmos, refrãosinhos que traz Deus para perto da gente e mexe com o interior. Invoco o Espírito, não vou muito além do Pai Nosso e Ave Maria. Só que valorizo muito, conversar com Deus (Ivete)
 47. Rezo pedindo a Deus por meus familiares, amigos, comunidade, cidade e por nosso país, pedindo paz, saúde e justiça para todos (Toninho)
 48. Costumo rezar sempre em silêncio (Jussara)
 49. Faço oração falando com Deus e as orações de costume (Suzana)
 50. Toda hora; com meu próprio ser; sozinho, em silêncio (grupo)

3. Onde você costuma rezar?

1. Em algumas situações, eu rezo em qualquer local que acho necessário fazer minhas preces. Mas costumo rezar no silêncio do meu quarto, sozinha, mais também

- rezo comunitariamente com minha comunidade nas celebrações da Palavra, no grupo de rua, na catequese etc. (Edvalda).
2. Em local reservado, buscando silêncio da manhã à noite junto à cama (Elena).
 3. Pode se dizer em todos os lugares e em todos os momentos (Mônica)
 4. Em casa, Igreja, no ônibus e nas casas das famílias (Maria Pinheiro)
 5. Quando posso, a sós no meu quarto ou em outros lugares, por exemplo no meu local de trabalho (Marilene)
 6. Na Igreja, em casa (Valdeci)
 7. Na Igreja (Cristina)
 8. Na Igreja, com amigos e toda a noite em minha cama (Alexandre)
 9. Prefiro rezar no meu quarto, porém nada me impede de rezar em outros lugares (Maria Luiza)
 10. Costumo rezar no meu quarto. Diante do santíssimo sacramento, ou realizando outras tarefas domésticas. Também costumo cantar “a para mim é também uma comunidade de rezar” (D. Luzia)
 11. Em todos os lugares: trabalho, igreja, quarto (Maria Helena)
 12. Em qualquer lugar (Maria Hilda)
 13. Em casa, na Igreja, em qualquer lugar (Dalmo)
 14. Na comunidade e na minha casa (João Bento)
 15. Na igreja, em casa ou em qualquer lugar (Clarice)
 16. Ouvindo as orações pelo rádio (Cilça)
 17. Em casa, na Igreja, no ônibus, na rua, no emprego e nos grupos de oração (Nonato)
 18. Eu costumo rezar em minha casa, mas gosto de meditar quando estou no ônibus (Eva Rodrigues)
 19. No quarto da casa (Rosa Maria)
 20. Em minha cama, trabalho, junto a comunidade, nos grupos de oração, nas alegrias e tristezas, na Igreja ou então onde sentir a necessidade (Lourdes Galter)
 21. Na igreja, nos grupos, em casa etc. (Maria Roseli)
 22. No quarto, nas visitas aos doentes, na Igreja etc. (Antonia)
 23. Em qualquer lugar. Até no banheiro (Lourdes Rocha)
 24. No quarto, na Igreja e nas casas. Velório, particularmente e qualquer lugar que eu estiver. A oração solitária na hora das refeições, trabalho, nas ceias de natal ou até mesmo nas conduções (Terezinha de Lourdes)
 25. Na Igreja, em casa, no ônibus, peço por nós todos (Maria Conceição)
 26. Na Igreja, em grupos de oração, acompanhando alguma outra pessoa (Maria Edina)
 27. Em grupo, sozinha, a todo momento converso com ele (Paloma)
 28. Em qualquer lugar, sempre que sinto necessidade, mas prefiro os lugares ou ambientes direcionados e dimensionados para a prática. Busco estar relaxado e despreocupado. (Zé Pedro)
 29. Em qualquer lugar, de preferência na cama (Izidoro)
 30. Qualquer lugar (Libânia)
 31. Como eu já citei depende do meu momento (Déo)
 32. No meu quarto (Rosemary)
 33. Na minha casa, em qualquer outro lugar (Clodilde)
 34. Em casa, no grupo de oração e no trabalho (Maria Aparecida)
 35. No trabalho, em minha casa, antes de dormir (Danielli)
 36. Não existe um lugar certo, quando sinto vontade rezo, na igreja, no ônibus, em casa, no serviço, enfim em vários lugares (André)
 37. Em casa, na Igreja, ou nas casas (Nazareth)
 38. Onde for necessário (Adão)
 39. Na cama, onde rezo o terço todos os dias (Francisco)
 40. Costumo rezar em qualquer lugar que haja necessidade de pedir ou agradecer

a nosso Deus (Zezé)

41. Em qualquer lugar, no ônibus, no trabalho, na Igreja ... (Claudia)
42. Igreja, cemitério e em minha casa (Silvia)
43. Rezo no lugar onde estou, se é na igreja costumo rezar no sacrário ou mesmo no banco se é em casa, rezo no meu quarto (Adélia)
44. Costumo frequentar a Igreja nos horários de almoço ao menos duas vezes por semana, porém sempre rezo em transportes públicos, pois observar o povo pobre e cansado me estimula a tal ação (Angélica)
45. Na Igreja, no meu quarto e muitas vezes onde eu sentir vontade e necessidade (Cleidionice)
46. Costumo rezar na minha casa, no trabalho, na Igreja, nas casas dos doentes e de todos aqueles que precisam de oração, e em todos os lugares que sinto vontade e necessidade (Ivete)
47. Em casa, na Igreja, quando estou na condução e no trabalho (Toninho)
48. Em casa, na Igreja e em outros lugares (Jussara)
49. Costumo rezar no quarto (Suzana)
50. No ônibus, na escola, no teatro, no retiro, em casa de manhã, com a natureza (grupo)

4. Você reza também com as próprias palavras?

1. Sim, porque Deus sabe tudo de mim, mas acho, que é preciso falar. Só assim o coração fica mais aliviado, expressando o que às vezes acredito que outras pessoas não entenderiam (nada grave). (Edvalda)
2. Sim, pois agradeço situações do dia a dia. (Elena)
3. Com certeza, pois me sinto mais a vontade (Mônica)
4. Sim (Maria Pinheiro)
5. Sim (Marilene)
6. Sim (Valdeci)
7. Com certeza (Cristina)
8. Sim. As orações são muito ricas em conteúdo, mas há coisas que só minhas palavras podem dizer (Alexandre)
9. Geralmente rezo muito com minhas próprias palavras, acabo atropelando as orações (rituais) que rezo normalmente (Maria Luiza)
10. Sim. Rezo espontaneamente e de forma especial quando estou em contato com a natureza (D. Luzia)
11. Sim (Maria Helena)
12. Sim (Maria Hilda)
13. Sim (Dalmo)
14. Sim (João Bento)
15. Sim (Clarice)
16. Às vezes gosto de meditar (Cilça)
17. Sim. Principalmente, às vezes deixo à fórmula de lado e procuro conversar com o Pai espontaneamente.
18. Sim (Eva Rodrigues)
19. Sim. Todos os dias (Rosa Maria)
20. Prefiro rezar com minhas palavras, mas às vezes sinto medo de dizer coisas que não devo e sinto que posso ofender a Deus (Lourdes Galter)
21. Sim (Maria Roseli)
22. Sim (Antonia)
23. Sim. Principalmente, falar com Deus do meu jeito simples de ser eu acho melhor (Lourdes Rocha)
24. De certa maneira sim. De vez em quando, especialmente quando rezo um salmo colocando minhas intenções em particular e especialmente no salmo de confiança 91 (90), rezo muito com minhas palavras (Terezinha de Lourdes)

25. Sim (Maria Conceição)
26. Sim, principalmente (Maria Edina)
27. Sempre, ora que estou conversando com Deus é momento de abrir meu coração (Paloma)
28. Sim, principalmente porque acho uma oração menos mecânica e mais inspirada (Zé Pedro)
29. Sim (Izidoro)
30. Sim (Libânia)
31. Sim (Déo)
32. Sim (Rosemary)
33. Depende da ocasião (Clodilde)
34. Não entendi (Maria Aparecida)
35. Sim, na minha opinião é a maneira mais simples de falar e desabafar. É muito bom parar para escutar a voz de Deus tocando o seu coração (Danielli)
36. Sim, quando falo o que eu estou sentindo (André)
37. Sim (Nazareth)
38. Sim (Adão)
39. Sim (Francisco)
40. Sim, com minhas palavras e as sabedorias que o Senhor nos dá (Zezé)
41. Sim, bastante (Claudia)
42. Sim (Silvia)
43. Sim, costume rezar com minhas palavras diretamente com Deus (Adélia)
44. Sempre com minhas palavras, as vezes complemento com outras orações, além das habituais e diárias (Angélica)
45. Sim (Cleidionice)
46. Sim essa é a minha maior maneira de rezar. São as minhas palavras, que me levam ao encontro com Deus na oração, nas minhas palavras expresso meus sentimentos (Ivete)
47. Sim, porém, o Pai Nosso, a Ave Maria, estão sempre presentes em minhas orações (Toninho)
48. Sim, na maioria das vezes (Jussara)
49. Rezo com as palavras (Suzana)
50. Sim (grupo)

5. Na oração você deixa Deus falar? Você conversa com ele? Como?

1. Sim. É importante buscar na pessoa de Deus o diálogo, por meio de sua palavra, tento orientar um pouquinho minha vida. Dessa forma, sinto na sua palavra mais conforto para meus problemas. (Edvalda)
2. Busco uma conversa com Deus (Elena).
3. Sim. Sem dúvida deixo ele falar. Sempre converso. Nos meus agradecimentos (Mônica)
4. Sim. Converso. Pensamento, palavras, silêncio (Maria Pinheiro)
5. Sim, deixo e muito. Sim. Através de palavras e da Bíblia (Marilene)
6. Sim. Converso com ele no silêncio (Valdeci)
7. Sim. Com o coração (Cristina)
8. Tento, quando estou rezando, me vem a mente lembranças e frases que foram vivenciadas antes. Uma vez eu estava em um retiro e pedi um sinal. Olhei para a bíblia e li: “não tentes ao Senhor seu Deus” e o sol neste momento começou a brilhar mais forte, isto para mim foi uma conversa em que Deus falava comigo (Alexandre)
9. Ainda ouço pouco Deus falar, pois nem sempre eu deixo, por muitas vezes converso com ele e nunca paro para escutá-lo. Tenho Deus como meu confidente e amigo fiel, independente da oração propriamente dita. Muitas vezes converso com Deus, como num desabafo, não somente para

- “desabafar”, mas, para buscar forças e entendimentos de situações que só a paciência, o discernimento e a sabedoria divina podem nos auxiliar coerentemente (Maria Luiza)
10. Geralmente falo com Deus e não consigo ouvi-lo, mas sinto falta dessa prática (D. Luzia)
 11. Eu gosto de parar para sentir as maravilhas de Deus, como as pessoas, as coisas e o bem feito por ele para mim e para os outros. E através dessas maravilhas, a presença e a voz de Deus (Maria Helena)
 12. Eu deixo Deus falar comigo, escuto e reflito a sua palavra com muita atenção (Maria Hilda)
 13. Sim é importante deixar Deus falar com a gente, mais é importante falar com ele através da oração (Dalmo)
 14. Sim. Sim no pensamento (João Bento)
 15. Às vezes sim, nas minhas orações (Clarice)
 16. Eu gosto de conversar com Deus. Conto tudo que me aconteceu, faço pergunta, fico em silêncio e aos poucos as respostas vão surgindo (Cilça)
 17. Sim. Pois se diálogo consiste em primeiro lugar em saber ouvir, deixar o outro falar, assim não poderia ser diferente com o Pai. Sempre agradeço, peço, louvo e procuro escutar (Nonato)
 18. Sim, peço perdão por ter andado muito tempo na escuridão, irmã não sei o certo mais eu falo assim: Senhor não me deixe desanimar nunca da caminhada e nem esquecer de meus irmãos e amigos. Amém (Eva Rodrigues)
 19. Sim. Na concentração profunda (Rosa Maria)
 20. Ainda tenho dificuldade de ouvir Deus falar, mas sinto em muitos momentos que Deus está bem próximo de mim, conversando comigo então conto meus problemas, peço ajuda para mim, minha família e os outros conforme a necessidade, e também gosto de agradecer o que recebo gratuitamente pela bondade de Deus (Lourdes Galter)
 21. Sim, converso pedindo (Maria Roseli)
 22. Claro. E como, também deixo Deus falar, converso e sinto que Deus está falando comigo (Antonia)
 23. Claro que sim. Sinto Deus me tocando quando converso com Deus. Me sinto aliviada (Lourdes Rocha)
 24. Deixo. Estou fazendo um pedido para Deus e não acontece o pedido, mudo o jeito de pedir e “senti” que é a maneira principal que Deus fala comigo.
Sim, muito. Como converso? Converso com Deus como se estivesse conversando com uma pessoa próxima, nos sentimentos de erro peço perdão, quando preciso peço ajuda e a maneira mais forte é agradecendo (Terezinha de Lourdes)
 25. Sim, converso. Como que com a fé eu penso e converso com Deus (Maria Conceição)
 26. Sim. Procuro ao máximo ouvir o que Deus toca em meu coração (Maria Edina)
 27. É claro, é uma conversa, preciso senti-lo (Paloma)
 28. Na escuta da Palavra e no testemunho e oração dos outros que rezam comigo (Zé Pedro)
 29. Sim, escutando o som do além (Izidoro)
 30. Sim, no silêncio (Libânia)
 31. Sim, eu me calando e Ele entra por todo meu ser (Déo)
 32. Sim. Converso as vezes com palavras, mas na maioria das vezes meditando (Rosemary)
 33. Sim. Com o pensamento (Clodilde)
 34. Sim. Quando estou sozinha é como o se ele estivesse na minha frente, principalmente quando quero rezar por alguém (Maria Aparecida)
 35. Converso com Deus quase todo o tempo, nem sempre tenho sensibilidade para ouvi-lo, mas sei que de alguma maneira ele fala comigo (gostaria de

- conseguir ouvi-lo mais) (Danielli)
36. Nem sempre, converso mais as vezes não o compreendo (André)
 37. Sim, em pensamento (Nazareth)
 38. Peço perdão, pelo o que não pude fazer (Adão)
 39. Sim, Deus fala comigo na leitura diária da Bíblia (Francisco)
 40. Todos os dias procuro falar com Deus e tento ouvir tudo o que ele tem para me falar e procuro guardar o que ele me diz na oração (Zezé)
 41. Bom, eu tento, mas digamos que nem sempre consigo escutá-lo. Sim converso muito. Converso sobre as coisas que gostaria de fazer, questiono sobre a vida, tento entender os motivos e o porque de cada coisa, peço, louvo, agradeço... (de um modo geral é mais ou menos isso) (Claudia)
 42. Sim, converso nos meus pedidos e agradecimentos (Silvia)
 43. Sinto que Deus fala comigo quando tenho necessidade de fazer algo. Converso com Deus, quando faço meus pedidos (Adélia)
 44. Conversamos muito. Geralmente falo mais, porém coloco-me a escutá-lo como se fosse a pequenina criança que ele vem para encher de amor (Angélica)
 45. Sim, deixando com que a palavra entre em meu coração, e assim eu coloco na minha vida e no meu dia a dia (Cleidionice)
 46. Se leio a palavra, sinto Deus falar comigo. Se escuto alguém é porque deixo Deus falar, e isso eu costumo fazer. Converso com Deus sempre, de que jeito? Fazendo cada vez mais o meu compromisso com ele e a Igreja (Ivete)
 47. Sim, tendo de mostrar a realidade de nosso mundo, as dificuldades, a falta de amor, a violência, a injustiça (como se ele não soubesse), e fico ouvindo as explicações (Toninho)
 48. Sim, deixo sim, converso como se ele estivesse ao meu lado (Jussara)
 49. Na oração deixo Deus falar, converso com ele em voz alta, falo para ele tudo o que sinto e o meu coração fica alegre (Suzana)
 50. Geralmente só falo; às vezes; só deixo Deus falar quando faço relaxamento (grupo)

6. Você reza na Celebração Dominical da Palavra?

1. Sim, procuro rezar nas celebrações dominicais (Edvalda).
2. Sim (Elena)
3. Sim (Mônica)
4. Sim (Maria Pinheiro)
5. Sim (Marilene)
6. Sim (Valdeci)
7. Sim (Cristina)
8. Sim, e o melhor é que na celebração é possível rezar em comunhão com muitos amigos e pessoas desconhecidas (Alexandre)
9. Geralmente sim. Às vezes perco a concentração e sou apenas mais uma pessoa na igreja (Maria Luiza)
10. Sim (D. Luzia)
11. Sim (Maria Helena)
12. Sim, rezo com entusiasmo (Maria Hilda)
13. Sim (Dalmo)
14. Sim (João Bento)
15. Sim (Clarice)
16. Sim (Cilça)
17. Sim (Nonato)
18. Sim. Agradecendo ao Pai por estar mais uma vez com saúde na celebração (Eva Rodrigues)
- 19.
20. Não sinto diferença nenhuma, celebração da Palavra ou missa me satisfaz

(Lourdes Galter)

21. Sim (Maria Roseli)
22. Sim (Antonia)
23. Sim. Claro que é o melhor momento de rezar, pois estamos unidos com os irmãos (Lourdes Rocha)
24. As vezes eu posso criticar, quando a celebração é demorada e cansativa, mas gosto do mesmo jeito, rezo do mesmo jeito (Terezinha de Lourdes)
25. Rezo (Maria Conceição)
26. Sim (Maria Edina)
27. Sim, sempre (Paloma)
28. Sim (Zé Pedro)
29. Sim (Izidoro)
30. Sim (Libânia)
31. Rezo (Déo)
32. Às vezes (Rosemary)
33. Sim (Clodilde)
34. As vezes (Maria Aparecida)
35. De certa forma sim (Danielli)
36. Sim rezo sempre (André)
37. Sim (Nazareth)
38. Sim (Adão)
39. Sim (Francisco)
40. Na celebração rezo na certeza de que Deus está presente (Zezé)
41. Rezo, talvez não com toda a dedicação que a celebração merece, mas rezo (Claudia)
42. Sim (Silvia)
43. Sim, rezo porque para mim Deus está presente tanto quanto nas missas (Adélia)
44. Sim, porém muito pouco, pois tento envolver-me mais com a mensagem dominical, além das responsabilidades litúrgicas que nos toma um percentual do tempo (Angélica)
45. Sim (Cleidionice)
46. Sim, rezar para mim é celebrar, é partilhar, louvar, comungar com os irmãos o mesmo pão, a palavra, a mesma alegria (Ivete)
47. Pedindo a Deus por todos; pelas necessidades por situações, por nossos entes queridos que se foram etc. (Toninho)
48. Sim rezo (Jussara)
49. Sim (Suzana)
50. Às vezes, tento; sim (grupo)

7. Como você reza na celebração Dominical da Palavra?

1. Há vários momentos: junto com a assembleia, ao cantar, louvando a presença de Cristo, ao proclamar a Palavra e na Eucaristia (Edvalda).
2. Ouvindo a Palavra, como verdade rezo confirmando para mim (Elena).
3. Já me preparo no ato penitencial agradecendo e pedindo perdão (Mônica)
4. Participando de todos os momentos da celebração (Maria Pinheiro)
5. Em silêncio, com o coração e o pensamento (Marilene)
6. Com muita fé (Valdeci)
7. Me entregando de coração a palavra principalmente no evangelho (Cristina)
8. Como se a conversa com Deus fosse com mais de uma pessoa (Alexandre)
9. Acompanho o “jornal” e os cantos e na medida do possível, procuro refletir sobre as leituras. (Maria Luiza)
10. Geralmente ouço as leituras e na medida do possível procuro meditar algum versículo que mais me chamou a atenção (D. Luzia).

11. Cantando e participando (Maria Helena)
12. Falando, cantando e acreditando que Deus está nos ouvindo (Maria Hilda)
13. Ouvindo o que Deus fala (Dalmo)
14. Nos momentos fortes da celebração que são a eucaristia e a palavra, etc (João Bento)
15. Ouvindo o que a Palavra quer dizer (Clarice)
16. Quando eu entro na Igreja e me ajoelho (Cilça)
17. Através das orações, cânticos, ouvindo a reflexão da palavra e com gestos (Nonato)
18. Como reza: Eu não sei rezar mais rezo o que eu sei: Pai Nosso e a Ave Maria (Eva Rodrigues)
- 19.
20. Rezo participando ativamente junto a minha comunidade, individual e com muita confiança (Lourdes Galter)
21. Meditando em pensamento (Maria Roseli)
22. Rezo participando junto a comunidade (Antonia)
23. Rezo conforme cada celebração: intenção (Lourdes Rocha)
24. Rezo participando com todos, às vezes, no momento que está rezando alguma oração eu coloco minhas intenções particulares e para todos (Terezinha de Lourdes)
25. Com fé a palavra de Deus é muito linda e encontro paz (Maria Conceição)
26. Rezo primeiro pedindo a Deus perdão, em seguida agradeço e ofereço minha semana a Deus (Maria Edina)
27. Rezo quase sempre por lágrimas “é mágico” (Paloma)
28. Procurando o envolvimento com todos na assembleia para que a oração seja de um e de todos ao mesmo tempo (Zé Pedro)
29. Invocando o Espírito Santo (Izidoro)
30. Sim (Libânia)
31. Participando (Déo)
32. Participando (Rosemary)
33. Participando dos cantos (Clodilde)
34. Cantando (Maria Aparecida)
35. Tento entender o que aquela palavra (Evangelho) tenta nos passar, e faço minhas orações para tentar ser firme em minha fé e seguir retamente aquilo que ele nos pede (Danielli)
36. Conforme as partes da celebração (André)
37. Acompanhando tudo (Nazareth)
38. Pedindo ao Pai misericórdia (Adão)
39. Meditando, refletindo a Palavra (Francisco)
40. Na celebração eu rezo porque acredito no ministro que está dirigindo a palavra, e ali está o próprio Deus, na hóstia consagrada da qual vamos participar todos juntos na santa comunhão (Zezé)
41. Começo pelo ato penitencial, depois ouço com atenção as leituras, principalmente o evangelho, escuto a homilia, tento perceber o que o texto quer me dizer, isto é, o que Deus quer de mim, comparo-o com minha vida, faço minha oração pessoal, tento me comprometer com a mensagem da leitura e levar comigo a mensagem ou uma frase que mais me chamou a atenção, para lembrá-la e tentar praticar no dia a dia (Claudia)
42. Nos cânticos e participando da santa missa (Silvia)
43. Na celebração da Palavra, sinto Deus mais presente, pois parece que a fé que os ministros transmitem, ajuda-me a ir ao encontro com Deus vivo e assim eu rezo com mais fervor (Adélia)
44. Agradeço as alegrias da semana que passou, peço pelo que virá, e em função da humanidade (Angélica)
45. Eu tenho o momento para agradecer, para pedir perdão, fazer pedidos e ao

participar da comunhão eu peço que este pão seja para mim fortaleza para todos os momentos fáceis e difíceis de minha vida (Cleidionice)

46. Com o coração, não importa se estou alegre ou triste, é o momento de buscar a alma (Ivete)
47. A resposta está no item 6. (Toninho)
48. Rezo em silêncio, envolvida com os temas da celebração (Jussara)
49. Eu rezo louvando, agradecendo por todas as coisas (Suzana)
50. Olhando as crianças, quando eu fujo da celebração (se desliga); cantando, dançando (grupo)

8. Em que momentos especialmente você reza na celebração Dominical da Palavra?

1. No momento da Palavra de Deus e da “Eucaristia” que são mais fortes (Edvalda).
2. “Quando se apresenta a eucaristia” (Elena).
3. No momento da homilia e na “apresentação da comunhão” (Mônica)
4. “Liturgia eucarística” (Maria Pinheiro)
5. No ato penitencial é o momento em que peço perdão a Deus, e me entrego (Marilene)
6. “Momento da eucaristia” (Valdeci)
7. No evangelho (Cristina)
8. No ato penitencial, nas leituras, no pai-nosso e no abraço da paz (Alexandre)
9. No salmo responsorial e após o evangelho durante a homilia (Maria Luiza)
10. No momento do “ofertório” (preparação das oferendas) (D. Luzia)
11. No rito penitencial (Maria Helena)
12. Em todos os momentos da celebração dominical da Palavra. Para mim é especial, principalmente na entrada da Palavra, porque e na palavra que está tudo o que é bom, ela nos ensina a oração a amar o próximo se todo ser humano ouvisse e praticasse a palavra de Deus, o mundo teria paz (Maria Hilda).
13. Todos os momentos da celebração são especiais, mais o momento da “eucaristia” para mim e mais importante (Dalmo)
14. Na “eucaristia” (João Bento)
15. Em todos os momentos (Clarice)
16. Ao “receber a comunhão” (Cilça)
17. Todos os momentos são especiais, mas na “liturgia eucarística” entro mais na intimidade com Deus na pessoa de Jesus Cristo presente na hóstia consagrada (Nonato)
18. Eu rezo no ato penitencial pedindo para o Senhor me perdoar, ensinar amar, perdoar rezar e esquecer (Eva Rodrigues)
- 19.
20. Procuro estar o tempo todo em oração, sem definir momentos, mas procuro interiorizar mas na Palavra e a “partilha do pão (comunhão)” (Lourdes Galter)
21. Ato penitencial porque é o momento do perdão (Maria Roseli)
22. Na “hora da eucaristia” (Antonia)
23. “Na comunhão”: agradeço a Deus por fazer do meu coração sua morada (Lourdes Rocha)
24. Rezo momento do ato penitencial, oração dos fiéis, mesmo alguém fazendo oração, eu rezo particular, “no ofertório”, no pai nosso, e na “comunhão” que sempre ofereço a alguém (intenção), na palavra, no sentido da meditação (Terezinha de Lourdes)
25. Em especial no evangelho, em todo momento (Maria Conceição)
26. Principalmente na “eucaristia” (Maria Edina)
27. Na “hora da consagração”, ao entrar na Igreja e ao sair dizendo vamos comigo

- Senhor eu prometo que a semana será fantástica (Paloma)
28. Eu acho que o processo de oração começa a própria preparação, mas durante a celebração existem momentos mais fortes e envolventes (Zé Pedro)
 29. No ato penitencial e “após a comunhão” (Izidoro)
 30. Ele está no meio de nós (Libânia)
 31. Principalmente “no momento eucarístico” (Déo)
 32. “Na comunhão” (Rosemary)
 33. Nos momentos necessários (Clodilde)
 34. No momento em que se preparamos para receber a “comunhão” (Maria Aparecida)
 35. Na hora da homilia, onde posso entender melhor (Danielli)
 36. No ato penitencial e “após a comunhão” (André)
 37. Na hora da chegada e na “hora da comunhão” (Nazareth)
 38. Em três momentos (Adão)
 39. Na “adoração ao Santíssimo” (Francisco)
 40. Na “hora da apresentação do corpo de Cristo em nosso meio” (Zezé)
 41. Principalmente no “momento da eucaristia”, pois é o momento em que você aceita o compromisso e faz aliança com Deus (Claudia)
 42. Na celebração eu me concentro mais na hora do evangelho e na hora do Pai Nosso (Silvia)
 43. Na hora das orações e louvor a Deus, nessa hora eu consigo me entregar mesmo (Adélia)
 44. Ato penitencial e oração dos fiéis (Angélica)
 45. As vezes no início, no ato penitencial enfim na celebração temos vários momentos para rezar (Cleidionice)
 46. Desde o primeiro momento ao invocar o Espírito Santo. No pedir perdão, no louvar a Deus. Rezo a partir da Palavra na tentativa de levar a comunidade a entender que Deus quer o nosso compromisso (Ivete)
 47. No início, no momento de oração dos fiéis, no espaço, que na missa é a “oração eucarística”, na celebração fazemos orações (Toninho)
 48. Geralmente no ato penitencial e no “momento eucarístico” (Jussara)
 49. Eu rezo em todos os momentos (Suzana)
 50. Evangelho; salmo; ato penitencial; “quando distribui o pão” (grupo)

9. Que dificuldades você encontra para rezar na Celebração Dominical da Palavra?

1. Em algumas celebrações dominicais há uma certa dificuldade de rezar por faltar um pouco de silêncio, isto se dá principalmente em épocas festivas, onde o número de fiéis aumenta (Edvalda)
2. Muitas vezes devido ao sono, é uma coisa que não tem explicação (Elena).
3. Não encontro (Mônica)
4. Após o abraço da paz, devido a ausência de silêncio (Maria Pinheiro)
5. A dificuldade por não ter um momento especial dentro da celebração (Marilene)
6. Muito barulho (Valdeci)
7. Silêncio e educação das mães com seus filhos que ficam correndo e gritando o tempo todo (Cristina)
8. Pensar em outras coisas, conversas paralelas e outros (Alexandre)
9. Nossas celebrações são muito dispersas, há muito barulho, não só as crianças, mas os adultos não se concentram em momentos que acho cruciais para nós católicos (Maria Luiza)
10. Há muito barulho durante as celebrações e há pouca disponibilidade dos celebrantes (D. Luzia)
11. Quando estou estressada ou por qualquer problema, perco a concentração (fico desligada) (Maria Helena)

12. Não tem dificuldade, só quando os nossos vizinhos de banco não nos deixam ouvir com atenção (Maria Hilda)
13. Eu não encontro nenhuma dificuldade para rezar na celebração dominical da Palavra (Dalmo)
14. Nenhuma (estava escrito; nem uma) (João Bento)
15. Nenhuma (estava escrito; nem uma) (Clarice)
16. Na oração dos fiéis, fazer uma voz alta a oração, orante (Cilça)
17. É exatamente na parte eucarística, por falta de silêncio. É preciso conscientizar nosso povo da importância deste momento para a nossa vida de oração (Nonato)
18. A dificuldade que eu encontro é a hora de receber a eucaristia eu não sei qual é a reza que deve rezar. E peço perdão a Deus por não saber o que fazer (Eva Rodrigues)
- 19.
20. Não encontro dificuldade nenhuma (Lourdes Galter)
21. Nenhuma (Maria Roseli)
22. Não acho nenhuma dificuldade (Antonia)
23. Não (Lourdes Rocha)
24. Se eu for fazer o comentário me preocupo em transmitir para a assembleia e deixo de me concentrar um pouco na celebração e as vezes em fazer os pedidos oração em voz alta (Terezinha de Lourdes)
25. Nenhuma (Maria Conceição)
26. Em geral nenhuma (Maria Edina)
27. Somente quando as pessoas estão conversando ao meu lado (Paloma)
28. A de ajudar a oferecer aquilo que as pessoas precisam ao buscar o espaço da celebração para suas necessidades de amor e de integração (Zé Pedro)
29. Na hora da homília (Izidoro)
30. Não (Libânia)
31. Nenhuma (Déo)
32. Nenhuma (Rosemary)
33. Eu não acho dificuldade nenhuma (Clodilde)
34. Não costumo encontrar dificuldade, mas não gosto de celebração muito quieta, muito curta (Maria Aparecida)
35. Não diria dificuldade, mas acho que é melhor fazer orações espontâneas, na celebração não somos tão espontâneos por causa dos FOLHETOS (Danielli)
36. Nenhuma (André)
37. Nenhuma (Nazareth)
38. Quando estou bem a vontade não tenho dificuldades (Adão)
39. Falta de inspiração (Francisco)
40. Não vejo dificuldade porque o ministro foi escolhido pelo próprio Deus, para transmitir o conforto espiritual (Zezé)
41. Talvez concentração para ouvir as leituras, pois quem vai ler tem que estar preparado, isto é, saber o que está dizendo, pois não devem ser palavras ditas da boca pra fora e para isso não basta ler bem é preciso uma dedicação maior (Claudia)
42. Na explicação do evangelho e das leituras (Silvia)
43. Nenhuma (Adélia)
44. Vide a questão 6 (Angélica)
45. Nenhuma, porque eu sinto a presença viva de Deus em nosso meio (Cleidionice)
46. Sem dificuldades, rezo com confiança (Ivete)
47. De me expressar diante do público (assembleia), as vezes, pouco conhecimento do tema (Toninho)
48. Não encontro dificuldades para realizar minhas orações (Jussara)
49. Eu encontro dificuldade se eu tivesse que passar mensagem sobre a palavra,

isso os ministros da Palavra fazem muito bem (Suzana)
50. Barulho; falta de oportunidade; falta de criatividade (grupo)

10. Você considera a celebração dominical da Palavra uma oração?

1. Sim. Porque nas celebrações dominicais é o próprio Deus que fala por meio da Palavra, dizendo o que deseja de mim (nós). É a Boa Nova (Edvalda)
2. Acho que sim, pois para mim é um grande momento de oração (Elena).
3. Sim (Mônica)
4. Uma oração completa (Maria Pinheiro)
5. Sim (Marilene)
6. Sim (Valdeci)
7. Com certeza (Cristina)
8. Sim, mas poderia ser melhor (Alexandre)
9. Claro. A celebração dominical da Palavra é uma oração muito especial, pois, Deus se faz presente para mim com maior convicção. Porque a junção de muitas pessoas pelo mesmo objetivo: louvar a Deus, torna sua presença – Deus mais forte em nossas vidas (Maria Luiza)
10. Sim (D. Luzia)
11. Depende dos frutos desenvolvidos a partir da celebração. Se fizer efeito positivo sim, se negativo ou infrutífero não (Maria Helena).
12. A celebração da Palavra para mim é uma oração muito forte, onde nós todos juntos podemos pedir e alcançar bênçãos (Maria Hilda).
13. Sim (Dalmo)
14. Sim (João Bento)
15. Mais do que oração (Clarice)
16. Mais um encontro com Deus. Visitar o nosso padroeiro, estar junto com o nosso povo católico (Cilça)
17. Sim. Uma oração completa (Nonato)
18. Sim, agora que eu me achei, e por sinal é uma celebração muito gostosa.
- 19.
20. Considero uma oração muito importante (Lourdes Galter)
21. Considero (Maria Roseli)
22. Sim. É uma boa oração (Antonia)
23. Claro que sim. Oração fortíssima, pois rezamos unidos na comunidade e tem mais força (Lourdes Rocha)
24. Sim, não faz diferença nenhuma. Não vou à Igreja para ouvir o que os outros falam e sim para conversar e me encontrar com Deus que é muito especial (Terezinha de Lourdes)
25. Considero uma oração celebrada (Maria Conceição)
26. Sim, a mais importante de nossas orações (Maria Edina)
27. Sim (Paloma)
28. Sim, porque é possível que o povo reze, junto, comunitariamente, porque é um espaço de contato com Deus (Zé Pedro)
29. Sim (Izidoro)
30. Sim (Libânia)
31. Claro e muito (Déo)
32. Sim (Rosemary)
33. Sim (Clodilde)
34. Sim (Maria Aparecida)
35. Sim, só que é uma oração com um roteiro a seguir. Quanto a ministros eu não tenho nada contra esse é um método de ajuda aos padres (que estão quase em extinção) (Danielli)
36. Sim, porque no andamento da celebração, nós rezamos e assim se torna uma oração (André)

37. Sim (Nazareth)
38. Muito mais que oração (Adão)
- 39.
40. Sim, e gosto muito, muitas vezes sinto mais a vontade na celebração (Zezé)
41. Sim, pois muitas vezes passamos a semana inteira sem parar um minuto para rezar, conversar e agradecer a Deus e a celebração é um dos poucos momentos em que a maioria das pessoas param para rezar (Claudia)
42. Sim (Silvia)
43. Sim, na celebração também tem momentos só para a oração (Adélia)
44. Sim, pois o louvor, a súplica, a meditação, a palavra e a “eucaristia” são para mim oração, pois o conjunto da celebração fortalece a fé, e com isso a oração (diálogo com Deus), flui com uma facilidade bem maior (Angélica)
45. Sim (Cleidionice)
46. Sim, se tem Palavra de Deus, tem oração (Ivete)
47. Sim, e muito fervorosa (Toninho)
48. Sim, uma grande oração (Jussara)
49. Considero uma oração muito rica (Suzana)
50. Depende muito do celebrante (grupo)

11. O que está faltando para que você e a comunidade possa rezar melhor na celebração Dominical da Palavra?

1. Atenção, silêncio, colocar-se à escuta da Palavra de Deus e deixando suas palavras soarem no coração para só assim rezarmos melhor (Edvalda).
2. Falta eu ter uma maior participação (Elena)
3. Que a própria comunidade participe mais, com mais vontade. Obs.: Comunidade povo. (Mônica)
4. Uma melhor organização nos cantos, como xerox, livros etc.
5. Um momento específico dentro da celebração que ajude a assembleia a rezar (Marilene)
6. Está faltando o silêncio (Valdeci)
7. Mais respeito entre todas as lideranças (Cristina)
8. Alcançarmos uma unidade (lembrando que unidade não é igualdade) e mais respeito entre as pessoas, cada um com sua própria maneira de falar com Deus dentro e fora da Igreja (Alexandre)
9. Penso que preciso participar ativamente das preparações litúrgicas e com a comunidade criar momentos mais reais e de acordo com a vivência do povo. Podendo assim, transmitir mais coragem e dinamismo na prática cotidiana da vida em oração, a começar pela própria família, obviamente (Maria Luiza)
10. Falta criatividade, mas, também não sei exatamente o que e como auxiliar (D. Luzia)
11. Precisa de mudança individual minha, pessoal e eu me encontrar com o dom de alguma criatividade no serviço aos irmãos (Maria Helena)
12. A celebração dominical da palavra para mim seria bem melhor se todos nós nos reuníssemos na preparação da celebração (Maria Hilda)
13. Eu creio que não está faltando nada. Só a gente prestar mais atenção na celebração (Dalmo)
14. No momento agora, não está faltando nada, está ótimo (João Bento)
15. Falta às vezes um ministro mais qualificado (Clarice)
16. É não nos preocuparmos tanto com o tempo (Cilça)
17. Na celebração existe momentos para tudo: cantar, rezar, bater palmas etc. É importante sabermos vivenciar cada momento, principalmente o do silêncio. Digo também que a escolha dos cantos é fundamental para que tudo favoreça uma boa celebração (Nonato)
18. Para mim falta mais participação para ajudar a comunidade. Só que não tenho

tempo e nem condição. Tenho fé, vou participar se Deus quiser. Na comunidade é só as pessoas participar mais na liturgia. Entre o debate da preparação cada um dando uma opinião para melhorar a celebração. Seria para mim a melhoria mais na preparação na liturgia (Eva Rodrigues)

- 19.
20. Celebrações mais bem preparadas, tanto pela liturgia, quanto pelos ministros, exemplo: homilias mais simplificadas, breves e claras, ajudam mais a comunidade rezar (Lourdes Galter)
21. A comunidade reza muito bem não falta nada (Maria Roseli)
22. Não sei o que está faltando (Antonia)
23. Acho que na minha comunidade não falta nada todos se doam e se esforçam para o melhor (Lourdes Rocha)
24. Não está faltando nada, mas se puder aperfeiçoar mais é melhor (Terezinha de Lourdes)
25. Não falta nada, existe uma ótima preparação (Maria Conceição)
26. Talvez que haja mais participação de todos (Maria Edina)
27. Diálogo constante, fazer maiores ações juntos para “nos auto conhecer e nos amarmos” acima de tudo e abaixo de Deus (Paloma)
28. Uma busca maior de amor e proximidade com Deus além de não ficar preso a moldes celebrativos pré-estabelecidos (Zé Pedro)
29. Não tenho falta (Izidoro)
30. Não falta nada (Libânia)
31. Tirando um pouco os rituais para que a gente se solte mais (Déo)
32. Da minha parte, mais disponibilidade e participação. Da comunidade mais incentivo (Rosemary)
33. A gente “tendo” ciente do que está celebrando não tem dificuldade (Clodilde)
34. Está faltando mais compreensão com os ministros porque a maioria das vezes achamos que só o padre tem o dever de celebrar a missa (Maria Aparecida)
35. Espontaneidade, calor humano, acolhida. As pessoas ficam muito dispersas uma das outras. Gostaria que fosse como antes, a uns 13 anos atrás, as orações tinham mais alegria (Deixo claro que não tenho saudade dos carismáticos, apenas acho que hoje a Igreja está mais dispersa do que antes) (Danielli)
36. Eu creio que atualmente não falta nada, mas temos que ter sempre ânimo e perseverança para não desanimar na caminhada (André)
37. Comunicação, entrosamento, mais entusiasmo dos que celebram (Nazareth)
38. Liberdade e compreensão (Adão)
39. O valor e respeito a liturgia e o aprofundamento da espiritualidade (Francisco)
40. Está faltando mais entrosamento entre o celebrante e as pessoas que participam da celebração para ficarem mais cheios do Espírito Santo, presente entre nós (Zezé)
41. Fazer uma “missa” contemplativa e ao mesmo tempo dinâmica e animada, Ex: Ato penitencial, salmo, canto depois da comunhão que sejam bem contemplativos, bem cantados e ensaiados pela liturgia. Já o glória, “ofertório” e final colocar cantos mais animados. Dinamizar a “liturgia eucarística”, pois acredito que é o momento em que a assembleia presta menos atenção, pois é cansativo ouvir todas aquelas orações, (eu sei que para a celebração existem regras), mas de repente o leitor não ficar sempre atrás da mesa da palavra, poderia ele (a) ler alto caminhando pelo meio da igreja, (garanto que chama muito mais atenção), o comentarista deve estar bem preparado para acolher o povo. Lembrar um pouco da história dos santos e santas, quando dor o dia deles, esses são bons exemplos e ajudam muito na caminhada do povo (Claudia)
42. Na minha opinião a celebração da minha comunidade está bem (Silvia)
43. Falta mais participação da parte do povo, que muitas vezes o ministro da

- oportunidade “das” pessoas falarem e eles não falam nada (Adélia)
44. Os momentos reservados para o diálogo com Deus na celebração são muito restritos, é como se tivéssemos tempo para falar com Deus e não para escutá-lo. Precisariamos de momentos que deixasse o cristão a vontade, que sentisse a presença do Pai, e a partir de então pudesse colocar-se a escutá-lo, pois as pessoas são adaptadas a falarem sem parar e não escuta o que Deus tem a dizer (Angélica)
 45. Na minha opinião a espiritualidade é forte, mas acho que o tempo da celebração é um pouco curto (Cleidionice)
 46. Mais espiritualidade, muitas vezes a comunidade foge do espírito de Deus. Para muitos não há concentração (Ivete)
 47. Conhecimento, apesar dos encontros nos dar uma boa base, e falta treinamento, creio que por nossa culpa (Toninho)
 48. Melhor entrosamento e comunicação entre toda a Igreja (Jussara)
 49. Na celebração da comunidade não falta nada, os ministros celebram muito bem (Suzana)
 50. Harmonia, criatividade; as leituras devem ser proclamadas, bem preparadas; o espaço bem preparado (grupo)

APÊNDICE C – Dados das pessoas que responderam o questionário¹⁸⁶

NOME	IDADE	ESCOLARI- DADE	PROFIS- SÃO	COMUNI- DADE	TEMPO PARTICI- PAÇÃO	PASTORAL	FEZ ALGUM CURSO?
1. Eva Rodrigues da Conceição	40	5ª Série	Doméstica	Cristo Redentor	1 ano	Grupo de Rua	Não
2. Rosa Maria da Cruz	57	1º grau incompleto	Doméstica	Cristo Redentor	9 anos	Past. da saúde	Não
3. Edivalda Ferreira da Silva	25	2º grau completo	Dona de casa	Cristo Redentor	8 anos	Catequese	Sim
4. Elena Xavier de Barros	49	8ª série	Vendedora	Cristo Redentor	31 anos	Nenhuma	Não
5. Mônica Oliveira	21	2º grau	-----	Cristo Redentor	4 anos	Catequese crisma	Não
6. Maria Pinheiro da Paz	66	1º grau incompleto	Dona de casa	Cristo Redentor	8 anos	Past. da saúde	Encontros formação
7. Marilene de Oliveira Agostinho	47	Primário	Dona de casa	Cristo Redentor	10 anos	Liturgia	Encontro de formação
8. Valdeci Maria de Almeida	44	Primário	Doméstica	Cristo Redentor	20 anos	Past. da saúde	Não
9. Cristina Santos Silva	29	2º grau	Costureira	Cristo Redentor	2 anos	Catequese	Prep. Catequética
10. Pedro Alexandre S. da Silva	23	2º grau	-----	Cristo Redentor	12 anos	Jovens e conselho	Crisma/ Curso de verão
11. Maria Luiza G. da Silva	30	3º grau	Professora	Cristo Redentor	15 anos	Nenhum	Catequese
12. Luzia Bento da Silva	50	Primário	Do lar	Cristo Redentor	20 anos	Past. saúde	Formação litúrgica
13. Maria Helena Neres	47	Primário	Estudante	Cristo Redentor	15 anos	Grupo de oração	Não
14. Maria Hilda Ribeiro	48	Primário	Cozinheira	Cristo Redentor	7 anos	Minis. Comunhão	Não
15. Dalmo da Silva	49	4ª série	Mestre de Obra	Cristo Redentor	16 anos	Administração	3 anos teologia/ leigos
16. João Bento da Silva	----	8ª série	Instalador telefônico	Cristo Redentor	16 anos	Past. batismo	Sim
17. Clarice Rodrigues Silva	43	4ª série	Do lar	Cristo Redentor	16 anos	Past. batismo	Encontros formação
18. Silça Silveira da Silva	41	5ª série	Do lar	Cristo Redentor	10 anos	Past. saúde	Não
19. Raimundo Nonato		2º grau		Cristo Redentor	20 anos	Ministro Palavra	Teologia/ leigos
21. Lourdes M M. Galter	48	4ª série	Doméstica	N.S. das Graças	30 anos	Liturgia/ conselho	Teologia/ leigos
22. Maria Roseli Eschiezaro	48	4ª série	Balconista	N.S. das Graças	13 anos	Dízimo/ grupo de base	E.C.C.
23. Antonia Neta	51	4ª série	Do lar	N.S. das Graças	10 anos	Dízimo/ clube de	E.C.C.

¹⁸⁶ Questionário respondido no final dos anos 90. Responderam às perguntas 50 pessoas individualmente e um grupo de 6 pessoas. Total: 56 pessoas.

NOME	IDADE	ESCOLARIDADE	PROFISÃO	COMUNIDADE	TEMPO PARTICIPAÇÃO	PASTORAL	FEZ ALGUM CURSO?
						mães	
24. Maria de Lourdes da Rocha	59	7ª série	Doméstica	N.S. das Graças	15 anos	Batismo/dízimo/grupo de rua	Teologia
25. Terezinha de Lourdes da Silva	48	Primário	Do lar	N.S. das Graças	24 anos	Past. saúde/liturgia/vicentinos/grupo de rua	E.C.C. / comentarista
26. Maria Conceição de Souza	67	4ª série	Do lar	N.S. das Graças	34 anos	Past. saúde/ministra da comunhão	Saúde
27. M. Edina Mariano Pinheiro	32	Magistério	Professora	N.S. das Graças	2 anos	Dízimo/grupo de rua	Não
28. Paloma Cardoso Candido	21	2º grau	Professora de Inglês	N.S. das Graças	10 anos	Past. Família/Catequese	----- -
29. José Pedro de Melo	38	2º grau	Suporte Técnico	N.S. das Graças	10 anos	Catequese / ministro Palavra	Sim, diversos
30. Isidório Ferreira de Alexandria	49	1º grau	Marceneiro	Divino Mestre	27 anos	Na própria comunidade	Não
31. Libânia Pereira de Alexandria	42	4ª série	Agente escolar	Divino Mestre	22 anos	Nenhuma	Não
32. Alderiva Moreno Dantas (Déo)	47	2º grau	G. de produção	Divino Mestre	20 anos	Ministra da Palavra	Sim
33. Rosemary Santos Dantas	27	Superior incompleto	Encarregada da PCP	Divino Mestre	1 ano	Nenhuma	Não
34. Clotildes A. da Silva	66	7ª série	Costureira	Divino Mestre	20 anos	Minis. comunhão	Não
35. Maria Aparecida de Jesus	24	2º grau	Ajudante cerâmica	Divino Mestre	8 anos	Grupo de oração e jovem	Não
36. Danielli D. de Campos	21	2º grau	Auxiliar de escritório	São João Batista	13 anos	Nenhuma	Teologia Pastoral Diocese de Osasco
37. André Laércio D. de Campos	19	2º grau	Ajudante geral	São João Batista	12 anos	Nenhuma	Não
38. Nazareth M. A. Rosário	47	2º grau	Servente escolar	São João Batista	17 anos	Equipe de festas e cursos	Não
39. Adão Augusto de Oliveira	59	3º primário	Const. civil	São João Batista	17 anos	Grupo de rua – ministro da Palavra	Não
40. Francisco Borges Ferreira	73	2º grau incompleto	Aposentado	São João Batista	13 anos	Batismo/grupo de	Encontros formação

NOME	IDADE	ESCOLARI- DADE	PROFIS- SÃO	COMUNI- DADE	TEMPO PARTICI- PAÇÃO	PASTORAL	FEZ ALGUM CURSO?
						rua	
41. Maria José Selverio	49	2º primário	Doméstica	Santa Luzia	16 anos	Ministra batismo	Formação litúrgica
42. Claudia Novaes Santos	21	2º grau	Aux. serviços gerais	Santa Luzia	14 anos	Nenhuma	Começou teologia/leigos
43. Silvia Bernades Carvalho	63	Primário incompleto	Dona de casa	Santa Luzia	4 anos	Grupo de oração	Não
44. Adelia dos Santos	67	Primário	Encarrega da Setor	Santa Luzia	16 anos	Ministra da comunhão e enfermos	Preparação para os ministros
45. Angélica Ursulino de Vasconcelos	18	2º grau	Analista de suporte	Santa Luzia	10 anos	Liturgia	Formação litúrgica da juventude
46. Cleidionice B. Máximo	27	Ginásio completo	Costureira	Santa Luzia	5 anos	Liturgia	Não
47. Maria Ivete de Vasconcelos	42	2º grau	Ajudante de copa	Santa Luzia	12 anos	Ministra da Palavra e Testemunha qualificada do matrimônio	Encontro de ministros e formação litúrgica
48. Antonio Alves de Vasconcelos	45	2º grau	Representante de atendimento	Santa Luzia	12 anos	Ministro da Palavra e Testemunha qualificada do matrimônio	Encontro de ministros e formação litúrgica
49. Jussara Ursulina de Vasconcelos	16	2º grau (cursando)	-----	Santa Luzia	8 anos	Grupo de jovens	Não
50. Suzana Zandonadi de Santana	51	1º grau	Do lar	Santa Luzia	10 anos	Saúde e ministra da comunhão	Formação ministros e litúrgica
51. Grupo de 6 pessoas				Cristo Redentor		Vários	Vários

ANEXO B – Relatório referente à pesquisa realizada pela CNBB:
Celebração da Palavra de Deus na ausência do padre

1. Está em uso a celebração da Palavra de Deus na ausência do padre (culto dominical sem padre) em sua diocese?

- Responderam afirmativamente 158 dioceses. Apenas uma respondeu negativamente.

2. A celebração é presidida por um leigo ou um diácono?

- Por um(a) leigo(a), 117 respostas positivas.
- Por um Diácono, 20 respostas.
- Observações:
 - por religiosos (as)
 - pela ou pelo catequista, ministros da eucaristia.
 - Duas dioceses não responderam.

3. O presidente da celebração é

- Homem e mulher, responderam afirmativamente 125 dioceses.
- Presidida só por homens, 7 dioceses.
- Observações:
 - Houve dioceses que afirmaram: este serviço a mulher está mais presente. Elas são catequistas... A presença e a atuação da mulher está crescendo.
 - Uma diocese chegou a afirmar que 90% das celebrações são presididas pelas mulheres. Outras afirmam que em geral é presidida por homens. Eles são os ministros extraordinários da eucaristia.

4. A celebração é animada por uma equipe?

- Responderam afirmativamente 130 dioceses. 11 não responderam.
- Outras limitaram-se a observar:
 - A celebração é animada por um ministro, por um religioso (a), pelo(a) catequista, pelos ministros extraordinários da eucaristia ou da Palavra.
 - As equipes são muito fracas. Nas comunidades da cidade (incluindo bairros e periferias) há equipes, no interior é difícil.
 - As equipes fazem o que o padre manda. São orientadas por ele.
 - Houve quem respondesse simplesmente “sim” ou “não”, ou “quase sempre”.

5. A celebração é feita aos:

- As celebrações realizadas aos domingos obtiveram 138 respostas positivas.
- Celebrações realizadas em dias de semana, 21 respostas.
- Observações:
 - Muitas respostas uniram o sábado ao domingo.
 - Algumas regiões valorizam a quinta-feira e outras a quarta-feira para as celebrações comunitárias.
 - Houve quem observasse: dependendo das circunstâncias, das oportunidades e dos acontecimentos.

6. As celebrações são feitas:

- Com comunhão eucarística, 88 dioceses responderam afirmativamente.
- Sem a comunhão eucarística, 98 respostas afirmativas.
- Observações:
 - Há comunhão eucarística nas comunidades onde há lugar para guardar a eucaristia e a presença de ministros extraordinários da eucaristia.
 - A maior parte das dioceses responderam “com e sem a eucaristia”.
 - As dioceses dos regionais do Norte, Nordeste e algumas do Centro e Oeste responderam que as comunidades cristãs localizadas nas aldeias, ao longo dos rios, no interior da floresta, tem celebração eucarística (missa) uma, duas ou três vezes ao ano. Raramente estas comunidades celebram o culto com a eucaristia.
 - As dioceses que correspondem aos centros urbanos, especificamente dos regionais Leste e Sul, responderam que as comunidades celebram com eucaristia.

7. Qual a proporção entre o número de Missas e de Celebrações da Palavra nos Sábados e domingos em sua diocese?

- Quantas comunidades têm Missa: 31%,
- Quantas comunidades têm celebração da Palavra: 69%.
- Observações:
 - 23 dioceses não responderam a esta pergunta.
 - Outras limitaram-se a dizer: há um número sem fim de comunidades que celebram a Palavra de Deus.
 - Uma outra ponderação que se pode fazer nesta questão é a seguinte: a porcentagem de comunidades que celebram a Palavra de Deus pode ser maior, à medida que considerarmos as respostas das dioceses dos regionais do Norte, Nordeste, Centro e Oeste. Este percentual inclui o peso do maior número de respostas providas das dioceses dos regionais do Leste e do Sul.

8. Qual é a aceitação por parte do povo das celebrações da Palavra de Deus na ausência do padre?

- Responderam que a celebração tem aceitação positiva, 148 dioceses. E inteiramente negativa, 07 dioceses. Algumas disseram que são regulares.
- Observações:
 - A celebração da Palavra é positiva nas comunidades conscientes e evangelizadas. É positiva nas comunidades onde há uma caminhada. São aceitas e participadas pelo pessoal engajado e consciente.
 - As celebrações da Palavra são aceitas mais pelo pessoal das comunidades das periferias, dos bairros e do interior.
 - As comunidades tradicionais resistem. Nestas o povo quer missa e a presença do padre. Na cidade há muita resistência e reservas.
 - A aceitação depende muito do desempenho das equipes de animação e dos ministros.

9. A equipe de animação da celebração ou o presidente usam material elaborado por eles mesmos?

- 20 dioceses responderam afirmativamente.
- 119 dioceses usam material provindo de outras fontes;
- Algumas dioceses não responderam ou prejudicaram a resposta.

10. Se “SIM”, como se chama o subsídio ou folheto?

- A Bíblia - Vida do Povo
- Roteiro das comunidades
- Celebrações dominicais
- A caminhada
- Comunhão e participação
- Celebrações da Palavra de Deus
- Celebração do culto
- ABC litúrgico
- Celebrando a vida
- Oração da comunidade cristã
- Abra a porta
- Povo em oração
- A folha
- Bíblia Gente

Se “NÃO”, qual é o material (subsídio, folheto) usado por eles?

- O Domingo (obteve 94 respostas).
- Deus Conosco (39 respostas).
- Os subsídios da Revista de Liturgia.
- A caminhada.
- O Domingo (obteve 94 respostas).
- Oração das comunidades cristãs.
- A folha.
- Bíblia Gente.
- ABC Litúrgico.

11. O número de pessoas na Celebração da Palavra na ausência do padre é o mesmo que na Missa ou é inferior?

- É o mesmo que na Missa responderam 9 dioceses.
- É inferior, responderam 131 dioceses.
- Observações:
- O povo prefere missa (15 respostas).
- O povo quer a presença do padre (19 respostas).
- Na cidade o número é significativamente inferior.
- O número aumenta quando as celebrações são bem preparadas, animadas e conforme a atuação dos ministros e da equipe.
- As celebrações da Palavra têm pouca animação.
- As celebrações da Palavra não respondem ao preceito.

12. A equipe de animação ou o presidente da celebração sente falta de material (subsídios, folhetos) para as celebrações da Palavra?

- Responderam que sentem falta de material, 106 dioceses.
- Não têm necessidade de outros subsídios, 32 dioceses.
- Observações:
- São expressivas as observações de falta de agentes, de animadores do culto. Necessidade da formação dos agentes.
- Falta de preparação.
- Falta de material para a formação dos agentes.
- A difícil situação econômica limita as possibilidades de uma maior formação e aquisição de subsídios.

Brasília, 8 de fevereiro de 1991.

Linha 4.